

Às vezes, a vida real é melhor do que a do cinema

Um Amor como nos Filmes

«Absolutamente encantador.»

BOOKLIST

RACHEL WINTERS



Ficha Técnica



TÍTULO: *Um Amor como nos Filmes*

AUTORIA: *Rachel Winters*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2020 Edições Chá das Cinco, Lda.

Titulo original Would Like to Meet © Rachel Winters 2019. Publicado no Reino Unido por Trapeze, uma chancela The Orion Publishing Group, Londres

TRADUÇÃO: *Teresa Martins de Carvalho*

REVISÃO: *Teresa Antunes*

DESIGN DA CAPA: *Maria do Mar Rodrigues*

FOTOGRAFIA DA AUTORA: © *Lou Abercrombie*

DATA DE EDIÇÃO E-BOOK: *Novembro, 2020*

ISBN: *978-989-710-467-1*

CHÁ DAS CINCO É UMA CHANCELA DO GRUPO SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Taguspark - Rua Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva,

Edifício Qualidade - Bloco B3, Piso 0, Porta B

2740-296 Porto Salvo, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

ACOMPANHE AS NOSSAS NOVIDADES EM

WWW.SDE.PT

[FACEBOOK](#)

[INSTAGRAM](#)

E [TWITTER](#)

Dedicatória

A quem quer que tenham dito que não é suficientemente bom
(É, sim!)

Prólogo

FADE IN¹

INT: CAFÉ GIL'S, EAST DULWICH — DOMINGO, 2 DE DEZEMBRO,
HORA DESNATURADA (10H00)

EVIE SUMMERS — 20 e muitos anos, sardenta, caracóis ruivos caindo-lhe pelos ombros, um vestido de estilo verão anos 50 amarelo-vivo, *Doc Martens* — posta-se diante do balcão, batendo o pé, claramente a transbordar de energia nervosa.

O barista estava a levar o seu tempo com o meu pedido, e silenciosamente agradeci a sua dedicação à arte de uma laranja bem espremida. Olhei de relance para o seu crachá «Olá! O meu nome é». *Xan*. Um desses nomes que anunciam que a próxima geração já chegou, e que fazem sumo de laranja como se de uma experiência meditativa se tratasse. À medida que a fila se alongava atrás de mim, o meu sumo de laranja atingia o estado *zen*.

Por uma vez, contudo, não me importei de fazer esperar as pessoas — hoje precisava que *Xan* levasse o tempo que bem entendesse a fim de ganhar balanço para o que estava prestes a fazer.

— Quer que acrescente um pequeno extra para o tornar especial?

Só se for vodca, Xan.

— O que tem em mente?

— O ingrediente mágico... perfeito para ressacas. — *Xan* abriu a mão, revelando um ovo. Fiz-lhe sinal para que o incluísse no liquidificador — de qualquer modo não planeava bebê-lo de todo.

Por esta altura, as mãos tremiam-me, o que certamente ajudaria a fazer o que eu estava prestes a engendrar parecer um acidente. Inspirei fundo algumas vezes. *És capaz de fazer isto, Evie Summers*, disse firmemente para mim mesma.

Só que, para o fazer como deve ser, tinha de conseguir o nome do tipo, e, se corresse mesmo bem, o seu número.

Verifiquei o telemóvel enquanto Xan misturava tudo e vi que a conversa do grupo JEMS estava ativa.

Jeremy: ela está a fazê-lo? Evie, Evie, Evie. Estás a fazê-lo? DIZ-ME QUE ESTÁS A FAZÊ-LO

Sarah: Mar, já escolheste os centros de mesa?

Jeremy: Sarah, o que queres é a conversa de NOIVAZILLA. Esta aqui versa coisas mais importantes

Maria: MALTA. Evie, tens a certeza de que queres fazer isto? Quero dizer, Deus, espero que o faças, mas tens a certeza?

— *Ta-da!* — disse Xan, empunhando o meu sumo. O meu estômago revolveu-se. Estava na hora.

Evie: Aí vou eu

Mesmo a um domingo tão cedo, o café no sudeste de Londres estava apinhado. Diante de mim jazia uma pista de obstáculos. Adolescentes todos catitas diretamente saídos de anúncios do *Metro* a sites de moda online para a qual toda a gente é demasiado velha. Utilizadores de portáteis fingindo que ainda não tinham acabado o café que continuavam a bebericar. Mamãs Apetitosas com miúdos-bonecos perfeitos. E ele — o Ramones.

Escolhera-o como alvo da mesa onde me empoleirara antes com o meu portátil de modo a poder ver toda a gente que entrava no café. Ele sentara-se junto à grande árvore de Natal. Vinte e muitos, giro, com barba, envergando uma t-shirt dos Ramones por baixo de uma camisa de xadrez, e mais estudante que adulto (isto é, mesmo o meu tipo).

Chegara sozinho, não usava aliança, não tinha quaisquer crianças — basicamente atingira os requisitos mínimos para um potencial interesse amoroso. Sorte dele.

Embora, para ser honesta, ele não se limitasse a preencher alguns requisitos — eu achava-o genuinamente atraente, o que me deixava ainda mais nervosa. Pois, por estes dias, a minha abordagem a conhecer alguém

de quem eu gostava passava por imaginar a vida que poderíamos ter juntos e depois nunca lhe falar. *Não* o que eu estava prestes a fazer.

Emergi do aglomerado de mesas a uns passos de distância do meu alvo. Ele estava debruçado sobre o seu livro — *How Not to Grow Up!*, de Richard Herring — que me deu que pensar. Seria algo que o meu potencial interesse amoroso leria? Mas não me podia dar ao luxo de ser picuinhas, pelo que comecei a transpor a distância entre nós.

Três passos.

Dois.

Um.

Estava mesmo junto dele. Era ainda mais giro de perto.

Era agora ou nunca.

Estendi a mão com o sumo enquanto me aproximava, com o coração simultaneamente na garganta e martelando-me com tanta força contra as costelas que parecia estar a tentar escapar.

Vá lá, vá lá, AGORA!

O Ramones riu de alguma coisa que acabara de ler... e eu passei a direito por ele.

Bolas. Não conseguia fazê-lo. Mas também não podia recuar.

Porque — quem sabe? — talvez estivesse prestes a conhecer o homem dos meus sonhos. Tínhamos trocado um olhar e, nesse instante, ambos soubéramos que estávamos prestes a iniciar o resto das nossas vidas juntos, tal como num filme. Embora nesse preciso momento, empunhando um sumo de laranja com um ovo à mistura, eu não me pudesse sentir mais longe da tela.

Pusera-me a andar o mais lentamente possível, mas agora estava de volta à minha mesa. Sentara-me na mesa comum, e na minha ausência um homem e a filha tinham-se juntado a mim. Ele: 30 e tal anos, aprumado, cabelo escuro, lendo o jornal de domingo, com ar de ter as iniciais IT na designação profissional. Ela: querida, totós ligeiramente frouxos, óculos com armações vermelhas, cerca de 7 anos. Balançava as pernas enquanto lia o seu livro. Tinha a vaga sensação de já os ter visto ali antes.

Saquei do telemóvel enquanto pairava sobre o portátil.

Evie: Não consegui fazê-lo. Porque achei que conseguiria? E não é vossa responsabilidade como meus amigos impedirem-me de fazer algo que é claramente uma maluquice?

Sarah: tu és capaz de fazer seja o que for que tiveres em mente. Embora, sim, seja uma completa maluquice

Jeremy: Evie, não te atrevas a desistir agora. Vai-te lá ao teu Hugh Grant

Maria: tu és capaz, Evie! Inspira fundo e tenta outra vez. Nós acreditamos em ti!

Jeremy: fá-lo por amor! Pelo menos, fá-lo por nós

Em geral, os meus melhores amigos eram pessoas inteligentes e sãs de cabeça, e fez-me sentir melhor ser recordada de que até mesmo eles me tinham encorajado a fazer isto.

Além disso, tinham razão. Eu *era capaz* de o fazer. Ou, antes, tinha de o fazer.

Definitivamente, já protelara o suficiente. Nessa breve pausa antes de voltar atrás, o homem sentado à minha mesa levantou os olhos para mim, como que interrogando-se quanto ao meu comportamento. Tentei fazer parecer que simplesmente me esquecera de alguma coisa e precisava de ir buscá-la. *Algo que as pessoas fazem o tempo todo, muito obrigada.*

Desta vez tomei um caminho mais curto, o que significava espremer-me através da trupe de mãos perfeitamente instaladas.

Duas crianças todas bem vestidas de olhos arregalados bloqueavam-me a passagem, uma de cabelo louro-palha e a outra de cabelo escuro liso, ambas parecendo ter concorrido a um anúncio para «crianças de assombrar os seus pesadelos».

— Desculpem, tenho de passar. Obrigada. Se pudessem só... — A minha bebida transbordou-me pelo pulso e endireitei rapidamente o copo antes que mais se escapasse. *Imagine-se um Notting Hill no qual, em vez de derramar a bebida sobre Julia Roberts, Hugh Grant simplesmente lhe tivesse esborrachado o copo vazio contra o peito.*

— *Por favor, saiam da frente* — implorei baixinho. Eles sorriram. — Por

favor? — disse um bocadinho mais alto, desviando o olhar para o Ramones para me certificar de que não se fora embora.

Uma das mães — loura, ironicamente envergando *mom jeans*, com a sua típica cintura subida, e ténis acabados de estrear — desviou-se da conversa com a amiga de luzidio rabo de cavalo para me avaliar.

— Tudo bem?

Fiquei imediatamente com as faces a arder.

— Tudo ótimo! Desculpe. Preciso apenas de passar.

As pessoas nas mesas próximas começavam a olhar.

A rabo de cavalo abanou a cabeça.

— Os nossos filhos tomam as suas próprias decisões. Vendetta, Justice, o que querem fazer?

Céus. As crianças olharam para mim e deram as mãos uma à outra.

A maldição de ter cabelo ruivo, pele branca e sardas é que o corpo nos atraiçoa à mais ínfima provocação. Soube sem ver que o meu peito e pescoço já deviam estar cobertos de manchas vermelhas.

— Pareces uma cenoura! Olhe, mamã, ela é uma cenoura! — exclamou a rapariga (Justice?).

A cara do rapaz enrugou-se ao lamuriar-se:

— Ela tem alguma alergia? É contagioso?

— Bem dito, Detty. Não, penso que a senhora está apenas um bocadinho envergonhada!

— Tenho medo — disse Justice.

Agora todas as cinco mães estavam a olhar para mim, pelo que forcei um sorriso, desejando ter a coragem de lhes dizer que estavam a criar os miúdos para um dia se tornarem as experiências traumatizantes de outros miúdos no secundário.

Em vez disso, com a cara e o peito ainda em brasa, desviei-me para contornar a mesa deles. As mães observaram-me a passar a custo, enquanto Justice, Vendetta e as outras Crianças do Café (presumi que os seus nomes fossem Remorso, Erro Crasso e Grave Lapso) irrompiam em risadinhas agudas.

O Ramones estava de volta na minha linha de visão. Desta vez ia definitivamente fazê-lo. Dirigir-me-ia direitinha a ele, de olhos no telemóvel como se não estivesse a prestar atenção, e acidentalmente esbarraria nele. Então teríamos uma história mesmo gira de «como nos encontrámos». Um *meet-cute*.

É claro que o que acontece quando não se olha para o caminho é que é praticamente inevitável chocar-se com alguém. Só que nem sempre se pode escolher com quem.

Os cinco segundos seguintes desenrolaram-se em excruciante câmara lenta.

Cinco. Mantive os olhos no ecrã, sustendo o copo ao alto, e ganhei velocidade.

Quatro. No último momento possível, olhei para cima.

Três. O meu sorriso era tímido; os olhos deles estavam horrorizados.

Dois. Porque a sua minúscula avó acabara de se lhe juntar, e ele a agarrava agora protetoramente contra o peito.

Um. Esbarrei nele, comprimindo-a entre os nossos corpos enquanto o sumo de laranja voava do copo.

Tudo ganhou perfeita nitidez. Afastei-me de repelão, com o coração a martelar, e fiquei aliviada ao descobrir que estavam ambos enxutos. A sua doce avozinha estava safa.

— Peço mil desculpas. Estão ambos bem?

— Não graças a si, sua vaca desajeitada — disse a avó. O Ramones fulminou-me com o olhar. Eu suspirei. Algo me disse que não estávamos destinados.

Ia para oferecer mais ajuda, mas, infelizmente, o que sobe tem de descer. E os súbitos gritos de indignação disseram-me exatamente onde.

— Justice! Estás bem? Fala com a mamã!

Oh, não. Dei meia-volta, com o copo vazio ainda na mão.

O cabelo louro-palha da pequena Justice estava agora de um berrante laranja enquanto a mãe lhe esfregava freneticamente as madeixas encharcadas; o seu rosto pontiagudo, completamente a pingar. Detty estava

de sorriso arreganhado a olhar a amiga que chorava aos soluços.

— Lamento tanto, tan... — tentei dizer.

— Ela está bem? — interrompeu a mãe de Detty, de uma distância segura.

— Não, ela não está nada bem. Bolas, Janet, passa-me um toalhete.

Então algo pareceu acontecer à mãe de Justice que se virou para onde eu estava postada, agarrando o copo com ambas as mãos. Esfregou o sumo entre os dedos.

— O que, *exatamente* — disse ela para mim —, era isto?

A minha voz soou estrangulada.

— Sumo de laranja. — Ela relaxou ligeiramente. — Com um ovo.

Ela guinchou e começou a limpar a filha ainda com mais fúria, o cabelo louro com corte *bob* oscilando.

Outra mãe exclamou:

— Oh, meu Deus, Suze. Ela é vegana?

Toda eu estava em fogo.

— Posso ajudar de todo? Espere, vou buscar guardanapos. — Corri de volta à minha mesa, sentindo-me um bocadinho histérica. Tanto o pai como a filha estavam de cabeça baixa, lendo, as únicas duas pessoas no café inteiro alheias ao que se passava. Os seus guardanapos estavam na beira da mesa mais próxima de mim. Pousei o copo e agarrei neles. Quando o fiz, a filha olhou para cima... e piscou o olho. Eu estava por demais assoberbada para reagir.

Suze sacou-me os guardanapos sem uma palavra, sustendo-os diante da boca da filha.

— Fora!

Justice deitou a língua de fora, e juro que olhou diretamente para mim ao fazê-lo. Suze começou a limpá-la, os seus movimentos pontuando as suas palavras.

— Ela. É. Alérgica. A. Ovo. Se ingerir uma quantidade ínfima que seja...

— Como que à deixa, Justice empalideceu, depois soltou um soluço.

— Justice, diz à mamã que não engoliste.

A menina arrotou uma vez. Duas vezes.

Isto não ia de facto acontecer, ia? Sustive a respiração e considerei seriamente fugir do café, deixando o portátil e a mala para trás.

— Mamã, *ela* é contagiosa? — perguntou o precioso pequeno Detty.

Justice pareceu fazer menção de tossir, mas... não tossiu.

O que só pode ser descrito como um reluzente repuxo de vômito saiu-lhe disparado da boca com tal força que quando atingiu a cara de Detty, ele foi atirado um passo para trás.

Todo o café se quedou petrificado, silencioso à exceção do som ensurdecador de Detty a pingar.

Embora tivesse sido pavoroso — verdadeiramente, inevitavelmente pavoroso — e eu me sentisse horrível enquanto o jorro de vomitado da menina mais uma vez lograva atingir o rosto virado para cima de Detty, uma minúscula, imperdoável parte de mim pensou: *E é por isto que ela se chama Justiça.*

Saí da casa de banho, onde me escondera, só depois de as mães e os seus filhos terem finalmente saído, absolutamente ultrajadas e prometendo que não voltariam. Xan dispensara com um aceno a minha oferta para o ajudar a limpar — aparentemente as mães há semanas que estavam a dar com ele e o resto do pessoal em doidos com a sua campanha contra as casas de banho unissexo. Ele até me servira um café acabado de fazer, que estava à minha espera na minha mesa. Lancei-lhe um aceno de gratidão.

O pai e a miúda ainda lá estavam — e eu com esperança de que se tivessem ido embora para não ter de os enfrentar outra vez. A única coisa sensata a fazer era beber o café, reunir as minhas coisas e nunca mais voltar.

Quando me sentei atrás do portátil, usando-o como escudo, arrisquei um relance pelo café. Sossegara mais ou menos.

Era quase como se nada se tivesse passado.

Só que este dia estaria no meu pensamento sempre que fechasse os olhos para dormir durante os próximos dez anos.

Jeremy: então??? Como correu? Sacaste o Hugh Grant?

Sarah: oh, meu Deus, Evie, diz-me que não avançaste mesmo com isso, sua pímulas

Maria: Estou aqui se precisares de falar

Virei o telemóvel para baixo. Era demasiado cedo para reviver o trauma.

Pegando no café, encarei o ecrã em branco. Agora tudo o que tinha a fazer era escrever sobre o que acabara de acontecer em agonizante pormenor, razão por que, afinal de contas, o fizera.

Quando comecei a teclar, senti o peculiar desconforto de alguém a fitar-me.

A miúda. Parecia estar à espera de que eu dissesse alguma coisa. Afastei o cabelo para trás do ombro e inclinei-me para o portátil, esperando que ela se fartasse. Ela chegou-se mais a mim.

— Então? — disse, impaciente. — Que tal nos portámos?

— Desculpa? — perguntei, perplexa.

— Anette — advertiu o homem, distraidamente, puxando suavemente a filha para o seu lado. — Deixa a jovem em paz. — *Jovem!* Algo no modo como ele o disse me fez formigar. Como se fosse o único adulto à mesa.

Então, ela afastou-se dele e ele movimentou as mãos em rápida sucessão — língua gestual, constatei, avistando os aparelhos auditivos da miúda. A filha ignorou-o.

— Nós fingimos que não vimos o que aconteceu — disse-me ela. Acrescentando, presumivelmente para clarificar: — Com o vomitado.

O pai parecia fascinado com a secção de viagens.

— Foi tudo ideia *dele* — continuou ela. — Ele disse que já estarias demasiado envergonhada. — O homem virou a página. — *Então?* Portámo-nos bem? — Levei um momento a responder. Sabia que me deveria sentir mortificada, especialmente porque o pai claramente pensava que eu era uma idiota, mas a sinceridade dela era tocante.

— Portaram — assegurei-lhe eu. — Obrigada. — Ela abriu-se num sorriso, embora o pai permanecesse focado no seu jornal. Provavelmente com dó das famílias que eu acabara de traumatizar. — Mas por muito mau que tenha sido para mim, ainda foi pior para eles. Para aquelas pobres

crianças, e as suas mães...

Ela já estava a abanar a cabeça, as pontas dos seus totós tocando-lhe os óculos.

— Eles são *literalmente* nossos inimigos mortais. Andamos há *semanas* a tentar pensar em maneiras de fazer com que deixem de cá vir.

— Aposto que não pensaram nesta — disse eu retorcidamente.

Ela abriu o sorriso.

— Eu sou a Anette — apresentou-se. — Este é o meu pai. — Deu-lhe uma cotovelada.

Após uma ligeira pausa, ele estendeu a mão.

— Ben — disse rigidamente.

— Evie — repliquei, brindando-o com o meu melhor sorriso de pessoa completamente normal. A minha mão foi brevemente engolida pela sua antes de ele voltar ao seu jornal.

Anette inclinou-se para diante, perscrutando-me como se eu fosse a coisa mais interessante ali dentro.

— Foste a melhor coisa que aconteceu aqui em séculos — declarou.

— Isso é muito querido — repliquei, decidindo tomar aquilo como um cumprimento. De algum modo não achava que o pai concordasse. — Mas hoje foi um dia completamente excecional, prometo. Eu *nunca* faço coisas destas.

Fosse por que razão fosse, isto mereceu toda a atenção de Ben. Olhou para mim, os olhos castanhos velados lampejando como que de divertimento.

— A sério? — disse. — Então porque foi esta a segunda vez que a vimos entornar a sua bebida sobre alguém neste café?

¹ Enfoque gradual, ou efeito de aparecimento progressivo de uma imagem de abertura. (N. da T.)

Duas Semanas Antes*Código Vermelho*

INT: UM BAR NUMA CAVE NO SOHO — SEXTA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO, 22H00

EVIE está entre uma pequena multidão de jovens na casa dos 20, bem vestidos, com um copo de plástico amachucado de vinho branco da casa na mão, assentindo ritmadamente à conversação à sua volta. Consulta o telemóvel, demasiado bebida para ser tudo menos tão discreta como se julga.

Sarah: vou enviar-vos a todos um email com a apresentação para vos ajudar na sessão de planeamento do próximo fim de semana. Estejam atentos às vossas caixas de entrada!

Maria: a sério que não nos importamos de planear nós mesmos a tua despedida de solteira

Jeremy: o que não quer dizer que não nos importemos de planear a tua despedida de solteira

Sarah: mas assim SABERÃO que eu vou adorar. Já que estamos no meu casamento, podemos falar da tua situação de pendurada, Evie?

Deslizei o telemóvel novamente para dentro da mala. Sarah andava a tentar fazer-me falar da minha situação de «pendurada» desde o seu noivado. Como se eu tivesse alguma espécie de moléstia que andasse a ignorar.

Quando dirigi a minha atenção de volta para as duas jovens dolorosamente na moda que estavam comigo no bar, reparei em duas coisas: 1) A linda e imaculada pele de bebé intocada de preocupações. E 2) Que eu estava bem mais bebida do que julgava, apesar de me ater à minha regra rígida de três bebidas.

Aquilo era a maldição dos copos de assistentes. Uma vez por mês, todos os assistentes que trabalhavam em agências de talentos para televisão e cinema encontravam-se num bar diferente mas igualmente horrível no

centro de Londres para se «enturmarem» (isto é, ficarem a par dos últimos mexericos). Nunca havia comida disponível nestes eventos, embora houvesse sempre abundância de um tipo muito específico de vinho branco (o mais barato). Só podia partir do princípio de que todos os demais presentes eram demasiado jovens para terem passado por ressacas de adultos, e portanto abençoadamente ignorantes quanto ao que significa acordar sentindo que se tem cada um dos seus 29 anos de vida escarrapachado na cara.

Quanto a mim, por outro lado... tinha uma sanduíche de ovo na pasta que estava morta por comer, mas ainda não encontrara o momento apropriado. Conquanto o meu lado prático me dissesse que precisava de alguma coisa para forrar o estômago, também admitia que as pessoas normais provavelmente não levam as suas próprias sanduíches para eventos do género.

Uma das raparigas, Jodi, varreu a cortina de cabelo louro da cara e brindou-me com um sorrisinho que me fez sentir como se fosse *eu* a miudeca. Tive a sensação de que acabara de me fazer uma pergunta. Era assistente numa das maiores agências de talentos do ramo, e uma dessas pessoas que colecionavam mexericos como se fossem moedas.

— O que foi, desculpa? — Apertei o copo de plástico com força. Não fora assim há tanto tempo que tivera alguém ao meu lado nestes eventos.

— Estou a dar uma volta por aqui com a jovem Geraldine para a apresentar aos miúdos que interessam — disse Jodi. Ela tinha um desses sotaques londrinos arrastados que me faziam sentir mais nortenha a cada sílaba.

Virei-me para a adolescente de óculos redondos. Tinha a maior parte do cabelo comprido apanhado num coque despenteado, deixando o restante solto numa espécie de ondas emaranhadas que diziam «*Vejam* só como eu me estou a ralar para a minha aparência». Por baixo das jardineiras usava uma t-shirt branca com «GRETA GERWIG»² a toda a largura em grandes letras pretas. Quis imediatamente uma, embora jamais fosse suficientemente fixe para a usar.

— Com quem estás a estagiar? — perguntei.

Fez-se um momento de silêncio.

— Evie, sua tansa — riu-se Jodi. — Ela é assistente.

— Mas é uma miúda! — Fechei bem a boca, como se isso pudesse de alguma forma retirar o que dissera.

Geraldine deixou escapar uma risada grave e gutural e pousou a mão no peito.

— *Obrigada*. Para assistente, sou quase pré-histórica. — Baixou a voz para um sussurro. — Na verdade, tenho 23 anos. Estava com medo de que alguém me achasse demasiado velha.

— Não pareces nem um dia mais que 21 — foi a resposta automática de Jodi. Tive ganas de agarrar Geraldine pelos ombros e dizer-lhe que era tão nova que estava praticamente novinha em folha por estrear. Em vez disso, bebi outro golinho do meu vinho.

— A Geraldine está na Geoffrey e Turner — disse Jodi, com uma ênfase que eu estudadamente ignorei.

A Geoffrey e Turner era uma pequena mas respeitada agência de guionistas para cinema e televisão. Uns anos antes tinham sido a rival direta da Agência de Guionistas William Jonathan Montgomery & Filhos. Mas nos últimos tempos tinham-se tornado a agência de eleição para escritores em busca de prestígio, e nós tínhamos... Bem, um dia havíamos de encarrilar de volta à pista.

— Um dos novos colegas de Geraldine, Ritchie, é um velho amigo teu, não é, Evie? — insistiu Jodi. Nada lhe escapava. Desde que descobrira que eu o conhecia dos tempos em que era o velho e simples *Ricky*, nunca perdia uma oportunidade de desenterrar mais informação. O meu ex era o que é conhecido na indústria como um unicórnio, isto é, solteiro. O que o punha firmemente no radar de mexericos de Jodi. Eu poderia ter-lhe dito que Ricky era o tipo de homem que nos fazia sentir a pessoa mais sortuda do mundo. Até deixarmos de ser o que ele queria. Em vez disso, mantive o sorriso, não lhe dando nada, como de costume.

— O Ritchie é espetacular — disse efusivamente Geraldine. — Tenho a

certeza de que não tardará a passar a agente. Tudo nele diz «ascensão meteórica».

— Bem, dificilmente permaneceria assistente para sempre — disse Jodi, e pousou-me uma mão no braço. — Não te preocupes, lá chegarás. Tu tens simplesmente uma situação única.

Jodi não estava errada, mas não era isso que me incomodava. *Eles não o vão promover mesmo já, vão?* Senti um aperto na garganta.

— Onde trabalhas? — perguntou-me Geraldine. Suspirei, despachando o assunto. Ela iria descobrir mais cedo ou mais tarde.

— William Jonathan Montgomery & Filhos — disse.

Os olhos de Geraldine arregalaram-se.

— Oh, és *essa* Evie.

Quando se era a assistente mais antiga em funções na indústria, a notícia tendia a passar de boca em boca.

Foi um alívio quando elas decidiram que precisavam de reabastecer e se dirigiram de volta ao bar. Saquei novamente do telemóvel, desejando que já fosse a próxima sexta-feira e os meus amigos ali pudessem estar. Por vezes os quilómetros que nos separavam pareciam não ter conta.

Evie: AJUDEM-ME ESTOU RODADA DE CRIANÇAS

Maria: onde estás?

Evie: copos de assistentes

Evie: *RODEADA de crianças

Jeremy: o Reco está aí?

Evie: não. Ele agora só socializa com agentes

Sarah: é bom para ela. É BOM PARA A TUA CARREIRA, EVIE

Jeremy: mais baixo, Sarah

Maria: és uma agente em tudo menos no nome, Evie. Já marcaste presença. Porque não vais para casa? Cuida de ti

Guardei o telemóvel sem responder a Maria. Por mais difíceis que às vezes achasse estes eventos, tinha de os frequentar se é que acalentava

alguma esperança de um dia progredir para além de assistente. Toda a gente estava aqui com o mesmo propósito: desesperado por dizer a coisa certa, falar com as pessoas certas, fazer essas importantíssimas ligações. Eu já me sentira assim, nos tempos em que me mudara para Londres. Só que não pelo facto de ser agente.

Se o meu pai me pudesse ver agora.

Ficaria orgulhoso, sabia-o; apenas ficaria surpreendido por me ver deste lado da indústria. Querendo representar escritores, em vez de ser uma. Perguntar-se-ia o que acontecera à rapariga que declarara, aos 12 anos, que ia ser a próxima Nora Ephron ou Dorothy Taylor, que agia como se escrever fosse um alimento essencial, ou ar. Claro está, jamais saberia o que o primeiro agente a quem eu mostrara o meu trabalho me dissera.

Simplesmente não tens aquilo que é preciso.

Fui percorrida por um ligeiro arrepio. Normalmente era capaz de suprimir quaisquer pensamentos sobre os tempos em que escrevia, mas algo nesta noite tornara isso mais difícil. *Sete anos como assistente. Feliz aniversário, Evie.* Ainda assim, dizia sempre para mim própria que tinha sorte. Não podia seguir o meu próprio sonho, de modo que agora ajudava outros guionistas a seguir os deles. Tudo teria valido a pena assim que fosse promovida a agente. Monty sempre me dissera que ainda não estava bem no ponto. Simplesmente tinha de arranjar maneira de lhe fazer ver o estofado de que era feita.

Espremi-me até ao bar para junto de Jodi para largar o copo vazio, mesmo a tempo de apanhar o fim do que Geraldine estava a dizer.

— Eu *nunca* ficaria num emprego assim tanto tempo. — Subitamente, viu-me. — Sem ofensa — acrescentou rapidamente.

— Não é culpa da Evie — disse Jodi. — O patrão dela, Monty, é... digamos uma farsa. — Ericei-me ao ouvir aquilo. Monty era o que se costumava chamar na indústria como a Velha Guarda. Um dos últimos bastiões dos tempos em que a maioria dos contratos era selada nos bares de clubes privados. Ele ainda era capaz de seduzir um produtor quando precisava, mas o mundo avançara. A onda de entusiásticos jovens que dera

entrada na indústria vinha toda com um entendimento inato de *conteúdo*. Uma palavra que dava urticária a Monty.

— Ele é brilhante no que faz — disse eu, sabendo que estava a defender a minha própria experiência tanto como a dele.

— Todos sabemos a verdadeira razão para lá ficares, Evie. A pica do lugar. — Só a expressão que Jodi usou escancarou a nossa diferença de idades para um fosso. — Um certo guionista oscarizado que Monty deve ter bem atascado para o ter na mão há tanto tempo.

Jodi sabia de todos os escritores-troféu por questão de princípio. Embora houvesse umas quantas coisas que nem ela sabia acerca do cobiçado cliente de Monty.

Os olhos de Geraldine reluziram.

— Não estão a falar do Ezra Chester, estão? *Oh, meu Deus*, que tal é ele? É tão brasa como parece no *Instagram*? É tão *querido* ele andar com a Monica Reed. Ela é uns bons *dez* anos mais velha do que ele, coisa com que ele não se importa nada. Como está a ir o seu grande filme? Ele não doou metade dos seus honorários para caridade? Conta-me *tudo*.

Ezra tornara-se o menino querido da indústria depois de ganhar um Óscar pelo argumento de um filme há três anos, mas só quando começara a sair com a vedeta de Hollywood Monica Reed é que granjeara estatuto de celebridade. Graças a aparecer em várias páginas de mexericos e listas top, a sua conta de *Instagram* tinha agora mais de trezentos mil seguidores. O facto de ele parecer ter mais que ver com o ecrã do que com os bastidores também ajudava.

— Não posso mesmo dizer grande coisa a respeito do filme — disse, sorrindo para amenizar as minhas palavras.

— És hilariante, Evie — disse Jodi, e de súbito eu estava de volta ao secundário, a ser escarnecida por levantar a mão na sala de aula. — Aqui somos todas amigas. Podes pelo menos dizer-nos se os rumores são verdade. O grande Ezra Chester está com um bloqueio criativo, não está?

— Nem de longe — disse eu, tentando ignorar como a palavra «amigas» me provocara um aperto no peito. Víamo-nos uma vez por mês há mais ou

menos um ano, desde que Jodi se iniciara como assistente. Qualificar-se-ia isso como amizade? Parte de mim tinha esperança de que sim, pois, desde que me mudara para Londres, descobrira que fazer novos amigos fora do trabalho era praticamente impossível. E, no entanto... da única vez que nós duas saímos para beber um copo, eu baixara a guarda e contara-lhe uma coisa pessoal. No dia seguinte, uma assistente que eu não conhecia enviou-me um email a recomendar o seu terapeuta de luto. Nunca mais voltámos a sair.

— As suas obras de caridade tomam-lhe provavelmente mais tempo de escrita — disse Geraldine compassivamente. — Ele acabou de passar um mês na América do Sul de modo a poder conhecer todas as crianças para as quais angaria dinheiro. Não sei como é que consegue.

— Nós perguntamo-nos o mesmo — disse eu neutralmente, pensando nas artísticas fotos das vinhas que ele também lograra visitar.

— Conta-nos alguma coisa que nós *não* saibamos a respeito do Ezra, Evie — disse Jodi, arregalando os olhos, como se Geraldine nos tivesse irritado às duas. Co-conspiradoras.

— Bem — disse eu, ainda de cabeça azamboada de tanto vinho barato num estômago vazio. — A verdade é que o Ezra... — Vi Jodi suster a respiração. O meu telemóvel zumbiu.

Fiz uma pausa, constatando quão fácil seria contar-lhes demais; tudo o que tinha a fazer era explicar porque é que os meus amigos na minha terra lhe chamavam NOB. Arruinando a sua reputação e a da agência de uma assentada. Para grande consternação delas, levei a mão à mala, tirando a sanduíche para fora para chegar ao telemóvel. *Oh, que se dane.* Abri o embrulho e dei uma generosa dentada. As pessoas que pensam que ser agente é uma carreira glamorosa nunca me viram apanhar o último comboio para casa com um pão nos braços para poder comer torradas na cama.

Jodi aclarou a garganta, parecendo embaraçada por mim.

— Então? Vá lá, Evie, conta-nos.

— OK — cedi. — A verdade é que... — Fiz uma pausa para rapidamente acabar a sanduíche. Elas deram um passo impaciente para se

aproximarem de mim. — Digamos que o próximo projeto dele vai surpreender todos.

Pausa. As caras delas a transbordar de incredulidade.

— Pois — disse Jodi categoricamente, e desta vez fui eu deixada de fora quando ela e Geraldine trocaram olhares.

É isso que tem ser-se assistente durante sete anos. Tornamo-nos mesmo, mesmo boas a fazê-lo.

Ezra bem podia ser um NOB, mas ninguém ali iria jamais descobrir porquê.

Enfiei o embrulho vazio na mala e recuperei o telemóvel. Tinha várias chamadas não atendidas de Monty. Conhecendo-o, poderia ser qualquer coisa, desde uma crise com um cliente até querer um fato limpo a seco.

Por uma vez, senti-me grata que ele desse tanto trabalho.

— Lamento muito, mas tenho de sair a correr. Precisam de mim no escritório.

Geraldine viu as horas no seu relógio à prova de água *Baby-G*.

— Mas já passa das dez da noite! — disse, desorientada. — De *sexta-feira*.

Lancei-lhe o meu mais doce sorriso.

— Bem-vinda ao trabalho de agente.

— Código Vermelho. Emboscaram-me. — A voz de Monty era um sussurro mas ecoava estranhamente. — Disse-lhes onde eu estava esta noite?

— A quem? — Esquivei-me por entre as multidões de sexta-feira à noite na Dean Street.

— Sam-e-Max. Eles estão aqui. — Sam-e-Max eram os produtores do novo guião de Ezra. Faziam tudo como se fossem uma só pessoa, qual hidra que alguém tivesse tentado matar que meramente se tivesse dividido em duas e continuasse a sua vida como sempre. Eu jamais conhecera duas pessoas mais entusiasmamente corteses. Parecia improvável que abordassem Monty sem qualquer aviso.

— Está no Ash?

— *Aha!* — sibilou ele. — Então, *disse-lhes* que eu estaria aqui.

Mordi a resposta que tinha na ponta da língua. Monty estava sempre no clube privado; praticamente mudara-se para lá. Passava mais tempo no Ash do que em casa, e quem quer que soubesse sequer a mais ínfima coisa a seu respeito não o procuraria no escritório.

— E limitaram-se a aparecer os dois?

— Sim, nem sequer telefonaram primeiro. — Um ruído afogou as suas palavras seguintes. *Aquilo era um autoclismo?* Tem de vir já para aqui. Código Vermelho, Evelyn.

Monty concebera um sistema de código de necessidade da minha ajuda quando estava com clientes para que eles não percebessem que ele estava a pedir a minha assistência. Amarelo significava «preparar para ação». Verde era para pequenas urgências. Reserva de táxis, esse tipo de coisas. A gravidade de uma situação Código Vermelho era imprevisível. A última envolvera um cliente engasgado com uma almôndega, e Monty estava demasiado bêbedo para se lembrar de que eu fora passar o fim de semana a casa e não podia levar a cabo a manobra de Heimlich estando em Sheffield. O cliente, apesar disso, sobrevivera.

— Preciso de uma evacuação. — Também era de levar em conta que Monty podia ser dramático. Trabalhávamos com guionistas, não com espões. — *Merda.* — Por uns segundos, ouvi apenas vozes de mulheres em segundo plano.

— Monty? Está tudo bem?

— Espere aí — sussurrou ele. As vozes desvaneceram-se. — Venha tirar-me daqui!

— Vou a caminho. Em que sala está? — O clube ficava situado em Mayfair e os seus sete pisos incluíam uma piscina na cobertura e um *spa*.

Monty balbuciou qualquer coisa sobre falatórios uterinos.

— Desculpe, acho que não percebi.

— Eu disse que ESTOU NA CASA DE BANHO DAS SENHORAS.

— Então, hã... saia? — sugeri prestativamente.

— Adoraria, só que estou ENCRAVADO, Evelyn. Estou *encravado*,

raios!

Enquanto me encaminhava para o metro, congratulei-me imensamente por ter comido aquela sanduíche de ovo. Algo me dizia que era bom que estivesse sóbria para isto.

² Atriz, guionista e realizadora nomeada para o Óscar de melhor realização de 2018 pelo filme *Lady Bird*. (N. da T.)

Encravado

INT: BAR DO TERCEIRO PISO, THE ASH, CLUBE PRIVADO —
SEXTA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO, 23H02

A paleta de cores do bar é ironicamente alegre e garrida. Veem-se várias latas metálicas de filmes no teto das quais pendem bobinas com rolos de película. Uma cortina roxa com borlas verde-lima separa o bar e o restaurante. Um funcionário louro num imaculado uniforme de porteiro-arremador está posicionado junto à cortina. Afasta uma tira de filme da cara com uma sopradela e parece estar à escuta.

— Por favor, *tenho* de atravessar o restaurante sem ser vista.

O funcionário louro apertou as mãos, sorriso ameno e ensaiado, bem-versado em lidar com as excentricidades da clientela do Ash.

— Menina Summers, percebo que seja assistente do Monty, mas isto é muito pouco ortodoxo. Não desejaríamos perturbar os outros hóspedes.

Monty era membro fundador do clube, daí o uso do primeiro nome, de modo que o pessoal sabia quem eu era, embora ele não pagasse quota de filiação adicional. Como não-membro, os meus direitos eram limitados. Dei o meu melhor para parecer alguém digno de ajuda.

Dado que estava de momento envolta numa cortina, tal não se revelou fácil.

Do meu posto de observação podia ver Sam-e-Max sentados a uma mesa de cada lado de uma cadeira vazia que parti do princípio ter sido ocupada por Monty antes de os ter visto entrar na sala e se ter ido esconder na casa de banho mais próxima.

Se os produtores me vissem, teriam a certeza de que Monty ainda estava no edifício. De alguma forma, precisava de passar por eles e ajudar Monty a

escapar sem que eles dessem por isso.

— É bem-vinda a sentar-se no bar enquanto espera pelo Monty.

Abracei o tecido ainda mais contra mim, tentando desesperadamente decidir o que fazer. Os produtores só podiam estar aqui por uma razão. Há dezoito meses, Ezra Chester assinara um contrato com a promissora empresa cinematográfica de Sam-e-Max, a Intrepid Productions, para escrever o seu próximo filme — uma comédia romântica. Eles queriam o mais badalado novo talento por detrás do projeto. Deram entrada Ezra e os seus louros de oscarizado. O facto de esta comédia romântica vir na sequência do seu grande sucesso, o derradeiro arranca-lágrimas *Coração em Sangue*, mais sedutora a tornava.

Quando o prazo original passara a voar, e sem sinal do guião, tinham sido muito compreensivos, especialmente quando Monty lhes explicara que a avó de Ezra acabara de falecer. Mas então Ezra falhara o prazo seguinte, e o seguinte... e os produtores acabaram por puxar pelos seus galões.

Desde então, Sam-e-Max tinham vindo a dar caça ao guião com um entusiasmo que raiava a agressividade. Ao vê-los agora, vestindo fatos azuis idênticos, com preocupação nos rostos insipidamente bem-parecidos, interroguei-me porque estariam eles tão ansiosos por encontrar-se com Monty para terem quebrado a sua regra cardinal (nada de encontros-surpresa). Seria porque o que Ezra conseguira escrever era de facto horrível? Uma minúscula parte de mim tinha esperança de que isto fosse verdade...

Porque havia uma coisa que Sam-e-Max não poderiam saber acerca do seu bem-amado guionista. A mesma coisa que eu jamais contaria às Jodis ou Geraldines deste mundo.

A verdade era que Ezra Chester — galardoado pela Academia, caridoso galã e menino querido da indústria — era um arrogante, insuportável asno.

Os meus amigos tinham dado em chamar-lhe Number One Beto (NOB, para abreviar) depois de ele ter saído de rompante de uma reunião porque eu me tinha enganado no café que ele pedira e depois se recusara a voltar até Monty lhe prometer uns cocktails. A reunião versava as suas obras de

caridade a favor de crianças desprivilegiadas, várias das quais se encontravam na sala na ocasião. Às competências de RP de Monty se devia o facto de as obras de caridade de NOB terem toda a gente iludida quanto à sua verdadeira natureza. Mas eu tinha de ser incrivelmente cuidadosa para jamais lhe chamar NOB na sua enfurecedoramente bela cara.

Pensar nele deu-me uma ideia.

— Prometo pôr-me a andar, se não se importarem de fazer uma coisinha pelo Monty — disse, porque o funcionário seria incapaz de recusar fosse o que fosse a um dos membros fundadores do Ash.

Ele pareceu simultaneamente aliviado e aflito.

— Não posso fazer nada que incomode os outros sócios — advertiu.

— Olhe. — Tentei conter o desespero na minha voz. — A verdade é que se eu lixar isto, o meu patrão usá-lo-á como mais uma razão para não me promover. *Por favor*. — Cheguei-me a ele o mais que a cortina permitia. — Pareço-lhe o tipo de mulher que tem outras opções?

Ele abanou a cabeça — *insultuoso* — e eu lancei-lhe o que esperava que fosse um sorriso tranquilizador antes de explicar exatamente o que precisava que ele fizesse.

— O Sr. Montgomery está aqui? O Sr. Chester acabou de chegar e está à espera na zona VIP lá em baixo.

O funcionário estava a uma distância suficiente para ser ouvido por Sam-e-Max enquanto falava com o colega.

— Vá lá, vá lá — rezei.

Vi-os endireitarem-se nas cadeiras, trocarem um olhar, porem-se em pé, e dirigirem-se como um só na direção em que eu estava escondida. Encolhi-me atrás da cortina, uma das suas borlas fazendo-me cócegas no nariz.

Os passos deles desvaneceram-se pelas escadas abaixo e eu contei até dez antes de me esgueirar e dirigi-me para a porta do lado oposto da sala, tentando não me sentir tão deslocada como devo ter parecido com o meu cabelo desgrenhado e as minhas *Doc Martens*.

A casa de banho das senhoras estava iluminada por uma espécie de luz

vagamente apologética destinada a fazer-nos sentir que dávamos entrada em algo ilícito. Consegua apenas divisar azulejos cor-de-rosa biselados, muito inox e produtos que provavelmente custavam mais do que o ordenado de um mês.

Apenas um compartimento estava ocupado.

— Monty? — chamei, hesitante.

— Evelyn? O que a fez demorar tanto? — O sotaque cortante de Monty continha o seu quê de histeria.

— Já pode sair, o campo está livre.

— Sim, porque não pensei eu nisso?!... — Martelou na porta do lado de dentro. — Isso mesmo... estou encravado.

Por momentos, ambos empurrámos para trás e para a frente, o que apenas deu para mostrar que ele estava certo.

— Acho que é a fechadura — disse Monty.

— Vou ter de chamar alguém.

Monty emitiu um som estrangulado.

— Vou ser o falatório do clube! Não pode forçá-la um bocadinho...? — Calou-se quando a porta de entrada se abriu. Uma senhora de idade entrou com ligeireza. Sorri-lhe e saquei do telemóvel para enviar uma rápida mensagem para o JEMS, na esperança de que alguém estivesse acordado após a meia-noite.

Evie: alguém sabe como desemperrar uma porta de casa de banho?

Jeremy era solicitador e frequentemente trabalhava a desoras. Maria era editora de uma revista mensal de culinária, um emprego que raramente necessitava de noitadas, a não ser quando ela deixava massa a fermentar. Sarah trabalhava em RH e saía às 17h30 em ponto, pois as suas competências de gestão de tempo eram uma força a ter em conta. Estaria provavelmente a dormir a sono solto.

Vi uma resposta surgir e quase desfaleci de alívio — até a ler.

Jeremy: emperrada com quê?

Evie: 😬 ainda estás a trabalhar?

Jeremy: só para alguns dos meus clientes grátis. Um sem-abrigo preso por estar a pedir à porta do M&S. Graças a Deus, um polícia diligente evitou tão terrível crime

Jeremy: espera, estás emperrada numa casa de banho?

Evie: não sou eu. Monty

Jeremy: ...

Evie: para de rir, por favor. Isto é sério

Jeremy: desculpa. Se a Sarah estivesse acordada, provavelmente teria algumas soluções irritantemente úteis. Já tentaste pôr sabonete nas dobradiças?

Evie: neste momento, tento qualquer coisa

Jeremy: podias tentar deixá-lo aí.

— Importa-se? — Levantei os olhos do telemóvel para dar com a mulher a sorrir e a apontar para o meu lavatório. Reconheci-a então. Era uma Dama, acima dos 70, e ferozmente chique. Pescoço e ombros tesos como carapaus, cabelo branco curto, e vestuário solto e fluido, com um lenço de seda elegantemente dobrado sobre um ombro. Exalava graça e pose. Pestanejei para ela, assombrada, depois constatei que ela continuava à espera.

Recuei.

— Desculpe, só estou à espera da minha amiga.

O inconfundível som de um homem a urinar encheu o espaço. A senhora levantou os olhos da operação de retocar o batom e eu estudei atentamente a ponta da minha trança. O barulho continuava.

É claro que Monty havia de ficar encravado exatamente no lugar em que precisar de ir à casa de banho não fosse de todo um problema e ainda assim escolheria passar à ação na pior altura possível.

E a ação perdurava. E perdurava. A mulher era basicamente uma rainha do cinema, e neste preciso instante tinha de estar a ouvir Monty a esvaziar a bexiga.

O mais ínfimo gotejar proveniente do compartimento ecoou por todo o espaço. Finalmente... finalmente... o som foi-se extinguindo. A senhora

tapou o batom antes de se voltar para sair, e, cheia de estilo, encaixou a mala debaixo do braço.

Deteve-se com uma mão na porta. *Oh, Deus.*

— Às vezes — disse a Dama —, simplesmente temos de nos aliviar a sério.

Quando a porta se fechou atrás dela, descontraí contra o lavatório e deixei sair uma risada fungada.

— Não estou a ver a graça disto — disse Monty.

— Desculpe, estou só a tirar sabonete para pôr nas dobradiças, mas...

— Seja o que for que está a fazer, faça-o rapidamente.

— Mas será o sabonete realmente a nossa melhor...

— *Já*, Evelyn.

Tirei o requintado frasco de sabonete líquido da prateleira e dirigi-me ao compartimento. Enquanto procurava as dobradiças da porta, decidi tirar vantagem do facto de literalmente ter uma audiência cativa.

— Monty — disse. — Porque não se quer encontrar com Sam-e-Max?

Silêncio no compartimento.

— Tem que ver com o que ele escreveu? — Ele dissera-me que NOB estava a fazer progressos. Mas nem pensar em deixar-me a mim ler o rascunho.

— Afinal, pode chamar ajuda.

— Sam-e-Max estão lá fora, mas se acha que é a melhor coisa a fazer...

— Não, não — apressou-se ele a dizer.

— Para que querem eles encontrar-se consigo, Monty? — perguntei gentilmente, deitando o líquido nas dobradiças.

Uma longa pausa.

Pressionei a porta, resmungando:

— Está *tão* emperrada. Devia mesmo ir procurar ajuda...

Do compartimento soou um pesado suspiro. Ouvi o ranger da sanita quando Monty se sentou.

— Eles querem que o Ezra assine uma adenda declarando que entregará o guião completo dentro de três meses. Não aceitarão parcelado; eu tentei.

Falaram em advogados.

Era uma oferta generosa, no que respeitava a ultimatots, especialmente considerando que andavam com rodeios há mais de um ano. Monty assegurara a toda a gente que NOB estava a escrever, por isso qual era o problema? Talvez NOB se tivesse ofendido com a formalidade. Todos os outros adiamentos tinham sido «acordos de cavalheiros».

— O Ezra está a oferecer resistência? — Havia uma minúscula abertura entre a porta e a moldura do fecho, e já conseguia divisar a lingueta. Besuntei-a também de sabonete.

Outra pausa.

— Não quis arriscar-me a reprimir a criatividade dele mencionando o novo prazo.

Tradução: Monty acobardara-se e não dissera a NOB que já não podia levar o seu tempo... Inspirei fundo.

— Ele não sabe que só tem três meses para terminar o guião?

— É pior do que isso, Evelyn — disse Monty, já irritado. — Se ele não cumprir, eles querem o dinheiro de volta, todo. Se isso acontecer, estamos lixados.

Franzi o sobrolho. Podia ser mesmo tão mau assim? Ao longo dos últimos anos, enquanto Monty devotava cada vez mais do seu tempo a manter a benevolente imagem pública de NOB, eu tratara da maior parte das negociações da agência. Estava consciente do que faturávamos, ainda que Monty mantivesse a maior parte das finanças da empresa para si mesmo.

— Julguei que estávamos a faturar bem — disse, tentando apagar a frustração da minha voz. Se ele me tivesse promovido a agente, poderia ter ajudado mais.

— Já devia saber mais sobre como o negócio funciona, por esta altura, Evelyn. — Engoli a indignação, sabendo por experiência que nada teria a ganhar ao salientar que ele propositadamente suprimia informação do meu conhecimento. — Estamos a ser espremidos por agências maiores a cada dia que passa. Já não há espaço para simples indivíduos. O Ezra é o nosso

trunfo, e sem ele estamos feitos. Ficamos ambos desempregados se ele não cumprir.

— Ficamos o *quê*? — Apertei o frasco com demasiada força e o dispensador soltou-se. O frasco deslizou-me dos dedos, ressaltando nos ladrilhos escuros de ardósia e esparramando o seu conteúdo por todo o lado.

— Não há guião — enunciou Monty —, não há emprego.

Por um momento quedei-me simplesmente ali, absorvendo isto, com o sabonete pingando-me dos dedos. Após aquele tempo todo, sentia a agência como casa. Eu sabia que os meus amigos achavam que eu tinha síndrome de Estocolmo, dadas todas as histórias que me tinham ouvido contar a respeito de Monty ao longo dos anos. No entanto, para mim, o meu emprego era mais do que lidar com as excentricidades de Monty. Era ser capaz de estabelecer a parceria perfeita entre um dos nossos escritores e um produtor ou uma incrível empresa de produção. Eram as horas que eu passara naquele escritório minúsculo a editar guiões, completamente alheada a ajudar um escritor a encontrar o seu caminho. As edições que não faziam estritamente parte do nosso serviço — simplesmente adorava fazê-las. Era um trabalho exigente, mas eu tornara-o meu. Não sabia o que faria sem ele. Não sabia quem *seria* eu sem ele. Ora ali estava um pensamento edificante.

— O Ezra tem de assinar essa adenda — disse sem pensar.

— *Tem?* — A voz de Monty, repleta de sarcasmo. — O que faria eu sem a minha sábia assistente... — Calou-se abruptamente. — Sabe — disse, num tom subitamente ligeiro —, é uma pena. Antes de todo este aborrecimento, eu ia falar-lhe em promovê-la.

O que estava ele a dizer? *Andava a considerar fazer-me agente?*

Toc-toc-toc. Dei um salto.

— Olá? Menina Summers? Ainda aí está? — Reconheci a voz do funcionário com quem falara antes. Estava do outro lado da porta. — Tenho aqui dois cavalheiros que estão a pedir para ver o Monty. — Tossiu. — Por alguma razão, ficaram com a impressão de que ele poderia estar na nossa zona VIP, e o chefe de sala é muito comichoso quanto a hóspedes não

convidados. — Retraí-me culposamente. — Lamento muitíssimo, mas ele insiste de facto bastante que nos ajude a resolver o... *mal-entendido*, de modo a eles poderem sair.

— Eles não me podem ver aqui encravado. Tire-me daqui, tire-me daqui! — sibilou Monty.

— Só um minuto! — gritei para o funcionário. — Monty — disse mais baixinho —, vou precisar que empurre do seu lado quando eu disser. OK? Simplesmente confie em mim. — Firmei os pés.

Toc-toc-toc.

— Despache-se, vá lá!

— OK — disse-lhe eu. — Aos três. Um. Dois...

— Minha senhora! Tenho de insistir que saia já, ou eu terei de entrar.

Um quantas coisas aconteceram em rápida sucessão.

Primeiro, Monty entrou em pânico. Em vez de esperar que eu dissesse «três», atirou-se com força contra o seu lado da porta. Completamente despreparada, as mãos deslizaram-me do puxador e tive de me apoiar contra o compartimento contíguo. Como que à deixa, o funcionário louro entrou intempestivamente na casa de banho, flanqueado de Sam-e-Max. Altura, claro está, em que a porta do compartimento se abriu de rompante e Monty saiu a voar, deslizando sobre o chão molhado como se tivesse sido disparado de um canhão.

Tropeçou e caiu esparramado nos ladrilhos, aterrando aos pés do funcionário. Diga-se em seu abono, Monty levantou-se de um pulo com uma rapidez impressionante. Estava todo sujo e suado, mas sacudiu o colete, alisou o cabelo para trás e esforçou-se o mais possível por não parecer ter acabado de sair de um compartimento de uma casa de banho de senhoras a cinquenta quilómetros por hora. Quase conseguiu.

— Sam, Max, que surpresa! Estava simplesmente a ajudar a minha assistente. *Problemas de lavabos* — disse, num murmúrio, fazendo um gesto na minha direção.

Fiquei tão cor-de-rosa que me confundia com a parede.

— Ainda bem que o apanhámos — disse, possivelmente, Sam, o choque

dissipando-se à medida que o seu típico positivismo se impunha. — Quase literalmente, hã? Ah! Ah! Ah! Nós só queríamos falar sobre a adenda, já que prometeu que a teria assinada hoje.

Hoje? Há quanto tempo andava Monty a arrastar isto?

Monty acenou com uma mão como se nada fosse.

— A minha assistente está a tratar disso. Tem uma reunião com o Ezra na segunda-feira logo de manhã. Ele mal pode esperar para entregar as páginas.

Fitei-o. *Tenho?* Só podia ser engano. NOB jamais me daria ouvidos. Para ele, eu tinha apenas duas funções: 1) Agendar as reuniões, e 2) Forçá-lo a comparecer a elas. Depois de o obrigar a lá estar, o meu trabalho estava feito, deixando que Monty aparecesse em grande estilo para todas as dispendiosas refeições e sessões de copos de que ele se servia para meter coisas aborrecidas na conversa, tais como quando é que porventura se materializaria ao certo o guião que NOB fora pago para escrever.

O sorriso de Monty transbordava de descontraída tranquilização. Para benefício dos produtores, não meu.

— Eu já o convenci a assinar, por isso não se preocupem, é só burocracia — disse-me ele, verdadeira imagem de um sábio e benevolente agente aplacando uma nervosa subalterna. Parte deste trabalho era não reagir quando o patrão dizia uma descarada mentira. — Tudo o que tem a fazer é estender-lhe a caneta. — Os seus olhos azul-pálido lampejaram. — Uma boa prática para o seu próximo passo.

— Próximo passo? — repeti. Quase impercetivelmente, Monty assentiu. — Claro — disse eu, brandamente, enquanto o meu coração disparava. Ele falara a sério antes. Estava de facto disposto a promover-me. *Se* a agência sobrevivesse.

— De resto, havia mais alguma coisa? — disse Monty, puxando pelos punhos da camisa e brindando Sam-e-Max com o seu sorriso de marca, como se tudo estivesse tratado.

— Só mais uma coisa. — Sam-e-Max olharam Monty de alto a baixo. — O que é isso de que está coberto?

O sorriso de Monty fraquejou quando baixou os olhos para a sua figura encharcada.

O funcionário apanhou o frasco vazio do chão. Estava amachucado por ter sido pisado por Monty.

— Isto é óleo corporal, senhor.

A esta declaração seguiu-se silêncio.

À luz que se coava do restaurante, vislumbrei um reluzente rasto viscoso desde a porta do lavabo até onde Monty estava agora especado, ensopado em óleo. *Oh, não.* Eu usara o frasco errado. *Porque havia um clube privado de ter óleo corporal nos lava... Blherg!* Estremeci, arrepiada. A julgar pelas expressões profundamente desconfortáveis nos rostos de Sam-e-Max, eles estavam claramente uns passos adiantados em relação a mim.

— Sabe que mais? — disse um dos produtores. — Parece que viemos em má altura.

Ante isso, Monty recompôs-se.

— Então talvez para a próxima — disse, com a dignidade que logrou reunir —, se dignem a ligar primeiro.

NOB

EXT: UMA BONITA RUA LADEADA DE ÁRVORES EM SOUTH KENSINGTON — SEGUNDA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO, 8H55

EVIE segura dois cafés acabados de comprar enquanto se esgueira para passar por um reluzente carro desportivo vermelho estacionado no passeio. Sobe uns degraus de pedra até uma grande porta verde-escura e olha de relance para trás para o carro, revirando os olhos. Tem as faces afogueadas quando ergue os ombros, assume uma expressão determinada e se prepara para bater.

Os meus dedos ficaram suspensos no ar quando a porta se abriu de rompante e os cafés deram um solavanco com o movimento inesperado. Consegui estabilizá-los, mas onde contava ver NOB, dei de caras com uma mulher alta e de um louro-morango a sair porta fora e estacar a tempo de não me atropelar. Tive uma estranha sensação de familiaridade, apesar de não a conhecer, até o meu cérebro se pôr a par dos olhos. Era Monica Reed, a menina querida de Hollywood nascida em Yorkshire. O fôlego susteve-se-me na garganta. Ela andara e desandara com NOB ao longo dos últimos anos — embora só Deus soubesse qual era a atração. Ele era um beto, e ela era a mulher que invadira Hollywood exigindo pagamento igual e papéis diversificados para mulheres acima dos 35 anos. Era seguro dizer que eu era uma fã.

Vira as várias companheiras de NOB irem e virem ao longo do tempo. O seu género eram louras de 20 e poucos anos. Monica era diferente. Régia, escultural... mais velha do que ele. O seu equipamento de ioga exibia a sua incrível figura, e o seu cabelo ondulado pelos ombros reluzia ouro-rosado à luz invernal da manhã. Ela apanhou-me a fitá-la e eu corei.

O eco de um pedido de desculpas com sotaque de L.A. pairou na entrada.

Era o tipo de voz que soava bem viajada, a voz de alguém que já vivenciara mais do mundo do que eu alguma vez faria, e que tirara as fotografias com tigres sedados para prová-lo. O equivalente vocal a um perfil do *Tinder*.

— Mon, pequenina, isto não é nenhum dar o fora, prometo. Não há mais ninguém. Tenho uma reunião a que não posso faltar. Acredita em mim, eu tentei.

NOB chamava Monica Reed de *pequenina*. De que outra forma havia de ser? A atriz favorita para receber o seu segundo Óscar pelo seu próximo filme *A Vigarista*, uma fita de época passada num convento em que as freiras laboravam uma destilaria ilegal de gin. Ouvira dizer que ela se tornara fluente em italiano só para esse papel.

Sorri timidamente para ela.

Ela olhou-me da cabeça aos pés.

— Tudo bem, Ez, acredito em ti. É *claramente* apenas coisa de trabalho — gritou lá para dentro para ele.

Ai! Esta doeu! Talvez, afinal, fossem mais feitos um para o outro do que eu julgara.

— Então acreditas em mim quando digo que a assistente do meu agente é uma chata do caracas — disse NOB, da entrada. Andava à procura de alguma coisa. — Ela enviou-me um email sobre esta reunião na sexta-feira quando estávamos no clube. Se ela tivesse vida própria, eu poderia gozar a minha. — O cabelo louro despenteado de NOB apareceu à vista enquanto ele passava a Monica um porta-chaves. — Oh, viva, Stevie. — Não podia ter parecido menos ralado com o facto de eu o ouvir, provavelmente porque essa fora a exata resposta que me dera na altura.

Optara por umas calças de pijama, apenas, para a nossa reunião. Se o meu coração saltou ao ver o seu peito musculoso, visível V e ridícula boa pinta de «catálogo acabado de sair de um iate», então decidi perdoar-me a mim própria. Ele podia ser um asno, mas era, sem dúvida, um pedaço.

— Evie — corrigi, uns segundos tarde demais. Depois, só para me assegurar de que não me sobrava qualquer dignidade: — E eu também saí na sexta-feira. — *Sua grande palerma*.

NOB passou um braço pelos ombros de Monica. Simplesmente dois seres humanos ridiculamente bem-parecidos, contribuindo generosamente para a quantidade de beleza no mundo simplesmente por nele existirem. Ali especada no meu vestido estilo anos 50, maravilhosamente feito à mão pela minha mãe, senti que era de um mundo completamente diferente.

— Está a pingar, a propósito — disse Monica, elevando mais a *Birkin* que trazia ao ombro.

Baixei os olhos de relance. O café acumulara-se no tabuleiro de cartão e pingava por cima das minhas *Doc Martens*.

— Merda — saiu-me. *Muito profissional, Evie*. — Desculpe — acrescentei.

NOB pareceu divertido.

— Pelo menos são laváveis — disse Monica. Depois, virando-me costas, puxou NOB para ela e deu-lhe um beijo que teria escandalizado completamente a freira cujo papel desempenhava. Retocando os lábios, pôs uns grandes óculos escuros e desceu majestosamente os degraus.

— Eu depois envio-te uma mensagem — gritou-lhe NOB. Ela ergueu uma mão afirmativa.

— O que é que quer? — perguntou ele, com um olhar irritado.

Mantive o sorriso.

— Estou aqui para a nossa reunião.

— Onde está o Monty?

Eu deixara bem claro que esta reunião era comigo.

— Serei apenas eu. E tenho café. Posso entrar? — Ergui o tabuleiro. — Estou a ficar toda molhada.

Ele deixou esta declaração pairar por um momento antes de erguer as sobrancelhas.

— Bem, isso nunca fez mal a ninguém...

Mantive o sorriso enquanto morria um bocadinho por dentro.

NOB assentiu para o café.

— Algum desses copos tem um triplo galão de soja descafeinado?

— Claro.

— Entre lá, então. — Afastou-se, dando a entender que o seguisse. *Certo, Evie, compõe-te. És capaz de fazer isto.* O meu emprego dependia disso. E talvez a minha promoção.

Se eu conseguisse que NOB assinasse *e* concordasse em terminar o guião a tempo, então talvez eu fosse finalmente, *finalmente*, promovida a agente. Poderia expandir a tutela da agência para além de guionistas do sexo masculino brancos trazendo comigo... Bem, toda a gente realmente, mas ansiava por trabalhar com incríveis guionistas mulheres. Chegava de pôr todos os nossos ovos num cesto com o formato de NOB. Por assim dizer.

Na lustrosa cozinha negra, tentando evitar os múltiplos reflexos do meu rosto nos azulejos espelhados, estendi-lhe o seu café e deitei o tabuleiro na reciclagem.

NOB bebeu um trago e encolheu-se.

— Isto é horrível.

— É descafeinado. — Pesquei o saco de pegajosos *muffins* que trazia na pasta e ia para lhe oferecer um. Ele agarrou-o antes que pudesse pousá-lo no reluzente mármore negro do balcão de pequenos-almoços.

— Ei! — NOB susteve o *muffin* à distância do seu peito esculpido, como se as suas calorias pudessem contaminá-lo. Levantou a tampa do caixote de lixo e atirou-o lá para dentro. — Esta é uma casa isenta de glúten.

Engoli a considerável dentada que acabara de dar, e ele observou-me com uma expressão de nojo que eu assumi mascarar uma ânsia desesperada de carboidratos.

— A sua nova casa é encantadora — disse eu, no silêncio reinante.

NOB encolheu os ombros, desviando os olhos.

— Foi remodelada pela mesma designer do Tom. — Mantive uma expressão neutra. Se NOB fosse outra pessoa qualquer, teria perguntado quem era Tom. Mas ele era NOB, de modo que se referia a Tom Cruise. Olhou por cima do meu ombro esquerdo ao dizer, distante: — Ela é mesmo intuitiva. — Segui-lhe o olhar e constatei que ele olhava para si mesmo no reflexo de um dos azulejos.

— Dá para ver.

NOB dividia o seu tempo entre L.A. e Londres desde que recebera o Óscar pelo seu primeiro — e único — filme há uns anos. Interroguei-me se esta casa nova significaria que ele estava de volta a Londres permanentemente. Os caixotes de mudanças sugeriam ser esse o caso.

Ele despejou o café no lava-loiça com uma careta.

— Então, para que foi que o Monty *a* mandou? — perguntou, recordando-me da baixa consideração em que me tinha. Eu treinara-me para ignorar os insultos de NOB ao longo dos anos. Trabalhava duro na agência. Monty passava todo o seu tempo a assistir NOB — um trabalho a tempo inteiro — de modo que eu cuidava dos seus outros clientes. O que era bom. Desde o Rompimento, tinha mais tempo para dedicar à agência, fosse como fosse. Os meus amigos preveniam-me quanto a manter um saudável equilíbrio trabalho/vida, mas não contemplavam que «vida» consistia maioritariamente em pizzas levadas para casa e Netflix.

— Estou aqui para discutir o seu guião para a Intrepid — disse, sentindo-me menos horrível pela notícia que me preparava para dar. NOB virou-me costas e ligou uma máquina de café que parecia ter tido por modelo o ridículo carro desportivo que ele estacionara à largura do passeio.

— Os produtores — disse, elevando a voz para compensar o motor em ação da máquina de café — estão mesmo entusiasmados para ver o guião. E reconhecem que você tem vindo...

— O quê?

— Tem vindo...

— Não consigo ouvi-la.

— A TRABALHAR AFINCADAMENTE NELE.

A máquina silenciou-se precisamente quando o meu grito ecoou através da cozinha. NOB ainda estava de costas para mim, mas tinha os ombros encolhidos como se se estivesse a rir. Virou ligeiramente a cabeça.

— Disse alguma coisa? — Esperou que eu abrisse a boca e carregou num botão da máquina. A cozinha encheu-se ruidosamente de vapor até o ar ficar enevoadado e húmido. Senti o couro cabeludo formigar. O meu cabelo não se dava nada bem com a humidade. Expandia-se qual *marshmallow* em

chocolate quente.

Sem me deixar desencorajar, elevei a voz de novo.

— Deram-nos uma extensão sobre a última data-limite. — *Que você falhou, há seis meses.* — É muito GENEROSA. — A máquina silenciou-se. — Tem três... — E logo rugiu quando NOB usou o poder de 850 cavalos para produzir um único café descafeinado.

Mas em vez de o beber, deixou o *expresso* de lado. Lancei-lhe um olhar irritado.

Ele tirou um copo de um armário. Limpando migalhas das mãos, tirei a papelada da pasta e segui atrás dele.

— Tudo o que tem a fazer é assinar isto. É uma explícita aden... — *Crrrk!* Agora estava a encher o copo até cima com gelo do dispensador no frigorífico. — É uma adenda na qual assume que concorda em ENTREGAR O GUIÃO COMPLETO DENTRO DE TRÊS MESES.

Creio que NOB me ouviu desta vez. Fez uma pausa, muito breve, antes de despejar o gelo dentro de um liquidificador. Voltou-se para abrir o frigorífico e, após um momentâneo remexer, atirou alguma coisa na minha direção.

— Apanhe.

Dei comigo ofegante com um saco de abacates, provavelmente a coisa mais classe média que jamais me aconteceu. NOB fechou a porta com o traseiro esculpido em ginásio, os braços carregados de vários frutos e vegetais, com que prontamente carregou o liquidificador.

— Se pudesse só olhar para a adenda... — Ele estendeu a mão. Suspirei de alívio e passei-lhe a pasta, mas ele abanou a cabeça. — Abacates — disse, como se eu fosse estúpida. Descarreguei-lhos na mão, talvez ligeiramente com mais força do que o necessário.

Com dedos hábeis, ele começou a descascar e cortar, removendo os caroços com uma faca e um jeito de pulso.

— Se pudesse só... — Ele escortinhava como se a bancada em que trabalhava o tivesse ofendido — concordar com o texto.

Espetei-lhe a pasta debaixo do nariz e abri-a para revelar... nada. Ele

levantou as sobrancelhas perfeitamente douradas para mim. Olhei à volta, em pânico, antes de ver as cópias da adenda por baixo do pé de NOB. Curvei-me para libertar as folhas e elas quase se rasgaram ao meio quando puxei. Levantei-me demasiado depressa, só para dar comigo de nariz colado ao de NOB. Assim de tão perto, consegui ver que o deslumbrante azul do seu olho esquerdo continha uma explosão de avelã.

Ele esboçou um sorrisinho. Depois, esperando o momento exato em que eu ia tentar falar de novo, carregou no botão do liquidificador.

— Podia por favor... — *Wrrr*. — Precisa de assinar... — *Wrrrrrrrrrr*.

Estendi bruscamente a mão e cobri o botão, respirando pesadamente. Os dedos dele tocaram nos meus, ainda a tentar carregar, mas eu permaneci onde estava.

— Tem três meses — disse firmemente, estendendo-lhe as folhas rasgadas da adenda. — É muito generoso, considerando quão atrasados estamos.

O «eu» majestático: discurso de agência para «definitivamente você, mas nós não queremos parecer dizer que isto é tudo culpa sua». Que era. Embora o paparicanço de Monty não tivesse propriamente ajudado.

— Tudo o que tem a fazer é assiná-la, e eu deixo-o com o seu batido.

— Estou a ver. — Por fim, NOB pegou no seu *expresso* e deu um gole. A chávena ainda tinha o rótulo na base. Como tudo o mais ao meu redor, era nova. Perguntei-me porque teria NOB regressado. Não teria L.A. corrido da maneira que ele esperava?

Durante uns tempos, NOB fora o escritor requisitado por todo o realizador cinematográfico desejoso de fazer nome. Contudo, nada produzira na sequência de *Coração em Sangue*. A indústria era pequena. Ele tinha o peso da expectativa sobre os ombros. Após um tão extraordinário sucesso, deveria sentir que tinha muito a provar.

Talvez toda esta atitude fosse de facto uma reação a essa pressão.

— Deve ser difícil...

— Acontece, Stevie — mordi a língua desta vez —, que eu não vou assinar isso.

Ou eu simplesmente deixara o seu peito nu subir-me à cabeça.

Ainda assim, mantive o tom de voz brando.

— Infelizmente, tem de assinar. Se não o fizer — soltei a bomba com que ele já deveria estar a contar —, eles cancelarão o contrato sem mais. Esta adenda pelo menos dá-lhe mais tempo, e uma hipótese de cumprir.

— Eu não preciso de tempo — disse ele petulantemente. — Não vou assinar.

Inspirei várias profundas e relaxantes golfadas de ar. Em todos estes anos de empolados pedidos de café, reservas de hotéis de luxo, preparações de viagens «Eu só viajo em primeira classe», e da sua dedicação a nem uma só vez acertar no meu nome, NOB jamais me tinha vergado.

Não iria fazê-lo agora. Mantive a máscara profissional firmemente no lugar e recordei a mim própria que ele não sabia que toda a agência estava em jogo.

Tentei uma tática diferente.

— Pense em todo o tempo que já dedicou a isto até à data. O que são três meses? — Já ouvira todas as desculpas conhecidas para não escrever. Por vezes apenas precisavam de saber que estávamos do lado deles. — Estou aqui para o ajudar a terminá-lo, seja como for que possa.

NOB sorriu, convencido, e abriu a boca.

— Eu ouvi — atirei, antes que ele pudesse dizer o tipo de coisa que, até há relativamente pouco tempo, os assistentes passaram anos a ouvir e calar.

Ele encolheu os ombros.

— Felizmente, não preciso da sua ajuda.

— E porque não?

— Bem, o facto é, Stevie — afastou o batido —, que ainda nem sequer comecei a escrevê-lo.

O Desafio

INT: UMA COZINHA CHEIA DE SUPERFÍCIES REFLETORAS — SEGUNDA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO, UM MINUTO APÓS A EXPLOÇÃO DA BOMBA

EVIE está em frente a NOB, com uma mão sobre a bancada para se apoiar, enquanto duas expressões se guerreiam por domínio no seu rosto — ameno profissionalismo e completa indignação. NOB serve-se de mais batido, alheio ao esgar de EVIE.

Lutei para permanecer calma, mas, quando falei, toda a compreensão abandonou a minha voz.

— *O quê?! —* A agência inteira estava em jogo, e ele não escrevera uma única palavra? — O Monty disse...

Ele riu-se enquanto se servia da bebida.

— O velho Monts disse que eu estava a escrever?

Agora sabia porque fora Monty tão reservado quanto a mostrar a quem quer que fosse aquelas páginas.

— Mas... você sabia exatamente aquilo que estava a assinar. — Podia sentir o calor a alastrar-se-me pelo pescoço acima.

— Mudei de ideias. — Limpou as mãos e depois inclinou-se na minha direção. — Vencedores de Óscares — disse NOB — *não* escrevem comédias românticas.

Fiquei com a boca seca. Ia perder o emprego porque um homem que nem se dignara a vestir-se para uma reunião decidira que era demasiado bom para escrever uma comédia romântica?

— *Vencedores de Óscares* — sibilei — vestem-se para reuniões. *Vencedores de Óscares* olham para uma pessoa quando falam com ela. *Vencedores de Óscares* escrevem o maldito guião pelo qual lhes pagaram.

Fez-se um momento de completo silêncio, durante o qual NOB pareceu estar a recalibrar-se mentalmente. O seu olhar perscrutou-me intensamente e, provavelmente pela primeira vez de sempre, ele realmente *olhou* para mim.

Oh, não. Oh, não. Oh, não. Todos os meus sistemas de alerta internos dispararam, e a minha pele reagiu pondo-se de um profundo e feroz escarlate. *O que acabei eu de fazer?* Adeus, promoção.

NOB exibiu-me os seus dentes imaculadamente brancos.

— Ora, ora, Evie Summers. Aí está você.

Pestanejei. De todas as respostas que poderia ter esperado...

— Eu... O quê?

NOB cruzou os braços ao peito, o movimento acentuando-lhe os músculos cuidadosamente modelados.

— Há cinco anos que a conheço...

— Sete. — (*Oh, Deus, Evie, para mas é de falar.*)

Um trejeito de sobrancelha.

— Há tantos anos que a conheço e esta é a primeira vez que vejo o seu verdadeiro eu.

Quanta sobranceria... Enquanto ele olhava para mim, subitamente tive um vislumbre de qual seria a sensação de ter a atenção de alguém como NOB. Ele era, embora eu jamais lho admitisse, ridiculamente bem-parecido. Pele dourada, olhos de um azul-celeste, malares de morrer, uma mandíbula direita e firme de vedeta de cinema...

Que pena tanta beleza ser desperdiçada nesta besta.

— Na verdade — disse eu imperiosamente —, o meu verdadeiro eu é de longe mais cortês.

NOB puxou um dos bancos do balcão para pequenos-almoços e apontou para ele. Por um momento quis recusar, mas os joelhos tremiam-me como varas verdes e deixei-me cair deselegantemente no cabedal preto.

— Adoraria saber mais acerca de todos esses vencedores de Óscares que você tão bem conhece — disse ele, ainda de pé. — Mas, primeiro, sejamos realistas. Eu não irei escrever uma *comédia romântica*. Não é a minha

marca.

Já que estávamos a ser realistas...

— Porque não? — Ele comprometera-se a escrever uma, afinal de contas. E conquanto a avultada maquia paga adiantada e meses de incessantes beberetes e jantares (ou seja «O Tratamento Especial Monty») tivessem certamente ajudado, ele estivera a par de tudo desde o princípio. Os produtores queriam uma versão moderna do «*meet-cute*» — esse momento de uma comédia romântica em que os dois potenciais apaixonados se encontram pela primeira vez. Usavam o termo frequentemente, como que exibindo o seu conhecimento do género.

NOB esboçou um sorriso de escárnio.

— Eu escrevo a vida real, não fantasia. As comédias românticas são um faz de conta sem sentido para pessoas demasiado estúpidas para se aperceberem de que estão a engolir um monte de mentiras acerca do amor. — Olhou distraidamente para mim. — Está com um cabelo enorme — disse.

Toquei-o. Os caracóis tinham-se separado com o calor e vapor da máquina de café. Não havia como salvá-lo, de modo que encolhi os ombros, reconhecendo uma manobra de distração.

— As comédias românticas dão às pessoas esperança quando elas mais precisam. — Revivi num lampejo todas as vezes que vira, tomada de raiva, *Você Tem Uma Mensagem* a seguir ao Rompimento de modo a poder atirar coisas à cara de Tom Hanks. *Não é relevante*. — Têm coração, e sentido, e ajudam as pessoas.

— Fala como se as considerasse realistas.

— E considero. — Ou considerara, em tempos. Mas ele não precisava de saber isso. Simplesmente adorava como Ricky dizia que o nosso tinha sido um *meet-cute*. Não destino, mas algo semelhante. Eu saíra vacilante para uma viela, durante um particularmente opressivo evento de copos para assistentes, a precisar de apanhar ar, só para conhecer um tipo que fazia a mesma coisa vindo do bar em frente. Se um de nós tivesse saído uns minutos antes, nunca nos teríamos conhecido, nunca teríamos sabido que a

pessoa para nós estava, por um breve intervalo de tempo, apenas a uns metros de distância.

Exalei lentamente. A dor do Rompimento entorpecera ao longo dos últimos doze meses, mas ocasionalmente ainda conseguia surpreender-me.

NOB bufou, claramente tomando a minha expressão por capricho piegas.

— Que querido — disse. — Mas eu não faço coisas *queridas*, e isso é tudo o que esses produtores mercenários querem. Eu escrevo filmes sobre a espécie de amor que as pessoas reconhecem. Obsessivo, carente, tóxico, amor *real*, não *meet-cutes*.

Filme. Um filme. Singular. Mas este não era o momento de o recordar disso.

— *Coração em Sangue* é lindo, mas não é a única espécie de história de amor que existe — insisti, ciente de quão penosamente zelosa soava.

— Ah, então, viu o meu filme — disse, recostando-se contra o balcão. — E gostou?

Acabava com ambas as personagens incapazes de admitir que a sua relação se desintegrara sem salvação possível e ficando juntas, ainda assim. Fizera-me soluçar de tal maneira que tive de o seguir de uma maratona Disney só para sentir que ainda havia luz no mundo.

— Claro. Mas as pessoas precisam de *A Proposta* tanto quanto precisam de *Coração em Sangue*. Um bom *meet-cute* mostra-nos que é possível, num só momento, mudar tudo para melhor.

NOB abanou a cabeça.

— Por favor. Nunca ninguém conheceu alguém como acontece nesses filmes. As coincidências. Os clichés. Na vida real se alguém lhe entornasse uma bebida em cima, você ficaria furibunda, levaria talvez o caso a tribunal se fosse uma bebida quente, não ficaria caidinha pela pessoa. O amor real não pode ser arquitetado.

— Diga isso ao *Tinder* — disse eu, cansada. Não pela primeira vez, maravilhei-me com a ironia de um bando de homens nomeando NOB a nova Nora Ephron.

Ele fez deslizar as folhas amachucadas da adenda de volta para mim.

— Diga aos produtores que não assinarei. Prefiro devolver o dinheiro a arriscar a minha reputação neste lixo. — Então, virou-me costas, servindo-se de mais batido da máquina. — O meu *coach* estará aqui às 10 horas. Pode pôr-se a andar. — E com isto fui dispensada. Era como se um holofote se tivesse apagado.

Peguei nos papéis, sabendo que não tinha alternativa senão dizer a Monty que nem três meses nos conseguira fazer ganhar.

— Eu disse ao Monty desde o primeiro dia que não queria fazer isto — disse NOB, quando me dirigia para a porta. — Ele não devia estar surpreendido.

— Porque concordou então em escrevê-la, para começar? — respinguei, virando-me. As palavras escaparam antes que eu as pudesse deter, e descobri que não me ralava. Se a agência ia abaixo de qualquer maneira, o que tinha eu a perder?

NOB ignorou-me, deixando-me ali espedaçada, cada vez mais enfurecida. Fora o seu estúpido ego que nos metera a todos nesta alhada, acedendo a escrever uma coisa quando não podia de facto...

Espera lá. Seria isso? Seria possível que o grande e poderoso NOB estivesse com um bloqueio criativo, afinal de contas?

Fazia sentido! E se ele tivesse tido toda a intenção de escrever a comédia romântica... mas *não conseguisse*? NOB fora aclamado como um dos mais badalados novos talentos de Hollywood, ainda assim, nos três anos desde que ganhara o Óscar não dera a Monty um único guião que se vendesse. Monty desculpava-o, dizendo que a grandeza não pode ser apressada. Mas eis que Sam-e-Max tinham aparecido oferecendo-lhe o seu próximo projeto. E se ele tivesse assinado para mostrar a Hollywood que continuava a ser propriedade requestada... só para descobrir que as comédias românticas não eram coisa assim tão fácil como ele imaginara? Estava na altura de testar esta teoria.

— Eu sei como pode escrever esta comédia romântica.

NOB olhou à sua volta como que surpreendido.

— Oh, ainda aqui está?.

— Ouça só. Dentro de três meses, pode ter um guião acabado, tal como originalmente concordou fazer. Fica com o dinheiro. Sam-e-Max cantam-lhe louvores em Hollywood. Saímos todos felizes disto. — NOB revirou os olhos. — Ou — disse eu, indo direita ao seu ponto fraco —, cancelamos o contrato e emitimos o comunicado antes do fim da semana.

— Comunicado?

— Para nos adiantarmos a qualquer anúncio da Intrepid — disse eu com ligeireza. — Os produtores hão de querer publicitar o facto de que estão à procura de um novo escritor e que o Ezra Chester está fora do projeto.

NOB não seria simplesmente o escritor galardoado com um Óscar sem mais obra feita. Seria o homem incapaz de escrever uma comédia romântica. *Agora já não parece um género tão tolo assim, pois não?*

Durante alguns segundos, ele não disse nada, mantendo o olhar distante. Depois a sua atenção voltou-se bruscamente de novo para mim.

Sustive a respiração.

— Eu sei que me vou arrepender de dizer isto — disse. O meu coração deu um salto de antecipação. — Mas sou todo ouvidos.

Obrigada, ego do NOB.

O género não era o verdadeiro problema, era a *sua* desculpa. Eu apenas tinha de encontrar uma forma de o pôr a escrever. Começaria por induzi-lo a admitir que estava errado quanto às comédias românticas. Dado o seu desdém por *meet-cutes*, tudo o que tinha a fazer era mostrar-lhe que *era* possível conhecer alguém exatamente da maneira que Harry conhecera Sally...

Quão difícil poderia ser?

— Se eu provar que é possível duas pessoas conhecerem-se exatamente como acontece nas comédias românticas, pode assinar a adenda e escrever o guião, seguro de que o género é realista e completamente *compatível com a sua marca*.

Ele semicerrou os olhos.

— Como faria exatamente isso? — Aproximei-me cautelosamente dele ao longo da cozinha, como se ele fosse um animal selvagem e não um

guionista recusando-se a admitir que tinha bloqueio criativo. *Tudo igual.*

— Os produtores querem um novo tipo de *meet-cute* — disse eu lentamente, pensando bem em tudo. — Eu trar-lhe-ei exemplos da vida real de casais que se conheceram como num filme. — Estava certa de que conseguiria descobrir histórias. Quando se é solteira, a Internet está cheia delas. — Histórias que lhe mostrarão que está a ser... — *Arrogante. Deliberadamente ignorante. Otário.* — *Curto de vistas* relativamente ao género.

NOB não ficou de todo impressionado.

— Qualquer um pode procurar no *Google*, Ruiva. — Fulminando-o com o olhar à conta da alcunha, uma ideia começou a ganhar forma. Uma ideia ridícula. Parva de todo.

Porque ele tinha razão: o que eu estava a oferecer não bastava. Não se tratava apenas de fazê-lo assinar a adenda de modo a poder protelar a inevitável humilhação por três meses. Eu tinha de o pôr a *escrever*. Para isso, ele precisaria de inspiração. E de muita!

— Fá-lo-ei eu, então — disse.

Ele pestanejou.

— Fará o quê, exatamente?

— Eu serei a sua prova viva. Assine essa adenda e eu *conhecerei* alguém exatamente como as pessoas se conhecem nas comédias românticas. Eu recriarei os *meet-cutes* desses filmes. As viagens de carro. As férias. Os encontros fortuitos. E por aí fora, até que algum deles resulte.

Mas nem sequer consegues conhecer alguém no Tinder — fez notar a minha voz da razão. Mande-i-a calar.

NOB olhou-me de alto a baixo com um sorriso matreiro.

— Então o que está a dizer é que, se até *você* pode conhecer alguém dessa maneira, eu tenho de acreditar que é possível.

Pousei a adenda no balcão de pequenos-almoços.

— Então o que *você* está a dizer é que temos acordo?

As sobrancelhas douradas dele arquearam-se.

— Calma aí, Ruiva.

— Evie.

— Assinar isso dar-me-á apenas três meses, com os produtores e Monty às costas, a distraírem-me.

— Para isso estou eu aqui — disse eu, tentando não soar demasiado ansiosa. *Mostrarei a Monty do que sou capaz.* — Diga-lhes que eu sou a sua assistente. Eu mantê-los-ei ao largo.

NOB estudou a parede atrás de mim por um momento.

— Digamos que conhece de facto alguém. Como saberei eu que está a dizer a verdade? Poderia simplesmente subornar um qualquer para dizer que ficou caído por si. E teria de arranjar alguém bem depressa para me dar tempo de escrever um guião completo.

— Tudo preocupações válidas — disse eu, sacando rapidamente de bloco e caneta da mala. — Assentemos então os termos.

— Não é para isso que serve a adenda?

— A adenda é para o seu contrato com a Intrepid. *Isto* é para o contrato entre nós.

Escrevi: *Se Evie Summers («A Assistente») conseguir provar a N Ezra Chester («O Guionista»)...*

— O que riscou aí?

— Nada.

» ... *que o género «Comédia Romântica» é realista conhecendo alguém da mesma maneira que as pessoas se conhecem nas comédias românticas (isto é, através de um «meet-cute»), então ele submeterá o guião completo às Intrepid Productions até ao prazo final de 18 de fevereiro do próximo ano.*

NOB inclinou-se sobre o meu ombro.

— Você também tem de se apaixonar.

Seguramente, ele não está a falar a sério?

— Isto tem que ver com *conhecer* alguém.

— Exatamente. — Ele estava claramente a divertir-se. — Você conhece alguém, e apaixonam-se os dois. Não são assim as comédias românticas? Tem de encontrar o Sr. Final Feliz. De contrário, nada feito.

Os meus dedos crispavam-se na caneta. *É da tua vida que ele está a falar.* Passara-se um ano desde Ricky. Eu não sabia se estava pronta para conhecer alguém, quanto mais assim.

Mas, certamente, NOB estava apenas a tentar dificultar as coisas. Neste preciso momento, apenas precisava que ele assinasse. Então pô-lo-ia a escrever. *Preocupa-te com a parte do amor mais tarde.*

— Muito bem. — Fiz a emenda com um tremor de apreensão. Embora se ele ia levar a sua avante, eu teria de levar a minha.

» *O Guionista concorda em começar a trabalhar no guião a partir do momento em que assine a adenda, escrevi. E enviará as suas páginas à Assistente regularmente.*

O divertimento esfumou-se.

— O quê?

— Estou só a assegurar-me de que conseguirá acabá-lo a tempo — disse eu. — De contrário, não seria responsável da minha parte deixá-lo assinar isto. Além disso, precisarei de provas de que está de facto a escrever.

Ele cruzou os braços, algo indecifrável perpassando-lhe pelos olhos.

— Começarei a escrever, mas não haverá final feliz da minha parte até que obtenha o seu. E as páginas irão para o Monts. Era ele o meu agente, da última vez que conferi.

Eu vacilei, depois fiz a alteração. *Desde que ele escreva o guião, é tudo o que importa.* A agência estaria safa, bem como a minha promoção.

— Aqui. — Ele tomou-me a caneta da mão. Com traços rápidos escreveu *A Assistente concorda em escrever relatórios detalhados de cada meet-cute para O Guionista.*

— Precisaréi de provas de que está de facto a fazê-lo — imitou-me ele, até no sotaque.

Arrancando-lhe a caneta, ia para riscar a frase — e hesitei. *Isto pode resultar a meu favor.* Ele provavelmente pensava que os relatórios me manteriam ocupada e longe dele. Mas talvez um desses «relatórios» fosse exatamente o que ele precisava para desemperrar a sua escrita.

— Há só mais uma coisa — disse, e escrevi: *O Guionista e A Assistente*

concordam que o estipulado acima jamais será revelado a Monty.

Se Monty alguma vez descobrisse quão ténue era o acordo — um eufemismo, se é que o havia de todo —, ficaria furioso. Assegurara aos produtores que tinha tudo sob controlo. Se descobrisse que o acordo dependia da vida amorosa da sua assistente, ficaria humilhado. Para não falar do facto de eu ter sido bem-sucedida onde ele fracassara. Eu seria despedida antes que NOB tivesse sequer hipótese de falhar o novo prazo. Era melhor que ele acreditasse que NOB estava a escrever de sua própria vontade. Seria uma coisa a menos para me preocupar.

— A guardar segredos do patrão, Ruiva? Está mesmo cheia de surpresas hoje. — NOB avaliou-me. — Sabe que apenas irá provar que as comédias românticas são uma treta, não sabe?

— Muita coisa pode acontecer em três meses...

— Acordado. — Uma expressão perpassou-lhe pelo rosto, mas desapareceu demasiado depressa para que a captasse.

— Estamos assentes?

Estendi a mão. Ele apertou-a.

— Tenho de o ouvir dizê-lo.

— Ruiva — disse NOB. — Se conseguir provar que é possível uma pessoa apaixonar-se como acontece nesses filmes, eu escreverei o maldito guião.

Empurrei as cópias da adenda. Ele hesitou, muito ligeiramente, antes de as assinar.

— Se calhar estava errado a seu respeito, Ruiva. Não é tão chata, afinal de contas.

Não é essa a única coisa sobre a qual estás errado, pensei.

Pois gostasse ele ou não, eu ia fazê-lo acabar aquele *maldito guião*. Custasse o que custasse.

Apoio Moral

EXT: APARTAMENTO DE EVIE, EAST DULWICH — SEXTA-FEIRA, 23 DE NOVEMBRO, 20H30

EVIE sobe a correr o carreiro ladrilhado do seu minúsculo jardim e abre a porta da frente, carregando um saco de lona ao ombro. Ouve-se tilintar. Um molho de manjerição e uma baguete sobressaem da abertura. Já na apertada entrada, insere a chave na fechadura de uma segunda porta enquanto rapidamente passa os olhos pelas mensagens no telemóvel.

Maria: Evie querida, já chegámos ao teu apartamento. Estamos à porta.

Jeremy: porque não respondes? Diz-nos que estás aí. Este fim de semana já vai ser suficientemente penoso a planear a despedida d'A QUE NÃO PODE SER NOMEADA sem termos de lidar com a tua companheira de casa sozinhos

Sarah: as minhas instruções chegaram?

Jeremy: oh, viva, Voldemort. Sim, recebemos a apresentação de PowerPoint de 19 páginas e lista de leitura. Arrebatado por ser incluído na secção de agradecimentos

Maria: deixa-nos entraaaaaaar

☎¹⁰ TEM DEZ CHAMADAS PERDIDAS DE MARIA NOWAK

Maria: olá, aqui estão os teus melhores amigos, que esperam que estejas mesmo ao virar da esquina porque a Jane está lá dentro e, aparentemente, tem companhia. Esteja ela com quem estiver, está a divertir-se À GRANDE

Jeremy: desconfiamos que não és tu

Maria: Evie Doris Summers, onde ESTÁS tu?

Jeremy: não nos faças isto, Evie. Oh, Deus, a Jane vem aí

Jeremy: e agora vai direita às portas

Eu esforçara-me tanto por chegar a tempo de os receber. Da última vez que aqui tinham estado, Monty declarara um Código Vermelho (cliente de fora da cidade perdido no metropolitano) e eles já iam a meio da sobremesa quando eu chegara ao restaurante.

Desta vez estava atrasada porque Sam-e-Max tinham confirmado a receção da adenda, e Monty quisera falar comigo a esse respeito. Não escondera a surpresa quando eu regressara ao escritório com a assinatura de NOB na segunda-feira, sustendo mesmo as (ligeiramente amachucadas) folhas à luz como que a verificar a sua autenticidade.

«Assumi uma grande responsabilidade, Evelyn», dissera finalmente, alisando o papel. «Trate de que compense e que daqui a três meses estejamos a celebrar mais do que o guião terminado.» Sorrira ante a minha cara esperançosa, depois trouxera-me de volta à Terra dando-me meia dúzia de contratos a verificar «urgentemente» antes de sair.

Entrei na sala de estar e dei com Jeremy, de cabeça nas mãos, o cabelo encaracolado tombando sobre a testa, e envergando uma roupa, usualmente impecável, amarrotada, como que a ecoar o seu desespero. E com Maria, assentindo para fosse o que fosse que a minha companheira de casa Jane estava a dizer, e o espesso cabelo escuro apanhado num rabo de cavalo, apertando nas mãos um copo de vinho vazio como se fosse a única coisa que conseguira salvar de uma tempestade. Uma expressão de cortesia forçada guerreava com o horror patente nos seus olhos arregalados, enquanto Jane terminava uma história particularmente animada que envolvia o tipo de mímica que não se vê em festas de aniversário de crianças.

— ... e foi aí que caiu no chão!

Maria encolheu-se.

Sacudi o saco de modo que pudessem ouvir o revelador tilintar, e Jeremy levantou-se de um salto.

— Oh, Evie, graças a Deus, odeio-te, sua deusa. — Curvou-se para me abraçar. — A Jane estava só a explicar porque é que demorou tanto tempo a deixar-nos entrar. — Atrás dele, Jane sorriu. Agarrei em Maria a seguir,

tentando não mostrar as lágrimas que me assomaram aos olhos ao vê-los. Quem me dera que Sarah aqui pudesse estar também, mas este fim de semana era o planeamento da despedida de solteira que todos tínhamos de fingir que ela própria não planeara já.

Ocultei a minha expressão de Jeremy, mas Maria, como só ela, captou-a e manteve-me abraçada um bocadinho mais.

— É tão bom ver que tu nunca mais nos tornarás a fazer isto — disse de um fôlego. Jeremy já pegara no saco que eu trazia e estava a encher um copo limpo.

— Jane — disse eu, aceitando o copo de Jeremy, agradecida —, tens um encontro marcado, não tens?

Jane levantou-se num movimento sinuoso, o seu cabelo preto reluzindo à luz.

— Tenho. No quarto. Vejo-te logo. — Esta última parte destinava-se a Jeremy, que ergueu o copo de vinho.

— Ainda gay, Jane.

— Ainda interessada. — Ela sorriu, e escapuliu-se.

Jeremy abanou a cabeça.

— Mais alguém se sente simultaneamente estarecido *e* ligeiramente confuso quanto a si próprio?

— Ainda estás a trabalhar até tarde todas as noites? — perguntou-me Maria em tom casual.

Jeremy serviu mais vinho.

— Quero dizer, obviamente vou beber o bastante para esquecer a maior parte do que ela acabou de descrever, mas uma parte de mim ainda tem esperança de ser a Jane quando for crescido.

— Só esta noite — respondi a Maria.

— Evie — ralhou ela, percebendo a peta. Eu sabia que Maria não estava zangada comigo; estava magoada. Mal nos víamos, e eu não estivera ali a tempo de recebê-los. Mais uma vez. Prometera-lhes um jantar depois da viagem, e agora já passava das 20 horas e os vegetais que eu comprara ao almoço murchavam no saco. Não tive coragem de lhe contar que estivera a

acabar a pilha de contratos de forma a agradar a Monty. Ela insistiria, mais uma vez, que eu tinha de sair da agência. Maria transbordava de todos os tipos de amor, e o seu amor duro era um soco e tanto.

— Estou ótima, juro — insisti.

De todos os meus amigos, era Maria quem me conhecia há mais tempo, e, em alturas destas, isso era bem óbvio. Ainda me lembrava do dia em que a rapariguinha de espesso cabelo escuro e enormes olhos cinzentos me ajudara depois de os outros miúdos me terem atirado ao chão no recreio. Ela tinha sido a minha protetora desde então. Duas tornaram-se três no secundário, quando tivemos o espírito ácido de Jeremy a sedimentar-nos. Sarah juntara-se a nós quando entrámos todos para a Universidade de Sheffield. Ela vivia connosco em residências de estudantes e — possivelmente porque mais ninguém a aguentava — tornou-se uma firme parte do nosso grupo. Éramos os quatro chegados, mas Maria provavelmente conhecia-me melhor do que eu me conhecia a mim própria.

Para meu alívio, não pressionou mais. Sentou-se ao lado de Jeremy, e eu instalei-me no meu cadeirão favorito, esperando que não passasse dali. Pousei o vinho no braço mais que ruço, e senti-o deslizar sobre alguma coisa. Quando limpei fosse lá o que fosse, Jeremy deixou escapar um som abafado. Olhei para ele, perguntando-me o que se passaria enquanto esfregava os dedos uns contra os outros. Os meus amigos ficaram ambos ali sentados com expressões vagamente culpadas.

— O que foi?

Maria fez uma careta.

— Oh, querida. Perdeste o princípio da história da Jane. A parte que teve lugar nessa cadeira.

Jeremy emborcou o seu vinho.

— Foi mau. Mau de pegar-fogo-à-cadeira.

— Descansa em paz, cadeira. Foi bom conhecer-te. — E brindaram.

— Oh, *Deus*. — Levantei-me de um pulo e voei para a porta. — Jane! — vociferei enquanto corria corredor fora para lavar as mãos na cozinha.

A música dela baixou.

— Sim, minha patinha?

Antes de responder, repeti o meu mantra para acalmar: *Ela não aumentou a renda em três anos. Ela não aumentou a renda em três anos.* O estilo de vida de Jane usualmente não constituía um problema. Estabelecêramos regras básicas logo de início para evitar quaisquer percalços. Nomeadamente, eu tinha direito a espaços comuns livres de sexo e Jane podia ter as suas visitas noturnas, de que eu só sabia através das suas nojentas histórias de deixar o queixo caído e nas ocasiões em que ela usava a máquina da louça para esterilizar os seus brinquedos sexuais. Ela tinha uma tranquilizadora elevada fasquia quanto a higiene, mas isso não é conforto nenhum quando vamos para pegar numa caneca logo de manhã e sacamos de um vibrador.

— Prometeste que não havia sexo na sala de estar.

Ela espreitou do quarto vestindo uma qualquer peça de roupa interior de aspeto complicado.

— Claro, minha querida! Nós só *começámos* na sala. — Bem, já representava algum alívio, pelo menos. — Acabámos na cozinha.

Retraí-me, depois agarrei no esfregão para limpar cada superfície.

Pude ouvir os roncões de uma profunda voz de barítono emergindo pela porta aberta do quarto de Jane.

— Mais uma coisa — cantarolou Jane. — O Trev promete que substituirá o esfregão.

— Vais realmente fazê-lo? — Maria inclinou-se sobre o prato para dar uma dentada na fatia de piza que encomendáramos. Mal terminaram de ouvir a história completa do meu acordo com NOB, a apresentação da militarista despedida de solteira de Sarah fora posta de parte (Absolutos Nem-Pensar para a Despedida de Solteira Perfeita!! 1) NADA de pénis. Jeremy: *Isso é deixar-me de fora.* a) nem sobre molas, b) nem insufláveis, c) *especialmente* não comestíveis; d) Jeremy, o teu pénis não conta. Jeremy: *Exatamente em que categoria acha ela que se encontra o meu pénis?*)

Jeremy acenou com o copo de vinho.

— Só para que fique claro: vais tentar apaixonar-te durante os próximos três meses recriando *meet-cutes* de comédias românticas?

— Isto é pela minha carreira, Jem, não pela minha vida amorosa. Apenas preciso fazer com que o NOB ultrapasse o seu bloqueio criativo. Espero que então ele já não esteja tão obcecado pelo princípio amoroso da coisa. — Silêncio. — Caso haja alguma dúvida, eu sei que isto é uma maluquice completa.

— Ele é tão... *beto!* — disse Maria com veemência. Ela era a pessoa mais doce, afável, clemente que eu conhecia. E odiava NOB com um ardor que nem eu conseguia acompanhar. — Evie, tens a certeza absoluta de que queres ir para a frente com isto? Não deixes que o NOB te force a uma coisa para a qual não estás preparada. Ele não pediria tanto a um gajo.

— Sim, põe-te em primeiro lugar. Tem cuidado — entouou Jeremy zelosamente.

— Eu sei que não soa lá muito bem, mas tirando a parte amorosa, o acordo foi completamente ideia minha. Não se trata apenas de salvar a agência. O Monty prometeu promover-me a agente se o NOB escrever o guião.

— Ele disse mesmo isso? — perguntou Maria.

Assenti, entendendo a dúvida na sua voz.

— E antes ele nunca o insinuou sequer. — Isso era parte da razão por que os meus amigos achavam tão difícil perceber porque é que eu continuava a trabalhar para ele, mas os cargos de agente eram raros, e embora eu tivesse ido a entrevistas, nunca conseguira passar à segunda fase. Tinha de provar a Monty — e, para ser honesta, a mim própria — que era suficientemente boa, antes de avançar. Ricky sempre o percebera. Gostaria que eles o percebessem também.

Jeremy trocou um olhar com Maria. Tive o súbito pressentimento de que eles me tinham discutido até à exaustão durante a viagem para cá.

— O que foi? — disse, sentindo que caíra numa emboscada.

Maria falou primeiro.

— Desde o Reco, reparámos que ainda dedicas mais da tua energia ao

trabalho. — Eles referiam-se assim a Ricky desde a noite do Rompimento. Adorava-os por isso, ainda que eu não conseguisse levar-me a fazer o mesmo. — Queremos apenas ter a certeza de que tens tempo para ti. Talvez até para encontros a dois na vida real.

Aquilo deu-me que pensar. Não me apercebera de que a minha ausência de encontros a dois os deixava preocupados. Eles provinham de duas extremidades diferentes do espectro de encontros para mim. Jeremy raramente estava sem alguém, e Maria nunca tivera sequer um encontro a dois. Ela e David estavam juntos desde os 16 anos. Para ela, a selva dos encontros a dois era mais um pátio bem mantido.

Embora, pelo soar das coisas, fosse a minha total ausência de *qualquer coisa* pós-Rompimento que os ralava.

— Nós sabemos o quanto a tua carreira significa para ti, e teres este emprego ajudou-te numa altura realmente má — disse ela, com extrema gentileza. Eu entrara para a agência não muito tempo depois de o meu pai morrer, e ela tinha razão. Aquilo preencheria o pior daqueles dias. — Mas talvez uma pausa te fizesse bem. Podias fazer fosse o que fosse que quisesses fazer. Até começar a escrever outra vez. — Depois da morte do meu pai, os meus amigos tinham tentado convencer-me a continuar a escrever. Nunca tinham percebido plenamente porque é que eu não podia voltar à versão de mim que ficava acordada toda a noite a teclar febrilmente, que lhes impingia todos os seus filmes favoritos, encorajando-os a tratar o diálogo como se fosse arte. Eu nunca encontrara a maneira certa de lhes contar o que aquele agente me dissera. Era simplesmente demasiado horrível. — Preocupa-nos que não estejas a cuidar de ti por aqui.

Peguei noutra fatia de piza para ter o que fazer. Por vezes preocupava-me o facto de os meus amigos acreditarem que eu pairava num estado de desenvolvimento travado. Como se ainda houvesse uns quantos requisitos que eu não cumprira a fim de me tornar um adulto de pleno direito, como eles tinham com as suas hipotecas, contas poupança e opções de vida ajuizadas.

Maria pressentiu a minha angústia.

— Estamos apenas a dizer que não tens de gastar o que resta do teu tempo livre fora do trabalho a fazer isto. Não precisas de pôr a tua vida pessoal em risco por um homem como o NOB, ou pelo Monty. Ele é que deveria fazer tudo o que pode para salvar a sua agência.

Jeremy inclinou-se e pousou a mão na minha cabeça.

— O que a Maria está a dizer, queridíssima Evie, é que apenas desejamos que saibas o que vales. Porque, para nós, és inestimável.

Os meus olhos encheram-se de lágrimas pela segunda vez nessa noite, e assenti, engolindo em seco umas quantas vezes antes de finalmente falar.

— Obrigada por se importarem. Significa muitíssimo, a sério. Mas eu quero ir com isto para a frente. Vou obter essa promoção. Além de que — brindei-os com um sorrisinho arreganhado — tudo é melhor do que o *Tinder*.

Os meus amigos puxaram-me para um abraço e eu agarrei-me com força aos seus braços.

— Certo — disse Jeremy, endireitando-se na cadeira. — Já acabámos com os amigos atenciosos por agora?

— À devida diligência — disse Maria, erguendo o copo.

— Ótimo. — Jeremy avançou, pegou no saco de fim de semana que estava ao lado do sofá e sacou de um grande bloco de notas enrolado. — Porque nós fizemos uma lista.

Momentos depois, tinha o bloco sobreposto por uma série de marcadores coloridos sobre a mesa de centro. Na primeira página lia-se *Despedida de Solteira da Sarah!* na letra de Maria.

— *Ugh*. Não. — Jeremy virou a página.

Senti um lampejo de culpa pela nossa absoluta falta de planeamento.

— Se estás determinada a fazer isto — explicou Maria —, então estamos aqui para ti a cem por cento. Irás fazer esse NOB escrever o guião.

— Querida Evie — disse Jeremy solenemente, destapando um marcador cor-de-rosa e girando o bloco para revelar o que lá estava escrito. — Nós vamos ajudar-te a apaixonares-te.

A Lista

INT: SALA DE ESTAR — SEXTA-FEIRA, 23 DE NOVEMBRO, 22H15

EVIE está sentada no tapete, encostada ao sofá de veludo preto, com um copo de vinho a meio caminho da boca. JEREMY está ajoelhado diante de um grande bloco de notas com «O Desafio!» nele escrito, os braços abertos num gesto de *ta-da*. MARIA está sentada no sofá atrás de EVIE. Está a fazer pequenos gestos de encorajamento para JEREMY que EVIE não pode ver.

— Não que eu não aprecie plenamente os vossos esforços, mas quero assegurar-vos que só concordei com a parte amorosa para levar o NOB a assinar. Não tenho qualquer intenção de realmente me apaixonar por alguém. — *Não depois do Ricky*.

— Claro, nós sabemos disso — disse Jeremy, olhando para trás de mim, para Maria. Traçou uma linha por baixo de «O Desafio!». — Mas ouve-nos bem. Evie Summers, a partir do momento em que acedeste a fazer este acordo com o NOB, entraste no *meet-cute* do Desafio. Conforme se viu em *Dez Coisas Que Odeio em Ti* (Descansa em paz, Heath Ledger, demasiado belo para este mundo), *Ela É Demais* e *Como Perder Um Homem em Dez Dias*. Para os incultos, filmes muito diferentes. Mas cada um deles se resume à mesma coisa: é lançado um desafio, seguido de inevitáveis desentendimentos, brutais traições, e, por último, amor. — Ele escreveu *Amor* no bloco. — O *meet-cute* do Desafio sobrepõe-se frequentemente à comédia romântica «adoro odiar-te», mas então constatámos que a única pessoa que odeias é o NOB.

— Não deixa de ser engraçado — interveio Maria —, mas se isto fosse uma verdadeira comédia romântica, tu acabarias com o arrogante escritor que, como se viria a verificar, estava apenas a usar o seu ego descomunal

para ocultar uma enternecedora falta de confiança. — Fez-se um momento de silêncio aturdido em que ambos a fitámos. — Estou a brincar. Tu jamais te apaixonarias por esse pito.

— À entornada Maria, todos — brindou Jeremy.

Ergui o meu copo também, enquanto o meu cérebro prestativamente me recordava o peito esculpido de NOB. *Cérebro estúpido*.

Jeremy engrenou em força.

— Agora, como em qualquer *meet-cute* do Desafio que se preze, há um prazo final. Tens três meses. Disseste que tens de enviar «relatórios de progresso» regulares ao NOB para o manteres inspirado. Para te ajudar a manter o rumo, apresento-te os teus cuidadosamente selecionados *meet-cutes*, escolhidos pelos entendidos. — Acenou com a ponta da caneta para ele e para Maria. Eu lancei-lhe um olhar significativo. Jeremy era o maior cínico que eu conhecia. — O que foi? Então, vi umas quantas comédias românticas, nada de mais. As tuas escolhas são... — Ele bateu no bloco com a ponta do marcador. — Viagem de Carro: *Um Amor Inevitável. Elizabethtown. Thelma & Louise*.

— Passa à frente esse último. Eu quero conhecer alguém, não despenhar-me de carro com ele por um precipício abaixo.

— Não são todos relacionamentos? — Tanto Maria como eu revirámos os olhos. — OK, está bem, mas nada de mais vetos.

— Nem sequer é uma comédia romântica!

— Caluda, vá! Lembra-te da tua gratidão. — Aquilo pôs-me no lugar. Jeremy virou a página. — Depois há o Romance de Férias. A fazer pandã com as comédias românticas de Natal. Os mais famosos: *O Amor Não Tira Férias. O Amor Acontece. O Diário de Bridget Jones. Um Príncipe de Natal*. Não me façam esse olhar. Não foi a mim que a Netflix bradou que o visse duas vezes por dia durante duas semanas. — Evitou olhar-nos nos olhos enquanto revelava a página seguinte.

Continha as palavras «Grande Final??» em letras garrafais.

— Havemos de voltar a este. — Virou para uma lista que parecia um pouco mais «vinho bebido em comboio».

— «Perseguição»?

— *Enquanto Dormias*. Um clássico — disse Jeremy.

— Não faço tenções de ser presa, Jem. — Avancei para o seguinte. — «Aquele em Que Eles Se Conhecem numa Livraria?» — li em voz alta.

Jeremy começou a contar pelos dedos.

— *Você Tem Uma Mensagem. Um Amor Inevitável...*

— Já puseste esse.

— Diagrama de Venn — bradou Maria. Jeremy virou para uma série muito complicada de círculos sobrepostos com títulos como «Natal» e «Hugh Grant», preenchidos com várias comédias românticas anteriores à Idade de Ouro até ao presente. Era uma obra de génio embriagado. — Há alguma sobreposição.

— Estou a ver — disse eu, abrindo-me num sorriso.

A porta da sala de estar abriu-se de rompante.

— Queridos!

Jeremy estendeu a mão para a garrafa de vinho.

— Jane! — disse eu em voz bem alta, ciente de como a sala deveria parecer. — Que tal foi o teu encontro?

— Dir-vos-ei de manhã.

Um par de braços apertou-a pela cintura esguia e um homem de cabelo escuro espreitou-lhe por sobre o ombro para dentro da sala. Era deslumbrante, como um jovem Antonio Banderas. Ficámos os três de boca aberta. Por vezes eu achava que o espectro de relações de Jane era como um lindo prisma, ainda que forçosamente à prova de máquina de lavar louça.

— Olá, sou o Trev — disse ele com um carregado sotaque do East End. — A Jane contou-me carradas de coisas a teu respeito. — Seria de pensar que ele estivesse a falar de mim, a companheira de casa de Jane, mas ele estava a olhar para Jeremy ao falar.

— Não tanto como nós ouvimos falar de ti — murmurou Jeremy para dentro do copo.

— Não queremos incomodar. Só queríamos saber da curgete que puseste no frigorífico. — Trev deu-lhe uma cotovelada. — E da beringela. Estão a

planejar usá-las...?

Eu levantei um bocado de piza.

— Decidimos manter-nos fora da cozinha. Podem comê-las à vontade.

Jeremy, ocupado a enrolar uma fatia, parou para abanar a cabeça vigorosamente para mim.

— Patinha — disse Jane. — Não vamos comê-las.

Levei uns segundos a chegar lá.

— Mas são biológicas — disse, como se isso importasse.

Trev mordiscou a orelha de Jane.

— Volto já.

Os olhos de Jane deslizaram para o bloco.

— O que estão os queridos a tramar?

Maria avançou resolutamente.

— Estávamos só a tentar pensar em maneiras de a Evie poder conhecer alguém numa livraria — disse.

— Estás numa de sair de novo? — perguntou-me Jane. — Que emocionante! Embora dificilmente as pessoas se encontrem ainda cara a cara.

Por falar nisso, Trev regressara com os meus vegetais e — inexplicavelmente — um espiralizador.

— Que tal um grupo literário? — sugeriu, roendo a ponta de uma cenoura.

Jane arrancou-lha da boca.

— Não as estragues. Oh, já sei! O meu amigo delira com aquele da livraria Dusty Bookshelf em Peckham. Diz que está completamente na berra. Tem um nome engraçado. Como é que é mesmo...?

Troquei olhares com os meus amigos, mas qual seria o pior cenário? Era um grupo literário. Jeremy tomou nota.

— Como é que vocês os dois se conheceram? — perguntou-lhe Maria. Jeremy trocou a piza por mais vinho.

— Na *app* de encontros *Mustache* — disse Jane prontamente.

Todos olhámos ao mesmo tempo para o lábio superior nu de Trev.

— *Must Dash*³ — articulou Jane. — É uma *app* para moradores da periferia que querem uma rapidi...

— Que encantador — interveio Maria.

Fomos brindados com uma demonstração ao vivo do nome da *app* enquanto Trev perseguia Jane pelo corredor empunhando a curgete.

Fechei a porta de modo que não pudéssemos ouvir nada.

— OK — disse, voltando à lista. — Portanto, já tenho a minha lista de *meet-cutes* para me inspirar. Agora mostrem-me o vosso plano para o grande final.

Acho que nunca tinha visto duas pessoas mais satisfeitas consigo próprias.

Jeremy susteve o seu telemóvel no ar, mostrando que andara atarefado no JEMS.

Sarah: isto tem que ver com a despedida? Digam-me que não se estão a distrair!

— Espera, não é isto. — Deslizou mais para baixo.

Sarah: percebi. Certo, contem comigo para o do casamento

— O que quer ela dizer?

— Que o casamento da Sarah vai finalmente ser útil para alguma coisa.

— Jeremy — admoestou automaticamente Maria. Sempre a nossa consciência, mesmo já tocada.

Jeremy apontou para o meio do diagrama de Venn, onde a palavra «Casamento!» mal se lia sob os círculos sobrepostos.

— Aproximadamente noventa e cinco por cento das comédias românticas passam-se num casamento, talvez mais, nunca fiz realmente as contas. *Resistir-lhe É Impossível. Vestida para Casar. O Casamento do Meu Melhor Amigo*. Ter o casamento como teu desfecho é literalmente a coisa mais comédia romântica que poderias ter. Este — disse Jeremy, afastando as mãos — é o teu grande final.

Maria abria um sorriso encorajador.

— A Sarah vai arranjar-te o par perfeito. — Fez uma pausa ante a minha expressão. — Ela vai arranjar-te *um* par.

— É o dia da Sarah, não posso torná-lo meu!

Jeremy bufou.

— Evie, todos os dias são dias da Sarah. Com este ela apenas o legitimou. O casamento é mesmo antes da tua data-limite, Evie. É a oportunidade perfeita. Se não tiveres sido bem-sucedida por essa altura, quem melhor para assegurar que o és do que uma obsessiva, agressivamente organizada maníaca do controlo? A nossa questionável amizade vai finalmente compensar. Evie, minha querida, fá-lo por todos nós.

Olhei para Maria, que encolheu os ombros.

— A Sarah parece feliz com a ideia...

— Pronto, está bem. Ganharam.

Jeremy veio sentar-se de volta no sofá entre nós e todos olhámos para a palavra «Casamento!» no centro do bloco.

— Vou mesmo fazê-lo — disse eu, ligeiramente atordoada. — Vou viver como se estivesse numa comédia romântica durante três meses.

Para ser verdadeiramente honesta, eu sabia que o que eu temia era precisamente aquilo que os meus amigos acreditavam que este desafio poderia trazer de bom para mim. *Estou a arriscar-me a apaixonar-me outra vez?* À minha memória assomaram as últimas palavras que Ricky me dirigira: «Acho que és fantástica, Evie», dissera ele. «O problema sou eu. Quero mais.» Fora o derradeiro rompimento «não és tu, sou eu», só que eu ainda tinha a sensação de que fracassara em ser o que ele queria. Já não estava de luto, não propriamente; mas algumas coisas perduram.

— À Evie — declarou Jeremy, enquanto fazíamos tilintar os copos —, e à sua vida amorosa.

— Carreira — corrigi. — E aos meus brilhantes amigos provando, com alguma manipulação, que a vida real pode ser como nos filmes.

Jeremy susteve dois livros da mesa de café no ar sobre o meu colo simulando uma claquete de realizador, batendo-os sonoramente um contra o

outro e gritando:

— *Ação.*

³ Trocadilho de *Mustache* (bigode) com *Must Dash* (A correr). (N. da T.)

A Bebida Entornada, Cenas 1 e 2

De: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Para: JEMS

Assunto: CORREU MESMO MESMÍSSIMO MAL

26 Nov, 10h30

Viva, malta, estou então prestes a enviar a Sabem Quem os detalhes da minha primeira tentativa de *meet-cute* — A Bebida Entornada.

Anexei o que escrevi. Acham que se lê bem? Vou ser honesta: acobardei-me um bocadinho. Estava sentada numa das mesas comuns. Tinha um copo de água e estava ao lado de um tipo que julgo que tinha a minha idade (um *hipster*, mas quem está a julgar?)

Para vossa informação, entornar uma bebida sobre um perfeito estranho é MUITO mais difícil do que parece. Precisei de três tentativas para derramar o conteúdo todo, de tão nervosa (TÊM NOÇÃO DE QUÃO INSANA ISTO ME FEZ PARECER?) Quando tive finalmente coragem de a entornar, caiu em cheio sobre o seu cubo de Rubik, dos originais, e alguns dos quadrados coloridos descascaram. HUMILHANTE.

Beijos,

A pessoa ao lado da qual não se querem sentar no café

De: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Para: TheEzraChester@ezrachester.com

Assunto: ALTAMENTE CONFIDENCIAL: A Bebida Entornada

26 Nov, 11h00

Caro Ezra,

Na sequência do nosso acordo, tenho o prazer de anexar o meu primeiro relatório de *meet-cute*. Agradeço que, por favor, confirme a receção e me informe se já começou a escrever.

Melhores cumprimentos,
Evie

Evie Summers

Assistente de William Jonathan Montgomery III

Agência de Guionistas William Jonathan Montgomery & Filhos

De: TheEzraChester@ezrachester.com.

Para: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Assunto: Re: ALTAMENTE CONFIDENCIAL: A Bebida Entornada (Que Raio?)

27 Nov, 02h34

Cara Ruiva,

Que raio de coisa mais chata. Temos mesmo de passar três meses consigo a entornar bebidas sobre estranhos e a pedir-lhes desculpa para provar que eu estou certo?

Cordiais saudações,
E

De: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Para: TheEzraChester@ezrachester.com

Assunto: Re: Re: ALTAMENTE CONFIDENCIAL: A Bebida Entornada (não viu *Notting Hill*?)

27 Nov, 07h46

Caro Ezra,

Lamento saber que o achou chato. Lembre-se, por favor, de que ainda há tempo de sobra para eu conhecer alguém e provar que está errado. Enviarei o meu próximo relatório em breve. Aguardo com expectativa a leitura das suas primeiras páginas.

EVIE

De: TheEzraChester@ezracheater.com

Para: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Assunto: Re: ALTAMENTE CONFIDENCIAL: A Bebida Entornada (porque havia eu de ter visto isso?)

28 Nov, 01h06

Ruiva, não estou a brincar. Não escreverei nada se é esta porcaria que me vai enviar. Lembre-se, por favor, de que até os dramas têm de manter a audiência acordada. Por isso, presumo que as comédias românticas não tenham os mesmos critérios.

De: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Para: TheEzraChester@ezracheater.com

Assunto: ALTAMENTE CONFIDENCIAL: A Bebida Entornada Cena 2 (a encomenda que lhe enviei chegou?)

2 Dez, 14h56

Caro Ezra,

Dado o desapontamento que demonstrou ante a minha primeira tentativa, imprimi nova direção a este *meet-cute*. Por favor, veja o anexo. Não é comprido, por isso pode pelo menos tentar permanecer acordado.

Fazendo figas,

Evie

De: TheEzraChester@ezrachesyer.com

Para: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Assunto: Re: ALTAMENTE CONFIDENCIAL: A Bebida Entornada Cena 2
(sim, mas já ninguém tem um leitor DVD, pelo que a deitei para o lixo)

2 Dez, 15h06

Assim está melhor, Ruiva. Quando a miúda vomitou, sinceramente pensei que só podia ser peta, pelo que liguei para o café. Tenho a certeza de que a puseram numa lista de vigilância.

Mudei de ideias. Mal posso esperar pelo seu próximo «*meet-cute*».

Humildemente seu,
E

De: Monty@WJM.co.uk

Para: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Assunto: Ponto da Situação

3 Dez, 11h45

Cara Evelyn,

Pode atualizar-me relativamente ao guião? Estou a manter-me na retaguarda para dar ao Ezra espaço de criação. Deveria ver isto como uma oportunidade. Pode ter um grande futuro à sua frente.

É claro que, para isso acontecer, a agência ainda tem de estar aqui.

Cumprimentos,
Monty

William Jonathan Montgomery III

Agência de Guionistas William Jonathan Montgomery & Filhos

De: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Para: TheEzraChester@ezrachester.com

Assunto: ALTAMENTE CONFIDENCIAL: A Bebida Entornada Cena 2
(www.netflix.co.uk/nottinghill)

3 Dez, 13h15

Estou certa de que as páginas que está prestes a enviar ao Monty farão que tudo isto valha a pena.

P. S.: Anexei uma lista exaustiva das melhores comédias românticas para o Ezra ver e fazer frente à sua alarmante falta de conhecimentos culturais. Considere isto educativo. Confio que as achará inspiradoras.

O Outro Sapato

EXT: CAFÉ GIL'S, EAST DULWICH — DOMINGO, 9 DE DEZEMBRO,
10H00

Chove a cântaros. EVIE passa a correr pela porta do Gil's, protegendo-se com um guarda-chuva vermelho, mas ainda assim encharcada. O café ao lado está fechado para remodelação. Ela dá meia-volta, procurando outra opção. A chuva torrencial impede-a praticamente de ver, de modo que volta disparada para o Gil's. Apesar do tempo, hesita à porta.

Passara apenas uma semana desde que eu fizera uma criança vomitar ali. Poderia mesmo voltar? Um pingo de chuva gélido deslizou-me pelo pescoço, e tive a minha resposta.

Não que pudesse ir para casa, recordei a mim própria ao abrir a porta. Nas negociações territoriais do apartamento, eu obtivera sábados livres de sexo e a Jane exigira os domingos para poder ter gente a dormir lá. Não que alguém dormisse grande coisa. Precisava de um sítio onde pudesse escrever em paz o «relatório» do meu último *meet-cute* para NOB. Ele não enviara a Monty quaisquer páginas mesmo depois de aprovar a minha segunda Bebida Entornada, mas eu ainda não estava em pânico. Tinham-se passado apenas algumas semanas, e eu não contara que ele superasse o bloqueio criativo imediatamente. NOB precisava de mais inspiração para o fazer passar à ação, e era isso que eu lhe estava a dar. Mesmo que, até à data, isso tivesse significado humilhar-me por toda a cidade de Londres.

Dirigi-me ao balcão, dizendo a mim própria que ninguém me reconheceria. O meu pai sempre dissera que todos estavam demasiado ocupados a preocuparem-se consigo mesmos para querer saber dos outros. Mantive isto em mente ao perscrutar o espaço para me certificar de que as

Mamãs Apetitosas se tinham atido à sua promessa de nunca mais voltar. Não estavam lá. *Graças a Deus*.

Xan estava a servir. Pedi um café e uma torrada, com o coração ligeiramente aos saltos.

— Certo, amiga, saem já. — Xan sorriu. Eu tinha praticamente a certeza de que ele era o tipo de pessoa que dizia «amiga» indiscriminadamente. Se o indivíduo que tivera de limpar a porcaria não se lembrava de mim, ninguém se lembraria.

Enquanto ele tirava o café, sondei o espaço à procura de uma mesa livre. Estavam duas caras familiares lá atrás. Ben e Anette estavam sentados no mesmo lugar da semana anterior, ambos de cabeça baixa, lendo. Exalei lentamente.

O som de vidro contra o balcão fez-me virar de volta.

Era um sumo de laranja.

Olhei para ele por um longo momento.

Xan estava postado atrás do copo com um sorriso arreganhado no rosto.

— Achei que talvez gostasse de experimentar o nosso especial. — Apontou uma lousa com uma mensagem escrita à mão.

Surpresa «Não Adequada a Crianças»!

(*spoiler*: contém ovo)

A sua expressão vacilou ao aperceber-se da minha e rapidamente substituiu o sumo por um café.

— Deu-nos um descanso dos galões de abóbora e especiarias — disse, ligeiramente apologético.

Peguei no café com um apagadíssimo obrigada. Cometera um erro. Nunca deveria ter voltado aqui. Ouvi um pigarrear atrás de mim.

Anette e Ben estavam ambos ali especados. Cada um segurava o seu copo de sumo. Anette deu uma cotovelada ao pai para suster o dele mais alto. Arreganhou-se num sorriso, indiferente ao desconforto dele.

— Viemos ajudá-la a achar isto engraçado — disse.

Anette insistiu para que eu me juntasse a eles outra vez, não me deixando escolha senão a de pousar o portátil na mesa ao lado deles. Tive a distinta impressão de que o convite não fora consensual quando Ben de imediato abriu o seu jornal. Usava uma camisa sob a camisola de malha, o que parecia demasiado formal para o fim de semana. Concentrei-me em escrever o meu último relatório, determinada a mostrar-lhe que não estava ali para invadir o pequeno-almoço deles.

Anette não tinha as mesmas preocupações.

— Já teve outro *meet-cute*?

Tentei não olhar para o pai dela. Contara-lhes o absoluto mínimo dos mínimos na semana passada depois de Ben me ter intimidado quanto ao que eu estava a fazer.

Antes que eu pudesse responder, Ben disse:

— Anette, deixa a Evie em paz. — Fez um gesto com as mãos e eu vi a filha atentar nele e fazer cara amuada. As suas mãozinhas mexeram-se em resposta, e ele ergueu o canto da boca. Anette enfiou uma madeixa de cabelo escuro atrás da orelha e do aparelho de audição.

— Está bem, eu jogo — replicou Ben em voz alta. — Mas desta vez sou eu que escolho.

Uniram as cabeças e falaram baixinho, ocasionalmente pontuando a conversa de mais língua gestual.

Voltei ao meu relatório. Era um recapitular do *meet-cute* da Donzela-em-Apuros (não a mais progressista alegoria de comédia romântica mas resultara em *Resistir-lhe É Impossível*). Tal como as minhas duas primeiras tentativas, não correria propriamente segundo o plano. Já podia imaginar a reação de NOB. Até à data, os *meet-cutes* tinham servido apenas para o divertir. *É bom que toda esta humilhação valha a pena.*

Não era apenas o ato de levar a cabo os *meet-cutes* que estava a provar ser complicado; era escrever acerca deles. Não tivera em conta que enviar a NOB os relatórios seria mais ou menos como escrever de novo. Contudo, quando NOB dissera ficar enfastiado com a minha primeira tentativa, uma velha ferida reabriria-se. Era hábito meu perder a noção das horas a escrever,

dias inteiros passando num ápice. O meu pai era sempre o meu primeiro leitor, o seu parecer comedido ajudando-me a polir as arestas. Então, o meu pai morrera, e aquele agente rejeitara o primeiro guião que eu escrevera sem a ajuda dele. Maria costumava dizer que o ímpeto de escrever acabaria por voltar mais cedo ou mais tarde. Mas de cada vez que encarava o ecrã em branco, tudo o que voltava eram as palavras do agente. «Simplesmente não tens aquilo que é preciso.» Agora não tinha escolha senão escrever sem o meu primeiro leitor ali para me guiar. E a cada palavra que eu punha na página parecia-me estar a dar passos sobre gelo.

O meu telemóvel zumbiu, puxando-me de volta para o café. Virei-o para cima, contando que fosse do JEMS, mas então vi a mensagem, e a alcunha.

NÚMERO DESCONHECIDO: Então, Ruiva, fez mais crianças vomitar? Devo dizer que achei aquilo incrivelmente motivador. Muito mais do que a lista que enviou de todas as comédias românticas que eu jamais irei ver. Aguardando ansiosamente a próxima atualização

Ele era simplesmente tão enfurecedor por escrito como em pessoa.

Ruiva: quem é, desculpe?

NOB: Mas quantos guionistas devastadoramente atraentes é que conhece, Ruiva?

Ruiva: nenhum

NOB: Muito engraçada, Stevie

Ruiva: oh, é você. Não deveria estar a escrever?

NOB: Tão exigente. Primeiro quero mais relatórios destes. Gosto de a ver impingir-se a outras pessoas que não eu para variar. Além disso, a sua escrita não é má de todo, Ruiva

Ruiva: nem a sua técnica de distração. Tínhamos um acordo

NOB: Exatamente, então o que se segue?

Levantei os olhos quando Anette soltou uma risadinha. Empunhava o que parecia ser uma máquina fotográfica profissional. Teria partido do princípio de que era do pai, só que a fita tinha as cores do arco-íris, e algo no modo como ela a segurava me dizia que era dela.

Tirou uma fotografia a Ben. Ele sorriu-lhe, solícito mas constrangido. Baixei os olhos de volta para o meu telemóvel, perguntando-me porque estariam eles ali sozinhos outra vez. Talvez o pequeno-almoço de domingo fosse o tempo oficial de pai/filha. Pareciam tão chegados. Eram uns estranhos, mas algo neles me parecia familiar.

Flash. Pestanejei e dei com Anette a baixar a máquina fotográfica, de sorriso aberto para mim.

— Também quer jogar?

Ben abriu a boca como que para protestar, mas eu cheguei primeiro.

— Qual é o jogo? — perguntei, não lá muito certa do que me passara pela cabeça. Era penosamente claro que o pai dela não queria que eu me juntasse a eles. Por alguma razão, isso fez-me querer ainda mais.

Anette abriu-se num sorriso.

— Chama-se Má Loucura de Lápis — disse. Depois repetiu o que dissera sem qualquer som.

— Má Leitura de Lábios — esclareceu Ben baixinho.

— Pronto, nós mostramos-lhe. Tem de escolher alguém, como aqueles dois ali. — Anette apontou para um casal de idade a algumas mesas de distância. Ben empurrou-lhe suavemente o dedo estendido para baixo. — Veja. — Focou os olhos neles. Podia ver o casal a falar, mas através do café apinhado era impossível ouvi-los.

— Oh, vou às lojas comprar queijo — disse Anette, fazendo voz mais grave. Fez-se uma pausa. — *Papá* — incitou ela.

— Eu tenho de ser sempre a mulher?

— Sim — disse ela. — E faz como deve ser.

Ele olhou de relance para mim, antes de canalizar a atenção para o casal.

— Porque estás obcecado com queijo? — disse, em voz mais aguda do que o normal. Escondi o sorriso sob a mão.

— O queijo é bom — disse Anette na mesma voz grave. — Tal como as abelhas — acrescentou, quando o velhote continuou a falar.

Ben e Anette acompanhavam na perfeição o diálogo do casal, acelerando as respostas ou arrastando-as para coincidir com os movimentos das suas

bocas. Quase se podia acreditar que eles estavam a ler nos lábios, não fosse pelo facto de só dizerem disparates.

— Nunca tinhas falado em abelhas antes — disse Ben no seu falsete.

O homem fez um gesto irado na direção de um funcionário.

— Traga-me algumas abelhas! — gritou Anette, fazendo Ben encolher-se quando o casal olhou e todos baixámos a cabeça.

— Foi brilhante — disse eu em surdina.

— Foi o papá que inventou. — E com isso Ben sacudi o jornal, indicando que o jogo acabara, com as pontas das orelhas cor-de-rosa.

A filha aproveitou a oportunidade para se chegar mais a mim, com um brilho nos olhos.

— Então, *fizeste* outro *meet-cute* para o NOB?

Será que eu usara mesmo a alcunha «NOB» na semana passada? Estava tão alvoroçada, que mal me conseguia recordar ao certo do que lhes contara. Não era de admirar que Ben não me quisesse ali.

— O nome dele, na verdade, é Ezra — apressei-me a dizer, olhando de lado para Ben. Ele virou a página, alheado. *Muito bem.* — A tua mãe vai achar que eu sou uma má influência — disse eu a Anette.

A cabeça de Ben levantou-se num ápice. *O que foi que eu disse?*

Mas Anette estava a sorrir para mim.

— Eu acho que ela te teria adorado pra caramba — disse.

Levei um segundo a registar o pretérito, e então, com um choque, percebi porque é que Ben e Anette estavam ali sozinhos.

— Anette — ralhou Ben. — Lembras-te do que falámos? Só podes dizer palavrões em francês. Quero que as pessoas pensem que somos cultos.

— *Merde* — disse Anette.

— Melhor.

— Desculpe — disse eu, suavemente, a Ben. Oxalá o meu tom lhe fizesse saber que, à minha maneira, percebia. Ele levantou os olhos para os meus e, pela primeira vez, sorriu-me. Plantou um beijo ao de leve na cabeça de Anette.

Ao observá-los, fui acometida de um impulso.

— Eu sei que não é exatamente uma bebida de pequeno-almoço, mas o que diriam a um chocolate quente? — Eu e o meu pai estávamos sempre a bebê-los.

— Um sim grande e gordo! — disse Anette, ao mesmo tempo que Ben replicava:

— Estamos bem, obrigado.

Anette espetou o queixo para o pai e falou-lhe com os seus dedos rápidos.

— Sim, seria muito amável, obrigado — emendou ele.

Senti-o como um progresso. Enviei o *meet-cute* a NOB por email e fui fazer o pedido.

A mulher à minha frente na fila tinha um longo rabo de cavalo louro-mel com o qual não parava de me varrer a cara. Levei um segundo a constatar que era umas das mães que ali estavam na semana passada. Avistou-me e quedei-me petrificada por um momento, sem saber o que dizer.

— Samantha — disse ela, ajustando a alça do tapete de ioga sobre o ombro.

— Evie — repliquei, a medo.

— Oh, não se preocupe com aquela insignificância da semana passada. Não foi a primeira vez que a Justice fez com que um café ficasse vazio. — O riso dela era agudo e aflautado. Lancei-lhe um sorriso débil.

Ela pediu a Xan um *latte* magro.

— Não pude deixar de reparar que está sentada com o Sr. Alto, Moreno e Taciturno...

Forcei-me a não olhar para trás, para a minha mesa.

— Desculpe?

— Não ligue... É só uma piadinha entre mim e algumas das outras mães. Os nossos filhos frequentam todos a mesma escola. — Mordeu o lábio. — Posso dar-lhe um conselho?

— Claro. — Assim como assim, duvidava que pudesse detê-la. Pedi a Xan os chocolates quentes, solicitando uma dose extra de *marshmallows*

num.

— Ele não tem muito jeito para encontros. — O tom dela era quase apologético. — Fui beber um copo com ele uma vez após o meu divórcio, e foi *superconstrangedor*. Ele mal disse duas palavras a noite inteira, a menos que o assunto incidisse na filhinha. Não que eu esteja a julgar. Talvez simplesmente não estivesse pronto ainda, percebe? Especialmente dada a forma como a mulher morreu. Ou talvez ele seja mesmo assim. Alguns homens são. — Levantou o *latte* magro do balcão. — Apenas achei que lhe pouparia algum tempo.

Antes que eu lhe pudesse dizer que ela ficara com a impressão errada, ela já se afastara, com o rabo de cavalo a baloiçar. Peguei no tabuleiro de chocolates quentes. *Como terá a mulher dele morrido?*, interrogou-se uma pequena parte de mim, antes de afastar o pensamento. *Definitivamente não tenho nada com isso*.

— Então — disse Anette, depois de eu ter distribuído os chocolates quentes. Ben olhou para o seu com um ligeiro franzir de sobrolho antes de continuar a ler. Eu dera-lhe a ele o que tinha mais *marshmallows*. Ele parecia precisar. — *Agora podes contar-nos do teu último meet-cute?*

Descrevê-lo a NOB era uma coisa — havia algo no facto de o pôr por escrito que pelo menos punha alguma distância entre mim e a humilhação. A ideia de o contar em voz alta era diferente. E, no entanto, a expressão de Anette estava aberta de par em par. Nem um vestígio de julgamento se via.

Olhei para Ben de relance — estava mais uma vez absorvido na leitura, a caneca agora puxada para perto. Como ele não protestou, contei a Anette da Donzela em Apuros, descrevendo como eu andara durante meia hora de um lado para o outro na rua com saltos altos que me apertavam os pés antes de avistar um alvo — camisa de xadrez, gorro de lã, barba. Não propriamente um Matthew McConaughey, mas de longe mais o meu tipo. Eu esperara até ele estar a uns passos de distância, depois pisara uma grelha de escoamento e entalara o salto numa ranhura.

— Fingiste que estavas presa? — perguntou Anette, entusiasmada.

— Dei um espetáculo e tanto. Mas ele nem sequer parou. Foi então que

percebi...

— O quê? — perguntou ela, fascinada.

— Estava mesmo presa. — O meu salto ficara completamente entalado entre as grades. — E enquanto eu estivera ocupada a tentar chamar a atenção de um tipo, tinham chegado trabalhadores para arranjar a estrada. Estavam todos a apostar quantas barreiras de segurança poderiam pôr à minha volta antes que eu desse por isso. Conseguiram encurralar-me por completo.

Anette desatou a rir.

— Tive de deixar o sapato lá — contei-lhe, aliviada por ver que conseguia rir do sucedido agora. — Eles emprestaram-me uma bota de trabalho de reserva para que eu pudesse ir para casa.

— Isso é tudo verdade? — perguntou Ben de repente, com a voz velada de incredulidade.

Há quanto tempo está ele à escuta? Levantei o saco de plástico contendo a bota para lhe mostrar. — Aqui tem a prova. Vou devolvê-la a caminho de casa.

Ben pestanejou, um músculo contraindo-se-lhe na face.

— Tudo valerá a pena se os *meet-cutes* inspirarem o Ezra — disse eu, com um pouco de azedume.

— Desde que valha a pena — replicou Ben.

Cruzei os braços.

— Ouça, se dependesse de mim, conheceria alguém por termos sido as duas únicas pessoas a reservar bilhete para uma exibição de *Parque de Tijoleira* no Cinema Príncipe Carlos, mas isso jamais irá acontecer.

— O que é o *Parque de Tijoleira*? — perguntou Anette. O pai dela estava a estudar-me, as sobrancelhas escuras, ligeiramente erguidas.

Foquei-me nela.

— É apenas o melhor filme de que ninguém nunca ouviu falar — sorri. — É dos anos 50. Dorothy Taylor era um génio a escrever guiões de cinema, mas apenas escreveu um único filme. — Desde o momento que o meu pai me apresentara a *Parque de Tijoleira*, foi amor à primeira vista

para mim. Só queria ser guionista para poder escrever um filme que levasse às pessoas pelo menos metade da felicidade que aquele nos trouxera a nós. Quando o meu pai me ofereceu o meu primeiro portátil, disse-me: «Escrevas o que escreveres, Evie», “Faz com que signifique alguma coisa.”» Era a nossa frase preferida do filme. Por vezes era difícil acreditar que chegara genuinamente a achar que poderia produzir algo digno de valor.

— O que acontece quando conhecer de facto alguém? — perguntou Ben inesperadamente.

— O NOB tem de escrever o guião — respondi, constatando quando Anette soltou uma risadinha que mais uma vez usara a sua alcunha. — E eu sou promovida a agente.

— E ele? — insistiu ele.

— O NO... O Ezra? — gaguejei.

— O homem que conhecer por meio de um desses *meet-cutes*. No que a ele respeita, é tudo real, não é?

Anette olhou de um para outro e vice-versa quando fiz uma pausa para escolher as minhas palavras seguintes. Eu tinha dito aos meus amigos que não fazia isto por amor. A verdade era que não me permitira pensar tanto para a frente. Julgara ter encontrado o meu final feliz com Ricky, e via-se como tudo tinha acabado. Não podia admitir isto a Ben, pelo que encolhi os ombros.

— Preciso apenas de encontrar alguém disposto a dizer que se apaixonou por mim — disse firmemente. — Não estou à procura do «Tal», apenas de alguém que o NOB ache credível. Não precisa de ser arrasadoramente real para nenhum dos dois.

Pausa.

— Certo — disse Ben. Voltou à secção de viagens, como se eu estivesse dispensada.

Anette desenhou o que parecia um *K* sob o nariz do pai, usando dois dedos e o polegar. Passado um bocado, ele retribuiu-o. Ela recostou-se parecendo satisfeita, baloiçando as pernas.

— Acho que és brilhante — disse-me ela.

Bati com a minha caneca na sua. Afinal, quem precisava da aprovação de Ben?

A mulher na fila do balcão não poderia estar mais certa a seu respeito.

NOB: O seu diálogo está a melhorar... Depois de a terem encurralado, recuso-me a acreditar que aquele trabalhador realmente tenha dito «Parece que apanhámos uma romântica irremediável, rapazes. Desde que a Netflix descobriu a sua demografia, elas raramente são vistas à solta na natureza». Só você podia ter-se saído com essa. Todavia, sabe mesmo que pode desistir em qualquer altura, não sabe? Começo a achar que sou o único a levar o nosso acordo a sério. Dois meses para cair de quatro por alguém, e aí está, já sem um sapato. Tique-taque, Ruiva.

Aquele em Que Eles Se Conhecem numa Livraria

EXT: THE DUSTY BOOKSHELF — QUARTA-FEIRA, 12 DE DEZEMBRO,
19H30

EVIE está postada diante da livraria. As aduelas das janelas estão pintadas de azul-noturno. Uma tabuleta de madeira em azul com letras prateadas pende sobre a porta, identificando-a: THE DUSTY BOOKSHELF. Há luzes de Natal na montra, piscando languidamente, iluminando os livros. O nariz de EVIE está cor-de-rosa brilhante. O seu cabelo entrançado sobressai de baixo do espesso gorro de lã verde quando ela espreita para dentro da loja.

É uma verdade universalmente reconhecida que no momento em que as palavras «O que de pior pode acontecer?» são proferidas, uma dúzia de possibilidades vem à existência. Contudo, enquanto eu estava à porta da Dusty Bookshelf, numa rua secundária de Peckham, foram essas as palavras que repeti para mim mesma.

Obtivera a hora e pormenores de Jane, que não sabia qual era o livro deste mês, mas prometeu que o grupo seria um *absoluto e escaldante viveiro de romance!* Quando eu lhe perguntara que tipo de livros liam, ela respondera «fantasia, sobretudo. Sabes, lobisomens e que tais». Eu esperava que isso significasse horror e ficção científica também, porque pelo menos estava familiarizada com esses temas enquanto géneros cinematográficos.

Enquanto estava diante da janela da loja calidamente iluminada, senti um aperto no estômago como ao mergulhar numa descida de montanha-russa. Copos de assistentes à parte, já se passara algum tempo desde que eu tivera qualquer programa social sem Ricky ao meu lado. «Como fui eu acabar com uma introvertida?», sorria ele, prometendo manter-se ao meu lado a noite inteira.

Revesti-me de coragem. Tinha de fazer isto. Já se tinham passado mais de três semanas, e a única coisa que lograra arrancar de NOB tinham sido pedidos de mais *meet-cutes*. A minha única consolação era que ele estava a insistir que eu estava a ajudá-lo a escrever. Eu só queria acreditar nele.

Empurrei a porta.

Lá dentro, uma mulher estava sentada atrás de uma caixa registadora numa secretária que gemia sob um monte de livros, a ler. O espaço era lindo. Estantes de madeira repletas de livros antigos e novos, luzes coloridas envolvendo as vigas, e o mobiliário de estilos desirmanados, com candeeiros em cada possível canto e recanto.

— Olá — disse eu, hesitante.

A mulher levou um segundo a acabar a página antes de levantar os olhos para mim.

— Estamos fechados — disse.

— Estou aqui para o grupo literário. — A mulher recostou-se na cadeira e tirou os óculos para me avaliar.

— Bem — disse após uma pausa —, há de tudo no mundo. Siga-me.

Alvorçada, fui atrás dela, tentando não perder de vista o seu coque oscilante enquanto ziguezagueávamos entre estantes até devermos estar mesmo nas traseiras da loja. As estantes deram lugar a um pequeno espaço forrado de livros cheio de gente, uma variedade de cadeiras, e uma velha mesa manchada com vinho em cima. *Oh, graças a Deus.*

— Uma dos vossos — anunciou a mulher, e ali me deixou.

Junto da mesa estava uma mulher negra alta com botas altas vermelhas, talvez uns anos mais velha do que eu.

— Branco ou tinto? — perguntou. Soava americana.

Os nervos tinham-me prendido a língua.

— Eu sou a Steph — acrescentou.

— Evie.

Ela pôs-me um copo de branco nas mãos.

— Beba isto, ajuda sempre da primeira vez.

— Gosto de pensar nele como lubrificante social! — Um homem avançou de trás dela. Steph brindou-o com um olhar afetuosos e um copo de tinto. Ele era franzino e com ar apurados, 60 e tal anos, com um colete de malha sobre uma camisa de manga curta. — Gabe — disse. — O que a traz ao nosso pequeno canto do mundo?

— Não sei como, mas o nosso anúncio continua a ser retirado da montra — acrescentou Steph. — Embora alguém continue a pô-lo sempre de volta. — Gabe abriu-se num sorriso arreganhado, olhando para Steph.

— As pessoas podem ser estranhamente snobes quanto ao género «ficção» — disse eu.

— Deveria tentar escrevê-la. Sempre que explico o que faço como modo de vida, as pessoas agem como se me tivesse crescido uma segunda cabeça — disse Steph.

— Bem apropriado — disse eu, e fui recompensada com o sorriso de lábios vermelhos de Steph. Queria perguntar-lhe em que estava ela a trabalhar, mas uma mulher com espesso cabelo cor de milho bateu com as unhas cor-de-rosa num copo e indicou-nos que tomássemos os nossos lugares.

— Bem-vindos, meus companheiros exploradores. — O seu olhar iluminou-se sobre mim. — Oh, *adoro* ver um novo membro.

Uns risinhos sufocados enquanto as pessoas se viravam para olhar para mim. Fiz-me instantaneamente cor de beterraba.

Seguiu-se uma pausa na qual constatei ligeiramente tarde demais que aquela era a minha deixa para me apresentar.

— Evie! — gritei num despropositado lance para compensar o atraso.

— Bem-vinda, *Evie*! Eu sou a Meagan. Mal podemos esperar para ouvir o que achou do livro escolhido para dezembro. — Este era sem dúvida o momento em que qualquer pessoa normal tomaria a palavra e admitiria não ter tido tempo para apurar qual era o livro, quanto mais lê-lo. Contudo, os meus amigos tinham insistido para que eu seguisse uma regra ao fazer os *meet-cutes*: nada de escolher a última fila no meu próprio filme. Significado: tinha de participar na discussão do livro, mesmo não tendo lido

o livro.

Quando olhei à minha volta para os rostos no círculo, senti um baque no coração. Da dúzia de pessoas presentes, havia um homem. Gabe. Eu fora ali partindo do princípio de que a maioria dos fãs de ficção científica e fantasia eram homens, mas estava claramente errada.

Uma garganta aclarou-se atrás de nós, e Meagan abriu-se num sorriso.

— Venha, venha. — Virámo-nos para ver o retardatário. Era um homem mais ou menos da minha idade.

Os olhares curiosos que todos lhe lançaram disseram-me que ele era um estreante também. Ele desapertou o cachecol e tirou o gorro revelando um espesso cabelo louro-cinza. *Oh, olá.*

O Recém-Chegado Potencial Interesse Amoroso tinha a espécie de barba por fazer que dizia «não sou arrogante quanto à minha aparência» embora também «suficientemente ousado para ser sexy», e usava uns óculos redondos de tartaruga amorosos. *Igualzinho ao Ricky.* Empurrei o pensamento para longe, e a pontada que veio com ele.

Meagan puxou uma cadeira para junto de si e apontou para ela.

— Sente-se, Tom. Fiquei tão contente por receber o seu email quanto a juntar-se a nós hoje. Pessoal, digam olá ao Tom. — Eu não era definitivamente a única de olho nele. Todos dissemos olá em coro, algumas de nós mais alto e bem mais óbvias do que outras.

Tom sorriu ao passar por mim. Apesar de, seguramente, não estar a fazer isto por amor, não havia nada de mal em achá-lo atraente.

— Então, a primeira pergunta é para um dos nossos novos membros. Evie. — *Obrigada, Meagan.* — É nova no género?

Pelo menos começámos com uma fácil. Aclarei a garganta, tentando soar confiante.

— Lia mais quando era mais nova. — As sobrancelhas de Steph dispararam para cima. — Embora nunca o tivesse deixado com a idade — apressei-me a acrescentar. Fiquei aliviada ao ver uns quantos sorrisos perante isto. — Tem-se revelado apenas difícil arranjar tempo para ler atualmente.

Algumas mulheres assentiram em concordância.

Meagan abriu-se num sorriso.

— Obrigada, Evie. O que acharam todos do livro? Amanda?

Olhou para uma mulher com um impecável conjunto de casaco e calças.

— Muito melhor do que a escolha do mês passado — respondeu Amanda. — O subgénero feminista não me desperta qualquer interesse. Deem-me um homem a valer a qualquer hora. Sem ofensa para a sua escrita, Steph.

— De todo! E por homens a valer, presumo que se refira àqueles que precisam de uma mulher complacente para validar o tamanho dos seus...

— Vamos lá, minhas senhoras, todos temos os nossos interesses especializados — disse Meagan. — Lembram-se do que dizemos? — Todos à exceção de Tom e de mim se juntaram a ela nas palavras seguintes.

— *Há um subgénero para toda a gente.*

Ele cruzou o olhar com o meu e sorriu, o que me propagou um caloroso frémito até aos dedos dos pés. *Acalma-te, Evie.*

— Evie, qual é o seu? Não se sinta envergonhada, aqui não há respostas erradas.

Oh, Deus. Recapitulei tudo o que conhecia sobre o género de ficção. Apenas conhecia géneros cinematográficos, pelo que escolhi aquele em que me sentia mais segura.

— Horror — disse. Havia tantas escritoras fantásticas: Kathryn Bigelow. Karen Walton. Diablo Cody. — Quanto mais assustador, melhor.

Umas quantas bocas abriram-se de espanto. Calculo que mesmo entre fãs de ficção de mente aberta, o horror ainda fosse olhado de alto.

Meagan assentia lentamente, o franzir de cenho marcando-lhe a fronte.

— Tal como eu disse, estamos entre amigos, aqui não há qualquer julgamento. — Esta última parte pareceu destinada a todos os presentes, e algumas senhoras encolheram os ombros como que aquiescendo.

Descontraí. Outra pergunta respondida. Se a próxima pessoa a responder revelasse um pouco acerca do maldito livro, eu teria alguma hipótese.

— Evie. — Santo Deus, isto era tortura. Estaria ela a fazer de propósito?

Certamente havia de chegar a vez de Tom. Sentia-me como se de alguma forma tivesse sido desmascarada e ela estivesse determinada a fazer-me admiti-lo. Mas como diabo podia ela saber de todo? — Lamento, chegaremos a todos os demais, mas simplesmente adoraria saber o que achou *daquela* cena entre o pirata e a madrasta.

Pelo menos agora tinha alguns detalhes.

— Bem — disse eu, prolongando o momento para me dar mais tempo para pensar. Perspicaz, mas vaga. Eu podia fazê-lo. Bebi mais vinho. — Achei-a muito comovente.

Ela inclinou a cabeça de lado.

— Mesmo a cena do *embate* sob o convés?

Hesitei, mas agora que declarara a minha opinião, teria de ater-me a ela ou pareceria estranho.

— Especialmente nessa altura.

— E quando a irmã dele se lhes juntou?

— Foi uma escolha ousada, mas achei que o escritor a concretizou muito bem.

— E o clímax?

— Muito satisfatório.

— Fez mesmo correr os humores. — Isto partiu de uma mulher mais velha com uns grandes óculos cheios de estilo e franja cortada a direito. — Um verdadeiro ápice.

Mas Meagan ainda não estava satisfeita comigo.

— Obrigada, Heather, mas julgo que todos adoráramos saber qual foi a cena favorita da Evie.

Abanei a com a mão, o espaço parecendo-me desconfortavelmente quente, e Steph interveio.

— Pessoalmente, a da Princesa Esmerelda e do rei pirata na ilha do tesouro foi escaldan...

Meagan pôs uma mão no ar.

— Obrigada, mas é a vez de a Evie falar.

— Foi a minha também. — Lancei a Steph um sorriso de gratidão e

decidi arriscar uma resposta segura. — Especialmente quando eles finalmente descobriram onde o tesouro estava enterrado.

Por alguma razão, Heather soltou uma gargalhada àquilo.

— Esmerelda ficou certamente surpreendida ao encontrá-lo ali — disse ela.

Olhei à minha volta. *Está a escapar-me alguma coisa?*

— E o que pensou de Esmerelda? — perguntou-me Meagan.

Raios, Meagan! Estava determinada a não deixar que me ganhasse. Dar pareceres críticos era a parte do meu trabalho de que eu mais gostava.

— Achei-a incrivelmente empática. Foi refrescante ver uma personagem feminina tratada com tanta inteligência emocional. Nunca vi duas almas mais próximas desde Jane Eyre e o Sr. Rochester. — Senti uma ligeira explosão de triunfo. *Toma lá, Meagan!*

Tom parecia estar a reprimir um sorriso e Steph tinha uma expressão estranhíssima no rosto.

Meagan, por fim, decidiu falar.

— Obrigada, Evie, por essa... perspicácia *única* quanto à princesa dragão. — Espera lá, *dragão?*

— Gabe, todos sabemos que é apreciador das cenas de *embates*... qual é a sua opinião?

Ele esfregou as mãos uma na outra e encostou um dedo esguio ao queixo a pensar. Dei um golinho de vinho, grata pelas tréguas.

— Devo dizer que quando o rei pirata e Esmerelda sacaram finalmente das pilas — tossi quando o vinho desceu pelo canal errado —, achei que nada podia bater aquilo. Depois, quando foi revelado que os dragões têm *duas* pilas, o livro foi direito para os meus dez melhores! — Seguiu-se o som de um livro a cair, e a livreira que o estava a repor na estante olhou-nos boquiaberta antes de aconchegar o casaco de malha ao corpo e desandar.

— Vamos lá, Gabe. Sabe que gostamos de manter as coisas mais esbatidas por aqui por respeito para com os nossos vizinhos. — Meagan lançou um olhar à livreira em retirada. — Lembre-se de substituir as palavras mais garridas.

— Tudo bem, tudo bem. Então, achei que a cena do *embate* em que o segundo *pau* de Esmerelda disparou *chispas* aromatizadas foi absolutamente arrasadora. Foi a coisa simplesmente mais *exótica* que alguma vez li.

Repus o meu copo de vinho na mesa, lutando contra a ânsia de agarrar no casaco e desatar a correr com cada fibra do meu ser. Se é que havia a mais ínfima hipótese de poder salvar qualquer parte desta noite falando com Tom, então tinha de tentar.

Tom estava a dar uma vista de olhos pelas estantes. Tinha de ter esperança de que ele visse o lado engraçado. Houvera definitivamente momentos em que os nossos olhares se cruzaram.

Antes que pudesse chegar a ele, Steph apareceu à minha frente e cortou-me as vazas.

— Desculpe lá a Meagan... Ela topou-a logo desde o princípio, não foi? É muito picuinhas quanto a certificar-se de que todos lemos os livros. Às vezes, as pessoas aparecem simplesmente pelo vinho à borla.

— Imagine só! — disse Heather, aparecendo com dois copos.

— E até tinha razão no meu caso — disse eu, ainda latejando de vergonha. — Não posso censurá-la de todo por ficar chateada.

Os outros membros — percebia agora porque é que houvera risinhos sufocados à palavra — estavam a conversar, mas dei por alguns deles a olharem para o nosso lado.

— Não se preocupe com eles. Não é a primeira pessoa a vir dar consigo acidentalmente numa sessão de Livros Truca — disse Heather.

— Acho que a pista está no nome. — Eu tinha sido parva em pensar que qualquer grupo literário recomendado por Jane pudesse ser algo que não *exótico* por natureza.

— Quando apelidou o clímax de «muito satisfatório»... — fungou Heather de riso, as grandes contas do seu colar refletindo a luz.

Apesar dos meus resquícios de vergonha, dei comigo a rir também.

— A expressão na sua cara quando finalmente percebeu! — disse Steph,

enxugando os olhos.

À medida que o nosso riso foi gradualmente esmorecendo, perguntei:

— Como se chamava o livro?

— *Dragões aos Bordos: Um Regabofe de Piratas*.

Desatámos à gargalhada outra vez.

— Porque se juntou a nós *afinal*? — perguntou Steph.

Corei.

— Vai soar pateta, mas... para conhecer alguém.

— Então, doçura — disse Steph, seguindo o meu olhar fixo em Tom —, porque é que ainda está a falar connosco?

Postei-me ao lado de Tom, fingindo estar a olhar para os livros.

— Então, isso é que foi... — disse Tom, com suave sotaque londrino.

— Foi definitivamente uma estreia — repliquei.

Sorrimos um para o outro. Os dentes dele eram ligeiramente tortos à frente.

— Eu não sabia lá muito bem o que esperar quando cheguei — admitiu ele.

— Menos paus — disse eu.

— Não leu o livro, leu?

— Acha que alguém deu por isso? — graciei.

— Há sempre a próxima vez — replicou ele.

— Vai voltar? — Eu estava genuinamente curiosa.

— Se calhar — assentiu ele. — Você viria outra vez?

— Se calhar — ecoei com um sorriso. — Uma parte de mim está um bocadinho curiosa para ler o livro.

— Espero mesmo que goste.

— Porquê? — perguntei.

Fomos interrompidos por Meagan chamando a atenção de todos.

— Mais uma vez obrigada pelo vosso *deleite*. — Risos, que agora percebi. — Não quisemos dizer nada ao princípio não fosse enterrar a conversa, mas regozija-me dizer que o próprio autor, o Sr. T. Mingle, tem

estado connosco toda a noite. Encontra-se aqui para responder a todas as vossas abrasadoras perguntas.

Olhei alarmada para Tom quando toda a gente se reuniu à nossa volta.

— Tudo bem — disse ele, enquanto eu era empurrada para trás por membros ansiosos. — Até a minha namorada acha estranho. Perdi a conta ao número de *paus* que me pediram que autografasse.

Mash-Up

INT: CAFÉ GIL'S, EAST DULWICH — DOMINGO, 16 DE DEZEMBRO,
10H00

EVIE entra no café, olhando em volta à procura de uma mesa livre. Avista BEN e ANETTE na mesma mesa em que estavam na semana anterior e baixa a cabeça, encaminhando-se para um balcão ocupado por pessoas com portáteis.

— Evie! — A voz estridente de Anette fez-se ouvir por todo o café. Não havia hipótese de poder ignorá-la.

Preparei-me, depois dei comigo a sorrir. Ela sustinha na mão uma caneca de chocolate quente. Fiz-lhe sinal indicando que iria para lá depois de pedir o pequeno-almoço.

Se Ben achasse por bem tecer mais julgamentos às minhas atividades esta semana, no próximo domingo tentaria um local diferente. Precisava de um lugar para escrever os meus *meet-cutes*. Não que eles me estivessem a levar a algum lado por enquanto, romanticamente ou não. NOB ainda não enviara páginas nenhuma a Monty, e isso estava a deixar o meu patrão nervoso. Na semana passada, aconselhara que eu «pelo menos tentasse» convencer NOB a enviar-nos uma prova de que estava a escrever. Afirmando, sem qualquer vestígio de autoconsciência, «Isso é o que qualquer bom agente faria». Para manter Monty distraído, esquadrinhara a enormíssima pilha de baboseiras da agência — a montanha de manuscritos que nos eram enviados por escritores na esperança de representação. Ele raramente se sentia mais feliz do que quando me explicava exatamente porque é que os que eu escolhera não estavam à altura dos critérios da agência (isto é, eram escritos por mulheres). Ao menos, isso animou-o um pouco e deu-me tempo para me concentrar nos *meet-cutes*.

Ben não levantou os olhos quando cheguei à mesa deles. Estava absorvido numa *National Geographic*. Anette guardara-me a cadeira entre eles.

— Aguenta aí — disse Anette, quando eu abri o portátil. Estava de máquina fotográfica em riste. Deitei a língua de fora para a fotografia. — Agora toca a trabalhar — disse-me, abrindo o seu livro. — Esse *meet-cute* não se vai escrever sozinho.

A página em branco. Um dos maiores obstáculos que um escritor tem de enfrentar, a par de tudo na Internet. NOB ainda me continuava a acirrar para pôr mais diálogo e começava a dar por demais a sensação de que escrevia guiões como modo de vida. *Vá lá, Evie. Nunca conseguirás que o NOB te leia se não usares um formato amigo de betos.*

Comecei o *meet-cute* da Livraria como se estivesse a participar más notícias, dando toques relutantes nas teclas. Então, quando cheguei às deixas de Meagan tentando apanhar-me por não ter lido o livro, algo aconteceu. Foi como se me tivesse reencontrado, como se até então tivesse ficado para trás. Não foi exatamente como era dantes, mas encontrei um ritmo que achei ajudar as palavras a fluírem mais facilmente.

Quando olhei para o relógio, tinha-se passado quase uma hora. Tive consciência de alguém a olhar para mim. *Anette*, pensei.

Era Ben.

— O que foi? — perguntei, sobressaltada.

— Nada — disse ele rapidamente. E voltou para a sua revista, com as pontas das orelhas cor-de-rosa.

Quando tornei a olhar, Ben estava de queixo pousado na palma da mão virada para cima; o outro braço envolvia as longas pernas, completamente mergulhado num artigo. *Ainda bem*, pensei.

Não pude deixar de reparar numa ténue mancha brilhante vermelha no seu nariz. O seu rosto não era tão sombrio quando estava perdido em concentração. Sobrancelhas escuras, olhos inteligentes, sorriso enigmático — não que o tivesse visto muito amiúde —, maxilar angular impecavelmente barbeado e cabelo quase preto que parecia querer enrolar

se o deixassem crescer mais. A par da indumentária — de novo camisa e camisola de malha —, era como se estivesse a dar o seu melhor para parecer uma imagem de um banco de imagens para «Homem Adulto Sensato».

O meu telemóvel acendeu-se. Despreguei a atenção dele.

Maria: arranjaste o solar para a despedida da Sarah?

Evie: tudo feito! Só preciso de confirmar com o nosso depósito, se vocês não se importarem de transferir a vossa parte para a minha conta

Maria: grande estrela! Eu dou um toque ao Jem. Como vão os *meet-cutes*?

Evie: humilhantes como sempre. E adivinha quem está de volta ao Gil's?

Maria: o Ben? Mas a filha pareceu ser amorosa. Talvez o tenhas apanhado num dia mau

Evie: isso é todos os domingos até à data

Eu falara aos meus amigos de Ben depois de o seu interrogatório da última vez me ter apanhado desprevenida e de precisar de um banho de realidade. *Tudo bem mesmo com o que eu estava a fazer?* Eles tinham-me dito para não deixar que a reação dele me impedisse de fazer os *meet-cutes*. Eu desconfiava que eles realmente queriam dizer: «Não deixes que a reação dele te demova de conheceres alguém». Pelo menos esta semana ele falara ainda menos do que de costume.

Levantei os olhos de relance, de sobrolho franzido, sentindo que algo não estava bem. Observei Ben e Anette por um momento, tentando perceber o que me estava a incomodar. Estavam ambos a ler, mas algo não me parecia bem naquele silêncio. Anette fora toda ela sorrisos para mim, mas agora a sua boca estava fechada numa linha teimosa. Estava de costas viradas para Ben, que também se encontrava de viés para ela.

Ben e Anette estavam sem se falar.

Não é nada contigo, Evie. Tentei voltar à mensagem que estava a escrever para NOB, mas o silêncio tornou-se ensurdecedor.

— Está tudo bem? — perguntei.

Levantaram ambos os olhos ao mesmo tempo.

— Mais que bem — sorriu Anette para mim. — A propósito, Evie, podias, por favor, perguntar ao meu pai se posso beber outro chocolate?

— Isso depende se ela pede desculpa ou não — disse Ben friamente.

— Irá *ele* deixar a sua única filha *morrer* de *sede*? — disse Anette.

Ben virou a página.

— Está certamente a considerá-lo.

— E que tal a Evie não fazer nada até alguém lhe dizer o que se passa? — disse eu na minha melhor voz de caso sério.

— Nada, a não ser pelo facto de *ele* querer que toda a escola se ria de mim. — Anette cruzou os braços, encostando o queixo ao peito.

O pai lançou-lhe um olhar carrancudo.

— A culpa não é minha. Eu fiz o que pude.

— Não vou fazê-lo.

— Fazer o quê? — perguntei.

— A estúpida peça de teatro da escola — disse Anette.

— Anette — disse Ben calmamente. — É um grande papel. Todos têm de usar fato de fantasia.

— Pois, mas não *este* fato.

— Desisto — disse ele, exasperado.

— Qual é a peça? — perguntei. Não devia intrometer-me, mas vê-los desavindos simplesmente parecia descabido.

Como Anette não respondesse, Ben respondeu por ela:

— *Peter Pan*.

Anette fez um sinal furioso, que Ben retribuiu.

Fulminaram-se com o olhar antes de espetarem ambos os queixos em direcções opostas. Oculteí um sorriso.

— Eu adoro o *Peter Pan* — disse.

Anette levantou os olhos escuros para mim.

— A sério?

Agora sorri mesmo.

— O meu pai estava sempre a ler-mo. Ainda tenho o livro. É uma das histórias mais fantásticas jamais escritas, e tu vais entrar na peça? — disse

na minha voz mais entusiasmada. — Que papel?

— Sininho — disse Anette, num tom nada impressionado.

— A Sininho — suspirei. — Que sorte.

— Porquê?

— Ela tem as falas mais fixes, e *farta-se* de praguejar. — Não podia pensar em ninguém melhor para representar a tempestuosa fada que eu adorava desde miúda.

— Vês, tu já estás lá perto — disse Ben à filha.

Ela espetou o queixo.

— Eu digo as minhas falas por gestos. E se toda a gente estiver a olhar para mim naquele estúpido fato e eu me enganar?

Os olhos castanhos de Ben suavizaram-se.

— Sabes o gesto para «burro idiota»? — Fui recompensada com o mais minúsculo dos sorrisos.

— A professora Clarke não gosta de palavrões — disse Anette.

— A *professora Clarke* sabe o gesto para «burro idiota»? — perguntei eu.

O sorriso alargou-se quando ela abanou a cabeça. Julguei ver alguma tensão sair dos ombros largos de Ben.

— Há apenas um *enorme* problema. — Ela lançou um olhar ao pai. — Conta-lhe.

Ben pigarreou.

— A peça é um «*mash-up*». — Ben usou o termo como se ele o deixasse exausto. — Transformaram-na num musical.

— *Não* o da Disney. — Anette tapou os olhos. — Mostra-lhe.

Ben lançou à filha Um Olhar antes de levar a mão a um saco escuro aos seus pés.

Percebi de onde viera a mancha brilhante vermelha quando ele tirou para fora o que só podia ser o fato de Anette. Era um tristonho par de asas cintilantes e um maltrapilho tutu hirto de purpurina. Feito à mão, pelo aspeto, com o seu quê de esforçado entusiasmo senão uma imensa habilidade.

— A Chloe era melhor com estas coisas — disse Ben, pegando num amontoado particularmente grande de lantejoulas. *A mulher*, presumi, reparando na facilidade com que ele falava dela — uma esquina que levava muito tempo a dobrar. — Estava com esperança de que a avó fosse capaz de o aproveitar.

— É definitivamente criativo — assegurei eu. — Só as cores... — Por alguma razão, ele escolhera vermelho, branco e azul em vez do tradicional verde da Sininho. Semicerrando os olhos, constatei que era um padrão.

Cada uma das asas tinha uma trémula bandeira Union Jack de purpurina.

— Qual é a outra metade do *mash-up*? — perguntei.

A resposta de Ben foi resignada.

— As Spice Girls.

— Mãe, tenho uma emergência de trapos — disse. Estava postada na entrada das traseiras do Gil's, onde estava mais sossegado, com a canadiana bem apertada para fazer frente ao frio.

— As minhas favoritas! — exclamou a minha mãe do outro lado. Era uma das muitas coisas que eu adorava em Mary Summers: não eram necessários preâmbulos.

Expliquei-lhe do fato de fantasia de Anette, e de como ela porventura se sentiria mais confiante se fosse um fato lindo.

— O pai dela esforçou-se mesmo — disse. — Mas estamos a precisar de uma perita. — A minha mãe fazia a maior parte dos meus vestidos. A sua habilidade com a agulha não tinha paralelo, e não me fora passada nos genes. Eu preferia supercola a linha.

— Adoraria, fofa. Mas não há ninguém por aí que ajude? — A minha mãe era assim mesmo: subtil como um calhau.

— Ele é viúvo, mamã — disse eu.

— Uma causa perdida, então. — A voz da minha mãe soou irónica.

— Não era a isso que eu me referia — apressei-me a dizer. — Além disso — continuei, antes que ela ficasse com ideias —, é pela Anette. Há apenas só mais uma coisa... — Expliquei o que tinha em mente, e a minha

mãe grasnou de leite. — E eles precisam do fato até sexta-feira de manhã. É possível? Eu pago o material.

— Blá-blá-blá. Far-to-ei chegar na quinta-feira. Isso dá-me tempo para acabar o traje de Dorothy da Tia Margaret. Vai dar uma festa Feiticeiro de Oz para os seus 65 anos.

Quando voltei lá para dentro, estava uma mulher com um tapete de ioga a falar com Ben, estendendo a mão ocasionalmente e tocando-lhe o ombro como se fossem amigos. Samantha. Não parecia estar a acatar o seu próprio conselho do fim de semana passado. Anette estava agora na cadeira ao lado do pai, de cabeça baixa a ler, aparentemente alheia à presença da mulher. Os seus aparelhos auditivos estavam agora no estojo aberto sobre a mesa. Decidi ficar a pairar a umas mesas de distância até Samantha se ir embora, não particularmente desejosa de a encontrar de novo.

O que me deu ainda hipótese de me haver com NOB.

Ruiva: o que têm um grupo literário, erótica-dragão, e um caso de identidade equivocada em comum?

NOB: Não me provoque, Ruiva

Estava a pegar numa deixa do *Grande Livro de NOB* criado por Monty. Por assim dizer. NOB era um mestre da evasão relativamente a conversas difíceis. Eu teria de forçá-lo a ver-me em pessoa se é que queria obter alguma coisa dele. Claro está, NOB fazia tudo para tornar isso impossível. Não podia dar-me ao luxo de o engodar com um menu de degustação de vinte pratos, mas tinha, sim, outra coisa de que ele desfrutaria: a minha potencial humilhação.

Ruiva: o relatório está na sua caixa de entrada. Se gosta assim tanto dos meus *meet-cutes*, está na altura de se juntar a mim num

— Acho mesmo que devia seguir o meu conselho. — As palavras de Samantha ressoaram através do café. — Absolutamente aceitável em casa,

só não em *público*. — Foi difícil ouvir a calma resposta de Ben. Não que eu estivesse a tentar fazê-lo, claro.

— Obrigado, mas é como eu disse das outras vezes. Não. — O seu tom era categórico. Seria possível traçar uma linha reta com as suas costas. Samantha estendeu o braço para ele mais uma vez, mas pareceu pensar duas vezes. Eu baixei os olhos para o telemóvel, curiosa mas não me querendo intrometer.

NOB: Ao contrário de si, tenho coisas melhores com que ocupar o tempo

Ruiva: estou a planear fazer uma coisa que tem muitas probabilidades de resultar em grande humilhação minha em público

NOB: Posso dispensar a próxima sexta-feira de manhã às dez

Ruiva: perfeito. Agasalhe-se.

Apanhei-te.

— Eu só quero ajudar, Ben. Mas talvez esteja demasiado ocupado a focar-se noutras coisas, agora que anda a sair outra vez.

Levantei os olhos.

— A sair...? — Ben calou-se. Samantha estava a olhar significativamente para a minha cadeira, e eu muito me congratulava por não estar sentada nela. — Eu não ando a sair com ela — disse abruptamente Ben, chegando lá. *Ui, Ben. Tenta não o negar assim com tanto afã.* — Ela é amiga da Anette.

— Pois, Ben, é exatamente desse tipo de coisa que estou a falar. Esta é a mulher que espalhou o caos aqui há uns fins de semana. Depois do que aconteceu com a Justice, a pobre Suze não tem sido capaz de aparecer seja onde for. Será ela realmente a melhor influência para a Anette? A sua filha nunca irá ser...

— A Anette — interrompeu Ben, com uma acutilância na voz que eu nunca tinha ouvido antes — vai ser amiga desta mulher quer eu goste quer não. Mesmo que ela insista em fazer de si um espetáculo público. De facto, é exatamente por isso que ela...

Não consegui ficar a saber o que eu o quê, pois um homem escolheu esse exato momento para tentar passar por mim e um dos alamares da minha canadiana ficou preso na alça da sua mala, levando-me atrás. Quando finalmente me consegui desenredar, Ben estava a pôr fim à conversa.

— *Adeus*, Samantha — disse, voltando à sua revista. Ela pareceu indignada, depois fingiu ver as horas no telemóvel e afastou-se como se tivesse de ir a algum lado. Uma parte de mim quase sentiu pena dela. *Quase*.

Depois das perguntas de Ben no fim de semana passado, não me deveria ter admirado saber que ele me achava ridícula por fazer os *meet-cutes*. *Espetáculo público*, deveras.

Se eu já sabia, porque dói?

Porque depois desta manhã tinha ficado a pensar que talvez pudesse estar a chegar a qualquer lado com ele.

Fui direita à mesa e tratei de reunir as minhas coisas.

— A minha mãe fará chegar o fato aqui na quinta-feira, pode ser? — disse friamente.

— Perfeito. A peça é na sexta à tarde — disse Ben, fechando a revista. Parecia tenso. — Transmita, por favor, os nossos agradecimentos à sua mãe. A Anette ficará muita grata. Agora está a usufruir de um momento de silêncio. — Indicou a filha, que ainda estava a ler. A sua atenção permanecia em mim como se esperasse alguma coisa. Assenti em sinal de compreensão, e os seus ombros pareceram relaxar. — Diga-me em quanto fica.

— É pela Anette — disse eu. — Deixarei o fato aqui na sexta-feira logo de manhã.

— Evie — disse Ben, como que para ter a minha atenção. — Obrigado. Isto significa... significa muito para a Anette. Ela estava nervosa com mais do que só o fato. Isto é uma grande ajuda.

— Tudo bem — disse eu laconicamente, só querendo ir-me embora.

Anette levantou os olhos, com uma expressão carrancuda. Eu abri e fechei a mão em sinal de *adeus*. Ela gesticulou rapidamente para o pai; eu

apanhei um bocado do que ela disse, pois vinha a aprender alguns gestos, mas não o suficiente para perceber. Uma linha apareceu entre as sobrancelhas escuras de Ben quando ele se virou para mim.

— Gostaria de vir à peça da Anette? — perguntou.

Olhei para um, depois para o outro, da expressão esperançosa de Anette para a reservada de Ben.

— Tem a certeza? — perguntei, mais que certa de que ele não queria que eu fosse, e contudo descobrindo ainda assim que tinha vontade de ir.

Ele franziu o sobrolho, confuso com a minha pergunta.

— Sim — disse.

Lancei a Anette um grande sorriso e fiz sinal de *Obrigada*. Ela pareceu exultante; os sentimentos de Ben eram menos claros enquanto me estudava. Não que importasse o que ele pensava. Eu iria por ela.

Além de que não é todos os dias que se assiste a um *mash-up* Spice Girls/*Peter Pan*.

PAUL NÃO PERVERTIDO

Sarah: acho que não devias fazê-lo

Jeremy: NÃO LHE DÊS OUVIDOS, EVIE

Sarah: até agora ela fez uma criança vomitar e acidentalmente entrou num grupo de literatura erótica... o que te leva a pensar que fazer uma viagem de carro com um AUTÊNTICO ESTRANHO será melhor? Apanha o comboio para passares o Natal em casa como toda a gente

Evie: o *meet-cute* da Viagem de Carro tem de ser uma longa viagem de carro com um tipo. Bem sei que os *meet-cutes* têm sido algo desastrosos até à data, mas se quero fazer o NOB escrever, tenho de me ater à minha parte do acordo

Jeremy: referes-te à parte em que conheces alguém e te apaixonas?

Evie: obrigada pela recapitulação, Jem. Malta, ajudam-me a encontrar o meu Harry?

Sarah: tudo bem. Mas conhecendo-te, ele provavelmente será um assassino de machado ou algo do género

Maria: a operação «Arranjar a Evie Alguém Que Não Seja um Assassino de Machado» está agora em andamento. Partilhem o meu post, malta!

Sarah: feito

Jeremy: só com amigos, certo, Sarah? Não todo o mundo?

Sarah: sim, Jeremy, eu não sou o desastre aqui

Evie: OK!

Jeremy: a Sarah acabou de partilhar com toda a gente

Sarah: não partilhei nada, partilhei? Estou a fazer isto a meio de uma videoconferência com o fornecedor, a florista, e o gerente do espaço, portanto perdoem-me se não têm cem por cento da minha atenção

Evie: não te preocupes, Sarah. Tenho a certeza de que quaisquer amigos de amigos teus são impecáveis

Jeremy: abençoado seja o teu coraçãozinho, Evie

Sarah: acho que acabei de partilhar outra vez

Maria: por falar em partilha a mais, o NOB entrou nas colunas de mexericos

esta semana. Já vos envio o link

🌐 **MONICA REED «PROFUNDAMENTE INFELIZ»**

Uma fonte próxima contou à *Cobras & Lagartos* que a vencedora do Óscar, de 44 anos, está finalmente pronta a deitar o boneco para fora da alcofa. Mãe de duas crianças, Reed tem vindo a sair com o *one-hit wonder* Ezra Chester, de 33 anos, intermitentemente desde há um ano. Os amigos de Reed estão preocupados: «É o seu primeiro romance após o divórcio e ela está claramente muito infeliz. A última coisa de que precisa é de outra criança para tomar conta.»

Maria: caramba que já é mais que tempo. Ela merece muitíssimo melhor

Jeremy: adoro a Maria mazinha

Maria: é a minha libertação

Sarah: encontrei uma pessoa!

Jeremy: mudei de ideias. A viagem de carro é um plano terrível. Não vás

Sarah: ele é encantador, prometo. E definitivamente não é um perverso!

Jeremy: não é tranquilizador teres de o dizer, Sarah

Maria: cala-te, Jem. Sabes o que ela quer dizer. Isso foi rápido, Sarah. Quem é ele? Um amigo?

Sarah: de certo modo

Jeremy: agora estou tranquilizado

Evie: neste momento, aceito qualquer um

Sarah: ainda bem, porque eu já lhe enviei o teu número

NÚMERO DESCONHECIDO: Hã, olá, isto é estranho, mas conhece a Sarah? Segundo o que ela disse, você estava a oferecer boleias para Sheffield pelo Natal?

Evie: olá! Qual é o seu nome, desculpe? Sim, é mais uma partilha de carro, pode ser? Tem carro?

NÚMERO DESCONHECIDO: Desculpe, Ah! Ah! Ah! É Paul. Não tenho carro.

Evie: olá, Paul. Não há problema. Podemos alugar um. Tem carta?

PaulNãoPerverso: Sim, embora haja um pequeno detalhe: eu não conduzo. Posso explicar

quando nos encontrarmos.

PaulNãoPervertido: Está aí?

PaulNãoPervertido: Olá? Está a ignorar-me? Se estiver, não se preocupe. Eu não me importo

PaulNãoPervertido: Acontece que é Natal, e a Sarah disse que estava a dar boleias à borla, mas se mudou de ideias, é só dizer-me. Simples cortesia. Não há necessidade de ser uma cretina. Ah! Ah! Ah!

Evie: desculpe o atraso, estava no metro de volta para casa

PaulNãoPervertido: É tarde para estar a sair do trabalho, mas não há problema.

Evie: eu estava mesmo no metro, Paul

Evie: Sarah, quem é o Paul?

Sarah: conheces a minha amiga Michelle do trabalho?

Jeremy: não

Maria: a que desapareceu?

Sarah: verificou-se que ela apenas precisava de algum tempo para ela. Ele é o ex dela.

Evie: Sarah!

Sarah: o que foi? Vi-o uma vez e parecia rico.

Evie: olá, Paul. Lamento muito, houve um engano. Procuo realmente alguém com carro. Desculpe fazê-lo perder o seu tempo.

PaulNãoPervertido: Pensei que fosse uma pacóvia à procura de namorado.

Evie: adeus, Paul

Evie: é um não para o Paul

Maria: não te preocupes, encontrei-te um tipo — o amoroso Graeme. A mãe dele vive ao lado da minha e ele também vai de carro passar o Natal a casa. A Operação *meet-cute* Viagem de Carro está no ir! Mal posso esperar por ter-te aqui uma semana inteira

Evie: obrigada! Desculpa, Sarah

Sarah: para ser sincera provavelmente escapaste-te de boa. Além disso, já tenho a solução para a tua situação de pendurada. O MEU CASAMENTO. Vou encontrar-te o homem perfeito

Jeremy: #EquipaGraeme

PERDEU UMA CHAMADA HOJE ÀS 00H14 DE PAULNÃOPERVERTIDO

PERDEU UMA CHAMADA HOJE ÀS 01H34 DE PAULNÃOPERVERTIDO

PERDEU UMA CHAMADA HOJE ÀS 03H17 DE PAULNÃOPERVERTIDO

PaulNãoPervertido: Lamento muito, Evie, parece que o meu gato adormeceu sobre o meu telemóvel e ligou-lhe com o traseiro umas quantas vezes. Mas já que aqui estamos, podemos falar dessa boleia?

🔇 BLOQUEOU PAULNÃOPERVERTIDO

Deseja Conhecer

EXT: FEIRA DO LIVRO DE SOUTHBANK CENTRE — SEXTA-FEIRA, 21 DE DEZEMBRO, 11H00

EVIE está a percorrer as resmas de livros em segunda mão dispostos em mesas de madeira à sombra da Ponte de Waterloo. Está demasiado absorta para reparar num homem que se aproxima por trás dela até que ele lhe puxa por um dos rabichos que lhe saem do gorro.

Virei a cabeça de repente e dei com NOB, claramente de ressaca. Para NOB, isto significava usar óculos escuros no inverno, em vez de reconsiderar as suas escolhas de vida como qualquer ser humano normal.

— Está atrasado — disse eu.

— Sorte sua eu ter vindo de todo. — NOB tinha um café gigante numa mão; a outra estava bem protegida no bolso do casaco. Usava um barrete cinzento que lhe pendia solto na parte de trás da cabeça que era mais ou menos tão prático como uma coroa de papel contra o mordaz tempo de dezembro. Embora a sua parka da *Canada Goose* parecesse bem quentinha.

Quando eu dissera a NOB a hora de encontro, contara com o facto de o seu relógio andar pelo menos uma hora atrasado em relação a toda a gente, e ele mesmo assim lograra chegar suficientemente tarde para me dar cabo do dia.

De manhã entregara o fato de Anette no Gil's e ficara a saber que ela deixara uma coisa para mim com Xan. O meu bilhete para a sua peça. *Peter Pan*: «*Para Todos os Meninos e Meninas!*» A hora de início era às 12h30 de hoje, e a escola de Anette ficava a uma hora de distância, o que significava que tinha de me despachar se queria chegar lá a tempo. Mas não me podia ir embora sem conseguir que NOB concordasse em enviar a Monty alguma prova de que estava a escrever. Durante toda a semana

Monty estivera enfiado no Ash, o seu refúgio. O único contacto que tivera dele tinham sido as cada vez mais históricas mensagens a respeito do guião. Precisava de lhe enviar alguma coisa de NOB para o acalmar — e provar que a sua fé em mim não fora em vão.

Ofereci os meus *donuts* de pequeno-almoço a NOB.

— Eu não como carboidratos. Porque é que nos estamos a encontrar aqui?

— Verá. — Obriguei-o a ficar com os *donuts*, mesmo assim. — E viva um bocadinho.

Ele atirou o saco para um caixote de lixo sob a banca de livros, fazendo cara amuada enquanto limpava as mãos.

— Então, na escala de *meet-cutes*, de jorros de vomitado a pilas de dragões, onde é que se encaixa este?

Uma mulher puxou o filho para outra banca, ignorando o meu silenciosamente articulado «Desculpe». Fulminei NOB com o olhar, que me mirou com um ar de quem se está nas tintas. O meu telemóvel zumbiu. Soube quem era sem olhar. De alguma forma o alerta da mensagem de Monty chegou com um laivo de histeria.

Monty: Pode procurar como vender um escritório? Bem podemos começar a preparar-nos.

Pus o telemóvel de lado.

— Mão — disse. Após uma pausa, NOB estendeu a palma da mão. Dei-lhe uma pequena pilha de cartões de visita, guardando os restantes para mim.

— Belas mitenes — disse ele, vendo-as suspensas da minha manga.

Eu indiquei os seus dedos gretados.

— Mais vale sã do que na moda.

— Eu estou bem ciente de onde se enquadra no ponteiro da moda. — Bebeu um golinho de café enquanto espreitava o que estava escrito nos cartões.

Evie deseja conhecer

Virou um cartão ao contrário. Tinha o meu número no verso.

— Deseja conhecer. Deseja conhecer a piroso?

Fiz uma careta ao passar para o lado oposto da banca.

— É a velha expressão de classificados para procurar companhia — repliquei. Julgara-o apropriado, dado que eu tentava conhecer alguém à moda antiga, sem recorrer a uma *app*. — São para os livros. — Certifiquei-me de que ninguém estava a olhar, peguei numa edição danificada por água de *A História Secreta*, de Donna Tartt. Fiz deslizar um cartão lá para dentro e fechei-o rapidamente pousando-o de volta. Avistei *Pela Estrada Fora*, de Kerouac, e pus um lá dentro também.

— O que *está* a fazer?

— É o *meet-cute* do Destino — disse-lhe eu. Continuando, fiz deslizar outro cartão para um livro com uma etiqueta anunciando-o como vencedor de um prémio literário. — Deixo o meu nome e número em livros ao acaso por toda a cidade de Londres, e se acontecer um tipo contactar-me depois de se deparar com os meus dados, só pode ser o destino. Providenciarei para que nos encontremos. — Desde que não fosse um pírculo. Partia do princípio de que não deveria haver muitos que não fossem, mas Jeremy insistira para que tentasse de qualquer maneira. O seu amor pelos filmes de John Cusack aparentemente estendia-se a *Feliz Acaso*.

NOB exibia um ar céptico.

— Parece que o seu destino é conhecer um bando de pervertidos.

Puxei de um exemplar de *A Iliada* na base de uma pilha de títulos de James Patterson.

— Os pervertidos leem os clássicos?

— Exclusivamente. — NOB bocejou. Emborcou o resto do café e deixou o copo vazio ao lado de um dos muitos avisos de NADA DE PROPAGANDA afixados ao longo da banca. Deitei o copo dele para o lixo, olhando nervosamente para o corpanzil de um homem que dirigia o recinto. Não parava de andar entre as bancas como um gorila, fulminando com o

olhar quem quer que se atrevesse a tratar o seu negócio como uma biblioteca.

— Foi para isto que perdi o meu *vinyasa* matinal? Pensei que ia ver um *meet-cute* em ação. Não sou seu laçao, Ruiva. Tem de subir a fasquia do seu jogo. Estamos a atingir o marco de um mês, e *por algum motivo* ainda não convenceu ninguém a ficar caído por si. Por este andar, esse guião nunca mais vai estar acabado.

Era a deixa perfeita.

— Estou mais interessada em que comece.

Fez-se uma pausa.

— Preste atenção, Ruiva. — Lampejou os seus perfeitos dentes brancos. — Temos trabalho a fazer. — Pegou num exemplar todo estragado de *O Código Da Vinci* e pôs lá dentro um dos meus cartões antes de avançar para a mesa seguinte. Retirei-o de entre as páginas.

— *Ruiva* — admoestou ele, apanhando-me.

— O que foi? — perguntei, de olhos arregalados.

NOB esboçou um sorrisinho, selecionando um livro com a ilustração de uma mulher na capa. Ela envergava um minúsculo biquíni, e não estou certa das intenções do homem vestido de investigador privado atrás dela, mas ela parecia gostar. *Intenções Privadas*, lia-se no título.

Ele sorriu docemente e meteu o meu cartão lá dentro.

— Oh, estamos com sorte. Sequelas. — Susteve o meu olhar com o seu enquanto enfiava um cartão em cada um. Não lhe dei a satisfação de uma reação.

Estava na altura de apressar isto.

— Já se deu conta de que isso é literatura erótica em segunda mão, não já?

NOB deixou cair o livro e limpou a mão ao casaco.

— E estou despachado. — Ele virou-me as costas e eu rapidamente retirei todos os cartões que ele pusera antes de o seguir para a outra banca.

— Você concordou em enviar algumas páginas ao Monty — lembrei-o, tendo o cuidado de não soar tão irritada como me sentia. No que respeitava

ao bloqueio criativo de NOB, calminha era o melhor. — É esse o acordo. — O rosto dele ensombrou-se, mas eu estava preparada para isso. — Ou — aventei —, podia mantê-lo satisfeito se simplesmente lhe mandasse a sua ideia. — Qualquer bom negociador sabe que não se fazem concessões, fazem-se compromissos. — Se ainda não pensou em nenhuma, eu posso ajudar. É para isso que aqui estou, lembra-se? — *Vá lá, NOB, admita simplesmente que é por isso que ainda não escreveu as páginas.*

— Não preciso da sua ajuda. — NOB franziu o nariz. — Já está despachada da sua procura do Sr. Pretensioso? Tenho coisas a fazer.

— Desista delas — disse-lhe eu. Ele ergueu as sobrancelhas acima dos óculos. — Vamos ter uma conversa a sério para variar. Eu fiz tudo o que acordámos. Agora é a sua vez. O Monty tem-lhe andado a pedir as páginas, certo? E irá continuar a pedir, se não lhe der *algo* que o convença e aos produtores de que está a escrever. — Fiz uma pausa. — E o que quer dizer com Sr. Pretensioso?

— Que livro é esse que tem na mão? — disse NOB.

Corei.

— *Ulisses.*

O pior de tudo é que eu sabia que cada um dos livros em que eu tinha enfiado cartões era um dos favoritos de Ricky. *O que estou eu a fazer?* NOB abanou a cabeça, depois entalou alguns cartões num molho de livros para jovens adultos e num anuário de banda desenhada.

— Sr. Pretensioso — disse NOB. — O tipo de homem que lê ficção literária para compensar a sua falta de personalidade. Por outras palavras: chato como o diabo. É mesmo disso que anda à procura?

Estaquei. Estaria ele realmente a descrever Ricky? Ele sempre *fizera* questão de ler em público. Fitei os livros consternada. Era como se estivesse determinada a repetir-me, como uma qualquer relação tipo *O Feitiço do Tempo*.

— Por falar disso, qual é o seu próximo *meet-cute* depois disto? — perguntou NOB, entalando mais cartões numa fiada de Stephen Kings.

— É o *meet-cute* da Viagem de Carro — disse eu, tentando focar-me. —

Vou passar o Natal a casa. — Inclinei-me diante dele para agarrar num Terry Pratchett, no preciso momento em que ele estendia o braço para uma fiada de livros infantis ao pé de mim. Choquei contra o seu peito (tão rijo como eu imaginara).

Corando, endireitei-me. NOB baixou os óculos para olhar para mim. Irritantemente, a ressaca adoçara o azul dos seus olhos para o tom de um céu refrescantemente primaveril. Ele pô-los de volta no lugar com um piparote e agarrou num Tom Clancy.

— Eu vou passar o Natal a casa da Monica — disse, como quem não quer a coisa. — Ela tem uma propriedade mesmo junto de Harrogate. Não fica para as suas bandas?

Então aquela coluna de mexericos estava errada quanto ao rompimento deles. Não que isso importasse.

— Eu sou de *Sheffield* — disse eu. — E sei que está a tentar distrair-me. Eu enviei-lhe uma lista de *meet-cutes*, e você apenas tem de pensar num. Se precisa de inspiração, eu tenho um fantástico diagrama de Venn...

— Já lhe disse, não preciso da sua ajuda. — Atrás dos óculos, a expressão de NOB era indecifrável.

— Ah, não? — Fechei com força a autobiografia de Michael McIntyre. — Então da próxima vez que o Monty me perguntar onde estão as suas páginas, eu dir-lhe-ei a verdade. Que ainda não escreveu uma maldita palavra. Mais vale dizê-lo já aos produtores.

Era um risco, mas eu estava a investir em força no desejo de NOB protelar qualquer espécie de anúncio público. Desandei, enfurecida, contando em silêncio para trás. *Três, dois, um.*

Ia a meio do recinto quando ele bradou:

— Está a partir do princípio de que eu ainda não tenho nenhuma.

Dei meia-volta.

— O que quer dizer?

Ele continuava a pôr os meus cartões dentro de livros.

— Quero dizer que tenho uma ideia, sim.

— Tem? — perguntei, apressando-me a voltar para junto dele. *NOB*

superara o seu bloqueio criativo?

— Sim.

— E está a escrever?

— Sim.

— *Você* — disse eu. Estávamos postados quase nariz contra nariz. — Você é um homem exasperante, sabe disso, não sabe?

Em resposta, ofereceu-me um sorriso matreiro.

— Sim — disse.

Aturdida, deitei mão a um livro com aspeto familiar.

— Acontece que — disse ele — preciso de mais tempo para fazer chegar as páginas ao Monts.

— Eu arranjo-lhe tempo. Tudo o que tem a fazer é contar-me de que trata o seu filme. — Não me podia permitir acreditar nele até ter uma prova.

— Ei! — O grito ressoou através do recinto. — Ei, vocês! — Era o dono do recinto, e vinha direito a nós. — O que estão a fazer? Nada de propaganda nos livros! Quantos? — Começou a abrir caminho à força por entre as pessoas para chegar a nós.

— Vamos, Ruiva — disse NOB. — *Fuja*. — Antes que eu pudesse reagir, agarrou-me na mão, fazendo voar os restantes cartões e puxando-me a reboque à medida que se esquivava através da multidão de leitores no recinto.

— Voltem aqui!

— É o voltas! — bradou NOB, varrendo uma braçada de livros de uma banca no caminho do homem como se estivesse num filme de ação muito britânico.

Esgueirámo-nos por entre algumas árvores de natal para venda e saímos do outro lado, não deixando de correr o mais depressa que conseguíamos até estarmos longe da ponte e avançando ao longo de Southbank, misturando-nos com os turistas e não parando até alcançarmos o gradeamento fronteiro ao Tamisa.

Apoiei-me nele, sem fôlego. *Ainda estás de mão dada com o NOB*. Larguei-a e agarrei-me ao flanco com dor de burro.

— Ele... já... desapareceu? — ofeguei.

NOB quase nem uma gota de suor vertera.

— Sorte nossa ele ser um grandalhão, mas estivemos ela por ela a certa altura. Já tinha corrido alguma vez na vida?

Fulminei-o com o olhar, a garganta ardendo por demais para retaliar.

— Isto foi divertido. — NOB mirou-me. — Devíamos ir beber um café. Conheço um sítio.

A peça, pensei, seguido de: *NOB acaba de voluntariar-se para passar mais tempo contigo*. Ocorrera-lhe uma ideia para o seu guião. Podíamos falar disso. Sem distrações. Depois de um mês de nada, finalmente, *finalmente*, estávamos a chegar a algum lado.

Bzzz. O meu telemóvel. Devia ser Monty outra vez, provavelmente sugerindo-me que vendesse a minha secretária no eBay. NOB estava na iminência de me dar o que eu precisava para lhe assegurar que estava a fazer o meu trabalho. Pensei em Anette como Sininho, procurando-me na multidão. Na desaprovação de Ben quando constatasse que eu a desiludira. Mas que escolha me restava?

— OK — respondi, o sentimento de júbilo desvanecendo-se.

— O que é isso? — disse NOB, apontando. Eu ainda tinha o livro na mão.

Era um maltratado *Peter Pan* de bolso, a lombada tão vincada que se assemelhava a camadas de sedimento. *Bem amado*, pensei. Tal como a linda edição que eu tinha na minha estante, que o meu pai me lera uma centena de vezes.

— Tenho de ir — disse, sonhadora.

Se me apressar, sou capaz de conseguir.

— Então e o nosso café? — disse NOB.

— Eu quero mesmo falar do seu guião, só que preciso de ir a um sítio.

— O meu guião? Isso é para o Monts, Ruiva — disse NOB. — É ele o meu agente, está lembrada? Apenas preciso mesmo de um café.

Não pude evitar. Ri-me. Lá consistente era ele.

— Prometa apenas que contará a sua ideia ao Monty, *hoje* — disse-lhe

eu, afastando-me. — Isso fá-lo-á deixá-lo em paz. — *E a mim.*

— Eu também tenho de ir a um sítio — bradou ele nas minhas costas. — Tenho de ir buscar uma beleza morenaça.

— Espero que se divirtam muito os dois.

— Divertiremos — vociferou ele.

Só quando já estava a entrar na estação de Waterloo é que pensei: *Mas a Monica não é de um louro amorangado?*

Vento, Na Verdade

INT: ACADEMIA DE EAST DULWICH — SEXTA-FEIRA, 21 DE DEZEMBRO, 12H45

EVIE está a andar de um lado para o outro diante de uma fiada de portas duplas com os vidros cobertos. Uma nota apenas à porta mostra uma caricatura de uma pessoa a cair de um navio pirata e as palavras «Tique-taque! Os retardatários vão prancha fora!» Um homem de cabelo grisalho está sentado na mesa dos bilhetes, apontando significativamente para o seu relógio.

Puxei a ponta do papel que cobria o vidro da porta para espreitar para dentro do auditório. O homem na mesa dos bilhetes pigarreou.

— Ainda não — disse-me.

Eu chegara às 12h31, mas ele insistira que esperasse até o Peter Pan ter acabado de cantar «Apimenta a Tua Vida» para as crianças Darling antes de me dirigir para o meu lugar.

O homem deu uns estalidos com a língua e apercebi-me de que o meu telemóvel estava a zumbir. Monty, outra vez. *É claro* que NOB não lhe dissera nada. Do que estava eu à espera? Resignada, abri a mensagem.

Levei um momento a processá-la.

Ele enviara-me uma imagem de uma garrafa de champanhe acabada de abrir, juntamente com uma mensagem incoerente.

NOB *enviara* a Monty a sua ideia — e os produtores tinham adorado.

Exalei tremulamente enquanto lia a mensagem mais umas quantas vezes para me certificar de que não estava enganada. Era verdade. *Por fim*. Podia relaxar.

Soaram aplausos através das portas.

— Agora? — perguntei.

— Está no setor Bebê, lugar D43 — bradou o homem nas minhas costas, enquanto eu corria lá para dentro. — Procure a carpete cor-de-rosa!

A cortina baixara para mudança de cenário, o cintilante navio pirata na sua superfície tremulando enquanto pessoas se movimentavam discretamente atrás dele.

— Desculpe, desculpe, lamento, muito obrigada. — Espremi-me ao longo da fila até chegar ao único lugar vazio.

Ficava ao lado de Ben.

Estás aqui pela Anette, disse firmemente de mim para mim, sentando-me.

As cadeiras estavam bem encostadas umas às outras e o calor do corpo de Ben irradiou todo o meu lado direito. Ajeitei-me no assento.

— Julguei que não viesse. — As palavras dele soaram cortantes.

— Fiquei retida — sussurrei de volta.

— Chiu! — sibilou uma mulher à nossa frente.

A cortina levantou-se e apareceu uma rapariga no palco de camisa de noite. Foquei-me nela, determinada a ignorar Ben.

— Oh, meu Deus. É a Justice que faz de *Wendy*?

Provavelmente, eu deveria estar preparada para tal possibilidade. Afinal, Samantha dissera-me que ela e as outras mães conheciam Ben da escola dos filhos.

— Sim — disse Ben, com um laivo de divertimento na voz.

— Chiu! — A mesma mulher outra vez. Lancei-lhe um sorriso apologético.

O Peter Pan apareceu à janela.

— Aquele é o *Detty*? — exclamei, afundando-me na cadeira.

— Chiu!

— Infelizmente.

Porque vim eu? Como que para me recordar, Anette deu entrada no palco.

Alguém nos bastidores incitou-a mais para diante e, lentamente, ela avançou pé ante pé para a frente, as mãos enterradas nas muitas camadas da sua saia, as asas Union Jack deslumbrantes. A minha mãe operara a sua

magia. Sustive a respiração quando um holofote incidiu nela, acompanhado por um tilintar. *Vá lá, Anette! És capaz de fazer isto!*

O pai inclinou-se para diante na cadeira.

— O que é isso, Sininho? — perguntou Detty, pela segunda vez.

Como ela não respondesse ainda, Ben levantou a mão e, com o respetivo símbolo gestual, e assegurou-lhe que estava tudo bem. Eu pesquisara-o, curiosa, depois de ver Anette usá-lo no Gil's. Anette avistou o pai primeiro, depois a mim. A sua expressão descontraiu-se.

OK, fez ela de volta, com a mão contra o peito. Premiu algo no corpete e as suas saias azuis iluminaram-se com as minúsculas luzinhas coloridas em forma de estrelas que a minha mãe cosera nas diferentes camadas. Ouviu-se um *ahhh* coletivo da plateia.

Sustive o fôlego quando vi as luvas que pedira à minha mãe para fazer. Estavam cobertas de cristais prateados que brilhavam intensamente quando Anette movimentava as mãos. Ela começou a gesticular, lentamente a princípio, depois ganhando velocidade.

Finalmente, sorriu.

Ben estava sentado tão perto que quando se virou para mim, pude ver que os seus olhos castanhos continham reflexos de âmbar, como uísque em contraluz.

— Agora todos podem vê-la brilhar — disse eu.

Quando a cortina caiu para o intervalo, Ben e eu ficámos sentados em silêncio.

— Vou partir do princípio — acabei eu por dizer — de que a Anette não gosta da Justice.

— Bem, ela não se ficou por «burro idiota» — concordou Ben.

Eu não precisara de saber ler língua gestual para descobrir que Anette não se estava a ater estritamente ao guião. Isso ficara perfeitamente claro na forma como Ben passara de contemplar a filha com um orgulho feroz para enterrar a cabeça nas mãos sempre que ela aparecia em palco.

Detty nada percebera, «traduzindo» os gestos dela para o público

exatamente como estavam escritos. Anette muito provavelmente teria passado completamente despercebida, não fosse a fila de miúdos que Ben me dissera serem da classe de língua gestual da Academia de Dulwich, que tinham passado o tempo a rir às gargalhadas.

— Para ser justa — disse eu, sorrindo levemente —, o público estava provavelmente distraído.

— *Peter Pan* encontra-se com as Spice Girls dá um *mash-up* surpreendente. — O tom de Ben não podia ser mais seco.

— Não estou certa de que a máquina de vento fosse estritamente necessária. — Quase soprara vários dos «Spice Boys» para fora do palco.

— Acho que foi a ode deles à música pop dos anos 90.

— Que letra cantaram os «Spice Boys» em «Wannabe»?

— «Se quiseses ser minha mãe, tens de te dar bem com os meus amigos.»

Sustive-lhe o olhar e sorrimos ambos. Então lembrei-me do que ele dissera a Samantha a meu respeito no fim de semana passado.

— Foi mesmo fantástico ver a Anette tão confiante — disse eu, mantendo-nos em terreno comum. Ela pavoneara-se por todo o palco lá para o fim do primeiro ato, dominando por completo o espetáculo.

— Há anos que não a via assim. Não desde que a Chloe... — Calou-se, e de repente não tinha de todo importância, que, neste preciso momento, ele não gostasse de mim.

— Há quanto tempo foi? — perguntei gentilmente.

— Quase três anos. — Eu teria apostado que ele sabia os dias exatos. — Nós estamos bem. Os Natais ainda são...

— Os Natais são duros — terminei eu.

Pausa.

— A Evie também perdeu alguém — disse ele suavemente.

Eu normalmente não gostava de falar disso.

— O meu pai — disse, indicando a sala. — Estar aqui faz-me lembrar dele, na verdade. Ele vinha sempre a todas as projeções dos meus filmes quando eu era estudante. O meu equivalente à peça da escola — expliquei. Eu nunca me sentava com ele na plateia. Espreitava para a sala durante o

filme para poder ver a reação dele. Ele fazia sempre a mesma expressão. Como se estivesse orgulhoso, mas igualmente um tudo-nada triste. Eu nunca a percebi lá muito bem.

— Ah — disse Ben. — A expressão «Como ajudei eu a criar esta maravilha e porque está ela a crescer tão depressa»? Uma especialidade paternal. — Então era isso?

Os olhos dele enrugaram-se.

— A Chloe teria adorado ver a Anette a atuar — disse eu, encorajada pelo olhar dele.

Ben desviou os olhos.

— Esta foi a sua estreia em palco. — Como não disse mais nada, pensei que se calhar fora longe demais, mas então ele continuou: — Normalmente, sempre que a Anette faz uma coisa nova, é quando eu sinto mais a falta da Chloe. Quando me parece mais injusto. Mas esta noite a Anette estava mais parecida com ela do que nunca. A mãe dela praticamente cresceu no palco. Ela teria adorado ver a Anette ali em cima, com palavrões e tudo. Além de que — disse, erguendo o canto da boca —, ela era uma verdadeira fã das Spice Girls. — Sorri com ele. Então ele apontou para o palco e disse: — Como posso eu pensar que a Chloe não está aqui quando a Anette está mesmo ali?

Nunca Ben se abrira tanto comigo. Perguntei-me se não teria entendido mal alguma coisa no fim de semana passado.

— Ben, eu...

— Ben! Bem me pareceu que era você. — Uma mulher virara-se para trás, para olhar para nós, interrompendo o que quer que Ben fosse dizer a seguir. O seu rosto iluminou-se com óbvio interesse. Ocorreu-me que, para ela, Ben era um elegível pai solteiro. O equivalente escolar ao unicórnio da indústria cinematográfica. *Alto, moreno e taciturno*, conforme Samantha tão levianamente o descrevera. Ben, por seu lado, não pareceu reparar. — Você não é o nosso fotógrafo oficial?

Senti-o ficar tenso ao meu lado, embora a sua voz soasse cortês.

— Já não, Ann.

— Bem, costuma estar habituado a um pouco mais de emoção do que uma peça escolar, sem dúvida.

— Sempre me alegrou fazê-lo — replicou Ben. — Apenas já não sou fotógrafo.

— Mas não anda sempre por fora a escalar uma montanha nalgum lado?

Fez-se uma pausa.

— Eu... eu agora trabalho para a junta de freguesia.

— Então de quem é essa máquina fotográfica? — A mulher espetou um dedo em riste para a máquina que sobressaía do saco de lona aos pés dele. Tinha uma fita arco-íris.

— Minha — disse eu, pegando nela. Nunca o vira assim tão abalado. Deu-me vontade de o socorrer. — Sou especialista em *selfies*, sobretudo, pelo que não estou certa de poder ajudar grande coisa também.

Para o demonstrar, inclinei a máquina na direção de nós dois.

— Sorria, Ben. — O *flash* incidiu-nos na cara. Ben pestanejou, quase encandeado.

— OK. — O sorriso de Ann assumiu um laivo de cortesia. — Bom, Ben, se alguma vez mudar de ideias...

Ben assentiu, aliviado. Só depois de ela se ter virado para a frente novamente o senti descontrair-se.

— Obrigado — disse ele, baixinho.

— Não foi nada. — Não conseguia afugentar o pensamento de ele ser fotógrafo. *O que te fez desistir, Ben?* O homem era um quebra-cabeças, que eu não era chamada a resolver.

Ambos as avistámos ao mesmo tempo: um grupo de mães reunidas à frente do palco, olhando para a plateia. *Para nós*, constatei com um sobressalto. Reconheci as mães de Detty e de Justice, que não pareciam agradadas, e Samantha, que parecia. Estavam postadas à volta de uma mulher alta dos seus 50 e tal anos com um severo corte de cabelo *bob* que baloiçou quando ela se virou para nós.

— Ben. — A mulher tinha um ar de dever relutante. Usava um vestido preto com um corte simples e botas plataforma. Ali estava a fã das Spice

Girls, assumi. — Podemos trocar uma palavra rápida antes de o segundo ato começar? O bando de mães continuava junto ao palco, todas tomando o maior cuidado para dar a entender que não estavam a olhar.

— Sim, Sra. Clarke — disse Ben, baixando um pouco o queixo como se estivesse em apuros. — Diga-me apenas o que quer, o que quer mesmo, mesmo a sério.⁴

Reprimi uma risada de surpresa. A Sra. Clarke não pareceu apreciar o humor.

Lá em cima no palco, a cabeça de Anette apareceu entre as cortinas. Mal avistou a sua professora com o pai, desapareceu.

Ben suspirou.

— Tenho de ir à caça de uma fada.

Quando a cortina se fechou pela última vez, levantei-me para sair, pegando na minha pasta. Estava mais pesada do que de costume, recordando-me do que ela continha. Fosse o que fosse que acontecera nos bastidores, mantivera Ben ocupado durante o resto da peça. Eu queria muito encontrar-me com Anette, mas isso significava arriscar-me a chocar com um certo grupo de mães.

— Evie! — Anette abria caminho direita a mim através da multidão, ainda no seu fato de fantasia e rasto cintilante. — Vieste! — guinchou. A fita vermelha caíra-lhe um dos rabichos.

— Foste espetacular — disse-lhe eu.

— Tenho uns pedidos de desculpas a fazer — disse ela, como que repetindo obedientemente uma frase que lhe tivessem encomendado.

Baixei-me de forma a poder sussurrar-lhe ao ouvido.

— A Sininho teria ficado orgulhosa.

Ela arreganhou um sorriso.

— O meu pai disse para vir aqui buscar-te. Ele está nos bastidores com a diretora. Vem daí, eu mostro-te. — Pegou-me na mão e dançou à minha frente, fazendo-me subir os degraus para o palco.

Passámos a cortina e entrámos no cenário mergulhado na penumbra.

— Espera por mim *aqui mesmo* — disse-me ela, colocando-me junto ao navio pirata de madeira e afastando-se. — O papá quer falar contigo.

— Espera, Anette! — chamei, certa de que estava enganada, mas ela eclipsara-se lá para dentro.

Vários minutos se passaram enquanto ouvia os pais a tentarem rodear os seus filhos atrás da fina divisória ao fundo do palco.

Finalmente, ouvi passos.

— Anette? — Era Ben, meio incomodado.

— Sou só eu — chamei.

Ben abriu caminho através do covil de Spice Boys na minha direção. Ao dar um passo sobre a canoa da Tiger Spice, ficou com o sapato preso. Acudi a segurá-lo enquanto ele se desembaraçava.

— Olá — disse Ben.

— Queria ver-me? — disse eu.

Ele franziu o cenho, estudando-me o rosto enquanto se aproximava um passo.

— Julguei que me quisesse ver a mim?

Abanei a cabeça, confusa, até que avistei um ramo de azevinho suspenso da proa do navio pirata. Preso com uma fita vermelha. Anette.

Estaria ela a tentar juntar-nos? Seguramente, não. Ainda assim — esta podia ser uma cena diretamente tirada de *O Amor Acontece*.

Corei, rezando para que Ben não seguisse o meu olhar, mas é claro que o fez.

— Ah — disse. — Evie, eu...

Uma corrente de ar atingiu-me por trás como se me tivessem atirado uma almofada. Incapaz de me agarrar a qualquer coisa a tempo, bati em cheio contra ele. Ben tentou desenvencilhar-se de mim, mas eu não consegui afastar-me mais do que uns centímetros antes de ser empurrada novamente para o seu peito. Ele abriu a boca como que para dizer alguma coisa, apenas para inalar a ponta da minha trança.

— Justice Merriweather, a máquina de vento não é um brinquedo! — bramou a Sra. Clarke, enquanto Ben sufocava. O vento foi abruptamente

desligado e uma risadinha penetrante retiniu, seguida de passos a correr.

Rapidamente nos desemaranhámos, Ben alisando a camisa e limpando a boca. Um sorriso repuxou-me os lábios ao baixar o casaco de malha enrodilhado em torno dos ombros. Até que vi a expressão dele.

— Evie — disse ele gravemente. — Preciso que saiba. Não estou interessado em participar de todo no que está a fazer.

Fitei-o, chocada.

— Desculpe?

Ben indicou a máquina, o azevinho.

— Isto é um *meet-cute*, não é?

Pensaria ele realmente que eu engendrara tudo aquilo para ele?

— Acredite em mim, Ben — respinguei, com as faces a arder. — Você seria a última pessoa que eu queria conhecer. — Não tive coragem de lhe dizer que a filha dele estava por detrás da situação, quando ela apenas estava a tentar ajudar. Saquei da minha pasta, tirando o presente que trouxera comigo, a razão de chegar atrasada à peça. — Tome, para a Anette. Foi por isto que voltei aqui.

Ben aceitou-o, tocando a aresta do grande laço que envolvia o papel verde metálico.

— É em segunda mão — disse, virando-me para sair, sabendo que ele não fazia ideia do que fora que eu lhe dera. — Mas bem amado. Gostava muito que a Anette o tivesse.

Encontrei uma Anette envergonhada escondida nas alas do palco. Lançou-se às minhas pernas.

— Feliz Natal, Evie. Estou feliz por te termos conhecido.

— E eu estou feliz por vos ter conhecido também — disse eu, com a garganta apertada. Não olhei para trás, para Ben.

Desta vez não havia como confundir a mensagem. Ben achava-me uma parva completa, e a sua opinião de mim não iria mudar tão cedo.

⁴ Trocadilho com letra da música *Wannabe* das Spice Girls, no original: «Just tell me what you want, what you really, really want.» (N. da T.)

Homem Extraviado

EXT: UMA RUA DE CASAS GEMINADAS RECONVERTIDAS, EAST DULWICH — DOMINGO, 23 DE DEZEMBRO, 12H00

Caem fiapos de neve enquanto EVIE sai a custo de casa puxando uma mala. Um homem alto e careca com a barriga visivelmente saliente através do corta-vento — GRAEME — corre para ela e pega-lhe na mala. Abre a porta do lado do passageiro do seu *Skoda* azul para que Evie entre, antes de tentar meter a mala na bagageira atulhada. Coisa que está a levar o seu tempo.

— Tudo bem? — gritei para Graeme, mais uma vez, enquanto ele resfolegava.

— Nada de preocupações, tudo nos trinquês! — disse ele. Até que era encantador ouvir o sotaque cerrado de Sheffield, conquanto fosse uma pena aquela dos «trinquês».

— Peço mil desculpas por me ter atrasado um bocadinho — gritei.

— Teria sido bom fugir ao trânsito — disse Graeme, com voz tensa. Bateu a porta da bagageira com força suficiente para abanar o carro.

Quando ele manobrou o seu corpanzil para o lugar do condutor, vi que a neve lhe empastara o que restava de cabelo.

— Avanço eu então primeiro, sim? — disse ele vivamente, batendo no volante. *Foste tu que me puseste no lugar do passageiro, Graeme.* Sorri. Maria não ficaria feliz por saber que eu riscara o *meet-cute* da Viagem de Carro antes de a chave estar sequer na ignição.

Talvez ele apenas cause uma primeira má impressão.

Evie: podes deixar de te preocupar

Maria: não estou preocupada, juro!

Sarah: eu ainda acho que a minha escolha teria sido melhor

Jeremy: sim, se ao menos a Evie tivesse escolhido alguém que não fosse definitivamente um perverso!

Evie: certo, malta, vou falar com ele. Nada de me sentar atrás. Desejem-me sorte...

— Então, isto é estranho, não é? — disse Graeme, enquanto tomávamos a Ponte de Vauxhall. O Tamisa estava cinzento-ardósia e decididamente sombrio.

— Um bocadinho — disse eu, sorrindo para ele. Se calhar não ia ser assim tão mau. *Um Amor Inevitável* era um dos meus filmes favoritos de sempre, e, de certo modo, eu estava a vivê-lo. Tinha uma lista de tópicos de conversa a postos para assegurar que a nossa viagem seria digna de uma comédia romântica.

— São pouco menos de cinco horas, dependendo do trânsito — continuou Graeme. — Claro está, teria sido menos se tivéssemos saído quando planeámos.

— Pois — disse eu. Íamos definitivamente precisar da tal lista. Quando fui sacá-la ao telemóvel, surgiu uma mensagem.

NOB: Que tal a viagem de carro? O Garry é tão emocionante como o nome sugere?

Ruiva: é Graeme. E você não tem coisas mais importantes com que se ralar? Um guião, talvez?

NOB: Assumo que seja um não

Encaixei o telemóvel sob a coxa, frustrada. NOB ainda não me dissera sobre o que versava o guião, e eu não tinha coragem para perguntar a Monty. Não queria que o meu patrão perdesse a fé em mim. Dado que supostamente era eu que estava a ajudar NOB a escrever, poderia parecer um pouco surpreendente que eu não soubesse o que escrevia ele de facto. Pelo menos os produtores estavam satisfeitos. Sam-e-Max tinham ficado tão entusiasmados com a ideia de NOB que tinham marcado uma reunião para 2 de janeiro a fim de discutir o que ele tivesse escrito até à data. É

claro que, como NOB não entregara ainda quaisquer páginas, essa estava destinada a ser uma reunião muito curta.

Tentei relaxar. Ter uma ideia concreta punha NOB um passo mais perto de terminar o guião. Quanto a mim, só tinha de continuar a fazer tudo o que podia para encontrar o Sr. Final Feliz para que NOB não tivesse qualquer desculpa para não escrever. E, se isso falhasse, acorrentá-lo-ia à sua secretária. Que se danasse o Profissionalismo!

Ouviu-se um roçar, seguido de um fedor tão horrível que fui acometida de um vômito.

— O que é *isso*?

— Oh, é servida? — perguntou Graeme, com a mão esquerda enfiada num saco de plástico que continha algo que estava seguramente morto há algum tempo. — É peixe seco. Fui há pouco tempo à Islândia. Adoro viajar, e você?

Abri a janela, sorvendo o ar fresco.

Meia hora mais tarde, Graeme ainda estava amuado por ter tido de deitar o peixe fora. Eu não fora capaz de sustar os vômitos, e ele não quisera arriscar o estofado dos bancos.

— A Maria disse que você era analista de dados — disse eu, para o apaziguar. — Em que consiste isso? — Isto não estava na minha lista de tópicos de conversa, mas duvidava que Graeme estivesse com disposição para decidir se preferia o cu às calças ou as calças ao cu (contribuição de Jeremy).

— Isto e aquilo — disse Graeme. — A Maria disse que você tinha um trabalho interessante. Agente cinematográfica, ou algo assim. Que tal é? Já conheceu o George Clooney?

Ele estava a tentar, pelo menos.

— Sou assistente — respondi.

— Atrás de um grande homem... blá-blá-blá — disse ele, ligando o rádio num posto programado. Fitei-o. Estaria a falar a sério?

No rádio, um programa de tertúlias. O mediador era um desses

dissidentes profissionais que acham piada a assumir pontos de vista abjetos e ver o *Twitter* explodir. No momento em que mencionaram «indesejáveis», mudei-o para um posto de música pop. Graeme sintonizou-o imediatamente de volta, usando um botão no volante.

— A escolha é do condutor — disse, com uma jovialidade de dentes cerrados.

Evie: Maria, minha querida, quão bem conheces o Graeme?

Maria: eu conheço a mãe dele — é amorosa. Está tudo bem?

Evie: tudo ótimo

Lembrei-me do que tinha no bolso. Atrasara-me esta manhã porque fora ao Gil's escrever, determinada a não me deixar intimidar pela atitude de Ben. Até me sentara ao lado dele e de Anette (a pedido dela, claro). Depois do que ele assumira na peça de Anette, decidira que ele bem merecia que eu escrevesse a NOB um relatório como se tivesse sido intuito meu fazer daquilo um *meet-cute* afinal, com Ben no papel de protagonista. Fora catártico, quase como me sentira antigamente ao escrever. Depois compilara uma lista de filmes para Anette ver na época natalícia, nitidamente ignorando Ben — o mais perto que estivéramos de interagir fora quando ele lembrara Anette de que ela tinha um presente de Natal para mim.

Era uma *pen* contendo uma *playlist* para viagens de carro.

— Posso? — Sem esperar por permissão, inseri-a na ranhura no *tablier*.

«Olá, Evie, aqui é a Anette», ouviu-se a sua voz cadenciada através das colunas de som.

— O que é isto? — perguntou Graeme.

— É um presente de...

«E o Ben.» Estaquei, atónita, quando a sua voz grave ressoou por todo o carro.

«*Meet* a tua *cute playlist* de viagem de carro», continuou Anette.

«Haverá hipótese de a Evie perceber mal o que queres dizer?», Ben pigarreou.

«Porque, por vezes, as pessoas podem fazer confusões.»

«E então agem como perfeitos panhonhas.»

«Obrigado, Anette.» O seu tom era retorcido mas aquiescente. «Prometo ser menos panhonha daqui em diante.»

Estaria a ouvir bem? Ben já não pensava que eu congeminara um elaborado esquema para o beijar? Tomara que ele tivesse dito alguma coisa no Gil's esta manhã. Embora, para ser justa, eu o tivesse ignorado o tempo todo. Por falar em justa... senti um lampejo de vergonha, lembrando-me de que enviara a NOB o relatório do *meet-cute*.

— Este tipo é um dos seus ex-namorados? — perguntou Graeme, intrometendo-se nos meus pensamentos.

— Não — disse eu. — Ele é... — Era demasiado complicado para explicar. — São apenas uns amigos.

«As *playlists* são a especialidade do papá», continuou Anette. «Por isso, põe-te confortável.»

«Sempre com os olhos na estrada», esclareceu Ben.

«E quem sabe o que poderá acontecer...»

Acompanhei a cantar do princípio ao fim *The Circle of Life* e *Objects in the Rearview Mirror*, dos Meatloaf, antes de me aperceber de que estava sempre à espera de ouvir mais mensagens de Ben entre as canções.

O que estou eu a fazer? Playlist ou não, o homem achava-me claramente uma perfeita maluca por fazer os *meet-cutes*. Neste preciso momento, eu achava que ele era capaz de ter razão.

— Consegue chegar lá atrás, à minha água? Estou mesmo a precisar — disse Graeme. — Se ao menos tivesse trazido também os tampões para os ouvidos! Ah! Ah! Ah! — Passei-lhe a garrafa e saquei do telemóvel para me distrair e dar a Graeme um descanso dos meus desafinados trinados.

NOB: Entretenha-me. A minha beleza morenaça está a tentar provar que a beleza que importa é a de dentro. Absolutamente zero de conversa. E zero de graça

Teria Monica pintado o cabelo? Parecia uma coisa tão cruel de se dizer a

respeito dela, mas NOB era mesmo assim. Talvez as colunas de mexericos estivessem certas, afinal, e eles estivessem a passar uma fase acidentada. Ela é realmente capaz de melhor.

Evie: o Graeme é o máximo

NOB: Treta. Está presa no mesmo trânsito que eu e esgotou a conversa há dez cruzamentos

O meu primeiro pensamento foi *Trânsito?* Graeme ficaria exultante. Seguido de *Espera aí um minuto.*

Evie: está na M1??

NOB: Vou passar o Natal em casa da Monica, está lembrada? Nunca ouve nada. Conte-me do seu *meet-cute*.

Lá se ia a fase acidentada.

Evie: está a ser brilhante. Já escolheu o nome da sua personagem principal? Eu estou a pensar em Graeme

NOB: Mulher alguma na história das comédias românticas fraquejou dos joelhos por um Graeme

Evie: Jude Law em O Amor Não Tira Férias. Ah!

Lá fora, o granizo transformou-se em chuva. Fitas fluorescentes de farolins traseiros alongavam-se à distância à nossa frente.

— Trânsito. — Graeme sorriu triunfante. — Eu bem lhe disse.

— Se disse. — *Vá lá, Evie. Dá-lhe uma hipótese.* — Como é que vai passar o Natal?

— A ajudar a minha mãe. Ela há de perguntar-se porque estou tão atrasado. Só me tem a mim. — Graeme sorveu ruidosamente a sua água. — Ser solteiro significa que tenho tempo para ela — continuou, olhando de relance. Tossiu. — Não que não fizesse sacrificios pela pessoa, claro. O problema é que — acenou com a garrafa, a cara avermelhada pelo fulgor das luzes dos travões — há uma razão para haver tantas mulheres solteiras.

Ora aí estava uma afirmação que nunca acabava bem.

— Olhe-me só para esta chuva — disse eu. Os pingos eram gordos e cheios e explodiam contra a janela, fazendo correr grandes cascatas pelo vidro. — Tempo para beijos — murmurei baixinho.

Ele tossiu sonoramente.

— O que é isso?

— Nada. — Era chuva de filme. Do tipo que nos deixa ensopados. Quando de nada serve usar guarda-chuva porque não há uma única parte de nós que não fique encharcada. Veio-me à cabeça *Quatro Casamentos e Um Funeral*, e a infame frase de Andie MacDowell.

Graeme abanou a garrafa já vazia e deixou-a cair no colo, suspirando.

— O que é aquilo? — gritou de súbito, atirando-se para a frente no assento e fazendo força contra o cinto de segurança.

— O quê? — perguntei alarmada, perscrutando o trânsito à nossa frente.

Ele recostou-se.

— Era um *pássaro* — disse, como se fosse óbvio.

— Você está bem? — Mirei-o de pé atrás. Tinha o cabelo todo despenteado e eu começava a pensar que a vermelhidão nas suas faces não se devia inteiramente ao reflexo do trânsito.

Graeme arregalou os olhos e atirou a garrafa vazia lá para trás.

— Estou ótimo, porquê? — Pensou por um momento. — Mas preciso de fazer chichi. — *Desculpem lá, mas este homem feito acabou de dizer o quê?! — Vamos parar na próxima estação de serviço. Aha! —* Movimentou-se para cima e para baixo. — Esta que aí vem é a minha preferida.

Sustive a respiração quando um odor me encheu as narinas.

— Está a comer mais daquele peixe? — perguntei, olhando de relance à procura do saco.

Ele tossiu.

— Você obrigou-me a deitá-lo fora, lembra-se?

— Então o que é...

Um sonoro ruído alastrou pelo carro, seguido, um mero segundo

demasiado tarde, por outra tossidela.

Fechei brevemente os olhos, quando percebi o que se estava a passar. Este ciclo continuou durante mais uns minutos — Graeme sintonizando cada vez pior as tossidelas até que bem poderia ter desistido por completo.

Baixei o vidro, apesar da chuva. O GPS corrigira a sua estimativa de quando chegaríamos. O nosso destino estava agora a cinco horas de distância. Até lá: o inferno.

Maria: como vai isso?!

Evie: estamos na estação de serviço preferida dele

Maria: ele é meio peculiar

Evie: um fenómeno

Sarah: dá-lhe uma hipótese, Evie

Evie: é igualmente um misógino cretino

Maria: oh, Deus! Peço mil desculpas, Evie. Pensei que fosse bom tipo. Até lhe disse que eras solteira

Evie: para ser justa, acho que romance é a coisa que menos lhe passa pela cabeça. Acabou de anunciar que ia «limpar os canos»

Eu não me deveria zangar com Maria por me querer juntar com Graeme. Simplesmente não era ela que estava enfiada num carro com um homem que acreditava genuinamente que disfarçava bem os seus traques. Enviei à minha mãe a minha nova hora de chegada, ansiando pelo momento em que me visse na minha velha rua. Não chegaríamos antes das 21 horas. Fui percorrida de um arrepio, ligando o aquecimento.

Toc-toc-toc.

Um Graeme de aspeto bem molhado acenou para mim através do vidro. Julgando que íamos trocar de lugares, saí e recuei para o deixar passar.

E foi então que Graeme me agarrou pelos ombros e me beijou como se a sua boca fosse um desentupidor a tentar desobstruir um ralo.

A minha reação foi puro reflexo e inteiramente justificável.

Graeme afastou-se bruscamente.

— Mordeu-me! — disse, atônito. Espetou a língua para fora. — Está a deitar sangue? Que ideia foi essa?

— Você enfiou a língua na minha boca! — *Seria aquilo... peixe morto? Blherg!*

— Eu estava a ser *romântico*. Você é que estava para aí a dizer que estava tempo para beijos!

Fantástico, então agora aquilo estava arruinado para mim.

— O *consentimento* é romântico, Graeme. — Enxuguei as gotículas dos olhos, respirando pesadamente e considerando seriamente deixá-lo ali. — Entre — disse por fim, entrando para o lugar do condutor. Um minuto depois, ele sentou-se ao meu lado.

Desencantou uma nova garrafa de água, gemendo enquanto a bebericava. Eu liguei a música. Os dedos dele avançaram na direção do rádio.

— Não — disse eu concisamente. Ele desviou a mão. Virando-me mais ou menos as costas, enroscou-se no assento, agarrando a água como um urso de peluche. Inacreditavelmente, começou a risonar.

Desfrutei quase uma hora de relativa paz até ele acordar.

— O problema com mulheres como vothê — declarou ele, sobressaltando-me — é que nunca querem os tipos dethentes. Vão thempre para os cretinos. Depois queixam-se a nós quando eles vos tratam mal. — Devia ter a língua mesmo inchada. *Boa!*

Verifiquei o GPS mais uma vez. Quatro horas de caminho.

Uma pessoa sensata teria mantido a paz. Eu não me estava a sentir particularmente sensata.

— O problema com os tipos decentes, Graeme — disse eu — é eles não se aperceberem de que são eles os cretinos.

— O problema com...

— Está a ver?

Ele fulminou-me com o olhar, sorvendo a sua água como se fosse um ato de desafio. À nossa frente, o trânsito começava finalmente a dispersar. Acelerei, sentindo que a liberdade estava finalmente no horizonte, quando se ouviu um chocalhar no motor.

O que foi isto?

Todo o carro estremeceu. Estava algo a arder?

— Graeme, quando é que verificou o óleo pela última vez?

— Petho desculpa, *mamã*. «Graeme, verificaste o óleo?» «Graeme, porque estás a deixar as tuas colegas desconfortáveis?» As mulheres estão sempre a fazer perguntas irritantes.

Fumo negro evoluiu-se do capô e todos os sinais de alerta se acenderam no painel.

— *Uuupth!* — disse Graeme. O carro deu um solavanco e a sua mão saltou, derramando a bebida sobre mim. E foi então que constatei que a água era, na verdade, vodka.

The Tutor Cretino

EXT: BERMA DA ESTRADA, M1 — DOMINGO, 23 DE DEZEMBRO,
17H42

As luzes a piscar de um carro de bombeiros emprestam à noite um tom laranja artificial enquanto agentes da polícia acompanham com sinais uma lenta procissão de carros junto à berma. Uma ambulância arranca do local no preciso momento em que chega um reboque. EVIE está embrulhada numa manta térmica prateada e a falar com uma agente da polícia. GRAEME está igualmente embrulhado numa manta, discutindo com os bombeiros.

— Sente-se bem, menina? — perguntou a agente da polícia, preocupada, com os olhos em Graeme. — O seu companheiro parece agitado.

— Estou ótima, obrigada — respondi, tremendo arrepiada sob a chuva miudinha. — E ele não é meu companheiro. — Eu não lhe dissera que éramos na verdade perfeitos estranhos e que fora eu a orquestrar a viagem de carro para levar um guionista a escrever uma comédia romântica. Ela já estava desconfiada de que eu estava bêbeda.

Devolvi o alcoolímetro. Ela verificou-o.

— Obrigada, menina. Parece estar tudo bem. Apenas tínhamos de nos assegurar.

— Percebo perfeitamente — disse eu. Afinal de contas, eu levava um banho de vodca.

Ela deixou-me para ir resgatar os bombeiros de Graeme. Eu senti-me pesadamente na barreira, exausta e nada mais querendo do que estar com a minha mãe a comer pastéis caseiros de frutas cristalizadas acompanhados de vinho bem quente com canela. Parecia mais que improvável que eu fosse para casa agora, e amanhã era véspera de Natal.

Os meus dedos frios mal conseguiam teclar.

Ruiva: você tinha razão

NOB: Eu sei. Espere. Tentou simular um orgasmo?

NOB: Ruiva?

Ruiva: Estou na berma da M1, a ver o Graeme — que está bêbedo, a propósito — a gritar com um bombeiro por lhe ter dado uma mangueirada no motor que estava a arder.

Resumindo: não

NOB: Não são vocês nesse pedaço de sucata azul, são?

O coração martelou-me quando olhei de relance para o *Skoda* azul, sobre o qual Graeme estava agora deitado envolto na manta, para irritação do pessoal de assistência rodoviária. «Sim, porquê?», escrevi. Nenhuma resposta.

O *Skoda* já tinha sido preso ao reboque e Graeme fora a custo arrancado do capô quando o carro desportivo vermelho encostou à berma.

Perscrutei através dos vidros fumados, perguntando-me que espécie de pessoa encostava o carro no local de uma emergência.

O vidro do passageiro começou a deslizar para baixo, revelando um cabelo louro esmeradamente penteado num estilo descontraído, uns olhos dolorosamente azuis, e uma cara irritantemente bonita e extremamente bem-vinda.

— Ei, Ruiva.

Estou mesmo a ver isto? NOB. Na berma da M1. O meu coração virou um colibri no meu peito.

Ele arreganhou um sorriso e inclinou-se sobre o assento vazio para abrir a porta do passageiro.

— Quais eram as probabilidades de ser você o meu estorvo deste trânsito todo, Ruiva? — disse ele, com os olhos chispando de divertimento. — Levante-me esse rabo daí e entre.

— Está mesmo aqui para me apanhar? — A voz tremeu-me quando me inclinei para o interior aquecido.

— Para que havia de ser? — disse ele. — Despache-se, está a pingar em cima do couro.

— Há espaço para mais um? — Apontei para Graeme, que estava sentado a alguma distância, abraçado à sua bagagem. Os tipos do reboque tinham-se recusado a levá-lo com eles. Ele era um cretino, sim, mas era tarde, e era Natal, e a mãe estava à espera dele.

— Isso depende. — Ergueu sugestivamente as sobrancelhas. — Deixo-o em sua casa?

— A duas ruas de distância. — *Cinco no máximo.*

— Tudo bem. Se o meu amigo peludo não se importar. — NOB indicou o banco de trás. Se é que se lhe podia chamar sequer isso. Era um recanto em couro minúsculo tornado ainda mais pequeno pelo absolutamente enormérrimo cão que o ocupava.

— O que é aquilo? — O meu cérebro petrificado não conseguia acompanhar. Definitivamente não era Monica.

— Ruiva, apresento-lhe o Ziggy. Ziggy, a Ruiva. — NOB ofereceu-me um sorriso. *Espera lá.* Então esta é que era a sua «beleza morenaça»? Saberá ele o que eu tinha imaginado?

O sorriso trocista sugeria que sim.

Levara tanto tempo a enfiar o bêbedo de meia-idade e duas peças de bagagem ensopadas no elegante mas minúsculo carro de NOB, que quando finalmente arrancámos o trânsito estava praticamente descongestionado.

— Obrigada — disse eu, perguntando-me se essa simples palavra poderia de todo ser suficientemente grande para conter a minha gratidão. Parecia que o Natal estava de volta, e tudo graças a NOB. — Isto significa realmente...

— Então *você* deve ser o cretino — interveio Graeme, lá de trás.

NOB ergueu as sobrancelhas.

— O quê?

Inclinei a cabeça enquanto fulminava Graeme com o olhar. Estava a empurrar Ziggy a clamar por mais espaço. O cão mal dava por isso sequer.

— As mulheres escolhem sempre o cretino. *Você*. — Apontou um dedo para mim. — Só não venha ter comigo a chorar quando ele lhe der o fora.

— *Ziggy* — disse NOB calmamente. — Para baixo.

Com um grande resfolegar, o gigantesco cão deitou-se estatelado, atabafando Graeme, que ganiu e se endireitou rapidamente, arquejante.

Não consegui olhar para NOB.

— Está bêbedo — expliquei.

— Eu reparei.

— E mais uma coisa! — Silêncio. Olhei para trás e dei com Graeme profundamente adormecido, com a cabeça apoiada sobre o lombo de *Ziggy*.

— Eu já disse obrigada, não já?

— Agradeça-me com o seu relatório — replicou ele.

Revirei os olhos. *O mesmo NOB de sempre*.

Assim que senti as mãos de novo, enviei uma mensagem à minha mãe, e a seguir ao JEMS, dando-lhes a saber que estava atrasada, mas bem.

Maria: Evie, peço mil desculpas. Não posso crer. Acabei de obrigar a mãe dele a falar. Ela disse que ele foi despedido. Algo que ver com embriaguez e má conduta no local de trabalho e uma birra no *Twitter*

Jeremy: Sarah, nem te atrevas a dizê-lo

Sarah: A Evie passou por um inferno. Dificilmente irei mencionar que o Paul era claramente a melhor escolha, agora, sim?

Jeremy: pronto. Nada de mais despedida de solteira. Acho que podemos todos concordar que é justo

Maria: como vais para casa?

Evie: não vão acreditar em mim.

— Não interprete isto mal — disse eu para NOB. — Mas porque nos resgatou?

— Temos um acordo, não temos?

— Que eu saiba, não envolve assistência na estrada.

— Ruiva, você precisava de ajuda. Eu estava perto. — Uma pausa. —

Não sou assim tão cretino.

— O Graeme discordaria.

Ele riu-se. Eu ocupei-me a desentrançar o cabelo de modo que pudesse secar em caracóis frisados, curiosa quanto a estas novas versões dele. NOB, dono de um cão. NOB, o salvador.

— O que foi? — perguntei, quando ele me olhou de relance.

— Nada. — Desta vez, os seus olhos demoraram-se um bocadinho mais.
— Fica bem com o cabelo solto.

— Obrigada — disse eu, admirada. *O que se passa?* Não significava nada. Para NOB, namoriscar era como respirar. Se é que era isso de todo.

A música baixou quando o telefone dele se ligou ao *Bluetooth*.

«Querida a ligar», lia-se no ecrã no *tablier*. A boca de NOB fechou-se, com o maxilar bem crispado. Cancelou a chamada.

Perguntei-me o que era aquilo, enquanto fazia festas a *Ziggy*.

— Ele é da Monica? — O cão não estava em casa de NOB quando eu lá fora.

NOB bufou.

— A Monica não o suporta. Tem estado de quarentena desde L.A., e ela não ficou lá muito contente que ele já tenha saído. Vou levá-lo para um canil, onde pelo menos terá um Natal melhor do que o meu. — NOB levou o braço lá atrás e afagou as orelhas de *Ziggy*.

«Querida a ligar», informou-nos o *tablier* de novo. Outro golpe de dedo a terminar a chamada.

— Está tudo bem? — perguntei.

— Na maior — disse NOB, num tom conciso. Deixei o silêncio prolongar-se. — Você é insuportável, sabia? Muito bem. Os miúdos da Monica vêm passar o Natal connosco. Ela atirou-me com esta hoje de manhã.

— E eles... que idades têm? — Não consegui resistir a perguntar.

Ele arqueou uma sobrancelha para mim.

— As idades suficientes para acharem que a mãe deles podia ter melhor do que um «*one-hit wonder*».

— Mas terão muito com que se impressionar não tarda — disse eu. — Os produtores adoraram a sua ideia. Espere só até ter o guião para lhes mostrar. — As suas belas feições exibiram uma expressão que espelhava, e de que maneira, descrença e, pareceu-me, um frémito de ansiedade. — Devíamos falar acerca da reunião de janeiro.

— Eu recebi o seu *meet-cute* esta manhã — disse ele, esquivando-se. — Percebi desde logo que estava a perder o seu tempo com o Papá Sensaborão.

Depois de tudo o que sucedera, quase me esquecera de que lho enviara.

— Ele chama-se Ben, e pode simplesmente ignorá-lo — disse eu, corando de culpa. A lista de músicas estava bem guardada a salvo no meu bolso.

— Não se preocupe — disse NOB. — O tipo era pouco memorável. Então, quando terei eu o seu relatório da viagem de carro?

— Assim que você enviar algumas páginas ao Monty — disse eu, mais irritada do que era minha intenção.

Silêncio. Ele manteve os olhos firmemente na estrada.

— Essa ideia que eu enviei ao Monty — disse ele, por fim. — A verdade é que, Ruiva... ela não me teria ocorrido sem si. — Abanou a cabeça. — São esses malditos *meet-cutes*. Têm ajudado mais do que pode imaginar. — Ele dissera algo parecido antes. E, contudo, se é que tal era verdade, onde estavam as páginas? — Porém — ele olhou para mim —, simplesmente tenho a sensação...

— De quê?

— De que você se está a refrear ao escrevê-los. — Encolheu os ombros. — Não o faça. Você é boa escritora, Ruiva. Se quer ter alguma esperança de me fazer acabar isto, tem de mergulhar por inteiro.

Observei-lhe o perfil cinzelado, interrogando-me quanto às suas palavras. Vinha dizendo a mim própria que eu era a única que levava o nosso acordo a sério, e NOB — *NOB* — vira através de mim.

Porque tinha razão. Embora me sentisse mais solta a cada relatório, ainda havia uma voz na minha cabeça a dizer-me que eu não era uma verdadeira

escritora, controlando-me. Eu tinha feito aquele acordo com NOB para o convencer a escrever. Se ele dizia de facto a verdade, e os relatórios estavam genuinamente a inspirá-lo, então de que tinha eu tanto medo? De vir a descobrir que NOB estava a troçar de mim quando dizia como a minha escrita era boa?

Ou de que, por acaso, até me estava a dar gozo escrever outra vez?

— OK — disse eu, e o sorriso dele pareceu estranhamente aliviado. Revesti a minha voz de aço. — Mas tem de entregar algumas páginas primeiro.

— Combinado.

Ziggy enfiou a cabeça entre os nossos assentos, choramingando a pedir atenção.

— Desculpa lá, amigão — disse NOB, afagando-o. — Desforramo-nos depois do Natal.

Enterrei os dedos no pelo do cão, triste ao pensar nele sozinho durante as festividades tão pouco tempo depois de estar de quarentena.

— Sabe, eu podia ficar com o *Ziggy* durante uma semana — disse lentamente. — É o mínimo que posso fazer, depois de me ter resgatado. No Natal a política da minha mãe é quantos mais, melhor. — Embora *Ziggy* provavelmente fosse um pouco mais do que ela esperaria.

Deus livrasse NOB de mostrar gratidão.

— Em *casa da sua mãe*? — perguntou, claramente cético.

— Bem, não é o Four Seasons, mas também não é choça nenhuma — disparei eu de volta.

Ele deixou escapar uma risada.

— Tem de saber o que leva consigo, é tudo. O *Ziggy* é um cão que precisa de muito espaço. E é vegano. — Um arremedo de esperança soava na sua voz.

— Tudo pelo meu salvador — disse eu, afagando *Ziggy*.

— Salvador! Gosto disso!

— Eu referia-me ao cão.

Dei comigo a reter as lágrimas quando vi o pequeno terraço da minha mãe todo iluminado com luzes a acender e a apagar. *Casa*, diziam elas a cada piscar. NOB desligou o motor e a queda de temperatura deu a sensação de uma bolha a rebentar.

— Tem a certeza de que vai ficar bem com...

Graeme soltou um sonoro traque. Desta vez não se seguiu nenhuma tossidela.

— Eu levo a bela adormecida a casa.

— Tem o endereço da mãe dele.

Percebi que estava a fazer tempo. Parecia que tínhamos estabelecido uma espécie de tréguas ao longo das últimas horas, que eu achava que acabariam quando eu saísse do carro.

— As coisas do *Ziggy* estão no saco aí atrás. — Nenhum de nós se referiu ao facto de que ele podia ter mudado o saco de sítio para dar mais espaço a Graeme. — Vá enviando fotografias para eu saber que ele está vivo.

— Diariamente — prometi. — Bem, acho que é melhor...

NOB inclinou-se na minha direção. Senti um fugaz odor a mel e natas antes de ele carregar no botão da bagageira.

— Foi divertido — disse ele.

Ao tirar a minha mala do carro, ela embateu contra o banco de trás.

— Evie! — Graeme espreitou por cima dos encostos de cabeça, sobressaltando-me. — Espere. Eu... eu peço desculpa. Tenho passado um mau bocado. Eu sou bom tipo, a sério, prometo. Posso ajudá-la com o seu caso?

— Graeme — disse eu. — Está prestes a testemunhar em primeira mão que as mulheres nem sempre escolhem o cretino. — Os seus olhos injetados de sangue encheram-se de esperança. Fechei a bagageira com força.

Quando me virei para a casa da minha mãe, dei com NOB postado na minha frente. Flocos de neve começavam a cair em esvoaçantes nuvens prateadas.

— Não se está a esquecer de nada? — perguntou NOB.

— Estou?

Estendeu-me a trela de *Ziggy* e pôs-me um grande saco preto sobre o ombro. Desequilibrei-me para a frente com o repentino peso a mais, agarrando-me ao peito de NOB. Ele susteve-me pelos cotovelos e inclinou-se com os lábios junto ao meu ouvido.

— Está a ficar caída por mim, Ruiva? — disse ele, arreganhando um sorriso. A neve pousou na minha cara, derretendo-se nos meus lábios. Quando os olhos dele procuraram os meus, a sua expressão convencida desvaneceu-se. Era a primeira vez que o via sem a sua empáfia.

Ele pestanejou, recuando primeiro.

— Não se esqueça — disse NOB, e desta vez o seu sorriso parecia forçado — de enviar o seu relatório.

— Não há problema — disse eu, singularmente abalada. — Você sabe exatamente o que fazer para o obter. — Ergui a pega da minha mala. — Mais uma vez obrigada pelo resgate. Não se preocupe com o *Ziggy*, ele ficará bem. Mais gordo, provavelmente, mas bem. — Virei-me e afastei-me.

Abrindo a porta da frente, entrei nos calorosos e familiares odores de casa da minha mãe e acendi a luz da entrada.

Maria, Sarah e Jeremy estavam no *hall* exibindo sorrisos bem abertos.

— Mary, ela já chegou! — Chamou Jeremy para a sala. — E trouxe um bicho peludo. — Antes que eu pudesse reagir, todos se precipitaram ao mesmo tempo sobre mim.

Isto, pensei, abraçando-os fervorosamente, todos os pensamentos de NOB afugentados, *isto é Natal*.

Beleza Morenaça

De: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Para: TheEzraChester@ezrachester.com

Assunto: ALTAMENTE CONFIDENCIAL: Feliz Natal

25 Dez, 19h39

Caro Ezra,

Perceberá pela foto em anexo que o *Ziggy* gostou a valer do (nosso) jantar de Natal. Tirámos-lhe os olhos de cima por um minuto e, quando demos por ele, estava a montar o peru.

Julguei que tinha dito que ele era vegano...

Feliz Natal. Espero que os miúdos estejam a tratá-lo bem. E se não, pense que daqui a menos de dois meses terá um guião para lhes mostrar.

Tenho de ir, antes que o Jeremy finalmente mate a Sarah. Estão a jogar Pictionary apesar da nossa estrita Regra Nada de Pictionary, instigada depois do «Tetagate 2005» em que a Sarah, bêbeda, leu mal o cartão e em vez de uma *testa* desenhou uma *teta*. O Jeremy ainda festeja o fim do minuto dela a gritar «É UMA TEEETA».

Evie

De: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

To: TheEzraChester@ezrachester.com

Assunto: ALTAMENTE CONFIDENCIAL: Ziggy Stardust (está sequer a ler isto?)

26 Dez, 15h02

Caro Ezra,

As minhas desculpas pelo meu email de ontem. A culpa é dos *bucks fizz*.

Anexo a fotografia de hoje do *Ziggy*. Sim, a minha mãe vestiu-o como o seu homónimo, Davie Bowie. Gostará de saber que ele levou tudo na boa.

Melhores cumprimentos,
Evie

De: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Para: TheEzraChester@ezrachester.com

Assunto: ALTAMENTE CONFIDENCIAL: Demónio felpudo (Lembre-se: 2 de janeiro)

27 Dez, 14h56

Caro Ezra,

Estamos oficialmente em contagem decrescente para o final do prazo. Sei que não é preciso lembrá-lo de quando é que o Monty e os produtores se reúnem (é a 2 de janeiro). E especialmente não é preciso lembrá-lo de que não enviarei o meu relatório da Viagem de Carro enquanto não entregar essas páginas. Falo mesmo a sério, Ezra.

Antes de escrever o que se segue, a minha mãe quer que lhe assegure que adorámos ter o *Ziggy* cá.

Verá que a fotografia de hoje do *Ziggy* tem um cartaz que diz COISAS QUE EU COMI.

Eis uma lista incompleta:

- presunto
- um ténis novo em folha (o esquerdo)
- um peru
- dois pares de chinelos

– *Jamie Oliver – Refeições em 15 Minutos*

- um bolo Victoria
- mais presunto
- a maior parte de uma almofada
- o gnomo do jardim do vizinho
- a carta de reclamação do vizinho
- ainda mais presunto

Coisas que o *Ziggy* não comeu:

— qualquer coisa remotamente vegana

Cordialmente,

Evie (e Mary) Summers

P. S.: 2 de janeiro

De: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Para: TheEzraChester@ezrachester.com

Assunto: ALTAMENTE CONFIDENCIAL: Limbo de Natal (ENVIE AS MALDITAS PÁGINAS DE UMA VEZ POR TODAS)

28 Dez, 20h04

Ezra,

EU IA escrever para lhe contar como a minha mãe apresentou o *Ziggy* à nossa tradição de «Limbo de Natal», que ela faz todos os anos entre o Natal e o Ano Novo. Põe as pessoas em fila, faz uma tonelada por atacado de margaritas e desafia toda a gente para uma competição de dança do limbo. Como verá na fotografia, o *Ziggy* aproveitou a sua vez e pôs-se na alheta com a barra!

EM VEZ DISSO, o que vou dizer é isto, porque é Natal, e por causa da TEQUILA.

Eu sei EXATADÃO o que você está a fazer, Sr. Guionista vencedor de um

Óscar. Está a aproveitar-se do facto de eu ser superfria e estar a reter o meu último rebate como uma DESCULPA PARA NÃO ESCREVER.

Por isso, aqui está o meu suado presente de Natal para si: é o *meet-cute* da Viagem de Carro. Escrevi-o na véspera de Natal pois a Evie sóbria é uma careta e tanto. Você é um escrita brilhante, por isso ESCRITOR E JÁ. Nem sequer tem de ser uma carrada. Simplesmente envie ao Monty QALQER COISA.

Nada de mais desculpas.

Adeusinho,
Evie

De: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Para: TheEzraChester@ezrachester.com

Assunto: ALTAMENTE CONFIDENCIAL: Desculpas

29 Dez, 10h02

Caro Ezra,

Queria apenas pedir desculpas pelo teor do meu email de ontem. Foi tudo menos profissional e, se serve de algum consolo, estou absolutamente mortificada e sinto-me terrível — tanto devido ao teor do meu email como ao enorme volume de tequila.

Ficaria muito grata se pudesse, por favor, ignorá-lo por completo. À exceção da parte relativa às páginas.

Precisa mesmo de entregá-las.

Cordialmente,
Evie

De: TheEzraChester@ezracheater.com

Para: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Assunto: Você é um ser humano absurdo, sabe isso, não sabe?

30 Dez, 03h20

Enviei ao Monts o Primeiro Ato.

Chame-lhe um suado presente de Natal.

E.X

Dessintonia de Mensagens

INT: QUARTO DE INFÂNCIA DE EVIE — SEGUNDA-FEIRA, 31 DE DEZEMBRO, 19H34

EVIE está de robe e com parte do cabelo enrolada com um ferro de frisar. As paredes estão cobertas de pôsteres cinematográficos a descolarem-se — *Amor aos Pedacos*, *Os Homens Preferem as Loiras*, *Você Tem Uma Mensagem*, *Parque de Tijoleira*, *Serenata à Chuva*, *Tootsie* — *Quando Ele Era Ela*, *Sintonia de Amor*. A antiga lareira fora de uso está atulhada com pilhas de DVD.

A minha mãe abriu a porta com o pé enfiado num chinelo, segurando dois copos de vinho frisante. Passou-me um. *Ziggy* entrou silencioso atrás dela, bufou no meu colo e deitou-se pesadamente aos meus pés.

— Feliz Véspera de Ano Novo, fofa. — Fizemos um brinde. — Conseguiste reservar alguma coisa para a despedida de solteira da Sarah?

— Mais ou menos. — Ainda tinha de confirmar a reserva do solar, mas isso apenas requeria um email rápido.

— Ótimo. — A minha mãe bebericou o seu *Prosecco*. — Então podemos falar do teu próximo *meet-cute*.

Gemi.

— Estou a ficar atrasada, mamã. O táxi estará aqui não tarda.

Os meus amigos e eu íamos passar o ano no The Wick, em honra dos nossos tempos de estudantes. Maria insistira para que todos nos vestíssemos exatamente como fazíamos na universidade. Eu tinha um vestido típico dos anos 50 às bolinhas azul e branco com enormes saíotes. Há anos que não frisava o cabelo, mas antes eu era um perfeito póster dos anos 50, estilo coqueluche de Dorothy Taylor.

— Pode ser que eu te possa ajudar a planeá-lo.

Antes que eu pudesse protestar, a minha mãe pegou no ferro de frisar e começou a separar a parte de trás do meu cabelo em porções, tal como antigamente fazia. Cruzou o olhar com o meu no espelho e sorriu.

Quando eu fora largada em casa antes do Natal pelo próprio NOB, perdição da vida profissional da sua filha, a minha mãe sacara-me sofregamente cada detalhe do acordo que eu fizera com ele e dos *meet-cutes*. Qualquer mãe normal ter-se-ia porventura focado no facto de a sua filha única estar, por um motivo mais que questionável, a tentar conhecer um homem. Mas a única coisa que a minha mãe dissera fora: «Não me ralo com a espécie de homem que conheças, minha fofa, desde que ele tenha olhos meigos». Depois perguntara-me quando é que eu voltaria ao clube literário de ficção erótica. Quando eu explicara que apenas fora para o *meet-cute*, ela dissera: «Evie, minha fofa, alguns dos melhores amigos que eu fiz depois de o teu pai morrer foi no meu clube literário. E eles também gostavam de alguma brejeirice. As melhores pessoas gostam todas.»

Enquanto ela tentava domar os meus caracóis em ondas mais elegantes, o meu telemóvel iluminou-se com a sua própria brejeirice.

NÚMERO DESCONHECIDO: Ei, encontrei o seu número num John Grisham, adoraria que nos conhecêssemos melhor. Quer ser o meu ho ho ho natalício?

Ao longo da última semana vinha recebendo mensagens quase diárias de estranhos que tinham encontrado os meus cartões. Ao que parecia, o Natal deixava um montão de gente mais que excitada. O que eu acho que explicava *O Amor Acontece*.

Apaguei a mensagem antes que a minha mãe pudesse lê-la e dizer-me que devia dar-lhe uma oportunidade. Tínhamos abordagens muito diferentes da vida. Ela estava sempre a experimentar coisas novas e evitava a rotina o mais possível. Eu, por outro lado, estimava a minha segurança e sanidade. Ou, pelo menos, estimara. Assim que estes três meses chegassem ao fim, a minha vida podia voltar ao normal. Só Netflix e nada de arrepios. *É mesmo isso que queres?*, perguntou uma vizinha.

— Devia, supostamente, ser o *meet-cute* do Romance de Férias — disse-

lhe eu, tentando não prestar demasiada atenção a este pensamento.

— Oooh.

— Mas eu não me posso dar ao luxo de ir para fora.

— Ah.

Acalentara verdadeiras esperanças de reservar uma linda casa de campo algures. Uma pausa para descanso e um *meet-cute* tudo num. Mas gastara todas as minhas poupanças na despedida de solteira de Sarah.

— E que tal um retiro no campo algures em Yorkshire? — sugeriu a minha mãe.

— O meu orçamento mal daria para uma tenda, e isso não é de todo estofado de comédia romântica.

— Sabias que a casa de campo de *O Amor Não Tira Férias* era um cenário? Era basicamente papelão! — disse a minha mãe.

— Bem, não teria dinheiro para isso também.

O meu telemóvel zumbiu. Ainda que temesse mais mensagens de pragas sexuais bibliófilas londrinas, verifiquei do que se tratava.

NÚMERO DESCONHECIDO: Olá, Evie. Encontrei um cartão seu num livro

Menção alguma quanto ao que queria que eu fizesse à sua bengala de chupa-chupa. Considerei-o momentaneamente antes de decidir responder. Precisava realmente de outro *meet-cute*.

Evie: obrigada por me contactar

Mordi o lábio, e escrevi:

Evie: Se não se importa que pergunte, em que livro o encontrou?

Teria sido indelicado perguntar desde logo se era um píruas. *Número Desconhecido a escrever* começou a piscar.

NÚMERO DESCONHECIDO: Peter Pan

Não me lembrava de ter posto um cartão no livro antes de o ter voltado a pôr na banca, mas tinha ficado atrapalhada depois de acidentalmente o roubar quando NOB e eu... *Não penses no NOB*. Ele enviara as suas páginas para Monty — era *isso* que interessava. A reunião dali a dois dias ia correr bem. Os meus amigos e eu íamos celebrar esta noite com champanhe.

Simplesmente não penses no teu email. NÃO penses naquele email...

Evie: Posso perguntar o seu nome?

— Eu fiquei numa casa de campo como a desse filme com umas amigas há uns tempos — cismou a minha mãe, enquanto puxava por um caracol teimoso. — Absolutamente perfeita para um romance de férias — disse ela, piscando o olho. — *E* ao preço da banana.

— Uma casa de campo? — disse eu distraidamente.

NÚMERO DESCONHECIDO: É Ben

O quê? Ben? Certamente, não Ben *Ben*.

É claro que não era. Era uma coincidência, mais nada.

Evie: olá, Ben. Prazer em conhecê-lo

— Como é que se chamava mesmo? Casinha Madressilva — disse ela, respondendo à sua própria pergunta. — Era exatamente como imaginas que deveria ser uma casa de campo, se é que me entendes. — A minha mãe pegou no meu telemóvel e espreitou por cima dos óculos. — Oh — disse, segurando-o à distância. — O Ben lamenta a forma como se portou na peça da filha. Ficou desapontado com o fato dela?

O quê? Li a mensagem.

Ben: Queria dizer-lhe quanto gosto de si e que lamento ter sido supermalcriado na peça da minha filha

Sustive a respiração. *Era* ele. O que se passava? Estaria *bêbedo*? Longe de mim julgar, após as minhas recentes palhaçadas...

Evie: está bem, Ben?

Ben: Estou ótimo! Quando nos virmos outra vez, talvez não refira que falámos. Eu sou muito misterioso

— Fofa? — A minha mãe acordou-me do meu torpor. Ben *gostava* de mim? Não estava bem certa de como me sentir quanto a isso. Aliviada?

Mais propriamente perplexa. Sim, ele podia ter-me feito uma *playlist*, mas isso não explicava que quisesse repentinamente ser meu amigo.

— O fato da Anette estava perfeito — disse-lhe eu, ainda tentando absorver o que se estava a passar. A minha mãe fez um ruído interessado, e eu lancei-lhe um olhar de relance. — Ele só se queria assegurar de que eu saberia que ele não era o homem que eu procurava com os meus *meet-cutes*.

— Ah, sim? Então porque te está agora a enviar mensagens?

Uma excelente pergunta.

Evie: tem a certeza de que está bem?

Ben: Um sim grande e gordo

— Bem, ele pôs certamente um sorriso na tua cara.

— Não é ele — disse-lhe eu, ainda de sorriso arreganhado.

Ben: Anette, estás a usar o Messenger no meu tablet?

Ben: Merde

Podia imaginá-los aos dois em casa: Anette escapulindo-se com o tablet para o seu quarto, Ben provavelmente lendo em qualquer lado, vendo a *app* no telefone iluminar-se.

Ben: Desculpe tê-la incomodado. Não se preocupe, a minha filha será devidamente castigada. Anette, nada de novas personalidades durante uma semana

Evie: Ben, sou eu. A Evie

Passaram-se alguns segundos. Ou ele estava a tirar à força o tablet a Anette ou não queria responder.

Ben: A Anette disse que pedia muitas desculpas por esta dessintonia de mensagens.

Então era *isso* que ela estava a fazer. O pai viúvo. O miúdo. Anette ainda estava a tentar juntar-nos, a mim e ao pai. Era uma ternura, embora completamente e por demais descabida.

Ben: Ela encontrou um cartão seu no livro que lhe deu. Eu queria falar consigo a esse respeito.

O meu sorriso arreganhado esmoreceu. Um rubor alastrou-se-me pela pele. Eu passara a semana a encontrar daqueles estúpidos cartões. Pensaria ele *seriamente* que eu de alguma forma orquestrara isto depois do que ele me dissera na peça de Anette?

— *Urrgh!* — grunhi, disparando irritada uma resposta enquanto a minha mãe dava os toques finais no meu cabelo, cantarolando baixinho.

Evie: Isso foi um acidente, Ben. Posso prometer-lhe que não vou enredá-lo num *meet-cute* comigo nos tempos mais próximos

Ben: Eu apenas queria agradecer-lhe o livro. Significou muito para a Anette.

Oh. *Merde*. Lá fora, o meu táxi buzinou. A minha mãe deu-me um beijo na bochecha.

— Eu vou só dizer ao motorista que demoras uns minutinhos — disse, levando *Ziggy* e deixando-me a braços com aquilo.

Evie: Não tem de quê. Alegra-me muito que ela tenha gostado

Ben: era seu?

A princípio, hesitei. Então:

Evie: sim

Fiz por entrar no vestido coleante, tentando imaginar o que estaria Ben a pensar nesse momento. Que era uma parvoíce? Eu *amava* aquele livro. Significava mais para mim do que qualquer outra coisa que possuía, e, ainda assim, dá-lo a Anette parecera a coisa certa a fazer. Olhei para a fotografia emoldurada sobre o meu toucador. O meu pai com o braço à volta dos meus ombros, um grande sorriso orgulhoso no rosto. Fora tirada no meu décimo quarto aniversário, e nela estou agarrada a um portátil ainda na caixa, as faces afogueadas simultaneamente de felicidade e da relutância de ter de posar.

Ben: fez o Natal dela.

Avistei o meu sorriso no espelho — quase tolo de felicidade.

Ben: e peço mesmo desculpas por ter sido supermalcriado na peça da Anette.

Evie: desculpas aceites. Pode dizer-se que somos ambos bons a tirar conclusões precipitadas. Passou um bom Natal, Ben?

Ben: comemos que nos fartámos e vimos todos os filmes que recomendou.

Ben: foi o melhor desde há algum tempo.

Fiquei de respiração cortada. Pensar neles dois sozinhos estendidos no sofá diante da televisão, a ver todos os meus filmes preferidos no Dia de Natal, deixou-me o coração apertadinho. Outra mensagem surgiu quando estava a vestir a canadiana. Era um link para «Estavas-me Destinada», de *Serenata à Chuva*, um dos filmes na lista. Abanei a cabeça.

Evie: olá, Anette

Ben: olá, Evie!

Ben: diz adeus, Anette.

Ben: estaremos de volta no Gil's outra vez a partir da próxima semana!!

Evie: vejo-vos aos dois então

Ben: até breve, Evie.

Quando entrei no táxi, o meu telemóvel zumbiu-me na mão. *Seria Ben outra vez?* Mas era apenas uma mensagem de Monty.

Monty: Seria capaz de jurar que você disse que tinha tudo sob controlo, Evelyn. Então onde diabo estão as páginas do Ezra?

Eviento de Ano Novo

INT: THE WICK AT BOTH ENDS — SEGUNDA-FEIRA, 31 DE DEZEMBRO, 23H45

EVIE e MARIA estão sentadas a uma mesa cheia de copos vazios num bar apinhado. Um DJ está a pôr música. Luzes verdes navegam sobre as cabeças das pessoas na pista. EVIE está agarrada ao telemóvel. MARIA, toda vestida de preto com olhos pesadamente pintados de *khôl* e lábios escuros, apoia a cabeça nas mãos.

— Viste isto? — gritei, para me sobrepor à música.

Estava a revistar o *Instagram* de NOB.

— Há quanto tempo estão aqueles dois no bar? — perguntou Maria, soando cansada.

Passei por imagens de uma árvore de Natal impecavelmente decorada. Montanhas de presentes perfeitamente embrulhados com papel metálico e elegante fita de gaze. NOB numa postura de ioga, equilibrado sobre a cabeça, de peito nu, músculos contraídos e reluzentes...

— São só quatro shots de tequila — resmungou ela.

Detive-me perante um instantâneo ligeiramente desfocado de uma mulher com o rosto parcialmente encoberto por uma caneca branca. Suaves ondulações de cabelo louro-morango caindo-lhe sobre os ombros, longas meias de lã puxadas até aos joelhos, uma camisola de caxemira cinzenta na sua figura esguia. Monica. A imagem estava marcada *#amordaminhavida* *#abençoada* *#melhornataldesempre*.

Encostei-a praticamente ao nariz de Maria.

— Se ele tem tido tempo suficiente para posts diários, podia ao menos escrever uma página... uma *mísera* paginazinha... do guião. Em vez disso, está a viver um *hashtag* vida abençoada enquanto eu estou encalhada a

receber mensagens de pervertidos. É que não é sequer que ele não tenha escrito uma coisa que seja.

— É ele ter mentido — entoou Maria, as suas unhas pretas fincadas nas faces enquanto esfregava o rosto cansada.

— Exatamente! — disse eu, levantando o copo antes de me lembrar que estava vazio.

— Não deixes que ele te impeça de te divertires esta noite. — Havia uma nota de aviso na voz da minha amiga.

— Como posso fazê-lo, quando ele anda a pavonear-se por Yorkshire a praticar ioga com *hashtag* pernas de gazela?

— Oh, meu Deus, *Evie* — disse Maria, exasperada.

Olhei para ela.

— Passa-se alguma coisa de errado? — perguntei.

— Ela ainda está a falar do pito? — Era Jeremy. Segurava um tabuleiro enorme. Vinha acompanhado de Sarah que, agarrada à sua cintura, parecia muito mais baixa do que ele. O brilho cor-de-rosa e amarelo que estivera nas suas pálpebras ao princípio da noite migrara agora para o seu espesso cabelo louro.

— Meus heróis — disse Maria, estendendo o braço. — É a vossa vez de lidarem com ela.

— Não falas mais. — Sarah afastou-lhe a mão bruscamente e serviu a cada um de nós um shot e uma rodela de limão, colocando o sal bem no meio da mesa.

— Eu não estou assim tão mal, estou?

— *Evie*, estamos a uns instantes da meia-noite. Estamos todos juntos. Tu estás de *Minha Querida Lucy*. A Maria, de *Wednesday Addams*. A Sarah está vestida de fada... tu costumavas mesmo vestir isso?

— Pelo menos não estou a usar uma cinta! — disse Sarah, puxando pelas asas. A figura esbelta de Jeremy estava envolta da cabeça aos pés em néon, qual ciclista numa discoteca.

— Foi uma fase. Vamos mas é *aproveitar* — insistiu ele. O DJ baixou a música e deu início à contagem decrescente. *Dez*.

Foi uma barulheira quando toda a gente se pôs a gritar com ele.

— Estão todos mortalmente enjoados de mim? — perguntei, olhando para os meus amigos.

— Não de *ti*. — Maria entrelaçou o braço no meu. — Mas estou *hashtag* farta de desconstruir o último post de *Instagram* do NOB.

Os meus amigos estavam a postos com os seus shots. Naquele momento, naqueles trajes, poderíamos ter sido nós dez anos antes.

Nove.

Jeremy tinha razão. Eu estava a desperdiçar tempo precioso.

Oito.

— Lamber — comandou Jeremy. Assim fizemos e todos obedientemente estendemos as costas das mãos enquanto ele fazia um círculo de sal sobre elas.

Sete.

— Aos jovens que ainda somos. A modos que. — Jeremy ergueu no ar o seu shot.

Seis.

— Aos melhores dos amigos que planeiam a minha despedida de solteira perfeita, e a mim que organizo sozinha o casamento do ano. — Sarah fez uma pausa. — E à madrasta que estou prestes a tornar-me.

Cinco.

— A... — Pensei naquilo que realmente queria. Jeremy estalou os dedos para me apressar. — Ao maldito guião que vou obrigar o NOB a escrever.

Quatro.

— Às paixões assolapadas — disse Maria, erguendo o seu shot bem alto. — Exatamente como nos filmes.

— Três. Dois. Um — terminou Jeremy antes que eu pudesse protestar. Todos emborcámos a tequila.

— Feliz Ano Novo — disse eu, interrogando-me sobre o que traria ele.

— Ei, ei, você! Sim, vocês. Sabe o que você é? — Eu estava num compartimento dos lavabos, sentada na tampa da sanita, saias arregaçadas à

minha volta, o plástico frio colando-se-me à parte de trás das coxas. Tinha um bom número de shots de tequila dentro de mim, todos competindo para ser o tal que me convenceria que esta seria uma boa ideia.

— E *você* sabe que horas são? — A voz de NOB parecia cansada.

— Já passa definitivamente da meia-noite — disse eu. Ele não ia mudar de assunto assim tão facilmente. — E você é um BE...bebé chorão. — Detive-me mesmo a tempo.

— Você está... bêbeda, não está? — Espevitou. — Bêbeda até que ponto?

— Bêbeda quanto baste! — vociferei. Ouviu-se o autoclismo do compartimento contíguo.

— Está numa casa de banho?

— Não. — Ligaram o secador de mãos.

— Realmente, Ruiva... — A voz de NOB tornou-se abafada. — *Não é nada, só o Eddy, sabes como ele é. Já vou, querida.* — Fechou-se uma porta. — Ligou-me só para me dizer que sou um bebé chorão? — perguntou. — Eu vou buscar o Ziggy amanhã. Isso não podia ter esperado?

— Não! — Esquecera-me disso. — Também estou a ligar porque não cumpriu... — Aproximei bem a boca do microfone. — COMO PROMETEU. Mentiu-me.

— Você não me largava. O que mais havia eu de fazer?

— Entregar as páginas!

— Ninguém passa o Natal a trabalhar.

Ouvi algumas risadas de raparigas e baixei a voz.

— Eu passo!

Ele suspirou.

— Se isto a fizer sentir-se melhor, tive umas festividades intragáveis.

— Mentiroso. — Fez, um bocadinho.

NOB não respondeu logo. Ouviu-se um suave arranhar, como se ele estivesse a passar as mãos pela estilizada barba de dois dias.

— Julga que é a única pessoa que dá comigo em doido à conta da minha escrita?

Franzi o nariz.

— Monty?

— Ele também.

Nada disto importava.

— Eu comecei a escrever de novo, *devidamente*, para si, e você prometeu escrever as páginas — insisti. — Por isso, qual é o problema?

Ele emitiu um som estrangulado do fundo da garganta.

— Você devia estar concentrada em fazer alguém ficar caído por si, não a atazanar-me.

— Porque está toda a gente tão pendente disso? — Agarrei-me ao tampo da sanita. Senti-me como um miúdo numa piscina de ondas, só que de tequila em vez de água.

— Não é essa a ideia? — recordou-me NOB. Solucei tristemente. — Olhe, o seu último relatório de *meet-cute* foi o melhor até à data. Eu sabia que havia uma grande escritora aí escondida. É isso que precisa de ouvir?

— O que eu *preciso de ouvir* é que não tem andado simplesmente a dar-me corda este tempo todo. Porque... — Apoiei a cabeça contra a parede coberta de *graffiti*, o espírito combativo a abandonar-me na respiração seguinte. — Porque eu vou perder o meu emprego se você não cumprir.

Uma pausa.

— Isso é verdade?

— Sim — disse eu, com a desconfortável sensação de que não era suposto ter-lhe contado isto. — Surpresa! O Sr. Centro do Universo descobre que é exatamente tão importante como julga que é. Sem si, a agência está frita. Está na altura de ganhar o pão da casa. O Monty vai reunir-se com os produtores no dia... — Semicerrei os olhos a pensar.

— No dia 2 — adiantou ele.

— Envie-lhe algumas páginas até lá.

— Estamos na Passagem de Ano, Ruiva, quando é que é suposto que eu...

— Chega! — Endireitei-me, não querendo ouvir mais desculpas. Ele tinha-me *prometido*. Se eu escrevesse mais, ele escreveria também. A única

razão de eu fazer sequer os *meet-cutes* era levá-lo a escrever. De contrário, de que valia continuar a humilhar-me? Subitamente, tudo pareceu claro como água. Eu estava a fazer os *meet-cutes* para o obrigar a escrever. Ele não estava a escrever. Logo: nada de mais *meet-cutes*. *Brilhante lógica, Evie*, felicitei-me, tentando ignorar a sensação de que me escapava algo vital. — Nada de mais *meet-cutes*! — declarei alto e bom som, e soube tão *bem*. — Estou a falar a sério.

— Está bêbeda a sério, quer você dizer — desprezou ele.

— Uma coisa e outra — assegurei-lhe. — Se não vai escrever, de que vale? Nada de escrita, nada de *meet-cutes*.

— Ainda temos um acordo, Ruiva. — A voz dele soava tensa. — Não está perto sequer de ganhar isto ainda. E o seu emprego?

Ah. Isso.

— Que emprego? — perguntei, ligeiramente embalada. — Nada de guião, nada de emprego. — Um frémito de alarme adejou-me zozinho no peito, como se este estivesse embriagado também. *Isto está a ir bem, não está?* Eu estava a dar na cabeça de NOB, mostrando-lhe que não podia fazer mais farinha comigo.

— O que diriam os produtores se descobrissem que me levou a assinar sob falsos pretextos?

— Se não cumprir, pode contar-lhes tudo, que eu bem me ralo. Incluindo o facto de que o escritor deles é um irritante, fura-contratos, egotista, egoísta *BETO!*

Com isso, desliguei, tremendo de adrenalina. Estava feito. Finalmente dissera a NOB exatamente o que pensava dele. E sentia-me definitivamente melhor por isso.

— Evie? — Era Jeremy. — Está na altura de ir! A Maria começou a cantar, e todos sabemos o que isso quer dizer.

Abri a porta, trémula ainda. Os meus amigos estavam postados diante dos lavatórios, todos apoiados uns aos outros. Ofereceram-me um sorriso tímido.

— *Um maca, dois maca, três macarena.*

— Acho que a letra não é assim, querida.

Maria parou de cantar.

— Vivi, estás bem?

O triunfo foi-se esvaindo como maré a vazar, gradualmente, até que desapareceu.

Agarrei-me à ombreira da porta.

— Acho que... sou capaz de ter perdido o emprego.

Sentei-me direita de um ápice na cama.

— Merda. Merda. Merda. Merda. — Procurei atabalhoadamente o telemóvel para confirmar, não fosse ter sido um sonho, mas a prova estava no registo de chamadas. Ligara a NOB dez vezes — *dez* — até ele ter finalmente atendido logo a seguir às três da manhã. A conversa voltou-me aos pedaços. Eu chamara-lhe *BETO*. Dissera que perderia o emprego se ele não escrevesse. Praticamente dissera-lhe que se assegurasse de que assim seria.

Havia uma tonelada de mensagens não lidas. Algumas eram dos meus amigos. As restantes eram de Monty.

Monty: Você prometeu que o fazia entregar as páginas a tempo, Evelyn. Onde estão elas?

Monty: Eu nunca a deveria ter deixado assumir esta responsabilidade. Se não tivermos nada até amanhã, está tudo acabado.

Oh, Deus, a reunião com Sam e Max. Atirei-me de cara para baixo sobre o lençol. Depois levantei a cabeça, lembrando-me. NOB vinha hoje buscar o *Ziggy*. *Vou ter de o enfrentar*.

Não. Era uma coisa boa... mais ou menos. Podia falar com ele, talvez até salvar esta alhada.

A campainha da porta tocou.

— Evie, já chegou! — disse a minha mãe.

— Merda! Merda, merda, merda! — Enfieei à pressa umas calças de ganga quaisquer e uma camisola de malha e descí precipitadamente as escadas, com o estômago às voltas.

A minha mãe aguardava junto à porta com o *Ziggy*. Dei um abraço ao canzarrão, enterrando-lhe o rosto no pelo.

— Vou ter saudades dele.

— Eu também — disse ela.

— Promete que te portas bem — disse-lhe eu, levantando-me.

— Porque não havia de portar?

Senti uma sensação esquisita no estômago que era um terço ressaca, dois terços pavor.

A minha mãe remexia-se ansiosa atrás de mim. contei até três antes de abrir o trinco.

Não era NOB.

Postada à porta, num colete de pele sobre um casaco roxo-escuro, estava Monica Reed, alta e régia qual membro da realeza no sítio errado. Usava óculos escuros, presumivelmente para o caso de alguém estar a contar avistar a atriz vencedora do Óscar no Dia de Ano Novo em Crosspool.

— Oh, céus — disse a minha mãe, inclinando-se para diante. — É uma honra. — *Oh, não. Não ia, ia?* Ia. Mary Summers fez uma vénia. Virei-me para Monica e sorri.

— Vim buscar o cão — disse Monica, de palma da mão estendida. Dei-lhe a trela de *Ziggy* antes que a minha mãe pudesse tentar beijar-lhe as costas da mão.

Ela fez uma careta.

— O que é isso? — A minha mãe tinha ido lá dentro e vinha agora direita a nós bamboleante com o enorme saco preto. Apressei-me a tirar-lho.

— São as coisas dele. Embalei um petisco. São salsichas — disse a minha mãe prestativamente, pegando no saco de plástico transparente.

Monica fez uma cara de poucos amigos.

— Eu sou vegana.

— São para o cão — replicou a minha mãe, perplexa.

— Ele está o dobro do tamanho que tinha antes do Natal. O Ezzie vai ficar furioso. — Era difícil dizer, por causa dos óculos, mas parecia que a ideia lhe dava um imenso prazer.

— Eu dou-lhe uma mão — disse-lhe eu, pegando no saco.

— Ótimo. — Estendeu-me de volta a trela de *Ziggy* e girou sobre o salto da bota.

— Encantada por conhecê-la, fofa — exclamou a minha mãe nas costas dela.

Eu segui Monica, esperando ainda ter uma rápida troca de palavras com Ezra.

Um reluzente *Land Rover* branco estava estacionado no meio-fio.

— Onde está o Ezra? — perguntei, com um desagradável aperto no estômago que nada tinha que ver com a ressaca.

— O Ezzie já foi andando para Londres — disse Monica. *O Ezzie o quê?* Abriu a porta do passageiro. Fiz uma última festa a *Ziggy* antes de ele pular para o carro. — Você não é a assistente? — perguntou ela. Vi-a dar-lhe subrepticiamente uma salsicha. — Não deveria saber isto?

— Saber o quê?

— Que o Ezzie se queria reunir com o Monty antes de ver os produtores amanhã.

Um pavor gélido dominou-me. Seguramente Monty ter-me-ia dito se eu tivesse de organizar uma reunião para hoje... Puxei o telemóvel do bolso.

Havia uma nova mensagem dele, enviada apenas há uns minutos. Dizia simplesmente: *Código Vermelho*.

Não havia muitas coisas que levassem NOB a organizar voluntariamente a sua própria reunião.

Uma. Uma assistente dissera-lhe que, se ele não cumprisse, ele podia dizer a Monty que nunca quisera assinar a adenda para começar.

Duas. A nossa conversa na noite passada convencera-o a escrever algumas páginas, apesar de tudo.

Três. *Oh, Deus. O NOB vai contar tudo ao Monty.*

O mundo pareceu perder o contorno. A minha visão afunilou-se para um ponto, como se eu fosse um velho televisor a desligar-se. Se Monty descobrisse que o guião — e a agência — dependiam da minha vida amorosa, eu bem podia esquecer uma promoção; teria sorte em voltar a

trabalhar numa agência de todo.

— Você sente-se bem? — perguntou Monica, com alguma relutância.

O mundo readquiriu bruscamente nitidez. Ela estava a subir para o carro.

O que dissera NOB na noite passada? *Julga que é a única pessoa que dá comigo em doido à conta da minha escrita?* Talvez Monica quisesse que NOB acabasse o guião de uma vez tanto como eu.

— Espero que a escrita do Ezra não se tenha intrometido demais no Natal — deixei escapar da boca para fora, esperando que ela me dissesse *alguma coisa*.

Ela baixou os óculos, revelando uns olhos verde-claros da cor de joias antigas.

— A escrita do Ezra? — perguntou.

— O guião. — As palavras encravaram-se-me na garganta, o pânico adejando-me no estômago. — Para a Intrepid Productions.

— Está mesmo a leste, não está? — Havia piedade na voz dela. Colocou os óculos de volta no lugar. — Certo — disse, como que para si própria. — Já chega. — A porta fechou-se com força antes que eu pudesse responder.

Bem, isto foi tudo menos tranquilizador.

Franguinho Saído da Casca

EXT: CHINATOWN, LONDRES — TERÇA-FEIRA, 1 DE JANEIRO,
19H30

EVIE puxa pela mala através da rua de paralelepípedos, passando por restaurantes fechados, as mitenes pendendo-lhe dos punhos. Acima dela, lanternas baloiçam à brisa. Há algumas pessoas por ali, mas as ruas estão maioritariamente vazias. Ela tem os olhos colados ao telemóvel. Por pouco evita chocar com um turista.

Resvalei numa esquina, escorregando ligeiramente no gelo negro. *Certo, Evie, é provavelmente tempo de acalmares.* NOB não respondera a nenhuma das mensagens que eu enviara na viagem de comboio para aqui. A única mensagem que eu recebera fora outro Código Vermelho de Monty, dizendo-me que tinha de ir direita ao escritório.

Havia variadíssimos cenários que podiam explicar porque queria Monty ver-me a esta hora. Acabavam todos com Monty a querer despedir-me.

O meu telemóvel iluminou-se outra vez.

Era NOB. *Oh, graças a Deus.*

NOB: Onde é o fogo, Ruiva?

Ruiva: não recebeu as minhas mensagens?

NOB: As trezentas, sim

Ruiva: então sabe que o nosso acordo ainda está de pé

NOB: Não foi isso que você disse na noite passada

Merda. Forcei a chave na fechadura, mas a porta não se mexia. Monty fechara a tranca de segurança interior. *O que se passa?*

Evelyn: viva, Monty, estou aqui, mas não consigo entrar

Evelyn: está muito frio cá fora! Ainda aí está?

Evelyn: olá?

Monty: PRECISO QUE TRAGA UMAS COISAS DO TESCO.

Evelyn: não queria falar comigo primeiro? Falou em Código Vermelho

Monty: LIXÍVIA. E LIMPA-CARPETES.

Monty: E UNS ROLOS DE PAPEL DE COZINHA. E LUVAS.

Monty: E PURIFICADOR DE AR.

Ele ia despedir-me. Ou pior.

Evie: malta, acho que o meu patrão me vai assassinar

Maria: estás no trabalho?!

Evie: no Tesco, a comprar ao Monty as coisas de que precisa para limpar tudo depois de acabar comigo. A empregada da caixa está de olhos arregalados para mim

Jeremy: pergunta-lhe se tem oleado

Evie: O NOB teve uma reunião com o Monty hoje. Acho que lhe contou do nosso acordo. O meu coração está a ponto de explodir

Maria: tenta não te preocupares. Pode ser qualquer coisa

Evie: OK. Já estou de volta ao escritório. Desejem-me sorte

Sarah: alguém pode simplesmente tirar um segundo para apreciar o facto de que ME VOU CASAR ESTE ANO?

Jeremy: Evie, manda-nos um sinal de vida assim que estiveres despachada

Monty entretanto abrira a tranca de segurança. Empurrei a pesada porta da frente, exclamando um cauteloso «Olá?».

Não houve resposta.

Deixei a mala na entrada e subi devagarinho as escadas com o saco de produtos de limpeza, pisando ao de leve a carpete castanha coçada. Usualmente os estalidos das velhas escadas davam-me uma sensação de conforto e familiaridade, mas esta noite encheram-me de pavor.

Cric. Vais ser despedida. Cric. O Monty está à espera lá em cima e está

furioso porque o NOB não cumpriu e a culpa é toda tua. Cric. Estás a carregar os produtos que ele vai usar para eliminar as provas e jamais encontrarão o corpo.

O corredor principal estava às escuras, apenas iluminado pela luz do gabinete de Monty. Este tinha uma janela que dava para o corredor onde se encontrava a minha secretária, mas o estore estava fechado.

Senti um cheiro que não existia antes do Natal. Um cheiro que me agrediu o fundo da garganta e me fez arder as narinas. A cada passo que dava para o gabinete de Monty, mais forte se tornava.

— Monty?

O meu pobre estômago ressacado mal podia aguentá-lo.

Sustive a respiração e abri a porta de rompante.

Monty estava sentado no chão, de mãos entrelaçadas, fitando um saco virado para baixo do Nando's entre as suas pernas estendidas. Havia duas garrafas de champanhe abertas em cima da secretária. Uma tinha batom vermelho no bocal.

Ele ofereceu-me um olhar desfocado.

— EVELYN, GRAÇAS A DEUS. RECEIO ESTAR METIDO NUM CALDINHO.

Bem, isso explicava as mensagens. O Monty bêbedo falava sempre em maiúsculas.

— O que foi que aconteceu? — perguntei, fazendo o possível para não respirar pelo nariz.

— A MINHA COMPANHIA. — Ele viu-me encolher-me e baixou a voz para um sussurro. — *A minha companhia*. Eu queria... «exibir» o escritório, mas está mais que visto que ela tinha... *hic*... outros planos. — Além do batom na garrafa, não me era dado ver nem sinal dela.

— Porque quis ver-me? — perguntei.

Ele pôs-se bruscamente de pé.

— Eu tive uma reunião com o Ezra. Ele deu-me a notícia.

— Notícia?

— Depois fomos buscar um franguinho ao Nando.

— O senhor e o Ezra? — perguntei, confusa.

— Eu e *a minha companhia*.

— E o que aconteceu *antes* disso, Monty?

— Bem, estávamos a ir mesmo bem. Ela estava sempre a certificar-se de que eu alinhava em brincadeiras. — Fechei fugazmente os olhos. — Ela estava a ajudar-me a celebrar a brilhante notícia.

Espera lá.

— Que brilhante notícia? — perguntei, mal ousando ter esperança.

— Não está a ouvir? O Ezra escreveu o primeiro ato. E as páginas... — Monty elevou a voz e estendeu um braço como se estivesse a discursar para uma multidão. — As páginas estão UM ESPANTO. Ele superou-se.

Por um momento, não consegui responder. *Seria verdade?* Afundei-me no tapete, deixando Monty de pé.

— Eu não me sentaria aí.

— Mas... o Código Vermelho.

— É MUITO difícil encontrar um restaurante decente que esteja aberto no Dia de Ano Novo.

Era isso? Era esta a emergência com que eu passara todo o dia ralada?

Pela positiva, não perdera o emprego. NOB estava a escrever. O nosso acordo estava a funcionar.

— Posso ler as páginas?

A expressão de Monty executou várias acrobacias antes de aterrar numa carranca. Agitou um dedo para mim.

— A *Evelyn* tem de esperar. Ele disse que se encontrava numa delicada... numa delicada encruzilhada. Só olhos de topo até estar acabado. *Será que o Monty alguma vez me verá como mais do que a sua mera assistente?* — Neste preciso momento, você tem um importante trabalho a fazer.

— Eu sei, fazer com que o termine — disse eu. Monty franziu o cenho a isto. — Mas... espere, se está tudo bem, porquê o segundo Código Vermelho?

— É isso que eu tenho estado a tentar dizer-lhe — abespinhou-se Monty. Inclinou-se sobre o saco do Nando, com as mãos nos quadris. — A minha

companhia.

Subitamente fui dominada por um pavor de descobrir o que estava debaixo daquele saco.

— Se SEJA QUEM FOR lhe perguntar se «lhe pode dar uns amassos», diga que *não* — aconselhou Monty gravemente. — É claro que *eu* disse «Porque não?» Então começámos a... — Começou a movimentar os dedos. Eu empalideci. *NÃO IMAGINES O MONTY NU.* — Precisamente quando eu achava que íamos direitos ao assunto, ela empurrou-me para fora do caminho e... — Curvou-se, e à maneira de um criado erguendo um tabuleiro para revelar um prato quente, levantou bruscamente o saco. — Aviou-se.

Havia uma poia aninhada no tapete de pelo branco.

— Que mundinho divertido, hein? — disse Monty. — Sabe — acrescentou pensativamente —, talvez ela não pretendesse dizer «dar uns amassos», afinal de contas.

O saco de produtos de limpeza ajudou-me a adivinhar para onde os seus pensamentos se tinham dirigido a seguir. *É só para isto que ele me considera útil?* Sempre me perguntara qual seria o meu limite no que se referia a fazer exatamente o que Monty me pedia. Ao olhar para o tapete, pensei: *Chega.*

— A Evie — disse Monty abruptamente. Vacilou e eu levantei-me para o fitar. — A Evie é tão boa. Eu nunca o digo, pois não? — Estaria ele... a elogiar-me? *Agora?* A sua voz esganiçou-se. — Porque não o digo eu? Você é tão boa a limpar as minhas porcarias. — Assentiu, os olhos fechando-se-lhe ao inclinar-se para mim e eu endireitando-o com um pesado suspiro. — É bom saber — disse Monty sonolentemente — que posso sempre contar consigo. O engraçado é que... eu não tinha mais ninguém por quem chamar.

Oh, Monty. Olhei para a sua cabeça pendente, a saliente pança, inexistente uns anos atrás, os fios grisalhos no cabelo, e soube que ia fazer o que fazia sempre.

Ia literalmente limpar a merda de Monty.

— Vamos lá — disse. — Vamos levá-lo a casa.

Maria: ei, encanto, está tudo bem?

Evie: sim, está tudo fino. O meu emprego está safo por agora. O NOB está a escrever e o Monty celebrou um bocadinho demais, é tudo

Sarah: então não estás morta??

Evie: por Deus, não, desculpem! Não há baixas — a menos que contemos com o tapete. Uma pergunta rápida. Conhecem o termo para alguém com o fetiche por caca? É *coprofilia*. Jane prestativamente confirmou

Maria: OK. Primeiro, PUSESTE O NOB A ESCREVER! Espero que estejas orgulhosa de ti, meu amor. Segundo, eu sei que não gostas que eu diga isto, mas trabalhas para uns perfeitos merdas

Nenhures, ou Shrewksbury

INT: CAFÉ GIL'S — DOMINGO, 6 DE JANEIRO, 10H00

EVIE está sentada na mesa do costume com o portátil aberto e papéis espalhados à sua volta — folhas impressas da apresentação de PowerPoint da despedida de solteira de SARAH. Ela pega nas folhas e verifica-as enquanto dispara mensagens através do telemóvel.

Jeremy: a Linda respondeu?

Sarah: pela última vez, Jeremy, nem toda a gente que trabalha em RH se chama Linda

Evie: a Beth vai, não te preocupes!

Sarah: bom. Ela é a minha maior rival no trabalho, e ainda é solteira. Adoro-a, mas se ela não passar o fim de semana inteiro doente de inveja, de que serve? E eu não estou preocupada!! Sei que vocês terão feito tudo o que puderam para se assegurarem de que a minha despedida de solteira será absolutamente perfeita

Jeremy: julgo falar por todos nós ao dizer que ansiamos muito este fim de semana

Estava tudo tratado — e, em grande parte, graças a Jeremy e Maria. Eu arranjava forma de lhes oferecer muitas bebidas de agradecimento durante o fim de semana. Era de esperar que um restaurante com estrelas Michelin tivesse algumas opções de vinho da casa em conta. A única coisa que tinha a fazer agora era assegurar-me de que não teria de trabalhar durante a despedida. O que significava nada de *meet-cute* esta semana.

Infelizmente, NOB não tomara «estou ocupada» como uma desculpa aceitável para saltar esta. Agora que finalmente cumprira, retirava um imenso prazer de me recordar que quem o retinha agora era eu. «Nada de *meet-cutes*, nada de escrita», dissera ele, num eco da minha declaração de bêbeda. Clamava pelo próximo desde a reunião com os produtores na

semana passada, à qual eu não fora suficientemente «de topo» para comparecer («Para a próxima», dissera-me Monty, com uma piscadela de olho). Por sorte, recebera atualizações ao vivo:

NOB: Para sua informação, o Monty está a gabar-se de me ter arrancado estas páginas. Ficará aliviada por saber que eu não estou a corrigi-lo

NOB: Ruiva? Ainda está danada comigo? Eu ter-lhe-ia simplesmente dito que tinha escrito as páginas, mas assim foi mais divertido

NOB: Tem a certeza de que não quer que o Monty saiba do nosso acordo antes que as coisas fiquem realmente embaraçosas para ele?

Ruiva: não se atreva

NOB: Ah! Está viva! Onde está o meu próximo *meet-cute*? Os produtores querem o Segundo Ato antes do fim do mês. O que deverei dizer-lhes, Ruiva?

Disse de mim para mim que até podia aceitar que Monty se gabasse. Se tanto, significava que ele achava que eu estava a fazer algum trabalho. Tão bom de facto, que ele alegremente o passara como seu próprio feito. O seu humor melhorara enormemente desde que NOB cumprira. Não só NOB estava a escrever com muito pouco esforço da sua parte, como Monty descobrira um brilhante novo talento, Alessandro Russo, na pilha de baboseiras. Ou, como é mais comumente conhecido, na sua secretária. Onde eu colocara o guião com o resto das minhas sugestões. *Isto não voltará a acontecer depois de seres promovida*. Apenas tinha de o aguentar por agora e esperar um bocadinho mais.

Enviei a Maria e Jeremy uma mensagem curta.

Evie: muito obrigada por tratarem de tudo

Maria: conseguiste-nos o Solar de Shrewsbury por tuta-e-meia, está tudo perdoado

Jeremy: o vinho também ajuda a perdoar

Abri o site do solar para olhar mais uma vez para os nossos quartos.

Apesar do custo, estava ansiosa por passar um fim de semana de luxo

com os meus amigos. E Linda. *Beth*.

Raios te partam, Jeremy.

Podia não ter ajudado no planeamento nem de longe tanto como deveria, mas pelo menos negociara um desconto de um terço quando fizera a reserva...

Quando fizera a reserva.

O coração martelou-me contra a caixa torácica. Abri freneticamente os meus emails e revistei-os a todos. *Por favor, por favor, por favor, por favor. Aha!* Lá estava o email da gerente perguntando se eu queria dizer champanhe em vez de espumante à chegada.

Eu *sabia* que tinha respondido. Ou não tinha?

Senti-me apavorada.

Lentamente, movi o cursor para a pasta de rascunhos e cliquei.

Cara Marjorie,

Escrevo para confirmar a nossa reserva com o depósito. E, sim, queria dizer espumante. Se está lembrada, perguntei se podíamos ter o cocktail favorito da noiva, *Pornstar Martini*, mas não pareceu muito disposta a...

Oh, não. Oh, não, oh, não, oh, não, oh, não.

Tinha de me manter calma. Havia muitas hipóteses de os quartos ainda estarem reservados. Corri lá para fora para ligar para o solar, passando de lado por Ben e Anette que chegavam nesse momento. Anette trazia uma amiga com ela — uma miudinha com um gorro de lã com orelheiras.

— Aquela é a nossa amiga, a Evie — ouvi Anette dizer à amiga quando passei a correr. — Ela está bem? — perguntou ao pai. Não apanhei o que ele disse, mas não levei muito tempo a descobrir a resposta a essa pergunta.

Definitivamente, nada bem.

Sentei-me de volta ao portátil, olhando sem ver o site do Solar de Shrewksbury com a sua inatingível opulência. A gerente informara-me de que a nossa *suite* já fora reservada — e paga sem descontos, enfatizara. Não

havia mais nada disponível.

O que fiz eu?

Ben ergueu os olhos do livro. As suas sobrancelhas escuras elevaram-se, silenciosamente perguntando se eu estava bem. Assenti, sabendo que devia parecer doente. Anette puxou pela camisola tricotada à mão da amiga quando me viu. Mau grado meu, congratulei-me subitamente por eles estarem ali.

— Feliz Ano Novo, Evie! Esta é a Bea. Ela entrou para o clube de teatro comigo. Bea, esta é a nossa amiga Evie.

Estampeei um grande sorriso no rosto.

— Viva, Bea, encantada por te conhecer.

— *Enchantée* — disse Bea. Tinha o cabelo cheio de ganchos multicoloridos.

— Como foi o seu *meet-cute* da Viagem de Carro? A *playlist* ajudou? — perguntou Anette, mal respirando entre perguntas.

— Foi o pior até à data, infelizmente. Graças a Deus tinha a vossa *playlist*. Não sei o que teria feito sem ela. Obrigada, Anette.

Anette pareceu aliviada.

— O papá ajudou — disse ela generosamente.

— Então salvaram-me os dois o dia. — O canto da boca de Ben ergueu-se ligeiramente e eu senti uma onda de calor.

Até me lembrar do que fizera. *Oh, Sarah. Lamento muito.*

— Anette, porque não ensinas a Bea a jogar ao Má Loucura de Lápis? — sugeriu Ben.

Lancei-lhe um olhar de gratidão e abri a apresentação de Sarah, vendo apressadamente opções alternativas ao solar. Mesmo que eu reservasse noutro lado, os meus amigos tinham passado mais de um mês a organizar todas as atividades constantes da apresentação, e todas elas teriam lugar na aldeia de Shrewksbury. Como ia eu dizer-lhes? E como ia eu enfrentar Sarah? Os seus Mathers Macaréus™ tinham sido vergonhosos na universidade, mas há anos que ninguém presenciava um. *Isso é porque todas as testemunhas estão mortas.*

Pousei a cabeça nas mãos, fechando os olhos e respirando fundo.

— Evie — disse Ben.

— Sim?

— Está bem?

— Estou ótima — respondi, em voz abafada. Sarah ia matar-me. Maria ia ficar furiosa. Jeremy... Bem, Jeremy provavelmente ia fazer uma procissão em minha honra.

O meu telemóvel zumbiu. Virei-me para verificar o que era.

NOB: Acabaram-se as desculpas. Onde está o meu *meet-cute*?

Empurrei o telemóvel, fazendo-o deslizar para o outro lado da mesa. Houve um movimento na minha periferia. Anette e Ben estavam a gesticular numa rápida e silenciosa conversa. Anette simulou asas com os braços. Ben assentiu para ela — *OK, OK* — gesticulou, e ela parou, virando-se de novo para a amiga.

— O que se passa, Evie? — perguntou-me ele. Senti um aperto na garganta à inesperada gentileza do seu tom de voz.

— Está tudo ótimo, na verdade — disse eu. — Simplesmente arruinei a despedida de solteira da minha melhor amiga e sou a pior amiga do mundo, é tudo. Por favor, volte para o seu livro.

— Talvez eu possa ajudar.

Levantei os olhos para os dele.

— Nem sequer sabe o que eu fiz.

— Então conte-me.

E assim fiz, e aguardei o inevitável julgamento.

— Quando é?

— No próximo fim de semana.

— Onde é?

— Shrewksbury.

— Isso é no meio de nenhures...

— *Sim* — disse eu enfaticamente.

Ben fechou o livro.

— O que eu queria dizer era que podia fazer a despedida de solteira em qualquer lado, desde que se assemelhe a Shrewksbury. Correto?

— Com a Sarah, nada é assim tão simples. — Deslizei as folhas da apresentação na sua direção. Ele começou a percorrer as de cima. Parou, depois folheou tudo até ao fim, onde estava a lista de controlo de atividades. Eu nem conseguia olhar para aquilo.

— Certo — disse Ben. Depois simplesmente levantou-se e afastou-se. *Lá se vai o ser menos panhonha*. Enterrei a cabeça nas mãos outra vez.

— Queres um chocolate quente, Evie? — perguntou-me Anette, uns minutos depois.

— Eu estou bem, obrigada — balbuciei para dentro da manga.

— Demasiado tarde — disse Ben. Ouvi um ligeiro ruído e olhei para cima. Ele tinha trazido um para cada um de nós.

— Tem todos os detalhes dos contactos das reservas? — perguntou.

Assenti, com os olhos ainda postos na minha caneca, depois saquei da tabela de Maria.

— Estão todos aqui.

— E definitivamente não há um local alternativo nas proximidades?

— Já vi. A única forma de ainda podermos fazer todas as atividades que planeámos era eu alugar uma autocaravana, e a minha amiga Sarah baniu qualquer forma de campismo em 2006 depois de nos termos quase afogado os quatro num campo da Escócia. É uma longa história.

Ben inclinou-se para diante e agarrou no meu telemóvel, estendendo-mo de volta.

— Então prepare-se — disse-me. — Está pronta? Tome, pegue nisto.

Empurrou-me o chocolate quente para as mãos.

— Vai cancelar tudo, quanto mais depressa melhor.

Gemi sonoramente, mas apertei os dedos com gratidão em torno da calidez da caneca.

— Há boas notícias.

— Parece improvável.

— A Evie consegue — disse ele, simplesmente. Olhei para ele. — Pelo

que vi, a Evie consegue fazer tudo o que se proponha fazer. Vai encontrar um local novo e remarcar tudo. E se precisar de ajuda, eu estou aqui. Já passei por isto.

— Organizou despedidas de solteiras? — perguntei eu, fugazmente encailhada na ideia de que Ben me achava capaz de tudo. *Mas achas-me ridícula, ainda assim.* Seguramente tudo isto só serviria para compor a visão que tinha de mim.

— Equipas de fotografia, sobretudo. Arranjar locais. Mantê-los entretidos. Era muito como arrebanhar gatos. — *Quem era este homem?* — Confie em mim — disse Ben. — Itinerário é o meu nome do meio. — Lancei-lhe um sorrisinho e ele encolheu um ombro. — Então, posso ajudar?

Até hoje, Ben teria sido a última pessoa que eu queria como testemunha da completa catástrofe que eu era. Contudo, ele fizera tudo soar tão exequível. Ter um fim de semana alternativo já alinhavado seria certamente uma ajuda quando eu desse a notícia aos meus amigos quanto ao que fizera ao original. E a despedida de solteira de Sarah não ia ser salva comigo se eu não me pusesse a mexer.

— Está bem — disse. — Façamo-lo.

— Então tratemos de cancelar.

Menos de uma hora depois, a despedida de solteira perfeita que Jeremy e Maria tinham passado meses a organizar já não existia. O único problema tinham sido as sessões de *spa* de domingo em Shrewksbury.

Tinham sido pagas adiantadas e não eram reembolsáveis. Ben tentara também — e eu ouvira-o ao telefone, assertivo, cortês e impressionantemente difícil de contradizer. Shrewksbury mantivera-se firme. Isso significava que eu teria de poupar durante os próximos meses para pagar de volta a Jeremy e Maria, mas era o mínimo que eu podia fazer.

— Agora a parte divertida — disse Ben com ligeireza. Eu devo ter parecido hesitante. — Encontramos um novo local. Depois pegamos cada um em metade das atividades e remarcamos com coisas equivalentes. Onde gostaria a sua amiga Sarah de ficar?

Qualquer outra coisa que não o Solar de Shrewksbury empalideceria em

comparação, aos olhos dela.

— Ela é um bocadinho peculiar — minimizei. — Teria de ser absolutamente perfeito, como algo saído de um conto de fadas. — Encolhi os ombros apologeticamente. — É o tema do casamento — esclareci. — Com pontos extra se se chamar qualquer coisa como Loganberry Lodge.

— Ou Foxgloveington Hall — aventou Ben.

— Casinha Madressilva — sorri. *Espera lá*. Já ouvira isso algures. Vasculhei o cérebro. A minha mãe falara-me dela na véspera de Ano Novo. Eu estava tão distraída com a *Dessintonia de Mensagens* de Anette que nem sequer a procurara.

O que dissera ela? «Era exatamente como imaginas que deveria ser uma casa de campo.» Éramos apenas cinco, incluindo Beth. Não precisávamos necessariamente de um solar...

Ben estava agora absorvido a dividir as páginas da apresentação. Um caracol de cabelo escuro tombara-lhe para a testa. Estava mais comprido do que alguma vez o vira. Senti os dedos formigar, como que impelindo-me a arredar-lho dos olhos. *Oba, Evie*. De onde viera *aquilo*? *O homem acha-te uma pateta, lembras-te? Está provavelmente a ajudar-te por compaixão para com a Sarah*.

Para me abstrair, procurei a casa de campo que a minha mãe mencionara. Devia ser algures em Yorkshire... *Aha!*

As fotografias no site estavam um bocado desfocadas, mas a casa em si era exatamente como a minha mãe a descrevera. A imagem perfeita.

Construída em pedra cinzenta toscamente talhada, tinha um aconchegado telhado de colmo, lindas janelas de guilhotina e uma alegre porta de madeira pintada de azul-esverdeado. Rosas rosa-pálido cobriam todo um lado da casa, como que num delicado rubor. Era pequena — duas divisões em cima, duas em baixo — mas ainda assim com quartos suficientes para todos nós, e era realmente «ao preço da banana», como a minha mãe prometera. Não poderia ser um lugar mais ideal para um *meet-cute* de Romance de Férias.

Despedida de solteira, chamei a atenção a mim própria. Isto é para uma

despedida de solteira. Não se tratava de mim. Tratava-se de salvar o fim de semana de Sarah.

E seria ideal para a despedida de solteira!

A esperança cautelosamente desabrochou dentro de mim. A casa ficava, mesmo a calhar, em Little Thrumpton, uma aldeia muito parecida com Shrewksbury. Poderíamos levar o luxo connosco. Sarah iria ficar desapontada quanto ao solar, e eu ainda teria de enfrentar Maria e Jeremy, mas era isto ou um campo qualquer. Até que podia resultar. *Além de que*, disse uma vozinha, *podes matar dois coelhos de uma cajadada e manter o NOB a escrever*.

Antes que pudesse mudar de ideias, disse:

— Encontrei.

— Vê? — disse Ben distraidamente. Reparei que o slide que ele estava a ler era o da política «nada de pénis». — A Evie consegue.

Enquanto eu fazia a reserva, Ben fez duas pilhas com os slides da apresentação. Apontou para a mais próxima de mim.

— Atividades de sábado. — E para a que estava perto dele. — De domingo.

Eu fiz uma terceira pilha com a página do slide de alojamento.

— Reservado — disse, e partilhámos um momento de apreço conjunto por um bom sistema.

Dez minutos mais tarde, Ben arranjava um substituto para a treinadora olímpica que Sarah solicitara para a nossa aula de exercício matinal — Barbara's Bootcamp, dissera-me ele ao colocar a página na pilha do meio — e uma mulher que iria à casa de campo fazer-nos manicure e massagens — Shelley's Shellacs. Little Thrumpton aparentemente orgulhava-se de ser toda delicadoce.

Eu ainda estava a delinear uma nova caça ao tesouro. Por sorte, a aldeia gabava-se de ter um vasto terreno que era usado para um dédalo-milheiral (*E que Dedáleo!*). Estava fora de estação, mas aberto, ainda assim. Beth podia simplesmente dar um prémio a Sarah quando ela chegasse ao meio. Não era o jardim de um solar, mas mantê-las-ia ocupadas enquanto nós

preparávamos a casa.

Ben olhou de relance para o meu telemóvel, que não parara de zumbir enquanto trabalhávamos. Apanhei-o bruscamente.

NOB: Não posso crer que esteja a renegar a sua parte do acordo

NOB: Claramente não está a levar isto tão a sério como eu

Não estou a levar a sério? Talvez conseguisse fazer mais se não tivesse de lidar com o maior ego do mundo a precisar de atenção de cinco em cinco segundos. *Chega de interrupções.*

Ruiva: Vou fazer o *meet-cute* do Romance de Férias este fim de semana na despedida de solteira da minha amiga. Pode voltar à sua escrita

NOB: Está a aproveitar-se da despedida de solteira da sua amiga para um *meet-cute*? Mas que implacável, Ruiva

NOB: Gosto disso

Virei o telemóvel para baixo de modo a não ter de ver o ecrã. Teria NOB razão? Eu tinha plena intenção de fazer o fim de semana inteiro girar em torno de Sarah — só que, quando fôssemos para os copos à noite, podia ser que chocasse com alguns locais.

— Que tal vai isso? — perguntou Ben.

Dei um salto, tentando não pensar demais em quão culpada me sentia.

— Acho que encontrei um restaurante — disse, mostrando-lhe o site.

— A Filha do Carrasco? Tem estrelas Michelin? — Inclinou-se para espreitar para o meu portátil. Cheirava a ar fresco e canela.

— É galardoadado — disse eu.

Ben verificou o seu tablet.

— E é igualmente o único da aldeia que serve comida.

— Então é perfeito — declarei, pondo a folha na pilha crescente de «reservados».

A seguir, encontrei uma aula de desenho local. Sarah escolhera o Solar de Shrewksbury não só pelo seu luxo mas porque uma artista local, Martine

(sem apelido), ali orientava aulas de pintura numa base extremamente seletiva. Sarah não era nem de longe dada às artes, mas Martine dera em tempos uma aula a Kim Kardashian. O artista de Little Thrumpton não podia clamar tal honra, mas era muito descontraído no que tocava a beber-se álcool durante as aulas.

— Feito! — Ben lançou a sua última folha para a pilha. — O que tem a seguir?

— A aula de cocktails — repliquei. — Pensei pedir ao restaurante se nos poderiam ajudar.

Enquanto eu fazia a chamada, ele abriu o site do restaurante — será que não parecia mais um pub? — no seu tablet. A lista de bebidas era apenas uma fotografia da lousa exposta no bar.

— Faz tudo desde *Sex on the Beach* a... — Fez uma pausa. Alguém atendeu do outro lado do telefone. — *Slippery Nipples*⁵.

— Perdão? — perguntou a pessoa. Fiz sinal a Ben para que se calasse para poder perguntar da aula de cocktails particular.

— Suponho que não seja tarde demais para procurar noutro lado? — ponderou ele.

— Tardíssimo — disse eu, acrescentando a folha à pilha e verificando de novo só para ter a certeza. Era o meu último afazer. — Não acredito... Conseguimos mesmo! — Levantei a palma da mão e Ben já lhe tinha batido antes que eu pudesse parar para pensar em quem estava eu a desafiar.

Quem diria?, cisme, voltando a minha atenção para o novo itinerário. Tê-lo para apresentar a Jeremy e Maria serviria, esperava eu, para suavizar o golpe. Talvez então deixassem de me falar só por cinco a dez anos ou coisa parecida...

— Não se preocupe — disse Ben, como se pressentisse que eu começava a entrar em parafuso. — Vai tudo correr bem.

— Tudo graças a si — disse eu.

— A *dedálea* é você. — Sorriu quando eu grunhi, os seus velados olhos castanhos iluminando-se. Sorri de volta, e passaram-se uns segundos em confortável silêncio.

Até que avistei algo debruçado sobre o seu ombro. Anette, de sorriso arreganhado para nós. Apressei-me a reunir as folhas. Era melhor não a encorajar. Ben também se virou, coçando a nuca.

Quando abri a minha bojuda pasta para guardar as folhas lá dentro, vi a caixa que lá tinha posto. Esquecera-me completamente de que tencionara passar parte da manhã a engendrar uma surpresa para Sarah.

Bem, de certa forma não deixara de o estar a fazer.

Tirei a caixa para fora e a tampa soltou-se, caindo uma fotografia para o chão.

— Espere! — disse, mas era tarde demais. Ben apanhara-a. Na fotografia estava eu e os meus amigos, aos 18 anos, numa festa de máscaras. *Pois claro que tinha de ser logo aquela.* Tínhamos ido de *Um Sonho de Mulher*. Sarah estava vestida como Julia Roberts antes de tirar a cabeleira loura. Eu era a versão «depois», de roupão, caracóis ruivos e um sorriso tímido. Jeremy era o nosso Richard Gere, ostentando uma espessa cabeleira grisalha. A boca de Ben retorceu-se.

— Eu ia fazer uma colagem para a Sarah — expliquei, tirando a tampa da caixa para guardar a fotografia de volta. Apanhei-o a olhar de relance para as restantes, com uma expressão curiosa no rosto. Anette e a amiga também se inclinaram. Havia mais noitadas. Uma série de fotos minhas curvada sobre o portátil, a escrever, completamente alheia a fosse qual fosse dos meus amigos que fazia uma careta atrás de mim. Férias que passávamos todos juntos. — Só que fiquei sem tempo.

Tinha um trabalho para fazer nessa tarde. Um dos nossos escritores, Simon, pedira que lhe ligasse a enunciar todas as razões por que o seu atual projeto era simultaneamente a melhor coisa que ele escrevera e um desastre sem salvação (era um cliente ela por ela: meio ego, meio neurose).

Anette acenou com as mãos como que tentando sinalizar alguma coisa a Ben, mas ele não a viu.

— Por acaso... — disse. Ela quedou-se imóvel, fitando-o com uma expressão suplicante. — Sou capaz de conseguir dar uma ajuda nisso também.

A filha exibiu um rasgado sorriso.

⁵ Nomes de bebidas, que podem ser traduzidos, respetivamente, por «Sexo na praia» e «Mamilos escorregadios». (N. da T.)

Cobertura de Brilhantes

EXT: UMA MORADIA, UM BECO SEM SAÍDA, SHEFFIELD — SÁBADO,
12 DE JANEIRO, 7H30

SARAH sai a correr porta fora, puxando uma mala cor-de-rosa vivo atrás dela. O seu noivo, JIM, de roupão, inclina-se para um beijo. Ela põe-se em bicos de pés e dá-lhe um beijinho na bochecha, depois, avistando a amiga BETH a chegar num *Audi TT* rosa-choque, abraça JIM pelo pescoço e beija-o arrebatadamente. JEREMY encosta atrás de BETH na sua banheira, um *Vauxhall Corsa*, e deixa-se ficar sentado, enquanto MARIA e EVIE saem do carro para cumprimentar SARAH.

— Feliz despedida de solteira, Sarah! — exclamou Maria, enquanto nos juntávamos para abraçar a nossa minúscula amiga.

— Chegou finalmente! — O abraço dela era férreo, de tanta excitação. Com Sarah, era como se alguém pegasse numa pessoa enorme e a condensasse para causar mais impacto. Era uma autêntica estrela de neutrões.

Sarah apresentou-nos a Beth, que tinha o tipo de ondulações com madeixas loiras que vendiam produtos capilares. Estavam as duas vestidas de fatos de treino idênticos, de veludo cor-de-rosa.

— Para a viagem — disse Sarah, em resposta aos nossos olhares. Acenou para Jeremy, que abriu a janela. — Vamos pôr este espetáculo na estrada! Mal posso *esperar* para descobrir para onde vamos.

— Sim, seja onde for — entouou Jeremy.

Senti uma desagradável guinada no estômago. Decidira dizer a verdade aos meus amigos depois de deixarmos a Sarah e Beth no local onde iam fazer a minha versão de caça ao tesouro, e já estava a suar só com a ideia.

Beth nunca vira o itinerário original, mas parecia pouco provável que Sarah não lhe tivesse falado na possibilidade de irmos para Shrewksbury — afinal de contas, porque a desiludiriam os seus melhores amigos?

Preocupar-me-ia com a reação de Beth mais tarde.

Bip-bip.

— Não façam esperar a Grande Bertha!⁶ — gritou Jeremy pela janela do carro, dando palmadinhas amorosas no volante. — Cintos postos? — perguntou, uma vez todos lá dentro. — Então a próxima paragem: o meu inferno pessoal.

— Ele está a falar a sério? — perguntou Beth, lá de trás.

— Habituas-te a ele — disse Sarah.

— Eu dou as direções. — Tirei o GPS do *tablier*. Jeremy olhou-me de relance — eu era normalmente a última pessoa a oferecer-me como navegadora. O problema é que eu era a única de nós que sabia para onde íamos.

— Alguém me vai explicar porque é que acabámos de deixar a Sarah e a Linda num campo? Não que não me tivesse dado gozo a expressão nas caras delas, mas a caça ao tesouro devia supostamente ser nos jardins do solar, não?

Eu assumira o comando quando chegáramos ao dédalo-milheiral — dando a Beth o champanhe para ela e Sarah beberem quando chegassem ao meio, juntamente com um mapa com indicações para seguirem a pé para o estúdio de arte onde nos encontraríamos com elas dali a uma hora. Beth parecera hesitante, mas à superfície este era exatamente o mesmo plano que tínhamos desde o princípio: ela deveria acompanhar Sarah enquanto nós decorávamos a *suite*. Só que não havia *suite*.

— Evie — incitou Maria, lá de trás.

— Pronto, está bem — disse eu, inspirando fundo para me preparar. — Não fiquem zangados...

— Eu não estou zangado. Estás zangada, Maria? — Jeremy foi o primeiro a falar, assim que eu acabei de me explicar. — Estou felicíssimo

por ter passado um mês da minha vida a organizar um fim de semana que parecia destinado a torturar-me, só para descobrir que a minha amiga o substituiu por uma coisa ainda menos atrativa.

— Peço mil desculpas. Foi um erro estúpido, e eu não me poderia sentir pior. Nós demos o nosso melhor para assegurar que o fim de semana se equipararia ao que a Sarah pediu. Maria? — contorci-me no assento para olhar para trás para ela.

— Não estou zangada — assegurou-me ela, embora com voz tensa.

— «Nós»? — salientou Jeremy.

— Aquele homem que conheci, que tem uma filha. O Ben.

— O Viúvo Jeitoso — disse Jeremy.

— Sim. *Não*. Não lhe podes chamar isso.

— Julgava que não gostavas dele — disse Maria.

— Bem, gosto. Acho eu. Não sei. Foi ele a razão de eu ter sido capaz de organizar isto tudo tão rapidamente. Não que não fosse tudo bem pensado, claro — apressei-me a acrescentar. — Acabei de vos enviar por email o itinerário e agora podem ver por vocês próprios.

Maria consultou o telemóvel.

— Está cá tudo — confirmou para Jeremy. — Faremos as mesmas atividades.

— Isso já é alguma coisa, pelo menos — disse ele. Depois abanou a cabeça. — O que estou eu a dizer?

— É tudo o que a Sarah nos pediu, prometo — disse eu ansiosamente. — Apenas umas duas horas a oeste de onde ela conta ficar.

No retrovisor, os olhos cinzentos de Maria acalmaram um bocadinho.

— Deste o teu melhor. Ela tem de perceber isso. — Eu não estava certa quanto a quem Maria estava a tentar convencer. — Onde está o link do alojamento?

— É mesmo bonito, esperem só até ver — disse eu, enviando-o. Era um alívio ter tudo em cima da mesa. *Mais ou menos*.

Depois de alguns segundos de silêncio, perguntei:

— Receberam?

— Evie. — A voz de Maria soou sinistramente calma. — Diz-me que não fizeste isto.

Jeremy manteve as mãos nas dez para as duas no volante ao lançar-me de relance um olhar interrogador.

— Não fiz o quê? — perguntei. *O que é que me escapou?*

— A casa, Evie. Parece exatamente a d’*O Amor Não Tira Férias*. Não me digas que transformaste a despedida de solteira da Sarah num dos teus *meet-cutes*.

Ups. Era assim realmente tão óbvio? Fez-me pensar em quão obcecada andava nos últimos tempos com os *meet-cutes* para ser esta a conclusão imediata de Maria. *Lucidez estelar, Evie*.

— Confia em mim — implorei, o estômago revolvendo-se-me de culpa. — Não a teria escolhido se não fosse perfeita para a Sarah.

— Evie — disse Jeremy. — Sequestraste a despedida de solteira da Sarah para catrapiscares o Jude Law. Se todo e cada momento dos próximos dois dias não for absolutamente perfeito, foi bom conhecer-te, adeus.

Amontoados sob o guarda-chuva de Jeremy, fitámos todos o que deveria ter sido a imagem perfeita da minha casa de campo de férias românticas/conto de fadas.

— Evie, querida — disse Jeremy. — De que século eram as fotografias que nos mostraste?

A pintura das molduras de madeira lascada e da porta da frente estava a estalar e descascar, mais cinzento-cadáver do que azul-esverdeado. O telhado de colmo estava a querer abater. Uma das janelas do andar de cima estava entaipada e a outra estava partida, a ponta rasgada de uma cortina de renda esvoaçando através da abertura. Até mesmo as rosas que em tempos tinham trepado por um lado da casa eram agora uma teia de galhos quebradiços.

— Talvez seja melhor lá dentro? — disse eu. Um bando de asas escuras e lestras emergiu de um buraco no colmo e desapareceu no céu.

— Morcegos — disse, debilmente, Maria. — O interior está cheio de

morcegos.

— Agora já não — comentou Jeremy, impassível. — Como é que descobriste isto?

— A minha mãe — disse a medo.

— Tiveram uma briga há pouco tempo?

Evie: Mamã, há quanto tempo ficou na Casinha Madressilva?

Mamã: Oh, há uns vinte anos! Porquê?

Oh, mamã. Tirei uma fotografia à casa para tentar reaver o nosso dinheiro de volta mais tarde.

— Venham daí. Vamos ver o que temos entre mãos.

Apressei-me pelo carreiro invadido de matagal até à porta, acedendo com a chave que o dono deixara debaixo do tapete. Fazia um frio de rachar lá dentro. Estendi a mão para a luz, sentindo laminado lascado sob as pontas dos dedos antes de carregar no interruptor. A lâmpada no quebra-luz de franjas tremulou mas resistiu, projetando dedadas de sombra pela sala de estar.

Íamos ficar numa cápsula do tempo da década de 70. A mobília estava coberta por pelo menos dois anos de espesso pó cinzento, e os dois sofás floridos e a poltrona de orelhas verde-escura pareciam esponjosos de humidade.

— Cozinha — disse Maria. — Avançámos todos ao mesmo tempo através da porta baixa para a segunda divisão. Lá dentro havia uma mesa redonda de pinho e quatro cadeiras — uma das quais estava encostada à parede sem uma perna. O fogão a gás e o forno estavam ambos claramente avariados. Uma coleção de bules de chá com a forma de rostos humanos observava-nos do alto dos armários.

— Ouviram aquilo? — perguntou Jeremy, inclinando a cabeça de lado.

Maria e eu quedámo-nos petrificadas, pensando nos morcegos. Era apenas a chuva a bater na caleira lá fora.

— Vamos lá ver o frigorífico — disse eu. Desde que esse funcionasse,

podíamos pelo menos manter o vinho gelado. Se não... Era melhor nem pensar. — Então? — Ninguém se mexeu.

— Jeremy — incitou Maria.

Ele encolheu os ombros umas quantas vezes, preparando-se. Lançou-se em frente, abriu a porta de rompante e saltou para trás.

O cheiro que de lá saiu era coisa com que jamais me deparara.

— Fecha a porta, fecha! — gritámos Maria e eu ao mesmo tempo, deixando que Jeremy a fechasse com toda a força.

— Digam-me que era queijo — pediu Maria.

— Já disse o quanto lamento? — disse eu.

— Tudo bem — disse Jeremy generosamente, dando-me uma palmadinha na cabeça. — É com a Sarah que deverias estar realmente preocupada.

— *Está* tudo bem. — A voz de Maria soou determinadamente animada. — Estamos aqui agora. Vou dizer à Sarah que iremos ter com ela e com a Beth um pouco depois de terem acabado a aula de desenho. Não é de todo ideal, mas isso não se pode remediar. Poremos o vinho lá fora, está suficientemente frio. Jeremy, vê como estão as camas. Eu limpo. A Evie pode tratar das decorações. A Sarah nunca saberá sequer como isto era. Vai tudo ficar *perfeitamente* bem.

Apenas uma hora depois, já tínhamos conseguido pôr a velha caldeira a funcionar. As superfícies estavam praticamente livres de pó. Jeremy encontrara lençóis mofados mas limpos no armário da caldeira e confirmara que os morcegos que viviam no sótão não podiam entrar no resto da casa.

Recuei depois de pendurar o lençol diante do projetor. Ben emprestara-me o equipamento para a apresentação de slides que ele fizera de todas as minhas fotografias. Ele dissera-me que já tinha feito apresentações de slides antes e que não lhe levaria «tempo nenhum» fazer a minha. Dada a quantidade de pó no projetor, tive a sensação de que era a primeira vez que ele fazia uma coisa destas desde há algum tempo. Ainda assim, fizera-o por mim.

Os meus amigos reuniram-se na sala atrás de mim. Avaliámos o nosso

trabalho. Com as velas agora espalhadas por todo o lado, a casa parecia quase...

— Bem — disse Jeremy. — Não se pode polir um cagalhão.

— Mas pode dar-se-lhe uma cobertura de brilhantes. — Apaguei a luz. As velas bruxuleantes faziam tudo parecer quase... Népia, era horrível na mesma. — Certo. Há apenas uma última coisa que temos de fazer antes de irmos. — Isto foi acolhido com grunhidos. — *Beber* — disse eu. Eles concordaram e seguiram-me para a cozinha. — Jem, podes procurar copos nos armários?

Maria sacou do itinerário.

— Muito bem, então elas devem estar a sair da aula de desenho e a dirigir-se para a de cocktails.

— Algum de vocês teve notícias delas?

— Nada.

— Eu também não. — Permitti-me relaxar um bocadinho. Isso parecia ser bom sinal.

— O tal som voltou — disse Jeremy. Cheirou um pacote de bolachas digestivas meio comido do primeiro conjunto de armários. — Acham que a Kate Winslet era assim tão badalhoca?

— Vinho — lembrei-o eu. A última coisa de que precisava era pensar em comédias românticas.

— Nada — disse Jeremy, abrindo e fechando o conjunto seguinte de armários. — Nada. Nada. Nada. — Foi até aos dois últimos armários. — Rezem comigo — disse, abrindo-os.

Uma ratazana do tamanho de um *Yorkshire terrier* pulou-lhe para a cara.

⁶ Alusão ao robusto obus alemão da Primeira Guerra Mundial, fabricado pela Krupp, e que ficou com a alcunha da herdeira deste império industrial — «Bertha Gorda» na língua alemã, suavizado para «Grande Bertha» noutras línguas. (N. da T.)

Mathers Macaréu™

INT: A FILHA DO CARRASCO — SÁBADO, 12 DE JANEIRO, 16H32

O pub apenas pode ser descrito como «típico». Há centenas de ferraduras pregadas a uma parede; as outras paredes estão cobertas por uma vasta coleção de letreiros metálicos contendo piadas e slogans que vão de fofos a questionáveis. BETH e SARAH encontram-se sentadas a uma mesa repleta de manchas. SARAH usa uma faixa prateada de «Noiva». Mantém-se inexpressiva enquanto avalia o pub escuro, o seu fogo crepitante e os locais, maioritariamente homens, fitando as duas louras de fatos de treino cor-de-rosa iguais. A pequena porta de entrada abre-se e JEREMY, MARIA e EVIE entram, parecendo nervosos.

Jeremy lançou um olhar aos locais alinhados junto às mesas ao longo das paredes.

— Eu estarei no bar — anunciou, sacudindo o guarda-chuva. Ainda não recuperara bem da ratazana.

— Pergunta pela aula de cocktails — gritei-lhe nas costas.

O lugar encontrava-se quase vazio. Estavam três homens sentados em mesas diferentes ao longo da parede do fundo, cada qual com o nariz vermelhusco típico dos bebedores bem treinados. Duas mulheres miravam-nos desconfiadas, com penteados que pareciam ter sido feitos pelo mesmo cabeleireiro, cujo livro de estilo, como a nossa casa, datava dos anos 70: permanentes armadas com destacadas madeixas louras.

Era muito claramente um pub, não um restaurante. Para onde é que eu nos trouxera?

— Evie — disse Maria com urgência, retendo-me para trás. Sorriu para

Sarah, e mostrou-me o seu telemóvel.

TEM 21 CHAMADAS PERDIDAS DE SARAH MATHERS.

Consultei rapidamente o meu. Tinha quinze, todas intercaladas ao longo das últimas horas. Não devíamos ter de todo rede na casa. E ela não era a única pessoa que tentara estabelecer contacto.

Ben: Boa sorte com a despedida de solteira! Diga-me que tal está a correr

NOB: Mal posso esperar para saber do meu *meet-cute*, Ruiva

Enviei a NOB a fotografia da casa.

Ruiva: imputo-lhe a responsabilidade do que está a acontecer. Espero que esteja satisfeito. A despedida de solteira da minha amiga está arruinada

— Vamos lá — disse Maria, inspirando. — Está na altura de enfrentar a música.

Sarah e Beth tinham pousado os blusões cor-de-rosa ensopados sobre os bancos desocupados, não nos dando a Maria e a mim outra opção senão ficar de pé. Os braços de Beth estavam firmemente cruzados. O cabelo, penteado com todo o estilo no princípio do dia, encrespara ao secar, como se tivesse sido ripado para uma balada de arrasar. Tinha um galho enredado nas espessas madeixas. Sarah tentara dominar o seu num rabo de cavalo lateral, mas a maior parte das madeixas recusavam-se a manter-se dentro do elástico. Ela não levantou logo os olhos. Em vez disso, mexeu o seu gin tónico com uma colher de plástico.

Engoli a custo.

— Que tal foi o vosso dia?

— Desculpem não termos podido juntar-nos a vocês mais cedo — acrescentou Maria.

Sarah tentou alisar a franja, mas ela espetou-se para cima outra vez.

— Vocês sabem — disse — o que é um dédalo-milheiral fora de estação?

— Beth bufou. — É um campo.

— Oh, Sarah — disse eu, sentindo-me horivelmente. — Como foi a aula de desenho, ao menos?

Beth estendeu uma mão compassiva na direção de Sarah.

— Tudo bem, querida. Eu não quis dizer, já que estavas tão certa de que eles a iam reservar, mas avisei-te. A Martine não dá simplesmente aulas a qualquer um. Até a Kim teve de puxar cordelinhos.

— Mostra-lhes só, Beth — disse Sarah bruscamente.

Beth puxou um rolo de papel da parte de trás do assento e começou a desenrolá-lo.

— É assim: eu não sou pouco razoável — disse Sarah. Tentei a muito custo não reagir. — Mas vocês lembram-se do que disse que não queria especificamente para a minha despedida de solteira?

O desenho foi-se tornando gradualmente visível à medida que Beth desenrolava o rolo de papel. Era como ver uma imagem a carregar na velha Internet de ligação telefónica.

— O que é...

— *Oh*.

Beth continuava a desenrolar.

— Mas que tamanho *tem* essa coisa? — perguntou Maria timidamente.

— O artista deu-nos uma aula de desenho ao vivo — disse Sarah.

Não consegui olhar para ela.

— Podem ser de muito bom gosto.

— O modelo era ele.

— Trouxe bebidas! — exclamou Jeremy. — *Caramba*, Linda, que grande pila!

Os outros clientes trocaram olhares à distância entre as suas mesas. Não pareciam contentes.

— O que foi? — perguntou Jeremy. — *Ela* é que a desenhou.

— *Tira isso daqui*, Beth — disse-lhe Sarah. Beth começou a tentar enrolá-lo de volta. — Podemos ir de uma vez para o solar? — perguntou Sarah, cansada, rodando os ombros. — Preciso de uma sauna e de dar umas braçadas para me sentir humana de novo.

Beth tinha um sorrisinho de autossatisfação na cara quando olhou para nós, com as sobrancelhas ligeiramente erguidas em desafio. Sarah não se apercebera de que não estávamos em Shrewksbury, e Beth não a corrigira.

— O que se passa? — perguntou Sarah, a medo.

— Acho que ela está a falar contigo, Evie. — Jeremy empoleirou-se em cima do blusão de Beth. Ela arrancou-lho de debaixo do traseiro.

— Mas que raio é *isso*? — clamou Sarah. Ele colocara uma bandeja de prata sobre a mesa com garrafas de vodca, gin e tequila, um pacote de sumo de laranja e cinco copos. Um deles continha uma sombrinha de papel amarrotada.

— Oh, isto? É a nossa aula de cocktails. — Jeremy espetou a cabeça para mim. — É um faça-você-mesmo. Eles não servem despedidas de solteira, ao que parece.

O estômago caiu-me aos pés quando olhámos todos para o bar. Atrás do balcão estava uma mulher dos seus 40 e tal anos com cabelo crespo grisalho puxado atrás num coque solto. Tinha a boca firmemente fechada numa linha fina, os olhos transbordando de absoluta desaprovação.

— Exatamente o que — perguntou Sarah calmamente — é que se passa aqui?

— Eu posso explicar... — comecei.

— Podemos todos — disse Maria. Deu um toque a Jeremy.

Ele verteu uma porção de vodca para um dos copos manchados.

— Claro, porque não? A ratazana não foi, claramente, castigo suficiente.

— Não — disse eu, antes que Sarah pegasse no que ele dissera. — Isto foi tuco culpa minha.

— Evie, deixa estar — disse Maria, mas não foi capaz de ocultar o seu alívio.

— Por amor de Deus, um de vocês fale — disse Sarah.

Preparei-me.

— Bem, Sarah... isto...

— Isto não é Shrewksbury — disse Beth, triunfante. — Eles deram-te cabo da despedida de solteira.

O problema com os Mathers Macaréus™ era que, tal como uma verdadeira vaga, nunca aconteciam exatamente quando eram de esperar. Iniciada a contagem decrescente, sabia-se lá quando rebentavam.

E pela expressão lívida e entupida de Sarah enquanto bebericava o seu gin, fora definitivamente iniciada. Não tardaria a fazer-se vermelho-púrpura, depois viriam os punhos cerrados, rios de lágrimas zangadas, e, finalmente, um acesso de cólera de furar os tímpanos e imprevisível duração e razão.

— Perdeste — disse Sarah lentamente — a reserva do solar?

— Vou buscar mais misturadores. — Jeremy levantou-se.

— Ficas aí onde estás — disse Sarah.

Os olhos de Beth arregalaram-se.

— Eu tenho exatamente o que esta despedida de solteira precisa. — Pôs-se a rebuscar dentro da mala.

— Então ajuda-me, Beth, se é o que eu penso que é...

A expressão de Beth amouou. Julguei vê-la pôr alguma coisa no bolso quando se levantou, vacilando sobre os calcanhares. O único misturador no seu gin fora a sombrinha de cocktail.

— Vou só perguntar que opções vegetarianas têm para o jantar.

— Vamos comer *aqui*? Substituíste o Jorden's, um restaurante com estrelas Michelin, por um pub que só serve empadas? — Sarah apontou para um letreiro que dizia: PERGUNTE-NOS DAS NOSSAS EMPADAS GALARDOADAS!

— São galardoadas — disse Jeremy. No silêncio que se seguiu, abriu a tequila e começou a encher cada um dos nossos copos.

— A minha despedida de solteira é uma piada para ti? — perguntou Sarah baixinho.

Maria e eu começámos imediatamente a protestar. Sarah levantou a mão. *Pronto*, pensei eu. Preparámo-nos os três.

Mas Sarah permaneceu enervantemente calma.

— Eu não poderia ter sido mais clara quanto ao que queria. Acharam divertido tirar tudo o que eu pedira e atamancar uma versão mal-amanhada?

Vocês estão sempre a fazer grupinho. Só acho que nunca esperei que me deixassem de fora da minha despedida de solteira!

— Sarah, não é nada disso — disse Maria, horrorizada.

— Foi tudo culpa minha — insisti. — A Maria e o Jeremy fizeram tudo o que tu pediste. Eu perdi a reserva, e reservei uma casa aqui porque parecia a d’*O Amor Não Tira Férias*. Lamento tanto.

Sarah pousou a bebida.

— É incrível mesmo.

Os meus amigos e eu trocámos olhares sobre a cabeça dela. Houve um tremor no ar, como a calma antes da tempestade. Mathers Macaréu™ iminente.

— Não era minha intenção que desse nisto — disse eu, invadida por um sentimento de desespero. — É que o NOB...

— *Evie* — disse ela, com a força de uma estalada. *Aí vem*. Sarah inspirou até mais não e... expirou lentamente. — Não te atrevas a deitar as culpas disto naquele homem. Tem tudo que ver contigo. Podias ter feito isto noutro fim de semana qualquer... porque tinhas de aproveitar a *minha* despedida de solteira?

Maria aproximou-se e tomou-lhe a mão.

— Muito bem — disse gentilmente.

— É a terapia — disse Sarah.

Eu acho que teria preferido um acesso de cólera.

— Não me poderia dar a esse luxo de outra maneira! — Os meus amigos deram todos um salto e eu baixei a voz, envergonhada. — Desculpa. Queria mesmo que tivesses uma despedida perfeita, mas tu pediste tanto, Sarah. Não podia fazer as duas coisas.

» A Maria e o David ainda conseguem ir para fora em maio. O Jeremy passa o verão em Nova Iorque. Eu não vos podia deixar desamparados.

Jeremy lançou-me um olhar «estás por tua conta».

Cruzei os braços. Levara meses a poupar para o fim de semana de Sarah. O meu salário não era terrível na agência, mas também não aumentara grande coisa ao longo dos anos.

— Vocês nem sempre entendem o que é ter de contar tostões — disse eu firmemente. — Têm todas as coisas tão compostas. Sempre que olho para as vossas vidas, fazem-me sentir como se estivesse vários passos atrás.

— As *nossas* vidas? — disse Sarah. Maria e Jeremy fitaram-me também, atônitos. — Consideraste sequer que eu possa ter querido uma despedida de solteira decente por alguma razão? Eu sabia no que me metia quando acedi a casar com o Jim. Amo-o, mas ele vem num pacote. Tem dois cães, uma hipoteca com a ex-mulher, um gosto horrível para escolher roupa e dois filhos. Por isso, perdoa-me — disse Sarah — se, antes de me tornar uma madrasta... e sê-lo-ei a *cem por cento* para aqueles miúdos, a nossa lua de mel será em *Centre Parks*... queria um fim de semana de luxo e que tudo girasse à minha volta por uma última vez. Era pedir muito?

Fiquei sem palavras. Partira do princípio de que Sarah estava simplesmente a ser a exigência em pessoa que sempre era. Sabia que, ao escolher viver com Jim, a sua vida não seria exatamente uma estrada sem solavancos, mas sempre pensara que ela conseguia dar a volta a tudo. Nem uma única vez lhe pergantara como se sentia com todos os preparativos para o casamento.

— A Sarah não é a única — disse Maria firmemente, e foi a sua vez de ter a nossa atenção. — Pode parecer que o David e eu temos tudo composto visto de fora, mas quando vejo a tua vida, Evie, invejo mesmo a tua liberdade. Quando o David fala em casar e ter filhos, é como se a nossa vida inteira se estendesse à nossa frente e fosse uma via única. Tu pareces ter tantas opções à tua frente.

— Mas tu estás sempre a dizer-me que tenho de mudar as coisas.

— Porque podes fazê-lo — disse Maria.

— Pensei que tu e o David fossem felizes — disse suavemente. — Nunca me passou pela cabeça, nem uma vez, que a minha amiga pudesse estar tudo menos satisfeita na sua relação.

Maria sorriu.

— E somos, tanto como qualquer pessoa. E em parte é porque nos temos um ao outro, mas sobretudo requer muito trabalho para que pareça que

temos tudo composto.

Jeremy assentiu para dentro do copo.

— Sem ofensa, Evie, mas a ter inveja de alguém, é do Jeremy — disse Sarah.

— O quê, desculpa? — disse ele atabalhoadamente.

Sarah acenou com a mão.

— Às vezes penso que és o único de nós que a sabe toda. Um emprego espetacular, aquele apartamento, sem pressa de assentar.

— Sem pressa de assentar? Tenta conhecer alguém quando passas todas as noites de sábado no escritório. — Agora era Jeremy que tinha a nossa atenção. — Evie, quando te queixas que a tua vida é só trabalho e Netflix, eu às vezes olho para ti e penso *Tu tens tempo para Netflix?*

Eu estava varada. Mas Jeremy não *queria* encontrar um companheiro, queria? Ou, pelo menos, não quisera quando éramos mais novos.

— Eu devia ter-vos perguntado como estão as vossas vidas.

— Todos nós devíamos — disse Maria.

— Oh. — Jeremy encolheu os ombros. — Quem sou eu para me queixar? Pelo menos o meu apartamento enorme mantém-me quente à noite. A Evie apenas tem o seu antro de iniquidade.

Os meus amigos e eu entreolhámo-nos, e ocorreu-me que enquanto eu me encontrava longe em Londres, eles tinham estado ocupados a crescer.

— Evie — disse Sarah, por fim —, por favor, não entendas isto como a tua absolvição, mas estou disposta a aceitar que às vezes posso ser um tudonadinho de alta manutenção. — Nenhum de nós reagiu. — Relativamente ao casamento.

Acorremos de imediato.

— É completamente compreensível — apaziguou Maria.

— A pressão é tanta — disse eu.

Esperámos que Jeremy tomasse a sua vez. Ele serviu-se de mais tequila.

— O que foi? — perguntou. Suspirou. — Tudo bem. Sarah, sabes que te adoramos.

Sarah abriu-se num sorriso, com os olhos ligeiramente aguados.

— Vamos lá, então, abracem-me. Quem tem a despedida arruinada sou eu. — Maria e eu agarrámo-nos a ela, puxando Jeremy também.

— Maria, sabes que podes vir ficar comigo sempre que te apetecer — disse eu.

— Eu sei.

— Jeremy, agora que sei que andas a tentar conhecer alguém, eu arranjo-te o homem perfeito — prometeu Sarah.

— Foquemo-nos apenas na Evie. Sabem, a amiga responsável por este desastre?

— É mesmo horrível, não é?

— Completamente — replicou Maria.

Sarah recostou-se.

— Então o que vais fazer quanto a isto, Evie?

— Deixar de fazer tudo girar à minha volta? — tentei.

— Já é um começo, mas eu refiro-me ao *meet-cute* — disse Sarah. Fitámo-la todos. — Como planeias tu conhecer alguém?

— Sarah, prometo, já não planeio. Este é o teu fim de semana.

— Tens razão. E não te é permitido tê-lo arruinado para nada. Alguém nesta maldita aldeia tem de ser solteiro. — Levantou-se, endireitando o top. — Eu vou descobri-lo.

Foi então que reparámos que o bar ficara completamente silencioso. A princípio pensei que fosse por estarmos a falar demasiado alto, mas não era para nós que os locais olhavam embasbacados.

— Oh, bom, já acabaram. Vamos divertir-nos! — gritou Beth. A diretora de RH estava no meio do pub, com um gin numa mão e um gigantesco pénis insuflável na outra.

Rapariga Só

INT: A TOCA DA RAPOSA — SÁBADO, 12 DE JANEIRO, 19H23

O pub é um edifício atarracado, sem janelas e de um só piso. O espaço é quadrado, com uma mesa de bilhar de um lado e um pequeno bar do outro. É mais movimentado do que A Filha do Carrasco, mas está meio vazio, ainda assim. Um buldogue está deitado no meio do espaço, a roer uma orelha de porco. Como que num hesitante assentimento ao nome do pub, uma mal empalhada cabeça de raposa rosna na parede por cima de uma fiada de mesas, na sua maior parte vazias. Tirando isto, a bola de espelhos suspensa do centro do teto é a única decoração.

— Sabe onde está o Lawrence? — perguntou Sarah ao barman, de foco assestado nele desde o momento em que entráramos no pub. Dei comigo a admirar as suas sobrancelhas perfeitamente modeladas.

Sarah prometera à empregada do restaurante A Filha do Carrasco que levaríamos Beth e iríamos ver se ela nos conseguiria guiar na direção de qualquer homem solteiro na aldeia. A mulher dissera-nos que podíamos encontrar «esse traidor» na Toca da Raposa — aparentemente o mais mal-afamado dos dois pubs da aldeia — e cuspira. Eu não tomara isto como bom sinal, mas nada podia deter Sarah.

— O Lawrence não estará aqui antes das nove. — O seu tom não convidava a mais perguntas, enquanto nos mirava, avaliando a faixa de noiva de Sarah e o pénis insuflável de Beth.

Não obstante, Sarah persistiu.

— E que idade tem o Lawrence?

Isto motivou um erguer de sobrancelha, perfeitamente desenhada, por sinal.

— A suficiente — replicou o barman.

— Que gins têm? — perguntou Beth, avançando. — Eu só bebo *Bombay Sapphire*.

— Tomamos duplos seja do que for que tiver — disse-lhe Jeremy, para descontentamento de Beth. Sarah olhou significativamente para o pénis e a sua colega de trabalho moderou a pose.

— Nós temos uma política de Nada de Despedidas de Solteira — avisou-nos o barman, com os olhos postos no membro do nosso grupo que lentamente desintumescia.

Sarah arrancou a faixa e espremeu o insuflável nas mãos de Beth.

— Que despedida de solteira? — Um triste assobio soltou-se-lhe da ponta ao murchar. O empregado suspirou e foi buscar os copos.

— OK, eis o plano. — Agrupámo-nos à volta de Sarah. — Vamos dispersar e perguntar pelo Lawrence. Tratemos de descobrir o que pudermos antes que ele chegue aqui. Algumas perguntas?

Levantei a mão.

— Eu tenho alguma escolha nisto?

— Népia.

— Eu tenho uma pergunta — disse Beth. — O que tenho eu a ganhar? Eu não a conheço. Pensei que tinha pago por um luxuoso fim de semana com *spa*, não para andar à caça de um pobre coitado nas berças. O que é?

As narinas de Sarah dilataram-se.

— Estamos à procura de um par para a Evie levar ao meu casamento — disse, em vez da muito mais comprida, e mais questionável, explicação.

— Porque me hei de eu ralar?

— Porque — Sarah semicerrou os olhos e sorriu docemente — se nos ajudares, faço-te minha dama de honor.

— Pega nisto. — Beth passou o pénis a Jeremy, agarrou no seu copo que estava pousado no balcão e desandou através do pub.

— Não estás a falar a sério quanto à dama de honor, estás? — disse Maria baixinho.

— Eu disse-lhe, nada de pénis — replicou Sarah, bebericando o seu gin.

— O meu vestido é tamanho 36 — anunciou Beth, atirando-se para uma cadeira. Jeremy era o único de nós que ainda não voltara.

— O que descobriste? — perguntou Sarah, desconfiada. Toda a gente a quem perguntáramos fora evasiva. Não pareciam gostar de forasteiros, especialmente dos que faziam perguntas.

Beth, aparentemente, fora mais bem-sucedida. Começou a contar pelos dedos. — Ele veio de França, é baixo, e já trabalhou no jardim zoológico de Londres a apanhar pinguins caídos. — Olhámos todos para ela. — Sabem, quando os pinguins se põem a olhar os aviões e perdem o equilíbrio?

— Quanto gin bebeste tu, Beth? — perguntou Sarah.

— Achas que não é verdade?

Maria ocultou um sorriso enquanto eu disfarcei uma risada com uma tossidela.

Sarah suspirou.

— Pelo menos ele não tardará a chegar.

— Talvez então ela não devesse conhecê-lo de todo — resmungou Beth baixinho. — Quem quer começar uma relação com base em mentiras?

— Parece mais movimentado? — disse Maria. Tinha razão; mais um bocado e não havia lugares sentados.

— Mexam-se, mexam-se! — Jeremy trepou de volta para a sua cadeira, com o casaco bem bojudo. — Tomem. — Correu o fecho, revelando um saco de papel bem cheio com manchas de gordura. — Cortesia do A Filha do Carrasco.

— Mas que raio...? — disse Maria.

— Empadas! — disse Jeremy, com um sorriso arreganhado.

Olhámos para Sarah para ver a sua reação. Após a mais ínfima das pausas, foi ela a primeira a meter a mão no saco. Todos lhe seguimos o exemplo. Beth enrugou o nariz até Jeremy lhe estender uma empada de queijo individualmente embrulhada. Pegou nela, ligeiramente mais calma.

— Evie, viste isto? — Maria tinha sacado do telemóvel. Limpou o ecrã sujo de migalhas e mostrou-me. Era o site da *Cobras & Lagartos*.

«Monica Reed Descarta Boneco.»

— Está por todo o lado — disse. — Tiveram uma grande briga em público. — Maria fez uma pausa para efeito dramático. — Ele disse que não andava à procura de uma segunda mãe, e ela disse-lhe a *ele* que não precisava de um terceiro filho. Precisava de um companheiro que não se deixasse intimidar pelo sucesso de uma mulher. — Assenti, sorrindo para ela, mas não pude deixar de sentir alguma pena de NOB. Ele podia ser um asno, mas um rompimento já era suficientemente mau sem os meios de comunicação nacionais envolvidos. Maria lançou-me um olhar pensativo ao guardar o telemóvel de volta.

Houve uma agitação do outro lado da sala. Enquanto os meus amigos esticavam todos o pescoço para ver, eu saquei do telemóvel. Tinha outra mensagem de Ben, mas primeiro abri a conversa com NOB.

Ruiva: Tudo bem? Vi a notícia

NOB: Porque não havia de estar?

Ruiva: Tem a certeza? Porque eu tenho uma Maratona de Filmes para Corações Partidos testada e comprovada que lhe posso recomendar. Garantida para o fazer sentir-se melhor

NOB: Obrigado, Ruiva. Mas não está partido. Conte-me do *meet-cute*

Tudo bem. Se ele não queria falar do assunto, eu não ia insistir. Além disso, podia animá-lo simplesmente contando-lhe a minha mais recente tentativa de conhecer alguém.

Ruiva: em primeiro lugar, a casa tinha uma ratazana gigante

— Mas que raio é que eles estão a fazer? — perguntou Jeremy, lambendo migalhas do polegar. Segui o seu olhar. Um homem calvo e corpulento juntara duas mesas de bilhar e cobrira-as com tábuas. As pessoas começavam a abrir espaço como se isto fosse uma ocorrência normal. Quando ele rolou um pequeno escadote que estava encostado à parede do fundo coberto por um pano preto, Beth pôs-se subitamente de pé. — Vou só fazer uma chamada! — disse, comprimindo-se para passar pela minha cadeira. — Eu vou ser a *primeira* dama de honor.

NOB: Que casa?

Andei para cima para assinalar a fotografia que lhe mandara.

Não estava lá.

Uma sensação de água gelada deslizou-me pelo pescoço. Verifiquei os enviados.

Ben. Enviara a *Ben* uma mensagem dizendo que a despedida arruinada era toda culpa dele, e ele respondera.

Ben: certo.

Oh, não. Estava na hora de controlar danos. Explicar-lhe-ia simplesmente que tinha sido um mero engano.

— O-oh — disse Jeremy, fazendo-me olhar para cima. Meteu o resto da empada na boca. Segui-lhe o olhar e vi o homem corpulento dirigir-se a nós.

Maria tentou apressadamente apanhar todas as migalhas com a palma da mão.

— Qual de vocês é que anda à procura do Lawrence? — grunhiu o homem.

— É a Evie aqui — apressou-se Sarah a dizer.

Os olhos nada impressionados do homem cruzaram-se com os meus.

— Venha lá, então.

Olhei para os meus amigos à procura de ajuda.

— Nada de escolheres a última fila — disse Jeremy.

— Vai tudo correr bem — disse-me Maria. Arrancou-me o telemóvel dos dedos contraídos e deu-me um pequeno empurrão. — Nós estamos aqui.

Sarah levantou o seu telemóvel.

— Para assegurar que fica um registo de seja o que for que acontecer.

Se calhar não me tinham perdoado mesmo.

Com alguma relutância, segui o caminho que o homem abriu através do bar — o Lawrence era *ele*? Os seus braços balançavam-lhe ao longo do corpo, sustentados por volumosos músculos quais braçadeiras de natação.

Ele não era o meu tipo habitual, mas, para manter Sarah bem-disposta, tinha de me mostrar positiva. Além de que bebera gin que me fartara.

O homem conduziu-me até às mesas de bilhar cobertas. Agora estavam uma mesa e uma cadeira equilibradas em cima delas. Ele estendeu a mão e eu dei-lha automaticamente. Ele sacudiu-me, irritado. Aparentemente, limitara-se a acenar para que eu subisse os degraus. Ao fazê-lo, vi que alguém tinha colocado uma vela acesa e uma única rosa vermelha em cima da mesa. Iria isto ser um primeiro encontro bem público? Olhei para trás de relance, para os traidores dos meus amigos, que acenaram para mim.

Quando me sentei, um holofote incidiu-me diretamente sobre a cabeça. Todos os olhares se voltaram para mim enquanto a música martelava em força por todo o pub. A bola de espelhos no teto começou a girar e o pano preto foi arrancado dos degraus revelando que eram de um cor-de-rosa brilhante.

Eu estava num palco.

O homem calvo empunhava agora um microfone.

— Senhoras e senhores, A Toca da Raposa orgulha-se de apresentar, de volta para ficar desta vez, a nossa *drag* residente e absoluta *queen*, Lawrence da Lábia, e o seu famoso Karaoke Canta-em-Coro.

O quê?

Fez-se silêncio na sala e a multidão abriu um corredor.

Uma estonteante mulher de maiô negro, meias de rede, uma peruca loura gigante e imponentes plataformas avançou majestosamente em direção ao palco cantando *Big Spender* de Shirley Bassey. Olhou de relance para mim, as espessas pestanas fechando-se numa piscadela.

Era o empregado do bar — o das belas sobranceiras —, vestido a rigor.

A música baixou e ela anunciou:

— Primeiro, uma confissão. — Curvou a cabeça sobre o microfone, as unhas cintilando. — É verdade, fui brevemente seduzida pela Filha do Carrasco. — Aprofundou a voz. — Não consegui resistir às suas empadas. — Mais risadas. — Agora, ouvi um rumor de que esta vampe ruiva tem andado toda a noite a perguntar por mim. Por isso, minha querida. —

Lawrence pousou num ápice uma das suas compridas e esbeltas pernas sobre o tampo da mesa. — O que gostarias tu de fazer comigo?

Tenho a certeza absoluta de que guinchei.

— Que tal dizeres-me simplesmente que música gostarias de cantar?

Fitei os meus amigos, suplicante, mas eles estavam por demais ocupados a desfrutar do espetáculo.

— Então? — Lawrence inclinou o microfone para a minha boca.

Eu disse a primeira canção que me veio à cabeça.

— *Love Machine*, das Girls Aloud⁷.

Ela olhou-me de alto a baixo, erguendo um ombro enfeitado de borlas.

— Muito bem. — A música mudou. — Podem todos dar uma salva de palmas para *Love Machine*... por Girl Alone⁸. O pub ressoou de risos e as minhas faces arderam.

Houve um borbotão de movimento, e antes que eu me desse conta, os meus amigos subiam a correr os degraus para se juntarem a mim.

— Ela não está sozinha! — berrou Maria, esbaforida. Sarah tirou o microfone ao divertido Lawrence e Jeremy pôs-me de pé.

— Vá lá, Nicola, vamos mostrar-lhes como se faz.

Mas antes que pudéssemos cumprir a ameaça, um berro ressoou através da sala.

— *O que vem a ser isto?!*

O pub inteiro silenciou-se, a música parando abruptamente enquanto um agente da polícia abria caminho através da sala para examinar o duvidoso palco improvisado com a sua lanterna.

— Sr. Agente — disse Lawrence da Lábia, o epítome da dignidade. — De que forma podemos ajudá-lo?

— Não estou aqui por si — replicou o homem.

Ao meu lado, Jeremy emitiu um som estranho.

E foi então que eu vi que a lanterna saía das calças do polícia.

— *Sarah Mathers* — gritou ele, despindo as ditas calças de um puxão. — Tem sido uma menina muito marota. Encoste-se à parede e afaste as pernas!

Os meus amigos amontoaram-se atrás de mim quando abri a porta da casa de campo. Entrámos no vestíbulo escuro.

— Agora, Sarah — disse Jeremy, cambaleando ligeiramente. — Estás prestes a ver que a Linda teve a ideia certa, ao ficar no pub.

— A *Linda* não teve escolha — disse Sarah sombriamente. — Ela sabia da minha política Nada de Pénis.

— Pronta? — Maria e eu demos-lhe a mão, uma de cada lado.

— Estou pronta — disse ela corajosamente.

Inspirei fundo e acendi a luz.

Sarah inspirou de um trago.

— Oh, malta.

A sala de estar estava agora cheia de balões cor-de-rosa e dourados, escondendo a humidade do teto, criando uma floresta de fitas onduladas.

Entrámos todos devagarinho na sala.

O rosto de Maria transbordava de assombro.

— O que é isto? — perguntou-me baixinho.

As fitas fizeram-me cócegas na cara.

— Não faço ideia.

Liguei o projetor, afastando os balões que tinham voado para a frente do ecrã. A primeira fotografia éramos nós nos nossos fatos de fantasia *Mulher de Sonho*. Jeremy baixou as luzes. Os balões adquiriram um suave fulgor.

Quem poderia ter feito isto? As outras duas únicas pessoas que sabiam desta casa eram NOB e Ben. E NOB já viera antes em meu socorro.

Evie: isto é obra sua?

Desta vez, enviei a mensagem para os dois homens. Maria cobriu um dos sofás com um lençol, e os meus amigos juntaram-se todos nele diante do ecrã.

— Vá lá, Evie. Temos vinho. — Eles soltaram *oohs* e *aahs* ao verem as fotografias, e eu verifiquei o telemóvel.

Ben: o proprietário aceitou a devolução. Deverão ser reembolsados pela

casa.

— Foi o Ben — disse eu, maravilhada. Esperava que fosse verdade, conquanto ele nada tivesse dito a respeito de balões quando eu fora buscar o projetor ao Gil's no dia anterior. *Porque havia ele...* Com um acesso de náusea, apercebi-me de que ele ainda acreditava que eu o culpara pela despedida de solteira arruinada. Com tudo o que acontecera, esquecera-me de lhe dar uma explicação. Os balões eram um pedido de desculpas. *Oh, Deus.*

— Eu sabia que gostavas dele — disse Jeremy.

— Não te ponhas com ideias — avisei, enquanto ele me puxava para me sentar ao seu lado. — Tudo o que isto prova é que eu sou mesmo ridícula. — Ia ter de dar uma explicação a Ben. Senti o estômago retorcer-se de pavor, à mistura com o álcool.

Evie: não sei o que dizer. Obrigada, Ben. Lamento que tenha sentido que tinha de fazer isto. Aquela mensagem era destinada ao estúpido NOB, não a si. NADA disto foi culpa sua. Se é que ajuda de todo, salvou o fim de semana da Sarah!

Ben está a escrever reapareceu e desapareceu umas quantas vezes.

Ben: NOB? Então o fim de semana era um *meet-cute*?

A minha primeira reação foi vergonha, depois senti-me imediatamente irritada. Era um passo em frente, dois atrás com ele. Porque tinha ele tantos problemas com os meus *meet-cutes*?

Evie: estou grata pelos balões. E as fotografias. E pela sua ajuda... Mas não há necessidade de se armar todo em Sr. Dono da Verdade.

Com isso, atirei o telemóvel para a carpete e voltei-me para os meus amigos e para as fotografias. Ben não dispusera as imagens por ordem cronológica. Enquanto assistíamos, apertando-nos uns contra os outros um

bocadinho mais a cada fotografia que passava, começaram a emergir temas. Férias, celebrações, licenciaturas, instantâneos de risota, eu e o meu portátil... Algures na parte do meu cérebro que permanecia alguns milímetros acima do nível de álcool, estava o pensamento de que esta apresentação de slides não parecia algo que não tivesse levado a Ben «tempo nenhum»...

Truz truz truz

Acordámos todos sob o edredão no sofá.

— O que se passa? — perguntou Maria. Agarrou-se à cabeça. — Vamos mudar-nos?

Jeremy estava na poltrona, embrulhado num lençol, qual crisálida. Piscou sonolentemente os olhos para nós.

— Evie, que hedionda parte do teu plano é esta?

— É bom que envolva entrega de folhados de salsicha — disse Sarah.

Truz truz truz

Franzi o sobrolho, esforçando-me por relembrar o itinerário.

— Oh, Deus, não — tomei consciência. — É a Barbara's Bootcamp.

— Não. Nem pensar nisso — disse Jeremy.

Afastando o edredão para o lado, pus-me atabalhoadamente em pé, e fiz por me equilibrar quando a sala andou à roda.

— Evie — disse Sarah. — Não aguento mais esta despedida de solteira. Diz-lhes que se vão embora.

— Tu querias uma aula de exercício! — disse eu, dismantelando a barricada de almofadas que construíramos na noite passada para tapar a abertura por baixo da porta e prevenir uma visita da amiga de Jeremy, a ratazana. — Seja como for, serás mimada depois. Teremos a Shelley's Shellacs às onze.

Jeremy espetou a cabeça.

— Alguma destas coisas vos soa a coisas reais?

Lancei-lhe um olhar exasperado enquanto abria a fechadura de segurança da porta da frente.

— Evie. — Sarah enroscou-se no edredão. — Por mim, podes dizer à Barbara que enfie o seu *bootcamp* pelo cu acima.

Um homem de casaco elegante estava postado à porta. Atrás dele, um carro preto aguardava de motor ligado na estrada. Ele sorriu, com o nariz cor-de-rosa do frio.

— Posso ajudá-lo? — perguntei, pensando, por um momento pateta, naquela parte de *O Amor Não Tira Férias* em que Jude Law aparece à porta.

— Estou aqui para vos levar ao Solar de Shrewksbury. — O seu sorriso abriu-se. — Temos de sair já se querem aproveitar as vossas marcações no *spa*. A menos que — disse interrogadoramente — prefiram que eu as enfie pelo cu acima?

Sarah veio atabalhoadamente ter comigo.

— *Spa?* — arquejou. — O *spa* do *Shrewksbury*? Não quero saber como fizeste isto, Evie, mas finalmente acertaste nalguma coisa. Vá, rápido! Metam-me os rabos naquele carro!

O meu cérebro de algodão levou o seu tempo a juntar as peças todas. Fora Ben de novo, *Ben* é que fizera aquilo. Em vez de reservar novas marcações, contratara um motorista. *Shelley's Shellacs* deveras. O que significava que o dia inteiro de domingo seria exatamente o que Sarah esperara.

— O Viúvo Jeitoso — assobiou Jeremy atrás de nós.

Sim. O Viúvo Jeitoso. E como lhe agradecera eu a noite passada? Chamando-lhe Sr. Dono da Verdade. *Oh, Evie.*

⁷ Numa tradução literal: «Máquina de Amor», das Raparigas Que Cantam Bem Alto. (N. da T.)

⁸ Rapariga Só. (N. da T.)

Tartarugas até ao Infinito²

INT: AGÊNCIA DE GUIONISTAS WILLIAM JONATHAN MONTGOMERY & FILHOS – TERÇA-FEIRA, 15 DE JANEIRO, 7H24

EVIE está sentada ao computador, alheada do mundo ao teclar. A única luz provém do seu candeeiro de secretária. Ao fundo do corredor, o gabinete de MONTY ainda está às escuras. Ela pega no café e faz menção de dar um gole, e apercebe-se de que o copo está vazio.

Suspirei, pousando o copo de volta e visionando a minha caixa de entrada. Ainda tinha mais de cem emails por ler, sem contar com as centenas de novas solicitações de guionistas com esperança de que Monty os representasse. Ou com a pilha de contratos na minha secretária que já me chegava ao nariz. Passara o dia anterior a escrever o *meet-cute* do Romance de Férias, e, não obstante grande parte do fim de semana ter sido um completo desastre, descrevê-lo fora como que uma penitência. Eu prometera a NOB que deixaria de me conter ao escrever. Já não tinha o meu pai para me ler os guiões, pelo que a única maneira de me soltar era fingir que mais ninguém iria ler, que escrevia apenas para mim. A dada altura, deve ter-se dado um clique. Antes que me desse conta, passara um dia inteiro a escrever. Por mais estranho e maravilhoso que isto fosse, significava que agora tinha de pôr o trabalho em dia. Ia levar-me uma semana de noitadas para conseguir normalizar mais ou menos as coisas. Só queria que NOB entendesse. Para ele, o meu emprego a tempo inteiro era uma inconveniência. No momento em que lhe enviara o *meet-cute* do Romance de Férias, ele clamara pelo seguinte.

NOB: É a sua vez, Ruiva

Ruiva: isto não é jogo nenhum

NOB: Então como se justifica que eu esteja a ganhar?

Na verdade, por mais enfurecedor que ele fosse, não estava propriamente errado. Os produtores queriam que ele lhes entregasse o Segundo Ato até ao fim de janeiro. Eu *devia* estar a fazer tudo o que podia para assegurar que NOB o enviaria. Especialmente se queria que o meu trabalho fosse algum dia algo mais do que responder a todos os emails que Monty preferia evitar.

A minha caixa de entrada deu sinal. Sarah. Na viagem para casa, os meus amigos tinham todos dado ideias para novos *meet-cutes*, pelo que me sentia confiante de que estava tudo bem entre nós. Ainda assim, abri o email de pé atrás.

«Evie, quero que saibas que pensei árdua e longamente a este respeito. Decidi perdoar-te por arruinares a minha despedida de solteira. Tens a agradecer ao teu amigo Ben pela minha generosidade, claro.

E às flores que enviaste. Sei que são provavelmente do dinheiro que poupaste no meu fim de semana, mas aprecio o gesto na mesma, ainda por cima sendo tu tão pobre.»

— Não tens de quê, querida Sarah — murmurei. Enviara uma mensagem a Ben agradecendo-lhe profusamente tudo o que ele fizera por Sarah, oferecendo-me para o reembolsar pelos balões e pelo motorista de Shrewksbury. A resposta dele fora: «Não se preocupe com isso». Que, por mais que tentasse, não conseguia decifrar. Dera a sensação de que estávamos quase a chegar a algum lado, até que eu tratara de lhe provar que a sua primeira impressão a meu respeito estava inteiramente certa.

«Além disso», continuava o email, «encontrei outro álbum na *pen* com a minha colagem de fotografias. Parto do princípio de que seja de Ben, já que a *pen* é dele. Não disseste que ele era fotógrafo. Pelo pouco que contaste, ele parece dar valor à sua privacidade. Portanto, para te poupar a agonia, já dei uma olhadela a todas as fotografias. Tens um amigo de grande talento!» Havia um link de partilha de ficheiros no fim da mensagem.

Passei o cursor sobre ele. Não obstante a *consideração* de Sarah, ainda me parecia estar a bisbilhotar se abrisse a pasta. Podia ser pessoal — acaso

contivesse antigas fotografias da mulher dele... Eu deveria respeitar a sua privacidade.

Mordi o lábio.

A ideia de descobrir alguma coisa — fosse que coisa fosse — a respeito de Ben era simplesmente demasiado tentadora.

Cliquei. O ficheiro era enorme. Pu-lo a descarregar em segundo plano, dando aos joelhos enquanto esperava.

— *Finalmente.* — Continha para cima de cem imagens.

A primeira fotografia era de um lago gelado. Relaxei um bocadinho. Não havia razão para me sentir culpada por estar a olhar para a fotografia de um lago gelado. Pouco teria de pessoal. À medida que fui clicando para a seguinte, e a seguinte, o meu alívio agudizou-se numa espécie de desapontamento. Ben não estava em nenhuma delas. As fotografias pareciam ter sido tiradas na Islândia, a gêiseres, fiordes gelados e escuro terreno rochoso. À medida que continuava a clicar, apoiei o queixo na palma da mão, o desapontamento desvanecendo-se, tardando um pouco mais em cada imagem. Através da lente de Ben, a paisagem tinha uma vida própria.

— Oh, Ben — murmurei.

Cada uma das fotografias estava infundida de um amor feroz pela vida selvagem e paisagem que ele capturara. Havia coragem no instantâneo da queda-d'água tombando em cascata sobre um penhasco em forma de crescente para águas espumosas. Assombro pelos icebergues azuis dispersos ao longo de uma praia de areia preta. Enganara-me ao assumir que eram apenas instantâneos profissionais; todas aquelas fotografias eram pessoais para Ben.

Porque abdicara ele de tal incrível dom? Ao olhar para aquelas fotografias, senti que começava finalmente a conhecer o seu verdadeiro eu. Embora, depois da forma como estragara as coisas no fim de semana, houvesse uma hipótese de nunca mais na vida vir a descobrir mais. O pensamento fez-me sentir inexplicavelmente triste.

O som da porta da frente a abrir-se afastou-me dos meus pensamentos.

Vozes flutuaram escadas acima. Voltei ao álbum, julgando serem os contabilistas que partilhavam a nossa cozinha. Até que ouvi um inconfundível tom afetado. Monty.

Verifiquei se de algum modo não teria perdido a noção do tempo. Não eram sequer oito horas.

O quê? Em sete anos, a única vez que Monty chegara ao escritório antes das dez fora quando não se apercebera de que a hora tinha mudado. Que motivo teria ele para estar ali àquela hora? Era cedo, até para mim.

Monty chegou ao cimo das escadas.

— Bom dia — disse eu, um bocadinho tarde demais.

— Realmente, Evelyn, podia tentar parecer um pouco menos admirada — disse Monty secamente ao passar pela minha cadeira.

Então apareceu o seu acompanhante, e o maxilar caiu-me, de choque.

— N... Ezra — disse, atrapalhada com o quase deslize. Dei comigo a fitá-lo embasbacada. Com o seu dispendiosamente desgrenhado cabelo louro, ridiculamente elevados malares e sorriso hollywoodesco, parecia tão deslocado no nosso encardido escritório. Passava tanto tempo irritada com ele, que por vezes era fácil esquecer-me de quão absurdamente belo era.

NOB nem sequer olhou para mim ao passar. Era como se a nossa relação tivesse regredido para onde estava antes do nosso acordo. Impressionou-me até que ponto ela mudara ao longo dos últimos meses, para aquilo me magoar. Dantes pensava que NOB não passava de um asno. Agora percebia que era apenas intransigentemente ele próprio com toda a gente. É claro que isso significava que, com frequência, ele era apenas um asno, mas dera provas de ser mais do que isso. Então, qual era o jogo dele?

Afundi-me na cadeira, batendo furiosamente com a caneta no bloco de notas e olhando fulgurantemente as suas costas a afastarem-se como se pudessem de alguma forma dar-me as respostas. Porque estariam aqueles dois a reunir-se a esta hora? E porque não sabia eu disso?

Mesmo antes de fechar a porta do gabinete de Monty, NOB olhou de relance para trás, para mim — e piscou o olho.

Fingi estar a escrever, mantendo um olho na janela de Monty. NOB

apareceu à vista, andando de um lado para o outro no gabinete e gesticulando enquanto falava. Podia ouvir uma palavra ou outra através das paredes finas. Julguei captar o meu nome.

Após o meu susto à conta do Ano Novo, fizera NOB prometer mais uma vez que não contaria a Monty do nosso acordo. Dado que a Evie bêbeda já deixara escapar que o meu emprego estava em risco, dissera-lhe que Monty muito provavelmente me despediria se descobrisse. Ele jurara não dizer uma palavra.

Então que raio fazia ele ali?

NOB desapareceu de vista e eu inclinei-me mais para trás na cadeira. Se ao menos pudesse ver a reação de Monty ao que quer que fosse que ele dizia, acaso tivesse uma pista do que se passava. Empurrei a ponta do pé contra a parede, inclinando-me ligeiramente para trás. Só um bocadinho mais... Um bocadinho ainda. *Pronto*. Já podia ver NOB de novo. Tinha alguma coisa na mão.

A minha cadeira balançou de modo alarmante. Oscilei, periclitante, por um segundo apenas, antes que a gravidade prevalecesse. O olhar de NOB deslizou para a janela e observou-me enquanto caía para trás, o meu encosto de cabeça batendo na parede atrás de mim e deixando-me entalada num ângulo de noventa graus com as pernas no ar.

Monty surgiu à vista e fez uma careta como se eu o tivesse feito de propósito. Puxou o cordel do estore. Caiu até meio e parou. Ele puxou-o com força para cima e tentou outra vez. NOB estava atrás dele, olhando divertido enquanto o estore subia e descia e eu permanecia encravada como uma tartaruga virada de patas para o ar. Enquanto Monty estava distraído, cruzei o olhar com o de NOB, sorri e discretamente espetei dois dedos para cima. As sobrancelhas de NOB ergueram-se disparadas, e eu agarrei-me aos braços da cadeira antes que Monty tivesse a visão da sua assistente a fazer um gesto obsceno para o seu cliente número um. *Valia mesmo a pena o risco, Evie?* Monty lograra descer apenas metade do estore quando desistiu e se afastou intempestivamente.

Já me encontrava sentada a responder a emails quando finalmente NOB

saiu do gabinete de Monty. Mais uma vez, nem sequer olhou para mim ao passar. Fitei-lhe as costas, com arrepios de ansiedade no pescoço.

— Evelyn? — chamou Monty. — Meu gabinete. Já.

Quando entrei, Monty parecia hipnotizado por uma pequena resma de papéis na sua secretária.

— Está tudo bem?

Ele olhou para cima, os dedos dançando em torno das arestas das folhas, como que a verificar se ainda lá estavam.

— É o Ezra — disse. — Entregou o Segundo Ato.

Por um momento, não consegui falar. Então ouvi-me dizer:

— Mas... *antecipou-se*.

— Bem, ainda não está tudo *completo*.

Ah. Mas pelo menos entregara *alguma coisa*.

— Que tal está?

— Excelente — replicou Monty, a modos que sonhador. Deixei escapar o ar que sustivera. Deveria estar feliz, e estava, mas porque tinha NOB de ser tão enfurecedor à conta disto? Poderia pelo menos ter-me dito que estava a escrever. Em vez disso, deixara-me uma vez mais de fora. — Devo confessar, não me apercebi até que ponto você o estava a ajudar. — Eu estava tão distraída com o pensamento de agredir NOB na cabeça com o seu Óscar, que quase deixei escapar isto. Monty. *A elogiar-me*. Com o rosto iluminado. — É completamente diferente de *Coração em Sangue*, evidentemente, mas acho que ele tem mesmo qualquer coisa aqui, Evelyn.

Ao ver Monty assim, era fácil imaginá-lo na mesma cadeira há quinze anos, muito antes de anos de indulgência se terem instalado e o brilho se lhe ter deslustrado.

— Adorava lê-lo — disse.

A sua atenção acordou bruscamente de volta para mim, e juro que havia um laivo de culpa na sua expressão.

— Ele não lho mostrou?

Abanei a cabeça.

Monty firmou os dedos em torno das arestas do guião de NOB.

— Tudo no seu devido tempo. — Puxou-o mais para si. — Temos... temos de falar, Evelyn. O Ezra expressou sérias preocupações a seu respeito.

Eu estava por demais aturdida para responder.

— Quanto à sua carga de trabalho.

— A minha... carga de trabalho?

Monty pigarreou.

— O Ezra preocupa-se que possa ter distrações. — Por «distrações», presumi que NOB se referisse a outros escritores, juntamente com a pouca vida pessoal que sobrava. *Aquele arrogante e insuportável beto*. — Ele está a fazer grandes progressos com a escrita, e quer proteger o seu tempo de modo que possa despender mais dele a assisti-lo. Razão por que tomei uma decisão. — Monty fez uma pausa. Sustive a respiração, preparando-me para o que quer que aí vinha. — Não preciso recordá-la da importância deste guião. Conto consigo para se assegurar de que ele entrega o resto. Sem distrações. — Monty endireitou uma caneta sobre a secretária. — Por isso, certificar-me-ei de que se possa concentrar no seu cliente.

— O meu quê?

Monty usou a manga para limpar o pó de uma fotografia emoldurada dele com Richard Attenborough.

— Tenho mesmo de soletrá-lo? A pedido de Ezra, delego temporariamente a responsabilidade por ele em si. Isto significa, evidentemente, que a Evie precisa de libertar mais do seu tempo para ajudar o Ezra. Como estou certo de não precisar de enfatizar, ele requer uma certa dose de atenção. Até ao prazo final, mantereí debaixo de olho o seu trabalho, e ficarei mesmo... — Balbuciou alguma coisa.

— Não ouvi bem...

— Assumirei algumas das suas tarefas. — Monty chiou, como se eu lhe tivesse arrancado as palavras à força. — Precisamos mesmo que ele continue a escrever, Evelyn. Ele é tudo o que nos resta. Com o Alessandro fora de cena... — Calou-se.

— Julguei que as coisas estivessem a ir bem? — Ficara aliviada ao ver Monty ir atrás de alguém novo, mesmo tendo sido eu a descobri-lo. Assinar com Alessandro poderia ter-nos tirado alguma pressão de cima. Eu vira as suas curtas-metragens — ele era um talento a considerar.

— Ele andava a ser cortejado por outra agência — disse Monty, fechando os olhos. Este tipo de coisa estava sempre a acontecer no ramo; havendo falatório em torno de um novo talento, as agências competiam para o representar. No entanto, percebi que esta atingira Monty em cheio. Uma parte de mim interrogou-se se as coisas teriam sido diferentes se eu própria pudesse ter falado com Alessandro. *Para a próxima.* — Sucede que ele não se importava suficientemente com a sua carreira. Assinou com Geoffrey e Turner.

Isso explicava tudo.

— Lamento, Monty — disse suavemente. O nosso desagrado mútuo relativamente a Geoffrey e Turner sempre fora algo em que conseguíamos estar de acordo.

— Foi com o que reluz. Não tardará a aprender a lição. — Pareceu sacudir-se para se livrar daquilo. — Passe-me o contrato Miller e a sua lista de afazeres. — Uma coisa era ele dizer que ia encarregar-se do meu trabalho; outra era vê-lo passar à ação. — Não fique aí especada boquiaberta; o Ezra precisa de si.

Tentei não parecer demasiado feliz ao depositar a grande resma de contratos na secretária de Monty. Ele fitou o monte periclitante com um maldisfarçado horror. Depois tirou-me o bloco de notas e espreitou a minha lista de tarefas. — Já passou algum tempo desde que fiz destas coisas. Mas lá está, não é propriamente ciência espacial.

— Isso é só a primeira página — disse eu, inclinando-me sobre a secretária e folheando o bloco.

Ele empalideceu, mas logo arregaçou as mangas.

— Está perante um verdadeiro agente em exercício. Agora vá lá, saia daqui.

— Só uma coisa — disse eu, fazendo uma pausa. — Se vou trabalhar

com o Ezra, precisarei de ter acesso à conta de despesas.

Havia uma mensagem à minha espera quando voltei à minha secretária.

NOB: Não tem de quê

Ruiva: agora já fala comigo? Devia ter-me perguntado primeiro

NOB: Estava a manter as aparências para o Monts. Não me esqueci do que disse quanto a ter trabalho pendente. Só falta um mês. Tem de acelerar se quer que eu acabe o guião. De contrário, como é que vai conhecer alguém a tempo?

Resisti ao ímpeto de atirar o telemóvel à parede. Ele fora tão elogiado pelo guião — com certeza queria acabá-lo sem que eu tivesse necessidade de me envergonhar primeiro?

NOB: Já deve saber o quanto os seus relatórios me estão a ajudar por esta altura. Daqui em diante, preciso que faça pelo menos dois *meet-cutes* por semana de modo a poder acabar isto. Deveria estar grata. Estou a duplicar as suas probabilidades de se apaixonar... e precisa de toda a ajuda que possa obter.

Sentei-me pesadamente. Dois *meet-cutes* por semana? Um tinha sido mais do que suficiente. Não estava certa de conseguir duplicar a humilhação. Aguardei que o familiar pavor se fizesse sentir por ter igualmente de duplicar a escrita, apenas para sentir um formigar de antecipação em vez disso. *Isto é novo.*

Interroguei-me quanto a NOB continuar a insistir que eu tinha de me apaixonar. Quando embarcara neste acordo, pensei que, se ao menos conseguisse pôr NOB a escrever, ele acabaria e se esqueceria do resto. Mas aqui estava ele, escrevendo pela primeira vez em anos e mantendo ainda assim essa parte do acordo comigo. Ele claramente superara o seu bloqueio criativo, por isso porque tinha eu de saltar mais estes obstáculos? Pelo menos tinha mais tempo agora. Os meus amigos sempre me haviam dito

que conheceria alguém se trabalhasse menos. Acho que agora poderia descobrir se isso era verdade.

Ruiva: combinado... SE me enviar as suas páginas semanalmente daqui em diante

NOB: Quantas vezes? Enviá-las-ei ao meu agente, Ruiva

Ruiva: corrija-me se estiver errada... mas não sou eu?

Os três pontos apareceram e desapareceram umas quantas vezes, como se NOB tivesse começado a responder e depois mudado de ideias. Até que finalmente:

NOB: Quando tudo isto tiver acabado, devíamos ir beber um copo e dar vazão a toda esta tensão sexual entre nós

Revirei os olhos. Ele estava claramente a tentar mudar de assunto. E, contudo, não pude deixar de recuar e pensar naquele momento que partilháramos mesmo antes do Natal quando NOB me deixara em casa da minha mãe. Eu desequilibrara-me e ele apanhara-me, e, só por um segundo, quase parecera que havia algo entre nós. Afugentei a memória. *Estou claramente a precisar de descanso.*

Ruiva: dois *meet-cutes* por semana e em troca envia-me as suas páginas semanalmente

NOB: Muito bem. Enviá-las-ei semanalmente. Para o Monty

Ele estava a prometer entregas semanais. Não a protelar ansiosamente até se dignar partilhar as páginas com alguém. Eu já obtivera o que queria. Em última análise, para ter a minha promoção, apenas precisava que ele cumprisse. *E de descobrir o Sr. Final Feliz.*

Ruiva: temos acordo

Toc-toc-toc. Monty estava à janela, usando dois dedos para espreitar através do estore. Apontou para mim e depois para a porta.

— Vá lá, vá — disse, a voz abafada pelo vidro.

Não estava certa do que esperava ele que eu fizesse por NOB às nove da manhã de terça-feira, mas peguei nas minhas coisas de qualquer maneira. Pensei na lista que os meus amigos e eu cozinháramos. Se eu conseguia lidar com dois *meet-cutes* por semana, conseguiria ir ainda mais além? Se é que tinha alguma esperança de cumprir a ridícula estipulação de NOB de conhecer o Sr. Final Feliz, então quanto mais *meet-cutes* fizesse, melhor. Estava na altura de recuperar o controlo. *E*, pensei, deslizando o American Express de Monty para dentro da carteira, *mais vale a pena aproveitá-lo*.

² Alusão ao livro de John Green, *Turtles All the Way Down* (*Mil Vezes Adeus*, na tradução portuguesa), que parte da ideia de o nosso planeta ser sustentado por uma tartaruga debaixo da outra até ao infinito, para retratar o universo dos problemas mentais, compulsão, ansiedade e pensamentos obsessivos. (N. da T.)

Fora do Escritório

De: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Para: TheEzraChester@ezrachester.com

Assunto: ALTAMENTE CONFIDENCIAL: O *meet-cute* de Saltar a Fila

16 Jan, 19h03

Por favor, veja em anexo a minha tentativa de recriar o *meet-cute* de *E Agora, Meu Amor?*

Tudo somado: passei todo o dia a pedir a homens se podia passar à frente deles na fila e a tentar meter conversa. Há definitivamente alguns tipos de filas em que isto funciona melhor do que outros. Por exemplo, a fila para os lavabos dos homens. Pelo menos temos uma boa desculpa. Já viu as filas à porta dos lavabos das senhoras?

Tentei saltar a fila dos Correios. Infelizmente, o tipo que me deixou passar à frente estava a tentar descobrir se era possível despachar um animal vivo por entrega registada. É muito difícil flirtar com um homem que transporta uma cobra numa caixa que está determinado em enviar para a Austrália.

Caso se esteja a interrogar: sim, é possível despachar animais vivos pelo Royal Mail. Só é pena que o tempo de espera nos Correios seja tanto que eles poucas probabilidades terão de sobreviver à fila.

Cumprimentos,

Evie

De: Monty@WJM.co.uk

Para: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Assunto: Proposta de manuscrito – URGENTE

17 Jan, 13h45

Cara Evelyn,

Vou propor o último do Michael Mayhew a uns produtores esta tarde e não tive tempo de o ler. Vou mostrar um *The Handmaid's Tale* a fãs do *Top Gear*. Estou a fim de forçar os limites neste caso.

Isto soa-lhe bem? Diga-me até às 14 horas se não soar.

Cordiais saudações,

Monty

De: TheEzraChester@ezrachester.com

Para: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Assunto: Tem de se esforçar mais

17 Jan, 17h43

Não se trata de quantidade em detrimento de qualidade, Ruiva. Ainda se está a conter comigo. Prometeu que não o faria mais, lembra-se? Não é realmente má de todo. Deveria ter mais confiança. Por isso, deixe-se de descrições e dê-me já mais diálogo.

Vou precisar de mais um *meet-cute* na minha secretária até ao final da semana.

E

De: Monty@WJM.co.uk

Para: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Assunto: Simon – URGENTE

18 Jan, 11h32

Cara Evelyn,

Há duas horas que estou ao telefone com o Simon. Estou literalmente a

escrever isto enquanto ele fala. Ele só tem mais uma cena para escrever e está a ter alguma espécie de crise existencial.

O que faço, Evelyn?

Ele está a catalogar cada comentário negativo que recebeu, e ainda não chegou ao fim da escola secundária.

Socorro!

Cordais saudações,
Monty

De: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Para: TheEzraChester@ezrachester.com

Assunto: ALTAMENTE CONFIDENCIAL: O Tropeção

19 Jan, 17h15

É-lhe mesmo assim tão difícil dizer «por favor», Ezra?

Por favor, veja em anexo o *meet-cute* de *As Três Noites de Eva*. Não é uma comédia romântica, mas tem um *meet-cute* que merece ser honrado. Embora não esteja bem certa de ser isso exatamente que eu fiz. Possibilitou-me experimentar alguns dos melhores restaurantes de Londres. Que pena não me ser permitido voltar à maioria deles.

Acontece que, se vai tentar fazer tropeçar alguém num restaurante, tem de estender o pé bem longe. Eu tinha a perna toda na passagem antes de ter um homem para nela tropeçar. Isso torna muito mais difícil explicar depois, garanto-lho.

Em retrospectiva, quem me dera ter escolhido um restaurante sem toalhas de mesa. Porque quando as pessoas caem, tendem a agarrar-se a tudo a que podem a caminho do chão. Foi como um daqueles truques com toalhas de

mesa, só que em vez de a comida ficar toda onde está, acaba no mágico, que aterra de cara num risoto de frutos do mar.

Documentei todas as tentativas que fiz para este *meet-cute*. O relatório é, na sua maior parte, diálogo. Acredito que seja mais do seu agrado.

Cumprimentos,
Evie

De: TheEzraChester@ezrachester.com

Para: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Assunto: POR FAVOR

20 Jan, 01h12

Sim, melhor. Mais como este, por favor. E já, por favor.

Ex

De: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Para: TheEzraChester@ezrachester.com

Assunto: ALTAMENTE CONFIDENCIAL: O Elevador (ou *meet-cute* de bônus)

22 Jan, 18h34

Por favor, veja em anexo o *meet-cute* do Elevador de *500 Dias com Summer*.

Este levou a maior parte do dia, três grandes armazéns e aproximadamente 57 viagens de elevador a realizar.

É muito difícil descobrir alguém a ouvir os The Smiths suficientemente alto para cantar a acompanhar, e (*spoiler*) eu não descobri.

Simplesmente tive de aproveitar o que arranjei.

Eis um resumo:

Eu: *dá palmadinha no ombro de homem* Oh, meu Deus, é a... Gloria Estefan?

Ele: *Corando furiosamente* É um *mix* do Spotify *Olha à volta para toda a gente no elevador*. É completamente aleatório.

Eu: *persistente* ADORO esta canção

Adivinhe? Parece que a mulher ideal dele *não* é alguém que saiba toda a letra de *Rythm Is Gonna Get You*.

Talvez não saiba isto, mas alguns dos elevadores mais antigos têm botões de paragem de emergência. E se um passageiro idoso no dito elevador for, por exemplo, propenso a ataques de pânico, não é preciso muito para que carregue nele. Uma mulher desatando a cantar à toa certamente consegue-o.

Já passou uma semana. Recebeu três *meet-cutes*.

Está na altura de enviar as suas páginas.

Evie

De: TheEzraChester@ezrachester.com

Para: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Assunto: Re: ALTAMENTE CONFIDENCIAL: O Elevador (ou *meet-cute* de bónus)

24 Jan, 02h20

A sua escrita é realmente evocativa, Ruiva. Verdadeiramente. Foi como se estivesse ali consigo no elevador. Especialmente na parte em que o tipo desligou a música e você decidiu, ainda assim, acabar a canção.

Senti realmente ao minuto o tempo que passou até o técnico a tirar de lá para fora.

Ex

P. S.: As páginas serão enviadas quando estiverem bem e prontas.

De: Monty@WJM.co.uk

Para: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Assunto: Caixa de entrada cheia??? URGENTE

24 Jan, 11h32

Acho que há algo de errado com a minha caixa de entrada. Está sempre a dizer-me que está cheia. Tive de apagar emails só para enviar este. Porque é que há tantos?

Além disso, não estou certo de qual é o seu sistema de arquivo, pelo que tenho estado a pôr contratos em qualquer espaço livre que encontre.

De: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Para: TheEzraChester@ezracheater.com

Assunto: ALTAMENTE CONFIDENCIAL: Nós tínhamos um acordo

24 Jan, 13h22

Mande-mas já, Ezra. Não há mais *meet-cutes* até que o faça.

No entanto, anexo o *meet-cute* do Grande Armazém de *Feliz Acaso*, pois quando se passou um dia inteiro postada atrás de homens que andam a comprar roupa a declarar que se quer comprar o que eles estão a comprar, é bom que a humilhação compense.

Eu sei que é capaz.

Evie

De: TheEzaChester@ezracheater.com

Para: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Assunto: AUSENTE DO ESCRITÓRIO

24 Jan, 13h22

Oi, estou a beber margaritas numa piscina infinita e definitivamente não vou responder ao seu email.

E

De: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Para: TheEzraChester@ezrachester.com

Assunto: Re: FORA DO ESCRITÓRIO

24 Jan, 07h45

É bom que este «ausente do escritório» seja uma brincadeira, Ezra! O nosso acordo era você enviar as páginas. Eu tenho andado a envergonhar-me por toda a cidade de Londres, pelo que o MÍNIMO que pode fazer é mandar ao Monty alguma coisa.

Não se atreva a ignorar-me.

Evie

De: Monty@WJM.co.uk

Para: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Assunto: URGENTE

25 Jan, 12h42

Cara Evelyn,

Estou certo de que não precisa que eu a recorde de que o prazo para o Ezra submeter o resto do Segundo Ato aos produtores é quinta-feira.

Tenho reparado que tem andado a usar a conta de despesas, pelo que presumo que esteja tudo a correr bem.

Normalmente, oferecer-me-ia para intervir, já que tenho um pouco mais de

experiência com estas coisas. No entanto, devo dizer que tenho ficado muito impressionado consigo ao longo dos últimos meses. Começo a acreditar que poderá, na verdade, ser capaz de levar isto avante, afinal de contas.

Prevejo um futuro muito auspicioso para si, Evelyn.

Cumprimentos,
Monty

P. S.: A menos que as luvas de 100 libras tenham sido compradas para proteger as mãos de Ezra enquanto escreve, seria prudente devolvê-las.

De: Evelyn.Summers@WJM.co.uk

Para: TheEzraChester@ezracheater.com

Assunto: Failure notice: Re: Re: AUSENTE DO ESCRITÓRIO

25 Jan, 08h45

A sua mensagem para TheEzraChester@ezracheater.com foi bloqueada pela configuração de profanidades do utilizador.

Sr. Dono da Verdade

INT: THE LORDSHIP PUB, EAST DULWICH — SÁBADO, 26 DE JANEIRO, 22H30

O pub está a abarrotar. EVIE e STEPH estão no bar apinhado, à espera de serem servidas. Contorcem-se ambas para fora dos seus casacos molhados no espaço lotado, gritando uma para a outra para se fazerem ouvir. Estão quase lá à frente.

— É sempre assim tão movimentado? — bradou Steph. Levei um empurrão de trás e Steph e eu fomos parar mais perto do bar, como destroços na maré.

Encolhi os ombros, toda contente.

— Nunca aqui estive antes. Sábado à noite é em geral horário nobre de Netflix. — Corei. Claramente o vinho que bebêramos à refeição afetara-me mais do que julgara.

Steph lançou-me um sorriso franco, encaixando o cabelo liso escuro atrás da orelha.

— Oh, querida, graças a Deus que te fizemos sair esta noite.

Era estranho, sair ao fim de semana, ainda para mais com uma pessoa nova. Depois de escutar o conselho tipicamente avisado da minha mãe quanto ao grupo literário, voltara lá, tendo lido o livro desta vez (*A Guerra dos Ossos*). Steph providenciara uma vez mais o vinho e fizera-me sentir bem-vinda. Levara a maior parte da semana a ganhar coragem para lhe perguntar se queria sair esta noite. Eu estava determinada a aproveitar ao máximo o tempo que tinha, para variar. Fazer amizades em adulto é tão stressante como convidar alguém para um encontro. Obter um número de telefone já é difícil. Depois envia-se a primeira mensagem, esperando cativar-se a pessoa com um pouco de humor, e, quando ela responde, abraçamo-nos de alegria e protelamos a resposta por mais ou menos uma

hora para não parecermos demasiado carentes.

— Então, se conhecesse alguém neste bar, contaria como *meet-cute*? — perguntou Steph. Eu contara-lhe tudo a respeito de NOB e do desafio, incluindo a forma como ele desertara. Ainda não fazia ideia de onde ele estaria ou de quando voltaria. O Segundo Ato tinha de ser entregue esta quinta-feira, e ele continuava sem responder a qualquer um dos meus emails ou mensagens. Deitei a preocupação às urtigas.

A única coisa boa — fantástica, maravilhosa, *incrível* — disto tudo era que depois de passar duas semanas a escrever ininterruptamente *meet-cute* atrás de *meet-cute*, não tivera tempo para me deter demasiado no facto de que estava a escrever de novo. Simplesmente escrevera. E soubera-me mesmo bem. Ainda não estava a pensar no que isto podia significar por agora. Não punha demasiada pressão neste novo, frágil, esperançoso sentimento.

— Precisaria de uma volta extra — disse. Tal como em *Adoro-te... À Distância* quando Justin Long e Drew Barrymore descobrem que têm andado a tentar bater as elevadas pontuações um do outro no jogo de *flippers* no bar. — Abriu-se um espaço à nossa frente e forçámo-nos ansiosamente a avançar. — Embora, para ser honesta, me comece a inquietar a hipótese de nunca vir a conhecer alguém.

— Confie em mim, sei o que isso é — disse Steph, lançando um sorriso radioso ao empregado do bar. — O meu encontro do *Tinder* na semana passada perguntou-me se estaria interessada em amamentação.

Alguém embateu pesadamente contra nós.

— Perdão — ouvi um homem dizer com sotaque irlandês. — Sou em geral bem mais coordenado. Já que aqui estou, isto não é mesmo da minha conta, não pude evitar ouvir que andam ambas a sair com o tipo errado de homens. — Ele estava mesmo atrás de nós com duas canecas a transbordar de cerveja na mão, metade do cabelo louro a dar pelo queixo apanhado num coque.

— Graças a Deus que o temos a si para nos dizer isso. — Steph dispensou-o com um olhar de relance. — Uma garrafa de rosé, por favor —

disse ao empregado do bar. — Da casa.

Abrimos caminho através do pub. Eu apertando o vinho contra o peito e Steph sustendo os copos ao alto como se fossem faróis a guiar-nos no caminho através da multidão.

— Estou a ver uma mesa! — Mas, quando lá chegámos, já lá estava alguém sentado num dos quatro lugares. O Sr. das Saídas com o Tipo Errado de Homens.

Os seus olhos iluminaram-se quando nos viu — ou, mais especificamente, quando viu Steph, que imediatamente girou no tacão da bota vermelha.

— Aguentem aí — chamou ele. — Nós temos dois lugares livres. São bem-vindas para ficar com eles. Sinceramente, foi uma má primeira impressão. Deviam mesmo ver a segunda.

Steph quis saber a minha opinião.

— É isto ou ficar de pé — disse eu. Ela deu meia-volta e pousou o vinho na mesa dele.

— Muito bem, vejamo-la, então — disse-lhe ela, sentando-se ao seu lado. O homem arreganhou um sorriso e sentou-se direito.

— Marc. Recentemente solteiro. Fotógrafo. Tipo de primeira quando sóbrio. Jamais sonharia em pedir-lhe que amamentasse. O banco ali é para o meu amigo. Um desses rapazes supercertinhos irritantemente atraentes. — Lançou-me um olhar significativo. — Tem-me ajudado a recuperar da relação com a minha ex. — Esta última parte foi meramente dirigida a Steph, e, no entanto, totalmente por reflexo, comecei a pesar a situação como potencial *meet-cute*. *Talvez se eu entornasse o meu copo no (presumivelmente maior de idade) rapaz supercertinho...* Claro está, NOB teria de ler os seus emails para isto valer a pena. — Agora é a vossa vez. Digam-me os vossos nomes e a coisa mais interessante a vosso respeito.

Steph encheu-me o copo até à borda, reprimindo um sorriso.

— Eu sou a Steph — disse. — Estou a fazer uma tese sobre literatura feminista, que financio escrevendo ficção erótica. — Marc pareceu tão impressionado como eu ficara ao princípio da noite quando ela me contara.

— Esta é a minha amiga Evie. — Eu estava a pensar na melhor maneira de frasear «Eu vejo muita Netflix» quando Steph continuou com: — Ela trabalha numa agência de cinema. Está a tentar apaixonar-se como nas comédias românticas, de modo a convencer um imbecil de um guionista a escrever uma.

— Não estou mesmo à procura de amor — disse eu, como se Marc precisasse da, ou se ralasse com, a clarificação. — Faço-o apenas pelo meu emprego. — Bebi uma enorme golada de vinho, ligeiramente mortificada, e, ao mesmo tempo, um bocadinho satisfeita por a minha vida soar muito mais interessante do que estava acostumada.

Marc perscrutou a sua caneca de cerveja.

— É possível que eu tenha bebido de mais ou de menos para perceber o que acabou de dizer. Ah! — Acenou para alguém atrás de nós. — Aqui está ele. — Olhou para mim de novo. — A sério, um ser humano maravilhoso e o melhor amigo que um homem pode ter.

O meu primeiro pensamento foi *Alto, cabelo preto encaracolado, suaves olhos castanhos, expressivas sobrancelhas escuras, fantástico maxilar* antes de constatar quem estava eu a descrever.

— Ben?

— Evie? — Ben fitou-me enquanto enfiava o telemóvel no bolso. Corei furiosamente, congratulando-me por ele não saber o que eu estava a pensar. *Potencial meet-cute, deveras*. Steph também olhava para ele, curiosa. Não chegáramos a falar de Ben.

Marc acenou para o banco ao meu lado e, após uma visível pausa, Ben sentou-se, com os olhos ainda postos em mim.

— Vocês já se conhecem? Julguei que já não saías, pá. Tens-te estado a esconder de mim?

— Conhecemo-nos no Gil's — disse Ben calmamente.

A expressão de Marc suavizou-se.

— Ah, pá. — Pareceu mirar-me com novos olhos. — Logo aí.

A isto seguiu-se um momento de silêncio, e eu avancei para preenchê-lo.

— Steph, este é o meu Ben amigo... o meu Ben... o meu amigo *Ben* —

gaguejei, fazendo Ben levantar aquelas *expressivas sobrancelhas escuras*. Não falávamos desde domingo passado quando eu deixara o seu projetor no Gil's. Fora uma visita a voar porque, numa manobra tudo menos cortês, saíra a correr para fazer um *meet-cute*, incapaz de o enfrentar tão cedo depois de lhe ter chamado *Sr. Dono da Verdade*. Anette deve de alguma forma tê-lo coagido a posar para uma *selfie*, pois uma hora depois eu recebera uma fotografia deles a beber chocolate quente com a mensagem «Boa sorte a descobrir o Sr. Final Feliz, Evie!» Andava a sentir-me absolutamente horrível por evitá-lo desde então.

E agora aqui estava ele, suficientemente perto para lhe tocar.

— Já conheceu o meu Marc — disse Ben, ao estender a mão para Steph. Ela apertou-lha com um sorriso vagaroso, dando-lhe uma segunda olhadela apreciativa. Reprimi um estranho acesso de possessividade. *Ele não é de todo o teu Ben*.

— Vamos rebobinar. — Marc esvaziou metade da caneca. — Aqui a Evie estava prestes a contar-nos como é que está definitivamente a *não* tentar apaixonar-se.

Ben não respondeu. Estudei-o, tentando perceber se ele estava chateado comigo.

Steph pareceu sentir que se passava alguma coisa.

— O Marc estava mesmo prestes a contar-nos que espécie de fotógrafo é.

— Estava? — perguntou Marc. Ela assentiu encorajadoramente. — Olhe, eu não sou do género de exhibir o meu equipamento no primeiro encontro, mas... — Tirou uma grande máquina fotográfica de uma pasta pendurada da cadeira e deu-a a Steph.

— São sobretudo paisagens e vida selvagem. Tipo *National Geographic*. Trabalhei com o Attenborough. Bem... — Corou. — Ele escreveu a introdução para um livro que incluía um *spread* meu. — À medida que lhe ia explicando as fotografias, não consegui evitar olhar para Ben, só para descobrir que ele tinha os olhos postos na máquina fotográfica. Teria trabalhado em tempos com Marc?

— Sissy Lately — disse Steph, devolvendo a máquina. — É o meu

pseudónimo, se é que está interessado. Mostrou-me as suas coisas, é justo que lhe mostre as minhas. Tem um talento considerável, Marc.

— Devia vê-lo em ação. — Ouviu-se um trovão lá fora, provocando um apreciativo coro de bêbedos por parte da clientela do pub. — O que me lembra que só faltam vinte minutos para os últimos pedidos e estes tipos fazem os melhores *Dark and Stormys* do sueste de Londres.

Steph apressou-se a esvaziar o resto da garrafa no meu copo.

— Os deuses da tempestade falaram. Vamos. — Saltaram dos bancos.

— Toma, grandalhão — disse Marc, empurrando a máquina fotográfica para as mãos de Ben. — A Jill quase a deu com o resto das minhas coisas. A Jill é minha ex — enfatizou para Steph. — É um sinal. — Abriu os braços de par em par, andando às arrecuas para o meio de um grupo de clientes. — Vens no meu próximo trabalho... precisamos do nosso menino de ouro de volta!

— Eu dei-ta — gritou Ben nas costas dele. — E eu tenho trabalho. — Mas ele já tinha desaparecido.

Deixando-nos aos dois sozinhos.

Relaxa, Evie. Podia ser que ele nem sequer se lembrasse.

— Então — disse Ben. — Sr. Dono da Verdade.

— Eu estava bêbeda — disse eu rapidamente, e encolhi-me ante o tom defensivo da minha voz. Podia ter-me portado como uma completa cobarde no domingo passado, mas andava a tentar pensar numa forma de agradecer a Ben devidamente por tudo desde a despedida de solteira. Um pedido de desculpas sincero pareceu-me um bom início. — Eu não devia mesmo ter-lhe chamado aquilo, e especialmente não depois de tudo o que fez. Desculpe. A verdade é que aqueles balões, a apresentação de slides, Shrewksbury... fez com que a Sarah nunca se vá esquecer daquele fim de semana. — Sorri pesarosamente. — E não apenas porque havia uma *data* de pénis.

O canto da boca dele ergueu-se, só um bocadinho.

— Está desculpada — disse ele, e eu senti-me relaxar. Talvez não tivesse

dado completamente cabo das coisas entre nós.

— Espero que tenha valido a pena. — Por um momento, não percebi a que se referia ele. — O que aconteceu com a despedida de solteira — insistiu ele. — O *meet-cute* que fez para o guionista.

Sr. Dono da Verdade, deveras, disse uma vozinha, muito presunçosamente. Mas isto era supostamente um pedido de desculpas, e eu não deixava de o merecer.

— Se é que o faz sentir-se melhor, nem sequer estou certa de que venha a fazer mais *meet-cutes*. O NOB foi-se.

— Foi-se?

— Desertou. Desapareceu. Eclipsou-se. Precisamente quando era suposto entregar o Segundo Ato.

— Pelo que a Evie me tem dito, é um milagre ele ter escrito alguma coisa de todo.

— O Ben é o quê, o maior fã dele? — respinguei. *Tento na língua, Evie*. Por este andar, iria ter de pedir desculpas por este pedido de desculpas.

— O que eu quero dizer é que — persistiu Ben — você o pôs a escrever outra vez. Ele precisa claramente de si. Por isso, exorte-o a fazê-lo. — Havia um desafio na expressão dele. — Recuse-se a fazer mais *meet-cutes*.

Porque implicava ele tanto com os meet-cutes?

— Acha que não o tentei já? — *Ainda que bêbeda*. — Ele não me leva a sério. Na realidade, fez-me crer que os *meet-cutes* o estavam a ajudar a escrever. Isto deve soar ridículo.

— De modo nenhum — disse Ben, e eu levantei os olhos para os seus, surpreendida. *Olhos meigos*, pensei feita parva.

— Evie! — Steph correu até à mesa. — Tens alguns trocos? O Marc e eu estamos a tentar bater-nos um ao outro na máquina de *flippers*. Lançou-me um olhar significativo. Ben já sacara da carteira, estendendo-lhe o que parecia um número considerável de libras.

— Boa sorte, Drew — disse eu. Steph piscou-me o olho e afastou-se a correr.

— A Anette começou a fazer coisas novas — continuou Ben, depois de

ela desaparecer. — Aulas de teatro. Novos amigos. Ganhou mesmo confiança depois da peça.

— Isso é maravilhoso — repliquei eu, perguntando-me o que queria ele com aquilo.

— E tudo isto graças a si. Ver tudo o que tem andado a fazer fê-la querer ser corajosa também. — Nunca na vida me tinham chamado corajosa. Depois de o desancar no domingo passado, sentia que não merecia que o fizessem. E conquanto os *meet-cutes* em geral requeressem correr mais que uns bons riscos com a minha dignidade, sempre me considerara motivada pelo medo de perder o emprego. — Ela disse-me que queria «Ser Mais Evie».

— A sério? — perguntei, maravilhada.

— Ela disse que eu também devia ser mais Evie. — Baixou os olhos para a máquina fotográfica, muito fugazmente, antes de voltar aos meus. — Esse guionista estaria perdido sem si, e ele sabe disso. Ele precisa de si. Acredite em mim. Se ele achar que a Evie saltou mesmo fora do acordo, virá a correr.

Deixei que as palavras de Ben assentassem. Ele soava tão seguro. NOB fizera tudo para que eu pudesse escrever mais *meet-cutes*. Tê-lo-ia feito se não precisasse deles?

E nesse caso, como reagiria ele se genuinamente pensasse que não iria ter mais nenhuma ajuda minha? Seria isso suficiente para o fazer respeitar o prazo? Porventura até enviar-me as páginas, para variar? Seria necessário mais do que a vaga ameaça que eu fizera na passagem de ano. Tinha de renunciar ao acordo.

Para isso, teria de ser tão corajosa como Anette acreditava que eu era. *Ou isso, ou estar bêbeda.*

— Está bem — disse eu a Ben. — Nada de mais *meet-cutes*. — *Por agora.*

O sorriso dele iluminou-lhe o rosto.

— Então creio que isto pede mais bebidas. — Dirigiu-se para o bar, o seu vulto alto abrindo caminho entre a multidão que se diluía.

Saquei do telemóvel e escrevi a NOB uma mensagem da qual esperava não me arrepender quando acordasse, sóbria, no dia seguinte.

Ruiva: você tinha razão quanto às comédias românticas. Não são realistas. Jamais irei descobrir alguém por quem me apaixonar. Vou contar tudo ao Monty. Salto fora. O acordo acabou

Ben ainda estava no bar quando o meu telemóvel se iluminou. Agarrei nele.

NÚMERO DESCONHECIDO: Viva. Acabei de descobrir o seu cartão. Acho que desejaria mesmo conhecer a rapariga que faria uma coisa como esta.

Afundi-me na cadeira, desapontada. Praticamente já desistira do *meet-cute* do Destino, depois das minhas obscenas mensagens de Natal. Seria possível que alguém normal tivesse finalmente encontrado um dos meus cartões num livro? Pousei o telemóvel sem responder à mensagem. Tinha de me ater à minha decisão: nada de mais *meet-cutes* até que NOB cumprisse. Entretanto, só tinha de rezar para que NOB não falasse a Monty sobre o nosso acordo, pois eu certamente não planeava fazê-lo. Era um risco calculado, risco que eu estava disposta a correr se levasse NOB a pensar que eu estava a falar a sério. Ele sabia que o meu emprego estava em jogo se Monty descobrisse. *Tinha* de esperar que isto fosse o suficiente para ele acreditar em mim.

Ben atravessava o bar de volta direito a mim. Tinha as pontas das orelhas cor-de-rosa. Interroguei-me se ele teria ido espreitar os nossos amigos ausentes. Pousou as nossas bebidas — *Dark and Stormys*, calculei, pelo aspeto — a cuidadosa distância da máquina fotográfica, e eu pensei na oferta de trabalho que Marc fizera. Mais uma vez, Ben ajudara-me, e até à data eu apenas lhe fizera um atrapalhado pedido de desculpas em troca. Talvez *houvesse* alguma coisa que eu pudesse fazer por ele.

Por vezes as pessoas apenas precisavam de um toque para encarrilarem de novo.

Peguei na mala e tirei de lá a *pen* que trazia comigo.

— Deixou algumas fotografias aqui — disse.

Ele fez uma pausa, a palhinha a meio caminho da boca, as emoções perpassando-lhe pelo rosto quase demasiado depressa para serem captadas. Preocupação, acaso, como que preocupado com o que eu pudesse pensar. E, possivelmente, até alívio.

— São incríveis, Ben.

— Obrigado. — O seu tom era reservado.

Havia tantas perguntas que eu queria fazer desde que vira as fotografias. Comecei pela que julguei ser a mais fácil.

— Quando é que parou?

Uma breve pausa.

— Há cerca de três anos. — Desde que a mulher morrera. Duvidava que fosse coincidência.

Ding ding ding

— Últimos pedidos em cinco minutos! — gritou um barman.

Era agora ou nunca.

Talvez se eu não tivesse visto aquelas fotografias, ou a forma como os seus olhos tinham tardado na máquina, e teria parado. Mas não consegui. Não antes de lhe dizer algo que muito raramente dizia a quem quer que fosse. Devia-lhe isso.

— Dantes eu queria ser escritora. — Às minhas palavras precipitadas, ele imobilizou-se, dando-me toda a sua atenção. — O meu pai e eu víamos filmes juntos... Não éramos esquisitos. Romance. Musicais. Filmes de cowboys. De suspense. *Parque de Tijoleira*, de Dorothy Taylor era o nosso preferido. Eu queria tanto ser como ela. Passava o tempo a escrever. Até estudei guionismo na universidade. O meu pai ia a caminho da projeção de uma das minhas curtas-metragens quando aconteceu. — Engoli em seco, lembrando-me de estar chateada com o atraso dele e interrogar-me onde estaria ele, e depois receber o telefonema da minha mãe, e o mundo desabar. *O teu pai está no hospital*. — Disseram que foi um ataque cardíaco fulminante. Que podia ter acontecido em qualquer altura. — Mas

acontecera quando ele corria para ver o meu filme.

— Não foi culpa sua — disse Ben, e apercebi-me de que estava calada.
— Sei que é isso que as pessoas lhe dizem, e que é difícil acreditar nelas, mas é verdade.

Havia algo na maneira como Ben falava que me disse que ele entendia muito bem como eu me sentira. Isso fez-me interrogar-me, de novo, quanto ao que acontecera à sua mulher.

— Obrigada. Eu sei — disse baixinho. — Sorte minha, tenho realmente grandes amigos que recusaram deixar-me pensar o contrário. Até tentaram fazer-me continuar a escrever. Consegui durante algum tempo, mas estava a correr sem destino, só que não o sabia. Os meus amigos eram tudo o que me impelia. Quando me mudei para Londres, não levei muito tempo a parar de tudo. — Engoli em seco, preparando-me para a parte seguinte.

» No fim, bastou um agente dizer-me que não tinha aquilo que é preciso. Estes *meet-cutes*... podem não parecer grande coisa vistos de fora, mas escrevê-los para o NOB tem sido como finalmente avançar em frente, depois de passar tanto tempo especada, imóvel. — Fiz uma pausa, não querendo insistir demasiado. — Por vezes só podemos chegar onde precisamos de ir dando pequenos passos. Simplesmente tem de se estar disposto a arriscar.

Busquei-lhe os olhos castanhos e sérios, perguntando-me se fizera a coisa certa contando-lhe isto tudo.

Ele surpreendeu-me chegando-se mais a mim, até os nossos joelhos se tocarem.

— Evie. Os *meet-cutes*, não me apercebi...

Um berro vindo das imediações do bar interrompeu-o.

— Hora de fechar! Obrigado, senhoras, cavalheiros!

— Ei, vocês — Marc e Steph dirigiam-se a nós aos ziguezagues, de braço dado. Marc lançou-se na direção de Ben, estreitando-o num abraço e encostando a cabeça contra o seu peito. — A Steph disse que acabámos de ter um *meet-cute*. Vocês também tiveram um?

Estava tudo silencioso? Porque as palavras de Marc ressoaram como

tinido nos meus ouvidos.

— Está na hora de vestires o casaco, Marc — disse Ben calmamente, libertando-se dele.

Olhei para Steph. Os seus passos eram surpreendentemente firmes ao pegar nas suas coisas.

— És um grande amigo, sabes disso, não sabes? — disse Marc, enquanto Ben lhe vestia o casaco. — Ben. O tipo que está sempre lá. — Marc parecia indisposto. — Embora talvez queiras ir-te embora por isto.

— Espera até estarmos lá fora, amigo. — Ben virou-o gentil mas firmemente na direção da porta. — Eu até te puxo o cabelo para trás.

— Só um segundo. — Steph pôs um cartão no bolso do casaco de Marc, dando-lhe uma palmadinha. — O meu número. Vamos conhecer-nos como deve ser.

Depois beijou-me na bochecha, cheirando a morangos e rum.

— Devíamos fazer isto outra vez. Chegas bem a casa? — Disse-lhe que estava mesmo ao virar da esquina e ela saiu com ligeireza do pub, com o seu lenço vermelho ao vento. Fitei-a, reverentemente.

Ben apressou Marc para fora, detendo-se brevemente à porta.

— Nós não estaremos no Gil's amanhã, só para que saiba. Vou buscar a Anette a casa dos avós — disse. Tinha uma expressão fechada.

— Vemo-nos para a semana, então — disse eu com uma inesperada ponta de desapontamento. Reprimi-o antes que ele pudesse vê-lo na minha cara.

Ele assentiu mesmo antes de a porta se fechar atrás de si.

O que foi que mudou? Mas eu sabia. No momento em que Marc mencionara isto ser um *meet-cute*, Ben fechara-se. Outra vez. Calcei as mitenes à bruta. Eu não estava a tentar ter um *meet-cute* com *ele*, por isso qual era o problema dele?

Ao puxar a canadiana das costas da cadeira, vi a máquina fotográfica pousada no banco de Ben. *Oh, não acredito.* Quando muito, reuniria Ben com a sua máquina. Agarrei nela e corri lá para fora. Estava a chover torrencialmente. Abri o meu guarda-chuva vermelho e saí para a rua, tentando ver através do lençol de água. *Ali.* Ben chamara um táxi e estava a

tentar convencer Marc a entrar. A chuva fizera-lhe cair o cabelo escuro para os olhos.

— Ben. — Corri para ele, coloquei-lhe a máquina fotográfica nas mãos, e virei costas antes que ele pudesse reagir.

Dera apenas uns passos quando o ouvi chamar o meu nome.

— Evie.

Dei meia-volta, tremendo arrepiada sob um candeeiro de rua agarrada ao guarda-chuva, perguntando-me o que queria ele.

Flash. A rua iluminou-se toda, a chuva lustrosa e brilhante. Quando pestanejei contra a luz, vi Ben baixar a máquina. Ele olhou para baixo para ela por um momento antes de elevar os olhos ao encontro dos meus.

— Pequenos passos — disse.

Drama de Honor

INT: QUARTO DE EVIE — QUARTA-FEIRA, 30 DE JANEIRO, 17H34

EVIE está de collants e robe, tira um porta-fatos de um caixote e pendura-o na porta do roupeiro. O quarto é pequeno mas arrumado. Há pósteres de filmes emoldurados nas paredes: *Parque de Tijoleira*. *Um Amor Inevitável*. *O Amor É Um Lugar Estranho*. *O Campeão*. *Quarto com Vista sobre a Cidade*. *Thelma e Louise*. *Casa de Doidas*. *Juno*.

O vestido de dama de honor era mais pesado do que eu o imaginara. Sarah escolhera-os antes do Natal, mas eu não estivera presente, e em vez de me mandar uma fotografia, ela quisera que eu o visse ao vivo para «apreciar bem o efeito». Enviara-mo por correio para que pudéssemos ambas provar os nossos vestidos hoje ao mesmo tempo, ainda que a uma distância de mais de trezentos quilómetros.

— Fica bem? — A voz de Sarah soava metálica através dos altifalantes do portátil, equilibrado sobre a minha cama. A qualidade da câmara do tablet inclinado de Jeremy era ligeiramente difusa, mas podia ver Jeremy e Maria sentados no pequeno sofá em forma de coração na *boutique* de noivas em Sheffield, segurando copos de *Prosecco* enquanto aguardavam que ambas nos aprontássemos. Quem me dera ter-me podido dar ao luxo de estar lá com eles em pessoa. No entanto, pelo menos também tinha o meu copo (de plástico) de *Prosecco* para me ajudar nesta provação.

— Ainda estou a abri-lo.

— É tão estranho ver-te fora do trabalho a esta hora, Evie — disse Jeremy, os braços envolvendo os joelhos enquanto fitava a câmara.

— E a ti também —disse-lhe eu. Agora que todas sabíamos o horário louco que ele vinha fazendo, andávamos a controlá-lo mais. — O Monty continua a tirar-me trabalho de cima. Praticamente tudo menos as minhas

edições. — Era como um emprego de sonho, a não ser pelo facto de estar a viver um pesadelo no qual não contara a Monty que NOB continuava incontactável. Ou que eu me recusara a continuar a fazer a coisa que aparentemente o pusera a escrever de novo.

Afugentei determinadamente as minhas preocupações e levantei a flute de plástico da secretária. Isto tinha que ver com Sarah, não comigo. Beberiquei o *Prosecco* antes de me aproximar do porta-fatos. As insinuações de Jeremy e o estoicismo de Maria implicavam que o vestido de dama de honor tinha de ser visto para nele se acreditar.

— Então disseste ao NOB que saltavas fora? — perguntou Maria, enquanto eu corria o fecho para baixo e espreitava lá para dentro. — Assim sem mais?

— Pois. Oh, minha nossa — disse. Era muito... *pêssego*. Não exatamente o elegante rosa-dourado que Sarah prometera. A princípio quase não consegui distinguir o vestido no meio de tantos folhos. Até que me apercebi de que o vestido *eram* os folhos. Tirei-o cuidadosamente do porta-fatos e recuei.

Talvez parecesse melhor vestido.

— Deve saber bem ter tempo livre.

— Estou a aproveitar a pausa, por acaso. Esqueci-me de quantas coisas há para fazer em Londres. E — acrescentei, um pouco timidamente — tenho tido tempo para pensar no gozo que me tem dado escrever de novo. Ainda que apenas sobre *meet-cutes*.

— Oh, Evie. — Isto veio de Jeremy, enquanto Maria se agarrava ao braço dele parecendo cautelosamente esperançosa por mim.

— Estás a provar o vestido? — chamou Sarah de fora do ecrã.

Obedientemente, saí de frente da câmara e despi o robe.

— Estou tão, tão contente por ti, Evie — disse Maria.

— E eu, mas podemos voltar à parte em que o Viúvo Jeitoso te tirou a fotografia? — perguntou Jeremy. Inclinei-me na direção do ecrã para que ele pudesse ver o olhar que lhe estava a fazer.

— Ela já o vestiu? — perguntou Sarah.

— Só um momento — grunhi, enquanto tentava localizar o fecho-éclair. Sentia-me como Katherine Heigl em *Vestida Para Casar*, só que eu estava a usar os vinte e sete vestidos ao mesmo tempo.

— O que se passa? — Ouvi a voz de Sarah elevar-se. — Se não servir agora, é demasiado tarde e eu não quero ouvi-lo.

— Se o chegares com cuidado para a frente, subires o fecho até meio e depois o rodares de volta, é mais fácil. — O rosto de Maria estava franzido de compaixão. Eu fiz o que ela dizia, contorcendo-me ofegante, e depois saltei para cima e para baixo para fazer deslizar o fecho.

— Nós estamos a ver-te — disse Jeremy. — Tal como a nossa encantadora assistente Shannon. — Avistei uma mulher de cabelo escuro a encher-lhes os copos.

— Merda! — Bamboleei-me para fora de vista, comprimindo-me contra a secretária.

— Então o que aconteceu depois de ele te tirar a fotografia? — incitou Maria.

Contraí-me, lembrando-me de como Marc saíra a cambalear do táxi, dobrado para baixo com as bochechas infladas.

— O amigo vomitou-lhe nos sapatos.

— Encantador — entoou Jeremy. — E depois?

— Depois o Ben disse: «Devíamos mesmo deixar de nos encontrar assim».

Maria suspirou.

— Viúvo Jeitoso — disse Jeremy apreciativamente.

— Por acaso preciso de vos lembrar que ele me acha um ser humano ridículo? E com boa razão — resmunguei baixinho.

— Por acaso preciso de vos lembrar que este momento é meu?

— É claro que não! — disse a Sarah. O fecho subiu mais uns centímetros e eu executei uma tímida dança de vitória. Só um bocadinho mais e já lá estava dentro. Encravou.

Não estava definitivamente lá dentro.

Comecei a suar da testa. De que era feito o raio do vestido, isolante

térmico?

— Já consideraste a possibilidade de que o Viúvo Jeitoso se sinta intimidado pelo Ardente Guionista com quem andas obcecada? — perguntou Jeremy.

Fiz uma pausa ante as suas palavras.

— Eu não ando obcecada com ele, ando? — Silêncio. — Daqui a três semanas nunca mais direi o seu nome, prometo. — Respirei aliviada quando o fecho finalmente deslizou até ao cimo. — Além disso, vocês estão a assumir que o Ben gosta de mim, e não gosta. Não dessa maneira. Mal chegámos à fase da amizade.

Mais silêncio. Inclinei-me para me certificar de que ainda estávamos em linha. Os meus amigos olhavam para mim, com expressões cétricas. Estavam demasiado centrados no facto de que ele praticamente salvara a despedida de solteira de Sarah. Simplesmente não o conheciam como eu. Era como Marc dissera: Ben era o tipo que estava sempre lá. Fá-lo-ia por qualquer um.

— Foquemo-nos mas é no NOB — disse-lhes.

— Foquemo-nos no *vestido* — guinchou Sarah. — Não, Shannon, não quero usar *bandelete* no dia do meu casamento.

— Bem-vinda ao nosso inferno — disse Jeremy para a câmara.

— Talvez fosse boa ideia mostrares agora o teu vestido à Sarah — acrescentou Maria.

O meu telemóvel zumbiu.

— Só um momento. — Afastei algumas madeixas de cabelo húmido da testa e li a mensagem.

Monty: Veja o seu email, Evelyn.

Oh, Deus. Oh, Deus, oh, Deus, oh, Deus.

Um relâmpago de absoluta certeza trespassou-me: eu arruinara tudo ao dizer a NOB que saltava fora. Ele falara a Monty do acordo. Ele não ia acabar.

Abri o email.

De: Monty@WJM.co.uk
Para: Evelyn.Summers@WJM.co.uk
Assunto: Fwd: Re: Deseja Conhecer
30 Jan, 17h04

Já só falta trabalhar o fim, Evelyn.

Parabéns.

M

De: samemax@intrepidproductions.com
Para: Monty@WJM.co.uk
Assunto: Re: Deseja Conhecer
30 Jan, 10h:42

Isto é GENIAL!* De todos nós aqui na Intrepid Productions, um enorme aplauso ao Sr. Ezra Chester por nos iluminar as vidas com um tal salto em frente no guião.

A equipa tem uma votação em andamento para adivinhar com quem irá acabar a protagonista.

Aguardando ansiosamente o final feliz.

Cordialmente,
Sam e Max
Intrepid Productions

* Pequena sugestão — temos a certeza do título?

** Mais uma sugestão: ele já reconsiderou a cena de abertura? Um pouco rebuscada???

— Caramba.

— Estás bem, meu doce? — chamou-me Jeremy.

— É o vestido? — disse Sarah.

— É o NOB — repliquei, sentindo-me zozza. — Acaba de enviar mais páginas ao Monty. Quase acabou o guião.

Li o email outra vez. Significava aquilo que fingir desistir funcionara? Abanando a cabeça, maravilhada, enviei uma rápida mensagem.

Evie: você tinha razão. Ele enviou as páginas! Obrigada

— Parabéns! — aplaudiu Maria. — Então os *meet-cutes* estão de volta?

Ah. A minha euforia desvaneceu-se.

— Acho que sim — disse. Embora NOB ainda não me tivesse contactado. Supunha que me deveria sentir simplesmente feliz por ele estar a escrever. Ocorreu-me que deveria responder à mensagem Deseja Conhecer de sábado. Além disso, quem sabia? Talvez esse estranho pudesse ser o meu Sr. Final Feliz. Estava a tentar ignorar o meu cínico riso interior quando o meu telemóvel se iluminou.

Ben: foi tudo obra sua. Eu sabia que era capaz.

Sorri. Seria possível que, apesar de todos os nossos mal-entendidos, Ben e eu tivéssemos finalmente conseguido passar à fase da amizade, afinal de contas? Toma lá, Harry; Sally tinha inevitavelmente razão.

— Estás mesmo a olhar para o telemóvel neste momento? É uma mensagem do teu vestido, a dizer-te se te serve ou não? — A voz de Sarah estava escorregadia de histeria. Era um lembrete do que Jeremy e Maria tinham aguentado na minha ausência. Pousei o telemóvel. Após a despedida de solteira, ainda estava à experiência no que tocava ao perdão de Sarah. Era altura de lhe mostrar que estava completamente com ela.

Saltei da cama.

Grrrrrrrrrr.

Quedei-me petrificada, meio dobrada para a frente, com o pé ainda no folho a arrastar pelo chão. Fechei os olhos com força, desejando que

estivesse tudo bem. *Merda!*

Toda a parte de trás do vestido se descascara como uma casca de laranja.

No ecrã, os olhos de Jeremy estavam arregalados, o copo a meio caminho da boca.

— Ups, agora estás metida em sarilhos — disse.

— O quê, o que foi? — perguntou Sarah.

— Nada — gritámos Maria e eu. Aproximei-me da câmara.

— Jeremy, se te atreves a dizer uma palavra... — sibilei. Podia vê-lo a pensar no assunto.

— Não, esse véu não. Eu disse um pouco de brilho, não visível do espaço. Maria!

A minha amiga pulou do sofá para ajudar Sarah.

Jeremy arreganhou um sorriso.

— A Evie está pronta — disse em voz alta. — E está absolutamente estonteante! — Se calhar ainda me considerava responsável pela ratazana.

— Eu vou primeiro — disse Sarah. — Vira a câmara para mim.

Apressei-me a atirar o folho solto para trás. A minha mãe arranjar-mo-ia antes do grande dia, disse para comigo. Sarah jamais saberia. *Espero eu.* Porque não podia deixá-la mal outra vez.

Jeremy pegou no tablet e Sarah apareceu à vista, desfocada primeiro e depois bem nítida. O seu lustroso cabelo louro estava penteado num coque, com umas quantas artísticas mechas soltas. Graças fossem dadas, os vestidos das damas de honor arcavam com o peso do tema de conto de fadas de Sarah. O vestido dela era tão elegante como eu o imaginara. Marfim, de linhas simples, sem alças, aconchegando-lhe a figura compacta e abrindo em baixo em rabo de peixe, acentuado por uma faixa de cintilantes cristais em torno da cintura.

Fez-se um momento de completo silêncio.

— Bem, o que acham? — perguntou Sarah. — Não é a tua deixa para uma graça, Jeremy.

— Por acaso — ouvi Jeremy dizer, em voz suave —, ia dizer que nunca estiveste mais bonita.

Ouvi Maria fungar e um roçar, como se Jeremy tivesse mudado de posição para a envolver com um braço.

— Oh, Sarah — suspirei, com os braços em pele de galinha. Sarah sempre dissera que seria a primeira a casar-se. Olhando para ela agora, não me poderia ter sentido mais feliz por ela por isso ser verdade. — Está perfeito.

Ela pavoneou-se.

— Eu sei. — Seguiu-se um movimento, e a câmara ficou brevemente comprimida entre os corpos dos meus amigos quando se abraçaram todos. Bebi um pouco mais de *Prosecco*, sentindo-me a um milhão de quilómetros de distância.

Mal entrevi Sarah a enxugar vivamente os olhos antes de os enxotar.

— Agora, já te deixaste de confusões, Evie? Deixa-me ver-te.

Os meus três amigos comprimiram-se no ecrã para me avaliar.

— Porque não fazes uma pirueta para nós? — sugeriu Jeremy num tom simuladamente inocente.

Uma ponta esgarçada de tecido deslizara-me para a anca. Dancei um bocadinho no lugar como se não pudesse estar mais feliz, usando o balanço dos braços para a deslocar para trás de mim.

— Simplesmente, adoro-o! — disse.

Os olhos de Sarah brilharam.

— Estou tão contente. Sabes, tenho andado toda a semana a pensar nas minhas opções de reserva para os vestidos das damas de honor, mas tu decidiste por mim. Além de que estes vestidos combinam melhor com o bolo. Estás *adorável*.

Parei de dançar. Maria emborcou o *Prosecco* e Jeremy abriu-se num sorriso.

— Por falar em opções — disse eu —, já te decidiste quanto à farpela do Jeremy?

O Rapaz Que Nunca Cresceu

INT: THE ASH — SÁBADO, 2 DE FEVEREIRO, 19H30

EVIE está postada no átrio do Ash. Uma gigantesca estátua ao estilo dos Óscares recosta-se numa das cadeiras de cinema reclináveis verde fluorescentes. O balcão da receção é uma bilheteira de cinema. Uma rapariga imaculadamente maquilhada está atrás dele, exibindo um arremedo de uniforme de arrumador e um sorriso bem ensaiado.

Pousei o meu recentemente comprado exemplar de *Peter Pan* em cima do balcão da receção enquanto sacava do meu cartão de membro novinho em folha. Monty oferecera-mo cerimoniosamente na semana passada depois de NOB ter cumprido, dizendo-me que eu não tardaria a usá-lo para as minhas próprias reuniões. Deveria ter ficado agradada, só que era um dispendioso lembrete de que ainda não tivera notícias de NOB. No entanto, ali estava eu, na iminência de outro *meet-cute*, pois era a única maneira de o fazer continuar a escrever.

Quando a empregada viu o nome no cartão, os seus olhos iluminaram-se.
— O seu convidado já está lá em cima à espera.

Não estava à espera disto. Eles normalmente faziam os convidados esperar na sala de estar. Verifiquei o cartão ao guardá-lo na mala. Seria isto alguma espécie de pacote de platina? O cartão parecia-me completamente normal. Agradei-lhe e apressei-me a sair dali antes que ela se apercebesse de que cometera um erro.

Ia encontrar-me com Peter no Ash porque a maior parte do pessoal lá conhecia-me. Não havia lugar mais seguro em Londres, e, mais importante, menos propenso a julgar-me. Íamos usar o símbolo do livro para nos ajudar a reconhecermo-nos um ao outro. Tal como Tom Hanks e Meg Ryan em

Você Tem Uma Mensagem. Dado o seu nome ser Peter, a escolha fora óbvia.

Peter tinha sido querido mas breve ao longo dos últimos dias de mensagens, insistindo que causava muito melhor impressão em pessoa. Dissera-me que tinha 32 anos (bom começo), e que encontrara o meu cartão no anuário de 1999 da série de banda desenhada *Beano* (pequeno sinal de alerta) que comprara para o sobrinho (que alívio). Tudo somado, podia permitir-me estar otimista.

Verifiquei as mensagens do JEMS conforme prometera.

Maria: chegaste bem?

Evie: só agora estou a subir as escadas. Ele já cá está

Jeremy: quem achas que é?

Evie: Peter?

Sarah: não foste ver a filha do Viúvo Jeitoso na peça do Peter Pan antes do Natal?

Evie: isso é relevante?

Sarah: só digo por dizer. Peter. Peter Pan. Uma certa coincidência se me perguntas

Detive-me na curva das escadas. Estava ela a sugerir seriamente que talvez fosse Ben?

Ele tem o teu número.

E não estava Ben no bar quando a mensagem chegara? Dei comigo a pensar em como as suas orelhas estavam rosadas quando regressara à mesa, quase como se estivesse excitado a congeminar alguma...

Afastei tais pensamentos. É claro que não seria Ben que estava à minha espera. Apenas nos tínhamos aventurado a passar a linha para a amizade, um milagre só por si. Por vezes tinha de genuinamente lembrar a mim própria que não vivia de facto numa comédia romântica.

Evie: não é o Ben. Somos só amigos. Além disso, nem sequer queria que fosse ele

Maria: então agora são amigos. Não me digas que não pensaste nisso nem um bocadinho

Dirigi-me ao bar do terceiro piso. Dois membros do pessoal estavam atrás da cortina, espreitando por entre risinhos para o restaurante. Nunca se sabia quando poderia haver uma celebridade no Ash. Normalmente, no entanto, o pessoal tinha tendência a manter a devida reserva. Quando me aproximei, vi que um deles era o empregado de mesa louro que testemunhara Monty a deslizar de cabeça como uma foca para fora do compartimento da casa de banho das senhoras. *Oh, não.*

Os seus olhos arregalaram-se ao avistar-me e deu uma cotovelada à rapariga com quem estava na converseta. Ela não foi assim tão rápida a ocultar o seu interesse. *Oh, Deus, será que toda a gente sabe o que se passou nos lavabos?*

O funcionário avançou, com as mãos atrás das costas.

— Menina Summers — disse. — Que prazer vê-la de novo. Pu-la no Reservado do Diretor.

Reservado do Diretor? Era apenas um dos mais exclusivos locais do clube, depois da zona VIP. Seria isto tudo por causa do meu encontro? Senti um acesso de excitação.

Quem poderia justificar tal reação? E se Peter fosse algum figurão, e daí o terem deixado subir? Tentei pensar em Peters famosos enquanto seguia o funcionário louro ao longo do restaurante lotado. Duvidava que Peter Capaldi enviasse mensagens a uma estranha e mentisse quanto à sua idade.

Peter Andre? Talvez...

Os reservados estavam alinhados de cada lado do restaurante; o funcionário conduziu-me ao único que tinha uma cortina de privacidade. Mais valia não pensar para que seria usada tal privacidade, considerando que este era um clube que tinha óleo corporal nos lavabos.

A princípio, tudo o que vi foi a ementa do tamanho de um jornal à frente do rosto do homem.

— A Menina Summers chegou, senhor — disse o criado.

Por um frenético, desconcertante segundo, pensei: *E se for de facto o Ben?*

Senti um aperto no coração quando a ementa desceu.

Qual quê! O próprio...

— Você — disse-lhe eu.

— Ruiva. — NOB sorriu abertamente.

Fechou a ementa com mãos bronzeadas. Fora *ele* a causa de tanta excitação? Ele bem podia ser *o* Ezra Chester, mas não era tão excitante assim. Não a partir do momento em que o conhecíamos, pelo menos. O meu coração ainda martelava. *É o choque*, disse de mim para mim. Nada que ver com o que estava a pensar só um momento antes.

— Oh, aguenta aí. — NOB deu um toque no telemóvel para iluminar o ecrã e depois encostou-o a uma caixa de pipocas às riscas no centro da mesa. — Assim está melhor.

O ecrã continha um título.

Li-o:

Peter Pan

— Eu sou o John — disse o funcionário a NOB, e recebeu resposta zero. — Certo, então, vou só... — Ia para fechar a cortina, constatou que eu estava postada no caminho, e puxou-a à minha volta. — Deixo-vos a sós, então. — Com um último e prolongado olhar para NOB, eclipsou-se como o profissional que era.

Passei ao ataque.

— *Onde* tem estado? Ignorou todas as mensagens que lhe enviei. Diz-me para trabalhar mais afincadamente, depois faz-me acreditar que não se digna a escrever. Quando finalmente cumpre, nem sequer me informa!

— Todas as mensagens não — disse NOB, os olhos ridiculamente azuis cintilando. *Branqueou os dentes?* Envergava um fato cinzento de tão bom corte que lhe envolvia as arestas cinzeladas como se fosse um envelope e ele o cartão à medida. — Está deslumbrante, a propósito.

— Eu... — Ele tinha um condão de me desarmar que era simplesmente irritante.

— Sente-se, Ruiva.

Os joelhos fraquejaram-me e agarrei-me à mesa, afundando-me no banco

em frente dele.

— Isto é uma piada?

— Recebi a sua mensagem escrita — disse ele calmamente. — Salto fora?

Teria ele feito isto para me castigar pela minha mensagem? Ele tinha-me *passado a perna*?

— Trouxe-me aqui só para me humilhar?

— Nem tinha a certeza de que viria.

— Bem, não sabia que era você, pelo que... — Apontei para o meu vestido. Era o mais bonito que tinha. Verde-floresta, com uma sobreposição de renda preta. E desperdiçara-o eu com um cretino.

— Você disse que saltava fora do nosso acordo, Ruiva. Embora, dado que aqui está, eu assumo que isso não seja estritamente verdade.

— Não me deu grande escolha — disse eu, recusando-me a sentir-me culpada pela minha peta. — Posso ver o seu bronzado, Ezra. Esteve de férias, deixando-me sozinha a prestar contas ao Monty e aos produtores. Fiz a única coisa que me ocorreu.

— Foi um retiro de escritor — insistiu NOB. — Depois da Monica e do rompimento, precisava de uma pausa. Na verdade, queria acabar aquelas páginas por si. Quanto mais tempo me ausentava, mais me apercebia porquê. Foi então que soube que tinha de lhe dizer. Esta pareceu-me uma forma apropriada de o fazer. Peter. *Peter Pan*. O livro que você tirou da banca, lembra-se?

Então o nome tinha mesmo significado.

— Dizer-me o quê, Ezra? — perguntei. Um retiro de escritor? Poderia acreditar naquilo? Ele *tinha* entregado as páginas.

Ele brincou com o copo.

— Você... — começou, e calou-se.

— O quê? — perguntei, irritada. NOB remexeu-se no assento, a sua fronte lisa um tudo-nada reluzente. Espera lá... estaria NOB *nervoso*?

Ele respirou fundo.

— Você não está errada quanto às comédias românticas, Ruiva. Porque,

se estivesse, então eu não teria ficado caído por si.

Levei um momento a lembrar-me de respirar.

— Não seja cruel, Ezra.

— Não acredita em mim — declarou ele, como se incapaz de acreditar nele próprio. — OK, comecemos devagarinho. «Eu sou um simples rapaz, diante de...»

— Pare com isso.

— Ruiva, falo a sério. *Evie* — disse, quando eu me levantei, puxando a cortina para trás. Estava a uns passos de distância quando ele retorquiu: — *Por favor.*

Havia algo tão lamentoso, tão pouco próprio de NOB no modo como o disse, que me fez deter. Os outros comensais estavam a olhar. Dei meia-volta e descobri que NOB me seguira para fora do reservado.

— Gosto mesmo de ti. Precisas que o grite? Porque fá-lo-ei. — Abriu os braços de par em par e elevou a voz. — Eu gosto de ti, Evie Summers. Fiquei caído por ti. Na verdade — baixou a voz —, tenho vindo a ficar cada vez mais caído.

Vi John, o funcionário, a mirar-nos do outro lado do restaurante, com uma expressão resignada de *Cá vamos nós outra vez*. A mesma funcionária que passara por nós antes estava junto dele. Tinha as mãos sobre os lábios, os olhos redondos de corça inocente, como se nunca tivesse visto nada tão romântico.

— Oh, por amor de Deus. — Empurrei NOB de volta para o reservado e para o seu lugar, fechando a cortina com força antes de deslizar para junto dele. — Aquilo foi embaraçoso.

— Aquilo foi pura comédia romântica. — NOB arreganhou um sorriso. O sorriso desvaneceu-se ao ver a minha expressão tempestuosa. — Porque é assim tão difícil acreditar que eu gosto de ti?

— Porque tu és o *Ezra Chester*. Andas com as Monicas Reeds deste mundo, não com a Evie Summers de Sheffield — disse eu. Não que me achasse particularmente hedionda, mas tratava-se de *NOB*. Todo ele era estatuto e aparências. Nem sequer me deixava ler o seu guião porque eu era

uma simples assistente.

E, contudo, ele estava de olhos pregados em mim como se não conseguisse entender o que eu dizia.

— Eu não estou com a Monica. Estou aqui contigo. A dizer-te que gosto de ti. Sai comigo. *Uma* saída. É tudo de que preciso para te convencer.

Ele parecia tão sincero, e não desistia. Exatamente quão longe estava ele disposto a levar isto? Poderia eu de alguma forma usar isto para o levar a mostrar-me o guião?

— Só *uma* bebida — disse de má vontade. — E bebemo-la já.

— É um começo. — Quando NOB me ofereceu aquele seu sorriso hollywoodesco tudo-está-bem-com-o-mundo, John espreitou para dentro do cubículo. Não parecia feliz.

— Mesmo a tempo... queremos só *uma* garrafa do vosso *Merlot* — disse-lhe NOB.

— OK, vamos lá ouvir isso — desafiei, depois de John se ter retirado.

— És adorável. Fazes-me rir. E és praticamente a única pessoa que não acata as minhas merdas — desbobinou NOB, com um pouco mais de facilidade do que eu esperava. — E — acrescentou — gostas de mim. Admite-o.

Achava-o atraente, mas dificilmente era a única. Isso não significava que *gostasse* dele.

Ainda que, tinha de conceder, houvesse mais nele do que dantes acreditava haver. O resgate na estrada. *Ziggy*. Se pressionada, poderia mesmo admitir que as suas mensagens não eram inteiramente enfurecedoras.

— Não — disse mesmo assim. — A sério que não gosto, Ezra.

Ele encolheu-se, e senti uma ponta de culpa.

— Não me digas que estes últimos meses não te têm dado gozo. A mim têm. Falar contigo tem sido o ponto alto de uma porcaria de início de ano. Tu *gostas* de mim, Ruiva.

Eu queria negá-lo, mas a verdade era que havia uma pequena parte de mim que no mínimo dos mínimos o apreciava. Por mais irritante que ele

fosse, havia algo muito íntegro em Ezra Chester. O que se via era realmente o que se obtinha, e isso era apelativo.

Ele chegou-se mais a mim dentro do reservado, como que pressentindo fraqueza; os olhos azuis, ávidos.

— Acho que podemos ter alguma coisa aqui, Ruiva. Diz-me que não o sentes também.

Recordei-me de quando estava na sua cozinha no dia em que fizéramos o nosso acordo, quando ele olhara para mim como se na realidade me estivesse a ver pela primeira vez. Fora como estar sob um holofote. Comparado com isso, o olhar com que ele me brindava agora era como um feixe de atração, puxando-me.

Alguém abriu vivamente a cortina. John. Pousou uma bandeja com copos e vinho na nossa mesa com um floreado e começou a desarmar o *Merlot*.

— Dê-nos um momento — disse-lhe NOB.

— Oh, não vai demorar, senhor. — John verteu um pouco de vinho no copo de NOB, claramente interessado no que se estava a passar, só para dar com a garrafa a ser-lhe arrancada das mãos.

— Obrigada, John — disse eu, enquanto NOB agitava os dedos para o despachar.

O empregado agarrou no saca-rolhas de volta e não se dignou fechar a cortina atrás de si.

— Estavas a dizer? — disse-me NOB.

Desviei os olhos dele e olhei de relance através do restaurante, precisando de um momento.

Um recém-chegado chamou-me a atenção.

— Oh, meu Deus — disse. — *Ricky*.

— Não é esse o meu nome.

— Pois não — disse eu, baixando-me no assento. — É o Ricky. O meu ex. Está aqui.

Reco

INT: RESERVADO DO DIRETOR, THE ASH — SÁBADO, 2 DE FEVEREIRO, 20H13

NOB está refastelado contra o couro roxo do reservado, iluminado por um holofote em miniatura. Junto dele, EVIE afunda-se com o queixo ao nível da mesa enquanto NOB olha para ela, divertido.

— Há aqui história. Conta-me. — NOB fez menção de se pôr em pé. — Ou posso simplesmente perguntar ao teu ex.

Puxei-o para baixo.

— Pronto, pronto...

Olhando de relance para trás, para Ricky, vi com quem ele estava. Jodi.

— Oh, *merda*.

Se ela me visse sozinha com NOB, podia fazer toda a indústria acreditar que andávamos mesmo um com o outro. Mas, pensando bem, porque estavam ela e Ricky ali sozinhos...?

— Continuo à espera.

— Muito bem. — Encurtei a coisa. — O Ricky é o meu ex. Estivemos juntos dois anos. Ele conseguiu emprego como assistente na agência nossa rival e deixou-me. Disse-me... — Parei de falar.

— O quê, Ruiva? Toma. — Deslizou o meu copo para mim e eu agarrei nele com as mãos suadas. Conseguira evitar Ricky por mais de doze meses. O meu emprego era tudo para mim, e, ainda assim, faltara propositadamente a eventos em que sabia que ele muito provavelmente estaria. Mas é claro que, numa indústria tão pequena como esta, estávamos sujeitos a dar um com o outro mais cedo ou mais tarde, e o Ash era o seu ponto de convergência. Especialmente para alguém como Ricky, que queria ser visto. — Respira — disse NOB. Segui o seu conselho e inalei o vinho.

— Ele disse-te...? — Ele ralava-se mesmo com isto?

— Ele disse-me que queria uma vida maior. Mais excitante. — Bebi vinho, com as faces a arder. — E que não podia ter isso comigo. Eu não chegava. Por isso deixou-me. — Levei apenas uns segundos a dizer as palavras que me haviam assombrado por um ano. «Simplesmente quero mais», disse-me ele, e nesse preciso instante o rapaz que eu amava tornou-se simplesmente outra pessoa a dizer-me que eu não era suficientemente boa.

NOB inclinou a cabeça de lado para mim.

— O Ricky é um porco fuinha.

O meu riso soou estrangulado.

— Os meus amigos chamam-lhe Reco.

— Bem, não olhes agora, mas o Reco já nos viu. Vem aí. Upa para cima.

Endireitei-me. Oh, não, oh, não. NOB encheu-me o copo mesmo a tempo de Ricky e Jodi aparecerem no limite da nossa mesa.

— Evie! Bem me pareceste tu. O Ritchie não tinha a certeza, mas tu dificilmente passas despercebida, não é?

Forcei um sorriso para Jodi e obriguei-me a olhar para o meu antigo namorado. Atualizara os seus óculos redondos de tartaruga para uns de marca, e mudara o penteado para risco ao lado e encaracolado. *Aquilo é uma permanente?* Sorriu para mim, mostrando os dentes pequenos e afastados que sempre dissera odiar mas que irritantemente lhe davam um ar malandro e engraçado.

— Evie — disse ele, como se eu fosse uma velha conhecida. — Onde está o Monty? Não me digas... mandou-te aqueceres-lhe o lugar enquanto não chega. — Os pequenos olhos de Ricky meio divertidos, como se estivéssemos a partilhar uma piada nossa.

— Estou aqui com um cliente, Ricky — devolvi, satisfeita ao vê-lo contrair-se ao nome.

Ele olhou de mim para NOB, e a sua curiosidade era óbvia mesmo sob a sua estudada displicência. Jodi foi menos subtil, aproximando-se da mesa, com os olhos na presa.

— É Ritchie — disse ele, estendendo a mão para NOB. — E é claro que sei quem você é. Não é necessária apresentação. — Isto foi-me dirigido a mim. — *Que* fantástico conhecê-lo finalmente, Ezra. — Assim que se tornara assistente, deixara de usar a nossa alcunha de NOB, dizendo que não lhe parecia bem.

— Certo — disse NOB, pegando no copo.

Ricky rapidamente deixou cair a mão, ainda não derrotado.

— Posso ser um perfeito fanático e dizer quanto adorei *Coração em Sangue*? Sei que não devemos partilhar o número com alguém acabado de conhecer. Tudo bem, é quinze. Vi-o quinze vezes.

O número de Ricky «sou um autêntico fanático por si» normalmente funcionava como um sortilégio. Embora eu soubesse que ele raramente via um filme mais de uma vez.

— A sério, Ricky? — não resisti a dizer. — Quinze vezes?

Os seus olhos semicerraram-se, mas permaneceram focados em NOB, aguardando a sua reação.

— Não me admiraria que o verdadeiro número fosse bem mais baixo — disse NOB.

As sirenes lutar-ou-fugir na minha cabeça calaram-se à medida que Ricky tentava decidir como responder a isto. Antes do nosso acordo, NOB fizera-me este tipo de coisa incontáveis vezes. Era um perito em fazer-nos sentir que tínhamos de merecer a *sua* atenção, não o contrário. Vê-lo fazer o mesmo a Ricky era, tive de admitir, divertido.

— Jodi, FTD — interrompeu Jodi. Usou as iniciais da sua agência, contando que NOB estivesse a par do seu prestígio. Se estava, certamente não parecia importar-se com isso. Ela chegou-se mais a Ricky e apertou-lhe o braço, o seu cabelo louro fluando-lhe em torno dos ombros. Espera lá, Ricky e Jodi eram realmente alguma *coisa*? Poderia isto ficar pior do que estava?

— Por acaso estamos a celebrar a promoção de Ricky a agente — disse Jodi. Os olhos de Ricky cruzaram-se com os meus.

— Parabéns — disse-lhe eu, sentindo que de alguma forma me preparara

para aquilo.

Não deveria ter doído assim tanto. A sua promoção sempre fora inevitável. Assim que se propunha a alguma coisa, não havia como pará-lo. Quando nos conhecêramos, ele era um barista chamado Ricky. Adorava ir a eventos de trabalho comigo; para me apoiar, julgava eu. Então começara a falar com mais pessoas lá do que eu, parecendo sempre saber o nome de toda a gente presente. Seis meses antes de romper comigo, conseguira o seu primeiro emprego na nossa agência rival e tornara-se Ritchie. Ricky disse-me que era apenas trabalho, nada pessoal. Que não deveria afetar a nossa relação. Ele sabia sempre, comecei eu a constatar, exatamente o que dizer.

— Oh, não é nada de mais — minimizou Ricky. — Para ser honesto, há já algum tempo que trabalho na área. — Encolheu os ombros, ufano. — Uma vez salvaguardados alguns contratos, conhecidos alguns produtores, as pessoas assumem que já somos agentes. Agora que tenho o cartão de apresentação, acho que o torna oficial.

Desencantou um cartão e ofereceu-o a NOB, que o ignorou e sacou do telemóvel. Foi tão grosseiro, que quase o amei por isso.

— O Ritchie já assinou com o seu primeiro cliente — disse Jodi. NOB reprimiu um bocejo.

— *Até* estou tonto com ele. Alessandro. Um talento insano!

Fora *Ricky* o agente que me sacara Alessandro? Vinha tentando convencer-me de que Alessandro era uma perda de Monty, mas desta vez não resultou. Eu descobrira-o, e *Ricky* chegara lá primeiro. *Como se atrevera ele?*

— É o tipo de talento de primeira linha que representarei. É claro que — disse diretamente para NOB — ando sempre à procura de mais.

Ele está realmente a tentar caçar NOB mesmo no meu nariz? À medida que a raiva se atiçava dentro do meu peito, reparei num sorrisinho brincando nos lábios de NOB, como se ele achasse Ricky divertido.

— Sabe, é engraçado termos dado consigo — disse Jodi. — Corre por aí uma reles réplica de um guião de Ezra Chester. Alguém tentou descaradamente piratear o seu estilo. — O divertimento desvaneceu-se com

o afinar da boca de NOB. Como ele não respondesse, ela pareceu irritada. — Se eu não soubesse melhor... — Mirou-me primeiro, depois a NOB, sendo o seu sentido claro como água. — Diria que interrompemos alguma coisa.

— Interromperam, na verdade — disse NOB, deixando-a aturdida. *Insultuoso*. — Estávamos prestes a passar à zona VIP para celebrar a inestimável ajuda de Evie no meu último guião. Realmente não o conseguiria ter feito sem ela. — Corei ligeiramente ao ouvir isto, contente. Ricky pareceu ficar indisposto. — Deviam juntar-se a nós. Podemos fazer uma dupla celebração.

— Os bons assistentes podem levar anos a treinar — aconteceu Ricky. — Por isso não é de admirar que Evie seja a melhor.

Encolhi-me. *Ele disse mesmo aquilo?* Aquele era o rapaz que me dava a volta sempre que eu estava nervosa. Eu adorava o seu jeito com as palavras. Ele fazia-o soar sempre como se estivéssemos destinados a ficar juntos. Por isso, quando me dissera que eu já não lhe chegava, eu ficara arrasada. *Tal como ele sabia que ficarias*. Pestanejei para sustar as lágrimas, mas não lágrimas de abalo — de fúria.

Antes que pudesse retorquir, NOB atirou algo a Ricky.

— Tome. — Infelizmente, era o seu cartão VIP e, portanto, nada suficientemente grande para causar qualquer dano significativo. — Já vamos ter convosco. Deviam mandar vir uma garrafa de — olhou de relance para a ementa — da edição especial do Ash de *Dom Pérignon*.

— Claro. — Ricky mostrou os dentes afastados. — E então poderemos falar sobre as suas opções de carreira. — *Pede perdão, não permissão*: era este o lema de Ricky.

— Mal posso esperar — disse NOB com a maior cara de pau.

Quando eles já estavam fora de vista, cutuquei-o.

— É bom que estejas a tramar alguma — disse.

— Aquilo foi apenas o primeiro passo.

Estalou os dedos para chamar o funcionário mais próximo. John, que procurou desesperado à sua volta outro colega que tomasse o seu lugar.

Quando ficou claro que estava sozinho, encaminhou-se lentamente para nós e acendeu um sorriso.

— Sim, senhor?

NOB pôs-se a dar palmadinhas nos bolsos.

— O meu cartão VIP desapareceu. Tinha-o quando cheguei, mas pergunto-me se o terei deixado nos lavabos... Estava lá um tipo com permanente. Talvez ele saiba onde está.

John empalideceu, os seus olhos voando para mim. Eu encolhi os ombros, perguntando-me onde NOB queria chegar com aquilo.

— Eu... Eu falarei com o chefe de sala — disse ele, derrotado. — Sinceras desculpas, Sr. Chester. — A cortina abanou nas suas costas.

— O que *estás* a tramar ao certo?

— Vá lá, Ruiva. Não queres pagar de volta ao Reco só um bocadinho? — Os seus olhos lampejaram.

As palavras de rompimento de Ricky tinham-me assombrado por um ano. Começava apenas a afugentá-las, e agora ali estava ele de novo na minha vida, servindo-se alegremente de mim para fazer mais um contacto.

Se gostaria de o ver ter alguma paga?

— Alinho!

O segundo piso do Ash estava separado entre o bar Cabine de Projeção e a Sala de Projeção, a impenetrável zona VIP. A espessa porta metálica da Sala de Projeção iniciara a sua vida na caixa-forte de um banco. Estava flanqueada por pessoal que enchia os fatos como se fizessem horas extraordinárias como lutadores de artes marciais.

Nós estávamos à espera na Cabine quando John entrou, no rasto do chefe de sala.

— E é este um local exclusivo — disse NOB, acenando para as portas.

— Posso assegurar-lhe, Sr. Chester — disse o chefe de sala com pronunciado sotaque de Huddersfield. — Se estivesse ali dentro alguém usando o seu cartão, eu sabê-lo-ia.

Como que à deixa, uma criada passou entre nós para chegar às portas,

carregando o champanhe e o passe de NOB. Todos olhámos quando NOB lhe tirou o cartão preto da bandeja. A cara do chefe de sala pôs-se branca como cal. John começou a andar discretamente na direção da escada.

— Bem, eu não *estou* certamente ali dentro — disse NOB. — Segundo passo — murmurou para mim quando o chefe de sala sacou do seu *walkie-talkie*.

— Temos uma situação Código Negro. Todo o pessoal com treino de segurança protocolo de intrusão dirija-se, por favor, *já* à Sala de Projeção.

Um minuto mais tarde, nós tínhamos sido empurrados para trás para «distância segura» e NOB reivindicara a garrafa de champanhe «pelo transtorno». Uns cinco membros do pessoal tinham-se reunido diante da porta-forte de metal, postados de costas bem direitas. O chefe de sala indicou-lhes que acendessem as lanternas e depois levou o dedo aos lábios. Levantou o braço bem direito e depois baixou-o vagarosamente na direção da zona VIP.

Os gorilas abriram a porta de rompante.

— Vão, vão, vão! — berrou o chefe de sala, e todos irromperam atrás dele um a um, gingando as lanternas.

Conseguimos ver Jodi e Ricky dentro da sala escassamente iluminada, encolhendo-se quando as luzes incidiram neles e o pessoal os rodeou.

Ricky chamou, aliviado, quando nos avistou à entrada. NOB acenou para ele.

— Veem? — ouvi Ricky dizer. — Nós estamos com ele.

Quando o amontoado de empregados se voltou para nós, NOB passou de um aceno a um exagerado encolher de ombros, como se não fizesse ideia do que estava Ricky a falar.

Jodi afastou-se um passo do meu ex, distanciando-se. Ver a confiança eclipsar-se do rosto de Ricky foi impagável.

— E agora? — disse eu para NOB.

— Agora passamos ao terceiro passo. — Arreganhou um sorriso. Deu um gole de champanhe, estreitou-me contra ele e beijou-me.

Sr. Final Feliz

INT: CAFÉ GIL'S — DOMINGO, 3 DE FEVEREIRO, 11H30

BEN e ANETTE estão sentados à mesa do costume, ambos a ler. A porta de entrada abre-se. Os dois olham e, vendo que é um estranho, baixam novamente os olhos. Estão duas canecas vazias de chocolate quente diante deles. Ben olha de relance para a terceira caneca junto à cadeira ao seu lado. Ainda está cheia, embora as natas batidas formem agora uma poça. Ele retoma a sua atenção no exemplar da *National Geographic*. Anette levanta brevemente os olhos do seu livro, mirando o pai com uma expressão sabedora. A porta de entrada abre-se. Pai e filha olham para lá.

Relaxeí ao ver que Ben e Anette ainda aqui estavam. Certifiquei-me de que me tinham visto, e disparei uma mensagem para o JEMS. Deixara-me dormir esta manhã. Era como se tudo nos últimos meses — a agência em risco, os *meet-cutes*, e depois o encontro com Ricky — se tivesse finalmente feito sentir em mim. Assim que o frémito de ver o meu ex receber a sua paga se tinha dissipado, a noite anterior transformara-se em mais um *meet-cute* falhado — apesar do quanto NOB insistira, eu não me deixara convencer com a nossa bebida. *Ou por aquele beijo*. E com apenas duas semanas até o prazo terminar, estava a esgotar as hipóteses de descobrir o Sr. Final Feliz. Caíra na cama por demais esgotada, acordando tarde e dando com o JEMS cheio de mensagens não lidas quanto ao meu encontro com Peter, duas chamadas perdidas de Maria, e uma fotografia do telemóvel de Ben: três chocolates quentes, enviada logo após as dez da manhã. Depois disso correra até aqui.

Evie: mil desculpas, malta! Deixei-me dormir

Sarah: finalmente! Deixaste-nos preocupados. Eu tenho a organização de um casamento em andamento, como sabes

Jeremy: só de pensar nisso fico com uma enxa...queca

Maria: congratulo-me que estejas bem, mas de futuro uma mensagem escrita «Não estou morta» depois de um encontro às cegas cairia bem. Então... ele era o Sr. Final Feliz?

Evie: era o NOB

Maria: O QUÊ??

Evie: disse-me que podia deixar de procurar. Disse que estava caído por mim

Jeremy: que pinto!

Maria: esse homem. Ele fará tudo para te impedir de encontrar alguém só para não ter de acabar o seu maldito guião!

Sarah: quantas vezes tenho eu de te dizer, Evie? PODES parar de procurar. Eu já te encontrei o par perfeito para o meu casamento!!

Deveria ter sido tranquilizador ver os meus amigos saltarem instantaneamente para a mesma conclusão que eu tirara na noite passada — a que me fizera sair direita para casa depois do Ash. *É claro* que NOB estava a mentir para me distrair de encontrar alguém. Andava a arrastar os calcanhares quanto a terminar o guião, e a minha falta de sucesso com os *meet-cutes* era a desculpa perfeita. O guionista ardente em brasa não se apaixona pela assistente na vida real. E, contudo, uma parte de mim desejava que os meus amigos não estivessem *assim* tão certos de que ele não o faria.

Chega de autocomiseração. Tinha de focar-me em descobrir o meu verdadeiro Sr. Final Feliz para poder provar que NOB estava errado quanto às comédias românticas e depois esfregar-lho na cara. Nada de mais distrações, nada de mais desculpas. Faria dois *meet-cutes* por dia se tivesse de ser.

Então porque estás ainda a pensar naquele beijo?

Quando estava a chegar à mesa, Ben pôs-se em pé. Acenou e eu levantei a mão — antes de ver Xan devolver o gesto de Ben do outro lado do espaço.

Baixei rapidamente o braço.

— Desculpem estar tão atrasada! Não se vão já embora, vão?

— Temos estado à tua espera — disse Anette, apontando para a caneca de chocolate quente já frio em cima da mesa. A cobertura escamada sobre as natas deslassadas. Ben levantou as sobrancelhas escuras para mim.

— Ainda está bom — disse eu, sentando-me e bebericando o líquido doce frio. Fiz por reprimir um vômito. — Hum. — Levantei os olhos para Ben. Ele era mesmo, mesmo alto. — Podem ficar para outra rodada?

— Não sei. O que achas, Anette?

— Não seria grande celebração sem nós.

Eu estava a olhar para ambos, demasiado confusa, quando Xan apareceu na nossa mesa com um enormíssimo bolo com cobertura de pepitas das cores do arco-íris.

Anette enfiou um garrido chapéu cónico de papel.

— Parabéns, Evie!

— Por quê? — perguntei, atónita.

— Por fazeres o NOB acabar o guião! — Anette abriu um sorriso. — Nós sabíamos que conseguias fazê-lo.

Ben soprou num apito de festa que desencantara de algum lado.

— Isto é espetacular, obrigada. — Eu tinha dito a Ben na semana passada que o facto de recusar fazer os *meet-cutes* resultara. Ele devia ter pensado que estava tudo terminado. Fiquei tão tocada que quase não quis corrigi-los. — Mas o NOB ainda não acabou propriamente.

Ben tirou o apito de festa da boca.

— A Evie ainda tem de conhecer alguém? — perguntou.

— Sim — disse eu. Para uma palavrinha tão pequena, foi estranhamente difícil de pronunciar.

— Ainda há tempo — disse Anette. Só esperava que Ben não tivesse reparado no olhar que a filha lhe lançou quando o disse.

— Deixo aqui isto, então — disse Xan, pousando o bolo. — Posso tentar algum de vocês com o meu último *smoothie* especial de laranja? Desta vez, usei abacate e...

— *Não* — dissemos os três em uníssono.

— Seja café, então. — Xan encolheu os ombros num gesto de «cada um sabe de si» e afastou-se.

— Peça um desejo — disse Ben, passando-me a faca. Puxou Anette para si, pousando o queixo no seu ombro, os olhos velados em mim. Foi... adorável.

Pensei no que queria. Encontrar alguém, seguramente. Se isto fosse uma comédia romântica, duas semanas seriam mais do que suficientes para duas pessoas se apaixonarem. *Um Dia em Grande. Amor Sem Aviso. O Feitiço da Lua*. Na vida real, parecia um prazo impossível. E mesmo que fosse bem-sucedida, depois de Ricky, não me queria arriscar a apaixonar-me realmente ...

Porque é que ainda penso desta maneira? Reco de trampa! Passara um ano a acreditar que não era suficientemente boa para ele. Depois do seu comportamento no Ash, estava na altura de começar a aceitar que *ele* não era suficientemente bom para *mim*. Tinha duas semanas. NOB estava tão perto da meta. A minha promoção, a salvação da agência — estava tudo ao meu alcance. E tudo o que tinha de fazer era conhecer um homem solteiro e poderia ter tudo o que sempre quisera. Era isso que eu deveria desejar.

Mas isso é tudo o que queres?

— Estou a ficar velha... — Anette soltou uma gargalhada, e o pai fez-lhe cócegas.

— Pronto, pronto, já tenho um — ri, cortando o bolo e vendo que tinha camadas de arco-íris.

Desejo poder ser escritora de novo.

— Ruiva! Ei, Ruiva!

Levantei os olhos, chocada. NOB estava a acenar para mim da entrada.

O que se passava? NOB? *Aqui*? No Gil's? Simplesmente parecia... de algum modo *errado*. Como é que ele soubera sequer onde eu estaria? Então lembrei-me da minha desculpa para sair na noite passada — de que tinha de me levantar cedo para escrever o *meet-cute*, por mais para o torto que

tivesse dado. Ele pressionara-me pedindo pormenores — julguei que para se assegurar de que eu ia definitivamente escrever o meu relatório. Não imaginara por um segundo sequer que ele aparecesse.

No entanto, ali estava ele, a olhar para nós, arreganhando aquele seu ofuscante e mais que branco sorriso.

— Ah, o famoso Gil's. É aqui que fazes os meus relatórios? É tão... *provinciano*. É difícil acreditar que ainda estamos em Londres.

— O que queres? — perguntei, vendo os semblantes carregados idênticos de Ben e Anette.

NOB estendeu a mão na direção de Ben.

— Sou o Ezra, *fantástico* conhecê-lo. E você é? — Após uma pausa, Ben apertou-lhe a mão. Foi como aquele momento n'*Os Caça-Fantasmas* em que os raios se cruzaram.

Anette olhava embasbacada para Ezra com franca fascinação.

— Eu sei quem você é. É o N...

— Ben — disse Ben rapidamente, salvando-me.

— Porque estás aqui, Ezra? — perguntei. — Estou com os meus amigos. Não podes esperar?

— Desculpa interromper o vosso... almoço? — disse NOB, mirando o bolo meio comido. — Estou aqui por causa do nosso encontro, Ruiva. Ontem à noite saíste antes que pudéssemos marcar alguma coisa na agenda.

As sobrancelhas de Ben ergueram-se disparadas.

— Não há encontro nenhum, Ezra — disse-lhe eu, interrogando-me quanto à reação de Ben. Eu queixara-me frequentemente de NOB, provavelmente era isso.

— *Tu és* o guionista — disse Anette, não se deixando aparentemente desencorajar.

— A minha reputação prossegue-me — disse NOB, agradado.

— O tal que não consegue escrever.

Ben engasgou-se com o café.

Anette comeu uma garfada de bolo, cantarolando para si própria enquanto NOB olhava para ela, perturbado. Lancei a Ben um suplicante

olhar de relance. Passado um momento, ele assentiu, tirando o livro de Anette da mochila dela, juntamente com o que parecia a autobiografia de um fotógrafo, certamente para si próprio. NOB olhava ambos de cenho franzido, e então os seus olhos arregalaram-se. Virou a cabeça para mim. *Oh, não, não te atrevas...*

Silenciosamente, articulou as palavras «Papá Sensaborão»?

Oh, não. Ele lembrava-se do relatório sobre a peça da escola de Anette. Raios deveras mais que cruzados. Ele tinha de se ir embora.

— Não tens um guião para escrever?

Articulei «Comporta-te» na direção dele, assegurando-me de que Ben não tinha visto. Estava a estudar o seu livro com uma intensidade que o dito provavelmente não merecia.

— Por isso estou aqui. — Antes que eu pudesse protestar, NOB deslizou para uma das cadeiras da mesa como se fosse dono do espaço. — Ah, perfeito — declarou, mirando os restos de bolo. — Posso? — Serviu-se de uma enorme fatia sem esperar por uma resposta. Quando Anette fez furiosamente sinais para Ben, ele deu-lhe uma palmadinha no livro e depois concentrou-se calmamente no seu.

— Em primeiro lugar, isso não era para ti — disse eu, tirando o prato das mãos de NOB. — Segundo, tens noção de que bolo é um gigantesco carboidrato, não tens?

— É mais ou menos essa a ideia. — Tirou a fatia do prato com a mão em concha, respirou fundo e meteu metade na boca.

— O que estás a fazer? — disse eu, exasperada.

Um pigarrear. Era Xan com um café longo. Olhou de NOB para Ben e depois para mim. NOB foi acometido de um vômito ao engolir.

— Isso está cheio de leite gordo e cafeína, certo?

— Foi o que pediu — replicou ele, desandando com um revirar de olhos.

— O que se passa, Ezra?

NOB deu uma enorme golada, estremecendo ao sabor.

— Estou a mostrar-te que falei a sério ontem quanto aos meus sentimentos por ti.

A página de Ben rasgou-se um bocadinho quando ele a virou.

— Mas não tens de o fazer — disse eu. Aquilo não ia levá-lo a lado nenhum.

— Vá lá, um tipo tinha de ser um perfeito falhado para não perceber como tu és fantástica. — NOB olhou de relance para Ben e piscou o olho. *Porque tinha eu de mandar-lhe aquele estúpido relatório?* Porque ficara danada, e embaraçada, e não sabia ainda que Ben e eu podíamos tornar-nos amigos.

E se NOB não se fosse embora quanto antes, havia a possibilidade de nunca o sermos.

— Só há uma forma de eu parar — disse NOB ao dar outra dentada. — Aceita sair comigo.

— Eu disse que não, Ezra. — Ele levantou um dedo, engoliu, e puxou pela cintura das calças de ganga como se já estivessem a ficar apertadas. De certeza que foi apenas a oportunidade que arranjou de exhibir os abdominais. Vi Ben mover-se como que para pousar a mão sobre o estômago, depois abanar a cabeça antes de voltar ao livro.

NOB deu um murro no peito para desalojar o bolo, emborcando mais café e gemendo como se fosse detergente de sanitários. Ante isto, Anette arrancou os aparelhos auditivos e pousou-os, significativamente, na mesa, antes de se dedicar novamente ao seu livro. Como chegara a nossa encantadora celebração a isto?

— Por favor, Ruiva. Posso sentir as minhas artérias a ficarem entupidas. Esquece as dúvidas por um momento e lembra-te de que sou apenas eu, Ezra, a pedir-te uma simples saída.

O que dissera Maria? Que ele apenas estava a distrair-me de encontrar o Sr. Final Feliz? Mas mérito lhe fosse dado: estava a esforçar-se.

Claro, disse uma vozinha. Se se vier a revelar que o NOB está a dizer a verdade quanto aos seus sentimentos, isso significaria que eu estou certa em relação às comédias românticas. Ele terá de terminar o guião.

E dizer que sim fá-lo-ia igualmente ir embora.

— Estás a dar cabo de mim, Ruiva. — Limpou a boca. — Faz como

quiseres. — Preparou-se para comer mais bolo e eu sustive a mão no ar. Anette levantou os olhos de relance.

— OK — disse eu, e ela viu-me dizer a palavra. Ben deteve-se, a meio de virar uma página. Anette parecia estar prestes a falar e Ben olhou-a nos olhos, abanando a cabeça em súplica para ela.

— Estás a falar a sério? — disse NOB, engolindo.

— Uma saída — disse-lhe eu, interrogando-me quanto à troca de olhares de Ben e Anette.

O seu sorriso multicolorido era um terço de triunfo, dois terços de alívio.

— É tudo aquilo de que preciso — disse. — Agora se me dão licença, preciso de purgar.

Nada escapava a Anette. Fez uns sinais para o pai que quase tive a certeza de significarem «Eu também».

Ao vê-lo atravessar majestosamente o café, atraindo não pequeno número de olhares, houve uma ínfima parte de mim que se sentiu... curiosa.

Um movimento chamou-me a atenção. Ben estava a ajudar Anette a vestir o casaco antes de vestir o seu.

— Já vão? — perguntei.

— A Anette quer ver a sua amiga Bea — disse ele. Os sinais que Anette fez a seguir foram vigorosos. — Ela agradece por uma manhã encantadora.

Pela expressão dela, duvidei que fosse uma tradução literal. Senti que a desapontara de alguma forma. Tentei agradecer-lhe de volta, mas ela recusava-se a olhar para mim.

— Se houver sequer a mais ínfima possibilidade de ele estar a dizer a verdade, eu podia fazê-lo terminar o guião — disse, desesperada por me explicar mas sentindo que de certo modo só piorava tudo. — Se não faltassem só duas semanas... — Anette ainda não olhava para mim.

Ben deu-lhe a mão.

— Boa sorte com a sua saída — disse. — Espero mesmo que seja o que a Evie quer.

E ali fiquei sozinha, a decifrar o que poderia aquilo significar.

Montagem de Mudança de Visual

INT: COZINHA DE EVIE — QUARTA-FEIRA, 13 DE
FEVEREIRO, 9H55

EVIE está apoiada à bancada da cozinha, olhando para uma caixa de bolo de cartão cor-de-rosa com uma expressão dúbia no rosto. A caixa tem uma guia de entrega colada de lado. Ela retira-a do envelope para a ler.

Ruiva. Nunca fui de enviar flores. Sujeitaste-me ao que entendes que seja «comida», achei por bem dar-te a provar da minha comida. Deleita-te, em honra da nossa saída de hoje, com este bolo de encontros vegano e isento de glúten da melhor pastelaria do Soho. É uma revelação.

Vai um carro buscar-te às dez em ponto. Prepara-te para te deixares arrebatado. Mal posso esperar por te dar a surpresa que preparei.

Ex

Espreitei para dentro da caixa e estremeci. De certa forma, até fora amoroso da parte de NOB ter-me mandado. Mesmo sendo um denso tronco castanho. Confirmei a hora no seu bilhete. Dez da manhã — estaria certo? Estava combinado encontrarmo-nos à noite. Pelo menos não me esperavam no escritório. Faltando só cinco dias até ao prazo final, Monty abancara no Ash onde tinha fácil acesso a álcool, para apaziguar os nervos, e podia disparar mensagens regulares para mim perguntando onde estava o resto. Eu fizera figas e prometera-lhe que estava tudo sob controlo. E se calhar estava. O entusiasmo de NOB certamente não murchara.

A única coisa que ele me dissera acerca da nossa saída era que tinha uma surpresa para mim. Meio a brincar, eu perguntara se era o guião, e ele replicara com uma piscadela de olho. Agora não conseguia parar de pensar

se seria *realmente* o guião. Talvez já estivesse acabado. A saída valeria a pena só por isso.

Ansiava por pedir conselhos aos meus amigos, só que eles não sabiam dessa noite. Independentemente do que acontecesse, contar-lhes-ia tudo. Só que *depois*. Eles já me tinham dado a saber exatamente o que pensavam dos «sentimentos» de NOB por mim. Não acreditavam nele. O que era totalmente compreensível. Eu apenas queria abordar a saída com a cabeça clara. Ao longo da última semana exaurira-me a fazer *meet-cutes* diários, determinada a não me deixar distrair por NOB, se é que essa era realmente a sua jogada, e nenhum deles fora a lado algum. Por mais que me tivesse precavido contra isso — uma parte de mim estava a depositar as suas esperanças nesta saída. Não estava preparada para deixar os meus amigos — com a melhor das intenções — recordarem-me da patetice que isto era. Não que corresse risco algum de me apaixonar por NOB. Mas seria patetice não descobrir pelo menos se ele se apaixonara por mim...

Além disso, já tinha julgamento bastante com que me haver. No último domingo no Gil's, comprara chocolates quentes e *brownies*, esperando pôr as coisas de volta nos eixos com Ben e Anette após a interrupção de NOB na semana anterior. Ficara ali sentada quase duas horas, até os chocolates quentes ficarem completamente frios. Ben e Anette não apareceram.

Ouvi o soar de saltos sobre o linóleo.

— Que diabo é isso, patinha? — Afastei-me para Jane poder chegar à gaveta.

— É suposto ser um bolo.

— Mas totalmente destituído de alegria. Por falar disso, não viste a Belinda, viste? — Belinda era o *Ourgasm 3000™*, um superelegante vibrador que era aparentemente o melhor que ela já tivera.

— Viste na máquina da loiça?

Ela fez uma cara amuada.

— Está vazia. Espero que apareça, tenho sentido a sua falta. OK. Vou desandar. Boa sorte logo à noite! Eu estou fora, por isso têm a casa *completamente* por vossa conta. Até limpei a cadeira de baloiço.

Pus a tampa na caixa do bolo, subitamente com menos apetite.

— Obrigada, Jane, mas é apenas a primeira saída.

— Exatamente!

Ruiva: obrigada pelo bolo

Ezra: Eu sabia que ias adorar. Espera até veres a tua surpresa. Até logo,
Ruiva bjs

Estava em frente ao edifício em que o táxi me deixara, e nada elucidada quanto ao que esperar. Seria isto a saída? Trouxera o vestido comigo, nunca se sabia. Não estava certa sequer de onde me encontrava. Não havia quaisquer letreiros na fachada. Lá dentro, todas as superfícies eram brancas e reluziam como diamantes, intercaladas de suave mobiliário vermelho-cereja. Era como estar no interior de uma boca num anúncio de pasta de dentes.

— Olá — cumprimentei o imaculado rapaz de 20 e tal anos na receção.

— Combinei encontrar-me com o Ezra Chester, ele está?

Um homem saiu de uma abertura no cortinado de veludo vermelho atrás da receção. Bronzeado, 50 e tal anos, careca, todo de preto desde os mocassins às armações dos óculos. Olhou-me de alto a baixo, depois entrelaçou as mãos.

— Oh... o Ezra! O meu melhor cliente. Deve ser a Evie — disse ele com um suave rolar de erres escocês. Estendeu-me bruscamente a mão. — Gary. É encantador conhecê-la.

Apertei-a, perplexa.

— Não faz ideia dos mimos que temos para lhe dar.

— Não faço mesmo...

Gary deu-me uma olhadela.

— Vá lá, vamos tirá-la desse *casaco*. — A minha amada canadiana não merecia aquele tom. Foi-me arrancada antes que conseguisse protestar, e embrulharam-me numa cintilante bata branca.

— Onde está o Ezra?

— Virá aqui buscá-la às cinco da tarde em ponto.

— Mas isso é daqui a sete horas!

— Eu sei, não é lá muito tempo, mas de alguma forma temos de fazer que dê para tudo.

— Dê para tudo o quê?

— Ora, Evie. — Gary puxou um cordão para recolher o cortinado, revelando a espécie de salão de beleza que tem *habitués*, não clientes. — A sua mudança de visual, evidentemente.

Ele marcara uma *mudança de visual* para mim? Era presunçoso, por demais insultuoso e tão... *NOB*. Senti um formigar nos dedos, o primeiro pensamento sendo contar aos meus amigos. Mas é claro que não podia. Por isso, em vez disso, enviei-lhe uma mensagem a ele.

Ruiva: é esta a minha surpresa?

Ezra: Não têm todas as melhores comédias românticas uma mudança de visual?

Mas isto era a vida real, e o que eu *queria* era o guião, não uma mudança de visual. Especialmente não uma que durasse *sete horas*. Cirurgia cosmética durava menos tempo. Quando finalmente Gary voltou com um trólei, eu estava furibunda.

— Ora bem, sua pequenina sereia ruiva. Vamos lá olhar para si.

— Na verdade, eu vou é sair. Houve um enorme mal-entendido. — *Pensei que o NOB fosse um ser humano decente.*

Gary pousou um cotovelo no quadril.

— Claro. Este é um dos mais exclusivos salões de beleza de Londres, eu sou absolutamente incrível, e foi tudo pago adiantado. Porque não havia de virar costas a tal oportunidade? Mas não está um tudo-nada curiosa para ver o que o Ezra delineou exatamente?

Semicerrei os olhos.

— Deixe-me ver a lista. — Ele estendeu-me uma brochura e eu quase a deixei cair ao ver os preços.

— São apenas aqueles assinalados com um círculo.

— A maior parte está assinalada com um círculo.

Gary sorriu.

— Sim. Eu mencionei que ele pagou adiantado...?

Um plano começou a formar-se.

— Empresta-me uma caneta? — Com relutância, ele estendeu-me uma e ali ficou a dar estalidos com a língua enquanto eu percorria a lista. — Népia. Nem pensar. Absolutamente não. Nada de cera. *Wrap hidratante de azeite?* Não está a regar um peru. OK, este está bem. — Passei-lha de volta e quando viu o que sobrara, a expressão esmoreceu.

— Gary — disse-lhe eu —, você é o melhor, não é? Trabalhe com o que tem.

Ele removeu-me o elástico do cabelo e sacudiu-me os caracóis. Eles derramaram-se-me sobre os ombros numa massa informe. Honestamente não me conseguia lembrar da última vez que os cortara. Gary recuou um passo, depois outro, como se ainda estivesse demasiado perto para os ver a todos. Bateu palmas pedindo atenção, elevando a voz.

— Preciso de reforços!

A primeira coisa que quiseram fazer foi pintar-me o cabelo.

— Não me parece.

— Vai parecer tão natural que nem sequer dará por isso. Vamos domar e realçar.

— Então o meu cabelo é simultaneamente de mais e de menos?

— *Agora* está a perceber.

Ponderei naquilo. Normalmente não consideraria sequer dar cor ao cabelo, pois em Londres isso custava mais ou menos o mesmo que um pequeno carro. Além disso, após anos de impiedosa troça adolescente, levara muito tempo e esforço para alcançar o amor que agora tinha pelos meus caracóis ruivos. Ainda assim, aquilo era supostamente uma mudança de visual, e eu queria causar impacto, e era de graça... Fiz Gary mostrar-me os tons exatos que tinha em mente antes de concordar.

— Apenas mais sete horas disto — disse ele, enquanto misturava a tinta.
— Sorte minha.

A questão é que, nos filmes, as montagens são aceleradas. Eu tive de aguentar sentada cada minuto de deixar o traseiro dormente. Na versão final do filme, era pouco provável que se visse o telefonema de meia hora com a minha mãe acerca do vestido de dama de honor e a parte em que comi uma sanduíche.

— Agora a maquilhagem! — ladrrou Gary, umas meras quatro horas mais tarde, e uma rapariga com cabelo cortado à duende e pele de porcelana carregou um enorme trólei prateado atrás de si. Ele passou as duas horas seguintes a criar uma tela branca da minha cara obliterando cada sarda. Trabalhou por ali abaixo até aos ombros, e, quando me estiquei, pude ver que a minha pele estava agora de um suave tom leitoso. Depois, engenhosamente e com grande cuidado, pintou um novo rosto sobre o meu.

Mais uma hora depois, Gary limpou a fronte.

— OK, estamos despachados. — A sua equipa reuniu-se à minha volta para ver, as suas expressões nada denunciando. Gary tapara os espelhos «Para a grande revelação». — Enxotou-os. — Evie, querida — disse Gary —, eu sabia que podia ver uma vampe dentro de si, e, por Deus, acho que a atraí cá para fora. Creio que está pronta para o toque final.

Fui empurrada através de uns pesados cortinados para um vestiário. Num assento almofadado estava uma grande caixa hexagonal com um laço de cetim cor de caramelo.

— O que é isto? — bradei para Gary, que pairava do outro lado do cortinado.

— Vista-o!

— Desfiz o laço e retirei a tampa. Pousado sobre camadas de papel de seda creme estava uma poça de algo de um verde tão escuro que quase parecia preto. Afaguei-o. As minhas unhas estavam pintadas exatamente do mesmo tom. O tecido era um fresco sussurro contra a minha pele quando levantei o vestido da caixa, a saia derramando-se ondulada no chão. Por

baixo estava um par de sapatos pretos de salto alto de marca com solas vermelhas e laços de seda nos tornozelos. Havia igualmente roupa interior. Roupa interior extremamente *sustentadora*.

Encolhe-te, Evie. Vai valer a pena.

— Estou pronta — disse.

Gary afastou imediatamente o cortinado para o lado. Olhou e voltou a olhar quando me viu, levando as mãos esvoaçantes aos lábios.

— Aí está ela, sua *vampe* — disse. — Agora, feche os olhos e só abra quando eu disser.

Deixei que me posicionasse.

— Três, dois, um.

Abri-os. Ele trouxera um espelho de corpo inteiro com rodas. Toda a equipa se reunira atrás de mim, e uns quantos clientes também. Pela primeira vez na minha vida, ninguém teria sido capaz de dizer que eu estava a corar.

— Oh, meu Deus.

Gary estava à beira das lágrimas.

— Gosta?

A rapariga que olhava de volta para mim não era Evie Summers. Esta Evie tinha sido derramada para dentro de um vestido que fluía ao longo de cada curva como fumo. O seu lustroso cabelo jazia numa reluzente espiral sobre um ombro nu, num belo tom de vermelho e ouro luzidio. O tom exato por que o meu eu adolescente ansiara. Tinha pele pálida, quase translúcida, enormes olhos cor de safira e uma boca de carregado carmesim. Era, tenho de admitir, bela.

Só que não era eu.

— Obrigada — disse, por não encontrar palavras mais adequadas.

Gary beijou o ar junto de cada face.

— Está que parece um sonho — disse.

Sim, aquele em que o garboso príncipe diz à rapariga que se apaixonou por ela e depois faz dela uma pessoa completamente diferente.

De algum modo, não me admirei ao descobrir que NOB chegara de limusine.

— Espera — ordenou ele, do assento de trás, antes que eu pudesse entrar. Tirou um momento para me contemplar. A sua boca recurvou-se num sorriso lento e satisfeito. — Evie Summers, ei-la — disse.

— O que achas? — Rodopiei nos saltos, sentindo o tornozelo direito prestes a ceder.

— Absolutamente espetacular — disse ele. — És uma pessoa completamente nova, Ruiva.

Exalei lentamente, sentindo as faces hirtas de maquilhagem resistirem ao sorriso.

— Só queria agradecer-te.

— Não tens de quê — disse NOB, enchendo dois copos de champanhe.

— Passei a vida inteira como flor de estufa, e agora fizeste-me desabrochar para o mundo.

Ele observou-me um pouco à cautela.

— Congratulo-me que penses assim. Vais entrar ou não?

— Simplesmente acontece que foi necessária esta mudança de visual para que eu me apercebesse finalmente de quão bela sou.

Passaram-se uns segundos.

— Não estás feliz, pois não?

— O que é que achas? Que coisa mais insultuosa, misógina e arrogante de se fazer, Ezra! — explodi. Ele quase deixou cair os copos. — Só estou aqui para te dizer, em pessoa, que a nossa saída já era.

— Eu queria dar-te algo sobre o que escrever! — lançou ele da boca para fora. Fitei-o, aturdida. Ele chegou-se mais para a porta, olhando-me ansioso. — Para o teu *meet-cute*.

— *Que meet-cute?*

— Este. O *nosso*. Chama-lhe *Duas Semanas de Pré-Aviso*. O *Pedido*. Chama-lhe o que for. Eu alinho.

— Tens andado a ver comédias românticas? — *Qual de nós é a Sandra Bullock?* Isso não era importante.

— Todas as que me recomendaste.

Eu ia para responder quando se fez luz em mim.

NOB estava a oferecer-se para me ajudar a cumprir a disposição final do nosso acordo. Exatamente como eu esperara.

— Tens consciência de que se fores o meu Sr. Final Feliz, tens de terminar o guião?

Os seus olhos azuis estavam claros como cristal e isentos de manha.

— Tenho consciência de que me estou a oferecer para ser o último *meet-cute* de que jamais precisarás. — Afastou-se para trás para me dar espaço no assento. — Não estás nem um bocadinho curiosa?

Considerarei as minhas opções. *Sai agora, de cabeça bem erguida, dizendo-lhe que pode esquecer o guião.* Ou... Suspirei, atirando a minha bojudá para o carro primeiro e arregaçando o vestido acima dos joelhos de modo a poder subir para o couro aquecido.

— Descontraí — disse NOB, sorrindo de novo ao oferecer-me um copo de champanhe. O colarinho alto sob o fato azul-escuro era quase de padre. Nunca nenhum outro homem parecera menos santo. — Se não gostares do que eu vou dizer a seguir, levo-te diretamente a casa. A mudança de visual foi apenas o primeiro passo da minha surpresa. Queria fazer alguma coisa por ti, a mulher que me fez escrever uma comédia romântica. Tinha de ser algo adequado. — A esperança brotou dentro de mim. *Seria o guião, afinal de contas?* — Então, pensei: o que poderia ser mais apropriado do que uma estreia de passadeira vermelha?

— O quê? — Flutuei entre desapontamento e excitação. Sempre quisera ir à estreia de um filme, mas em todo o meu tempo com Monty ele nunca mo permitira. E queria *mesmo* aquele guião com todas as minhas forças.

Ezra esvaziou o seu champanhe.

— Eu sabia que ias adorar.

— É esta a minha surpresa?

— É parte dela. — Expirei de alívio. O guião ainda era uma possibilidade. — Ouve, eu cometi um erro estúpido com a mudança de visual, percebo isso. Mas, *por favor*, não desistas de mim ainda. — Havia

uma nota de urgência na sua voz. A todos os títulos, Ezra parecia totalmente sincero. — Preciso que saibas — continuou — que as coisas são diferentes. Contigo. *Eu sou* diferente. — Frustração e fervor guerreavam no seu rosto. — Por favor, Evie, acredita nisso.

— Ezra — disse eu —, diz-me que não vais botar o discurso «és especial», porque isso é sem tirar nem pôr escarrapachado da cartilha de comédia romântica e eu não caio nessa. Especialmente vindo de ti.

— Ruiva... — disse ele, adulatoramente. — Nem me passou tal ideia pela cabeça.

Miss Hollywood

EXT: PASSADEIRA VERMELHA, ODEON, LEICESTER SQUARE —
QUARTA-FEIRA, 13 DE FEVEREIRO, 18H00

EZRA estende a mão para EVIE e puxa-a do carro num movimento polido. Ela posiciona-se ao lado dele e ele passa-lhe o braço pela cintura. Um segurança encaminha-os para a passadeira vermelha, que está isolada do público. EZRA sussurra algo ao ouvido de EVIE que a faz sorrir, enquanto a conduz na direção das câmaras. O olhar que ela lhe lança é circunspeto mas atencioso.

Pestanejei com os *flashes* de forma a poder absorver tanto quanto possível a cena. No momento em que pisámos a passadeira vermelha, atingiu-nos um muro de ruído. Este não era um filme qualquer. Um vasto cartaz estava suspenso da fachada do Odeon, mas do ponto em que eu estava não conseguia lê-lo. Enormes lanternas de vidro com velas brancas ardendo lá dentro guarneciam a passadeira. Uma multidão de fotógrafos amontoava-se de todos os lados. Dei comigo incapaz de me mover, sobressaltada por outro *flash* e a imensidão de tanta gente num espaço tão pequeno. Ezra — NOB — sobressaltou-me pondo-me um dedo sob o queixo, fazendo-me olhar para cima.

— Estás espetacular — disse ele. — Deixa que te vejam.

Afastei-me.

— Estou gelada. — Os dentes batiam-me, em parte de frio, mas igualmente dos nervos.

Sobressaltei-me quando ele me deslizou a mão pelas costas, posando para as câmaras com um à-vontade que revelava anos de prática. *O Ezra Chester tem o braço à minha volta.*

Quantas vezes fizera ele isto? Teria havido as estreias mundiais do seu

filme, claro, e a noite em que ele ganhara o Óscar, mas nas restantes... ele deveria ter estado com Monica, que teria pisado a passadeira como se a possuísse. Os *flashes* eram tão brilhantes que mal conseguia ver. *Flash*.

— Ezra. — Queria desesperadamente continuar a andar, mas ele reteve-nos lá uns segundos mais enquanto olhava de relance para trás de nós.

— Estás ótima, Ruiva. — Quanto tentei falar de novo, a minha garganta apertou-se ao dizer o seu nome. *Flash*. Atrapalhei-me com os estúpidos saltos altos. *E se os meus amigos virem estas fotografias?* O pensamento ainda nem sequer me ocorrera antes de ver a multidão. Mas quão importante era aquele filme? *Flash*. Não era capaz de fazer aquilo. O meu lugar não era ali. *Simplesmente não tens aquilo que é preciso*.

— Tu consegues, Ruiva. — O sorriso de NOB era fácil e descontraído — para as câmaras, apercebi-me eu —, mas os seus olhos estavam firmemente pregados em mim. — Aquando da minha primeira vez na passadeira, senti exatamente o mesmo.

— A sério? Estavas nervoso?

— Estava completamente aterrorizado. Confias em mim?

Nem um bocadinho, quis eu dizer, Mas NOB estendia-me a mão; os seus olhos azuis, gentis. A medo, aceitei-a. — Faz como eu. Olha para ali, agora para a esquerda, para baixo, para mim, de volta para eles. — Fiz como ele disse, e a minha respiração acalmou. — Agora para mim, para baixo de novo e para mim. Ainda para mim. Só tens olhos para mim. — Dei-lhe uma sapatada no braço. O seu sorriso rasgou-se. — Vá lá.

Não se tratava de ser vista. Era meu desejo assistir a uma estreia desde que me lembrava. Acaso nunca viria a ter outra oportunidade como aquela. *Tu podes fazer isto*. A onda de pânico começou a retroceder — e era a *Ezra* que tinha de agradecer.

Foquei-me nos meus pés. Quantos incríveis escritores tinham pisado aquele mesmo caminho? Pessoas que tinham ajudado a tornar o mundo um pouco mais luminoso, um pouco mais fácil de entender. Dantes imaginava como seria assistir à minha própria estreia da forma como as outras pessoas sonham com os seus casamentos. Sentar-me nas poltronas vermelhas. Sentir

a reação do público à minha volta, sabendo que era pela minha história, pelas minhas palavras. Fora tudo o que sempre desejara.

Uma mulher envergando um blusão escuro e um auricular disse-nos para continuarmos a andar. Desviei-me do peso do braço de NOB na minha cintura. Ele chamou-me, mas eu avistei alguém que reconheci de uma série da HBO. Os atores estavam a chegar. Não perdera o guionista, perdera? Esperava reconhecê-lo ou reconhecê-la, fosse ele quem fosse.

Pus-me em bicos de pés.

— Consegues vê-los nalgum lado? — perguntei a NOB, que se apressara a apanhar-me.

— Quem? — Virou a cabeça bruscamente, olhando para trás de nós.

— O guionista!

— Está aqui mesmo. — NOB puxou-me mais para ele. — E eu só tenho olhos para ti.

— É só conversa.

Os lábios dele recurvaram-se.

— E ainda nem viste metade dos meus truques.

— Avancem, por favor — disse-nos a mesma mulher ao passar. Tentei fazê-lo, mas Ezra — *NOB* — ainda tinha o braço à volta da minha cintura.

— O que havia de tão mau assim em nós dois juntos, Ruiva?

Ela voltou até nós.

— Por favor, têm de avançar.

— Só um momento — disse-lhe NOB. — Estou a tentar perceber porque é que esta espetacular e enfurecedora mulher ainda se recusa a acreditar que eu estou louco por ela.

— Estou a ver — disse a mulher, desconcertada. — Minha senhora, posso sugerir que aceite que o senhor está apanhadinho, para podermos todos tocar as nossas vidas para a frente?

Os olhos azuis dele procuraram os meus, desesperados por uma resposta. Contra minha vontade, senti a pele arrepiar-se-me. *Poderia isto ser real? Poderia o Ezra Chester genuinamente gostar de mim?* Não estava a fugir ante a perspetiva de ter um *meet-cute* comigo. Era ele que me pedia a *mim*

para parar de fugir.

— Ruiva, bem sei que o Reco te fez sentir que jamais serias suficientemente boa para quem quer que fosse. Mas... francamente, que se foda esse tipo! — disse NOB, oferecendo-me um sorriso sincero. — É um idiota. Assim como aquele Papá Sensaborão. Tu és mais do que suficiente, Ruiva. É tudo. Aqui estou eu, querendo estar contigo. Podes ter tudo o que sempre desejaste. Tudo o que tens a fazer é dizer sim.

Havia uma data de coisas que eu não antecipara quando entrara no nosso acordo. Que alguém genuinamente se apaixonasse por mim. Que *Ezra Chester* se apaixonasse por mim.

Ou que houvesse alguma vez a mais ínfima possibilidade de que eu, Evie Summers, pudesse sequer pensar em apaixonar-me por ele.

O *walkie-talkie* da segurança zumbiu e ela falou para ele com urgência.

— Ela está aqui? — Olhou para nós. — Sim, aqui tudo desimpedido. Não é *assim*? — disparou para nós.

— É — disse eu.

Ezra sorriu — não um sorriso de Hollywood, mas um sorriso aberto e honesto, pleno de alívio.

— Estás preparada para a tua surpresa agora?

A esperança dançou no meu peito. Era o guião, tinha de ser. *Podes ter tudo o que sempre desejaste.*

— Sem dúvida. — Ele puxou-me contra ele, deslizando a mão ao longo do tecido sedoso nas minhas costas. Sem avisar, baixou-me, ao estilo de Hollywood, e beijou-me ali mesmo na passadeira vermelha. Foi — de tantas formas — o beijo perfeito.

Então porque terei, na explosão de luzes que me rodeou, ouvido a voz de Ben dizer «Espero mesmo que seja o que a Evie quer»?

De algum modo, o barulho à nossa volta intensificou-se. Afastei-me intempestivamente de Ezra e inclinei a cabeça para trás, vendo o mundo de pernas para o ar. Lá adiante, abriu-se um espaço para o ator que acabara de chegar.

Fiquei sem respiração.

Postada apenas a uns metros de distância, envergando um vestido comprido de renda vermelho, cheia de pose e estonteantemente bela como sempre, estava Monica Reed.

Ela vira a cena toda.

NOB puxou-me para cima, e eu afastei-me dele, chocada.

— É o filme dela — disse, a força da constatação retirando-me todo o ar dos pulmões. Olhei diretamente para ele. — Isto foi tudo para ela? A *mudança de visual*. O beijo. Foi para lhe fazer ciúmes? — *Diz-me*, intentei ouvi-lo. *Diz-me que não é verdade*.

— Ruiva... — Havia uma centelha de algo nos seus olhos. *Culpa*.

Pestanejei para sustar as súbitas lágrimas, sem saber se eram de dor, humilhação ou ambas.

— Isto é precisamente o que te prometi — disse Ezra, recompondo-se rapidamente. — A tua surpresa, lembras-te?

— Beijar-me diante da tua ex-namorada? — perguntei, incrédula. Não podia estar mais longe do que eu desejara. — Ela tinha razão. Tu és uma criança. Ezra. Cresce.

Os olhos dele tornaram-se duros como pedra.

— Eu fiz isto por *nós*. Pelo guião. Certamente tens noção disso? Eu disse-te até que ponto precisava dos teus *meet-cutes* para me fazer continuar. Só precisava do último para poder terminar, e tu não estavas a fazer grande coisa. Eu limitei-me a ser honesto contigo. Dei-te algo sobre o que escrever. Este era o nosso *acordo*, Ruiva. Não é que tu não estejas a ter exatamente o que desejas, também. Estou a salvar-te o emprego.

Cada respiração era dolorosa, como se tivesse algo afiado alojado nos pulmões.

Alguém aclarou a garganta. Era a segurança.

— Estamos despachados por aqui?

— Oh, estamos despachados, sim! — disse eu.

Lancei um último olhar a NOB e arregacei o vestido para me pôr a andar. Um movimento que tinha todo o potencial para parecer fantasticamente dramático, se o meu tornozelo não tivesse escolhido esse exato momento

para dar de si, lançando-me esparramada ao longo da passadeira.

Considereei ficar simplesmente ali deitada até toda a gente ter entrado no cinema, mas alguém me pegou na mão e puxou.

Monica.

Os seus olhos eram implacáveis, quase desafiadores.

— Vamos lá. Cair é fácil. Mostre-lhes como se volta a pôr de pé.

Apoiei-me nela ao tirar os sapatos. As câmaras disparavam *flashes* em nosso redor.

— Obrigada — disse. — E desculpe. Parabéns pelo filme.

Reunindo a pouca dignidade que me restava, fugi.

NOB: O que queres que eu diga, Ruiva? Não pensei que reagisses daquela maneira. Era suposto ser um grande final feliz para ti.

NOB: Ruiva, qual é a diferença entre esta noite e o que fiz por ti com o Reco?

NOB: Precisas que eu admita que errei? Muito bem. Errei.

NOB: Estás com sorte, Ruiva. Embora não tenhas conhecido ninguém, decidi terminar o guião. Não tens de quê. Tudo o que preciso é que escrevas sobre o nosso *meet-cute* como se ele tivesse acabado como deveria. «Felizes para sempre», se é que ainda não chegaste lá

NOB: Ruiva, dá-me lá o maldito *meet-cute*

PERDEU UMA CHAMADA HOJE ÀS 20H03 DE NOB

PERDEU UMA CHAMADA HOJE ÀS 21H45 DE NOB

PERDEU UMA CHAMADA HOJE ÀS 23H03 DE NOB

Ruiva: acabaram-se os *meet-cutes*. Estou farta

Bolo d'água

INT: QUARTO DE EVIE — QUINTA-FEIRA, 14 DE
FEVEREIRO, 18H42

EVIE está sentada na cama, bastante acabrunhada, a comer um copázio de gelado, envergando o mesmo vestido que usou para a estreia. Está frouxamente enfiado nas calças de pijama. O seu cabelo está ligeiramente achatado de um lado. Removeu a maior parte da maquilhagem, mas tem manchas escuras sob os olhos.

Telefonara a dizer que estava doente pela primeira vez em anos. Depois de tudo o que acontecera na noite passada — e nos três meses precedentes — precisava de uma pausa para descortinar tudo.

Tinha recebido uma chamada de Monty mais cedo, informando-me de que NOB se queixara da minha falta de empenho. *Eu não sabia que o termo do prazo era daqui a quatro dias?* Ele precisava do final para a reunião com a Intrepid Productions na segunda-feira. A reunião para que ele não me convidara. Não tinha eu noção das consequências se ele aparecesse de mãos vazias? Eu confirmara que entendia plenamente, sim, e depois desligara.

Pairara num estado de constante ansiedade desde que soubera que a agência podia ir ao fundo, cada dia mais e mais tensa, e na noite passada, depois do que NOB fizera... Algo em mim dera de si. Eu era uma linha telefónica desligada no que respeitava às minhas ralações. *Tente de novo mais tarde. A Evie não está disponível de momento.*

Comi mais uma colherada de gelado com sabor a massa de bolo e vi que chegara outra mensagem.

Maria: achei que quererias ver isto, meu amor

Mesmo a trezentos quilómetros de distância, o sexto sentido da amizade de Maria era inigualável. Cliquei no link, o meu meio esboçado sorriso fraquejando. Era uma coluna da *Cobras & Lagartos*:

🌐RATAZANA DE PASSADEIRA VERMELHA

Há coisas que simplesmente não se fazem. Ficar-se noivo no casamento de um amigo. Ofuscar a estrela de um filme na sua estreia. Sim, *Cobras*, foi isso que o desesperado ex de Monica Reed, Ezra Chester, de 33 anos, tentou fazer na noite passada ao trazer uma acompanhante mistério para a estreia dela. «Foi uma tentativa patética de a ter de volta, mas caiu estatelada... literalmente!», disse uma fonte próxima, referindo-se ao momento em que a sua acompanhante loura aterrou de cara na passadeira. E quem a ajudou a levantar? Apenas Reed em pessoa. Uma verdadeira rainha.

O único instantâneo meu, como não podia deixar de ser, documentava-me esparramada de cara para baixo na passadeira aos pés de Monica. Pelo menos estava irreconhecível naquele vaporoso vestido com o meu novo lustroso cabelo. *Loura deveras*.

Maria: vais pensar que estou louca por perguntar isto, mas és tu?

Fitei a mensagem dela. Prometera a mim mesma que contaria aos meus amigos a verdade, e queria tanto ir ter com eles para ser confortada — se é que o merecia sequer depois de lhes ter escondido tudo. Mas depois do que acontecera, não conseguia enfrentá-los sabendo que de facto me deixara acreditar, ainda que por um segundo, que NOB gostava de mim. Não quando eles nunca me teriam deixado ir, se lhes tivesse pedido opinião. Fora tão parva. Um bocado de gelado caiu-me no vestido, deixando um rasto branco leitoso pela seda verde-escura abaixo. Limpei-o antes de responder.

Evie: o quê?? É claro que não! Estava em casa a ver Netflix, conheces-me

Maria: só queria confirmar. Sabes que podes contar-me seja o que for, certo?

Evie: eu sei

Crise evitada. A minha colher bateu no fundo da embalagem. Rolei da cama para fora em busca de mais.

Nada mais havia digno de se comer no congelador. Abri o frigorífico, disposta a comer qualquer coisa desde que não fosse saudável.

Os meus olhos aterraram no bolo de encontros que NOB enviara. Tirei-o para fora e deixei-o cair sobre a bancada. Escapou-me um soluço abafado. Cobri a boca com uma mão, pestanejando para sustar as lágrimas.

Não estava a chorar por NOB. Era o que ele fizera, e o facto de eu ter reagido a isso. Começara finalmente a deixar cair as defesas que edificara depois de Ricky. NOB dissera umas quantas gentilezas, e pela primeira vez em muito tempo, eu abrira-me. Fora momentâneo, mas eu estivera disposta a deixá-lo entrar. NOB não deveria ser o exemplo do que aconteceria se eu deixasse cair as minhas muralhas.

A minha respiração regularizou e fiquei especada a olhar para o estúpido bolo que de bolo *nada* tinha. Nem sequer a decência tinha de não ser saudável! Ainda assim, peguei nele e levei-o comigo para o quarto, arrancando um bocadão pelo caminho e enfiando-o na boca.

Oh.

Oh, Deus.

Era tão... seco, e, no entanto, ao mesmo tempo, húmido. Com um sabor residual químico. Como tentar comer espuma de móveis, embebida em pasta de papel de parede.

Corri para a casa de banho e cuspi tudo diretamente na retrete, arquejando. Quando me endireitei, vi-me no espelho.

Cara sulcada de lágrimas. Cabelo achatado. Manchas de rímel. Metade das minhas sardas ainda cobertas de maquilhagem. Mal me reconheci. Sentira-me tão *orgulhosa* de mim própria por pôr NOB a escrever. No fim, NOB obtivera exatamente o que queria. Superara o seu bloqueio criativo e, apesar do que dissera, não precisava realmente de mim para terminar o

guião. Não tardaria que as pessoas estivessem novamente a tecer-lhe louvores por toda a Hollywood. E o que obtivera eu? O meu emprego. Uma promoção. Deveria realmente estar feliz.

Puxei o autoclismo, sentindo uma onda de satisfação ao ver o bolo ser sugado pelo cano abaixo. *Passa bem, NOB.*

Aquilo soube... *bem.* Atirei outro bocadão lá para dentro. Aterrou com um encantador e pesado baque. Carreguei no botão. *Descarga. Adeus, arrogante cretino. Baque.* Eu *deveria* sentir-me orgulhosa de mim. *Descarga.* Pusera NOB a escrever. *Baque.* Os *meet-cutes* tinham ido muito além do que eu poderia ter sonhado. *Descarga.* O grupo literário. *Baque.* Steph. *Descarga.* Escrever outra vez. *Baque.* Ben e Anette... *Descarga.*

Mais um pedaço aterrou. *Baque.* Pois toma lá, seu arrogante. *Descarga.* Número um. *Baque. Beto! Empertigado do carago!*

Carreguei no botão do autoclismo outra vez. Nem resistência, nem descarga. Tentei mais algumas vezes. Nada. O último bocado de bolo alapardado no fundo da sanita, recusando mexer-se. Fechando os olhos, tentei de novo. *Descarga.*

Oh, graças a Deus.

Espera lá.

Porque tinha eu os dedos dos pés molhados?

Olhei para baixo. A sanita enchera-se até cima e a água transbordava pelo rebordo, o último bocado de bolo flutuando agora à superfície qual pequeno tronco castanho.

Pulei para trás, empunhando o prato como um escudo.

Seguramente a água já deveria ter deixado de transbordar por esta altura.

O autoclismo gemia de forma alarmante.

Atirei para longe os chinelos ensopados e fiquei descalça na água.

— Oh, *blherg!* — Tirando as toalhas do radiador, pulei em torno da base da retrete. Mal tinham embebido a água quando mais transbordou.

— Para! — berrei para a retrete. — Por favor, para de uma vez! Passei mesmo um péssimo bocado e não preciso mesmo, *mesmo nada*, disto.

Não respondeu a súplicas emocionais. O que fiz eu? Procurei

freneticamente em redor alguma coisa — fosse o que fosse — que pudesse ajudar. Foi um alívio ver o cabo do piaçaba a espreitar ao lado da retrete.

Agarrei nele e sobressaltei-me de tal maneira quando começou a zumbir que o deixei cair em cheio na sanita.

E depois fiquei a ver o *Ourgasm 3000*TM de Jane desaparecer pelo cano abaixo.

Andei de um lado para o outro no corredor. A retrete ainda estava a deitar água e eu fizera tudo o que pudera para extrair a Belinda, incluindo usar o piaçaba propriamente dito, que lograra pelo menos desligá-la. Estava na altura de chamar alguém para me ajudar. Um canalizador seria a escolha óbvia. *Olá, preciso de um canalizador porque a minha retrete está entupida. Com quê, pergunta?*

Estremeci. Nem pensar. Depois de três meses de *meet-cutes* terem acabado com um mergulho de cabeça na passadeira vermelha, estava no ponto máximo de humilhação. Restava Jane. Talvez ela tivesse alguns amigos que soubessem o que fazer. Mesmo que eu tivesse de explicar que o seu orgulho e júbilo estava agora entalado no cano.

Cada tentativa de ligar enviou-me para o voicemail. «Se andas à minha procura, estou provavelmente ocupada com outra coisa. Mais tarde, patinha!»

A lista de pessoas que eu conhecia em Londres pareceu subitamente muito pequena. Havia Steph, mas duvidava que ela quisesse passar o Dia de São Valentim com a mão dentro da minha retrete. E, tristemente, Monty, que me estava a dever duas no que tocava a trapalhadas de casa de banho de que precisara ser resgatado e ainda assim não via nisso motivo para retribuir.

O que deixava apenas uma opção.

Evie: estou metida numa alhada

Por mais embaraçoso que fosse, expliquei a situação toda, dizendo mesmo que o bolo fora um presente de NOB. Apenas deixei de fora a razão

exata.

Evie: mil desculpas por interromper o vosso Dia de São Valentim com isto

Sarah: estamos entre pratos do nosso jantar para dois, encomendado do M&S. O Jim diz que neste momento congratula-se por não ter escolhido a sobremesa de chocolate

Evie: contaste-lhe?!

Sarah: ainda não percebo realmente porque havia o NOB de te dar um bolo

Maria: o David diz que devias chamar um canalizador

Evie: já toda a gente sabe?? Não posso! O que dirão eles quando lhes explicar que tenho a retrete entupida com bolo e um vibrador??

Jeremy: és uma rapariga solteira sozinha no Dia de São Valentim, eles provavelmente estão sempre a receber telefonemas destes

Evie: alternativas viáveis, por favor

Jeremy: a quem hás de ligar? Ao Viúvo Jeitoso!

Evie: isso não ajuda, Jeremy

Maria: por acaso, acho que ele é capaz de ter razão. Ele não vive ao pé de ti?

Evie: ele não me quer ver

Sarah: confia em mim, o homem há de atender a tua chamada

A água já chegara à entrada. Bocados de bolo com um aspeto muito pouco apetitoso tinham desaguado na carpete creme, parecendo exatamente algo que emergiria de uma retrete entupida. Sarah estava enganada quanto a Ben. Ele não aparecera no Gil's na semana passada e nem sequer respondera à fotografia dos chocolates quentes que eu enviara. Eu não sabia se aguentaria ser rejeitada por ele de novo. Especialmente quando ele já achava que tudo o que eu fazia era dar espetáculo. Isto apenas lhe daria razão. A prova estava literalmente no bolo.

Bendito Socorro

INT: PORTA DE CASA DE EVIE — QUINTA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO, 20H23

EVIE enfia melhor o vestido nas calças de pijama e ajeita o casaco de malha. As mãos voam-lhe para o cabelo antes de abanar a cabeça, decidindo claramente que não tem salvação. Respirando fundo algumas vezes, abre a porta. À sua frente, um homem alto de ombros largos virado de costas, com uma caixa de ferramentas na mão.

— Obrigada por ter vindo.

Ben virou-se, os olhos arregalando-se-lhe ao ver-me. Não esperara que ele chegasse tão depressa e não tivera tempo para fazer mais do que enfiar um casaco de malha. *Qual será a minha figura?*

— Não há problema. — Mostrou a caixa de ferramentas. — Estou certo de que não levará muito tempo.

Recuei para o deixar entrar.

— É melhor tirar as meias também — aconselhei, enquanto ele despia o espesso anoraque azul-escuro e o pendurava no cabide da entrada em forma de dedo «chega aqui». Tirou a camisola de malha pela cabeça. Não estava a usar a camisa do costume. Apenas uma simples t-shirt azul que lhe realçava os ombros largos.

— Vamos...? — disse Ben, e eu sobressaltei-me.

— Oh, sim, desculpe. É ao fundo do corredor. — Virei-me e segui à frente, tentando apressadamente enfiar mais vestido nas calças.

— Onde está a Anette?

— Está a sentir-se suficientemente bem para dormir esta noite em casa dos avós. — A voz de Ben soou amigável mas insípida. Como se fôssemos conhecidos de passagem.

— Ela tem estado doente? — perguntei, andando à caranguejo em torno das toalhas molhadas.

— Não recebeu a... — Calou-se. Eu virei-me. Ele estava a fitar um torrão castanho pousado na carpete molhada.

— É bolo — disse eu.

Ben pareceu profundamente aliviado.

Espreitou para a casa de banho primeiro, os pés nus chapinhando nos ladrilhos. Eu rondei atrás dele.

— Posso ajudar? — Em resposta, Ben colocou a sua caixa de ferramentas nos meus braços.

— Sabe qual é o problema?

Para me dar mais hipóteses de que ele aparecesse mesmo, apenas lhe falara da inundação, não da causa. Brinquei com a pega da caixa de ferramentas.

— Se tivesse de arriscar um palpite — disse displicentemente —, está cheia de bolo.

O único som que se ouvia era o constante cair de água pelo rebordo da sanita.

— Certo — disse Ben, calmamente. Decidi que era melhor não lhe falar da Belinda também. Talvez tivesse sido desalojada pelo piaçaba, hipótese que eu estava disposta a aceitar.

Ben pôs-se de ouvido à escuta, ouvindo os ruídos de obstrução que o autoclismo fazia, com o rosto pensativo. Sacou de umas luvas e eu levantei as sobrancelhas.

— Não se preocupe, eu consigo arranjar isto. Não vai demorar muito.

— Não me diga — graciei, alternando o joelho que amparava a caixa de ferramentas para impedi-la de cair para dentro da banheira. — Já viu disto antes.

Ele quase sorriu.

— Seja o que for, a Anette provavelmente já o enfiou pela retrete abaixo a determinada altura.

Estávamos ambos a ser muito adultos em relação a isto. Mantive-me

agarrada à caixa enquanto Ben procurava a válvula para fechar a água (não havia nenhuma) e dizia coisas como «vou ter de ajustar a boia para o parar», e eu assentia como se percebesse.

— Então... este bolo — disse, passado um bocado, com uma mão mergulhada no autoclismo.

Suspirei, mudando a perna que sustinha a caixa de ferramentas. Podíamos ter passado o tempo todo sem termos de falar disso.

— Foi estúpido, eu sei.

— O que aconteceu? — perguntou ele amavelmente.

O homem estava com o braço enfiado até ao cotovelo no meu autoclismo, que mais dano poderia a verdade causar neste ponto?

— Fui à tal saída com o NOB. Verificou-se ser um erro. E não só por causa do seu horrível gosto para presentes.

Os seus cálidos olhos castanhos sustiveram os meus.

— E o guião? — disse baixinho. — Tudo bem com o seu emprego?

Era simpático da sua parte perguntar, considerando onde tinha a mão agora.

— Não sei bem. — Podia ser que NOB ainda escrevesse o final. Podia ser que tudo corresse bem, e eu me tornasse agente tal como sempre quisera. Mas quem me dera sentir-me mais feliz ante essa perspectiva.

Ben assentiu e dirigiu a atenção de volta para o depósito.

— Pronto. — Recuou. Foi um enorme alívio ver que a água parara finalmente de correr.

— Agora só tenho de desobstruir o entupimento — explicou Ben. *Ah. Isso.*

Pôs-se a trabalhar com o desentupidor que trouxera consigo, o extravasar fazendo rodopiar pequenas ilhotas castanhas pelo chão. Recuou. Uma massa de bolo de encontros flutuou à superfície.

— Temos cagalhão — disse ele. Fiz uma careta. — Desculpe, humor batido. Está entranhado. — Apanhou-o e depositou-o na banheira.

— Ainda ali está alguma coisa. — Espreitou para dentro da sanita. Encolhi-me, agarrando a caixa de ferramentas e preparando-me para o pior.

— Tem a certeza absoluta? — perguntei, queixosa. *Oh, por favor, desampara a loja, Belinda.*

Ben avaliou lastimosamente a retrete.

— Vou ter de ir lá dentro. — Dobrou-se o máximo possível, mergulhando bem a mão. A água transbordou de lado, ensopando-lhe a t-shirt. Dei comigo a observar a forma interessante como o tecido se lhe colava ao peito antes de me lembrar de que era água de sanita.

Então ele inclinou-se de mais e escorregou, o queixo afundando-se perigosamente próximo da superfície.

— Ben! — Sem pensar, avancei precipitadamente para o ajudar e uma chave inglesa caiu-me da caixa de ferramentas sobre o dedo do pé descalço. — Merda! — Pulei num pé e escorreguei, sentindo toda a casa de banho inclinar-se e a caixa de ferramentas saltar-me dos dedos. — Uuuf. — O ar saiu-me do corpo com o ímpeto. Umas mãos firmes ampararam-me as costas.

Ben apanhara-me.

Baixou-me gentilmente para a borda da banheira, ignorando a caixa de ferramentas que estava virada ao contrário lá dentro.

— Auuu. — As lágrimas assomaram-me aos olhos.

— Deixe-me olhar. — Antes que pudesse detê-lo, estava agachado, um joelho sobre o chão molhado, tirando as luvas para me segurar no pé. A minha perna saiu disparada por reflexo, atingindo-o bem em cheio no maxilar. Caiu para trás, agarrado ao meu tornozelo e levando-me com ele ao deslizar pelos ladrilhos molhados.

Ficámos deitados nariz contra nariz, comigo por cima, ligeiramente esbaforidos.

— Para que fez isso? — gani.

— Você deu-me um pontapé!

— Você fez-me cócegas no pé!

Inesperadamente, Ben desatou-se a rir, todo o seu rosto se iluminando. E ali, tremendo, comigo deitada em cima dele, o meu coração começou a martelar com tanta força que estou certa de que ele podia senti-lo bater. Mas

aquele era *Ben*. O homem que correria um quilómetro de cada vez que parecesse prestes a ser apanhado num dos meus *meet-cutes*. Que me deixara sentada à espera sozinha no Gil's no último domingo.

— Ben — disse eu, sentindo subitamente alguma coisa.

— É o desentupidor — disse ele rapidamente, desviando-o.

Bzzz. Olhámos ambos para a retrete.

— Evie — disse ele —, o que é aquilo?

Corei tremendamente, pondo-me a custo em pé. Fantástico. Como se Ben precisasse de mais motivos para me julgar.

— Aposto que não está sequer admirado com nada disto — disse, elevando a voz acima do zumbido.

— O que quer dizer? — perguntou ele, pondo-se em pé também. E assim sem mais, fiquei *danada*.

— Eu ouvi o que você disse a meu respeito àquela mulher, Samantha, antes do Natal. — *Bzzz*. — Ela insiste em fazer de si um espetáculo público — disse, imitando a sua voz grave. — Bem, aqui está a sua validação. — Sacudi bolo ensopado do meu vestido arruinado para o chão.

— Eu lembro-me do que disse — replicou Ben, permanecendo irritantemente impávido. Enfiou as luvas de novo.

— Nem sequer o nega!

Ele pôs-se de joelhos, virando a cabeça de lado à escuta.

A sua voz soou ligeiramente tensa quando estendeu o braço pelo cano dentro.

— Aquela mulher está sempre a querer que eu impeça a Anette de tirar os aparelhos auditivos em público de modo a poder parecer «normal». Desde a primeira vez que conheceu a Anette, a Evie sempre a tratou como se ela fosse como deveria ser. E devido às coisas que você faz, quando ela olha para si, vê que não faz mal não nos ralarmos com o que as pessoas pensam. Ao pé de si, ela não tem de ser «normal». É apenas ela própria. *Foi essa* a conversa que você ouviu. Chave de fendas.

Esforcei-me por endireitar a caixa de ferramentas e estendi-lhe a primeira coisa que me pareceu uma.

— Mas... o Ben não gosta realmente de mim. Estou sempre a fazer trapalhadas.

— Agora, *onde* — disse Ben, franzindo o sobrolho enquanto usava a extremidade da chave de fendas para tentar desalojar o entupimento — é que foi desencantar essa ideia?

Bzzzzzzzzzz. Bzzzz. Bzzzzzz. Bzzzzzz. Oh, Deus. Ele ligara-a numa qualquer espécie de função turbo.

— Vocês não foram ao Gil's na semana passada — disse eu, um pouco debilmente.

— Enviámos-lhe uma mensagem — disse ele. — O que mais pode possivelmente haver aqui? — balbuciou.

— Enviaram?

— Enviámos fotografias — disse Ben. Inclinou a cabeça de lado. — *Aha!* — Puxou a mão com força, empunhando algo triunfante. Levou uns bons dois segundos a constatar que brandia um vibrador para mim, na intensidade máxima.

Enquanto Ben tomava um duche, sentei-me na cama para atualizar os meus amigos quanto ao EntopeGate, como seria doravante conhecido.

O Ben está no meu chuveiro.

Empurrei o mais que distrativo pensamento para o lado ao ver que tinha mais de cinquenta mensagens.

Sarah: está tudo arruinado. VOU CANCELAR O CASAMENTO

Evie: o que foi que aconteceu? Está tudo bem?

Sarah: o estúpido fotógrafo partiu a perna, a dançar no estúpido casamento de outra pessoa qualquer! Cancelou com dois dias de antecedência!! O Jim está a ameaçar pedir a um dos seus primos que o substitua!!!

Evie: sinto muito, Sarah. Não há mais ninguém?

Pressionei uma mão contra o coração a retumbar. Conquanto não pudesse estar mais aliviada por descobrir que Sarah estava apenas a ser Sarah, também gostaria de viver até uma idade bem madura.

Sem olhar, soube qual seria a resposta de Sarah.

Sarah: Evie, tens de pedir ao Ben

Evie: é capaz de não ser assim tão fácil

Jeremy: Viúvo Jeitoso!

Sarah: imploro-te. Lembras-te de como arruinaste a minha despedida de solteira? Estás em dívida para comigo. Ele é de longe mais talentoso do que qualquer fotógrafo de casamentos profissional

Maria: concordo que parece ser uma opção perfeita se ele estiver livre, mas a Evie não disse que ele andava avesso à câmara por estes dias?

Enfieei um par de calças de ganga e uma camisola de malha enquanto considerava o que fazer. Ben já fizera muito por mim.

Ele podia ter dito que já não era fotógrafo, mas eu sabia que parte dele ainda o adorava. O que significava que restava uma hipótese de ele poder dar com o caminho de volta, independentemente do que acontecera para o fazer parar. Por mais insignificante que pudesse parecer, talvez este casamento pudesse ser a ajuda. Esta podia ser a minha forma de retribuir a sua amabilidade.

Fá-lo-ia.

Decidi-me que daria a cara por Ben.

Evie: ok, vou tentar

Sarah: ótimo! Está tudo decidido então. Ainda bem que não me passei

Jeremy: !!

Evie: não posso prometer nada

Sarah: tudo bem, não te recusará a ti

Maria: boa sorte, meu amor

Fiquei de ronda à porta da casa de banho, ouvindo Ben cantar a canção de *Serenata à Chuva*.

— Quer um chocolate quente? — gritei, antes de me aperceber de que lhe estava a oferecer mais líquido castanho.

A cantoria parou.

— Sim. Obrigado.

Ele tinha claramente um estômago forte.

— Deixei uma camisola em cima da minha cama para si.

Alguns minutos depois, Ben entrou pé ante pé na cozinha atrás de mim, o seu cabelo escuro molhado e fofo de o ter enxugado com a toalha. Envergava a minha velha suéter da Universidade de Sheffield, e ficava-lhe muito melhor a ele.

— Aquilo é uma citação do *Parque de Tijoleira* no seu quarto? — perguntou. — «Faz com que signifique alguma coisa»?

— Sim — disse eu. — Foi o meu pai que ma mandou emoldurar. — Pois então Ben podia citar o meu filme preferido, nada de mais. Adicionei-lhe mais *marshmallows* à bebida.

— O seu cabelo — disse Ben.

Toquei-lhe constrangida. Voltara de imediato ao seu ondulado natural mal apanhara água.

— Lá se foi o estilo — disse eu pesarosamente.

— Eu gosto dele assim.

Sorri, estendendo-lhe a caneca com o logo do Gil's.

— Aqui tem. Feliz Dia de São Valentim. Obrigada por passá-lo a desentupir-me a retrete.

Ele riu, depois trocou a caneca dele pela minha.

— Lascada — disse, apontando para a que agora segurava.

Assim que nos instalámos juntos no sofá, enfiei colheradas de *marshmallows* na boca para ganhar forças antes de começar.

Aqui vai.

— Há uma coisa que quero pedir-lhe.

Ben soprou a sua bebida, observando-me com o seu olhar intenso.

— Está ocupado este fim de semana?

Ele parou de soprar.

— Apenas o costume. Porquê?

— É o casamento da minha amiga Sarah. — Deixei sair as palavras o

mais depressa possível. — Sei que não é aquilo a que está habituado, e é simplesmente um casamento. Bem, não é um «simples» casamento para a minha amiga, razão por que isto significaria tanto, e é claro que a Anette é bem-vinda também.

Ben sentou-se mais direito, com algo como esperança no rosto. Prossegui, encorajada. — A Sarah reembolsará quaisquer despesas, e pagar-lhe-á, claro, e o alojamento já está tratado porque o fotógrafo original tinha um quarto. — Olhei de relance para o meu telemóvel. Sarah bombardeara-me com detalhes ao longo dos últimos quinze minutos.

— Está a pedir-me para ser o fotógrafo — disse ele lentamente, afundando-se de volta no sofá.

— Far-me-ia outro enorme favor? E bem sei que já tirou um brinquedo sexual da minha retrete esta noite, mas significaria mesmo muito para a Sarah.

E acontece que, intentei eu que ele soubesse, acho que poderá ser exatamente aquilo de que precisa.

Ben deixou-se ficar muito quieto. *Vá lá, Ben, arrisca. Por favor.*

Ele levantou-se.

— Lamento. Não posso.

— Espere, Ben... — gritei-lhe nas costas. Ele já estava a sair da sala.

— Obrigado pela bebida.

— Permaneci aninhada no sofá enquanto ele reunia as suas coisas, perguntando-me se fizera a coisa certa. Ele passou pela sala de estar a caminho da saída e parou. Por um momento, achei que ele ia dizer alguma coisa.

— Ben?

Mas a única resposta foi a porta de entrada a fechar-se.

Era perto da meia-noite quando recebi a sua mensagem.

Ben: Falei com o Marc. Aqui estão os seus contactos. Ele terá todo o gosto em fazer o trabalho. Lamento, Evie.

Monty Escarrapachado

INT: THE ASH — SEXTA-FEIRA, 15 DE FEVEREIRO, 18H23

EVIE está sentada a uma mesa do bar do terceiro piso, com uma expressão reservada no rosto. Um porta-fatos está pendurado numa mala ao seu lado. MONTY está junto ao bar ao telemóvel, fazendo sinal a um criado para onde EVIE está sentada. É JOHN, que abranda o passo ao ver EVIE.

Eu quase dissera que não quando Monty me pedira para ir ter com ele ao Ash. Ia nessa noite para Sheffield, para o casamento de Sarah. Mas a minha mente pôs-se a revolver possibilidades. Monty nunca me levara a tomar uma bebida. Talvez esta fosse a sua versão de entrevista de saída depois de eu lhe ter desligado o telefone na cara ontem. Ou porventura NOB tivesse ficado tão furioso comigo que contara tudo a Monty. Ou talvez se tivesse recusado a escrever o final porque eu não lhe enviara o «nosso» *meet-cute*. Tudo somado, Monty tinha um sem-número de razões para me despedir. Eu não podia ir para o casamento de Sarah com isso a pairar-me sobre a cabeça.

Quando John apareceu, apresentando uma garrafa de champanhe antes de o servir, permiti-me relaxar. Parecia estranho que Monty celebrasse a minha despedida, pelo menos comigo presente. Estávamos a três dias do fim do prazo oficial. Seria demais esperar que NOB tivesse cumprido? Se ao menos Monty terminasse o telefonema e me dissesse já.

John acabou de servir em silêncio. Algo me dizia que ele ainda estava ressentido quanto ao que se passara na última vez que eu ali estivera.

— Só queria agradecer-lhe — disse eu. — Lida sempre com as coisas de forma tão perfeita, seja o que for que lhe aprontemos. Prometo menos drama daqui em diante.

Ele pareceu amolecer um bocadinho.

— Não se preocupe — disse, virando-se para se retirar. — Neste lugar, a menina está longe de ser o pior.

Monty ainda não estava despachado, pelo que saquei do meu telemóvel e mais uma vez vi as fotografias que tinham chegado de manhã. A primeira era uma *selfie*: Anette com faces afogueadas, nariz ranhoso, e a mão de Ben encostando-lhe um termómetro à fronte enquanto ela bebia de uma caneca fumegante. A fotografia seguinte era de Ben numa cadeira branca ao lado da cama dela, descontraído e incauto de cabeça baixa, o cabelo escuro caindo-lhe para os olhos enquanto lia em voz alta o exemplar de *Peter Pan* que eu dera a Anette pelo Natal. A imagem condoeu-me o coração um bocadinho.

Aparentemente Anette ficara encarregada de enviá-las no último domingo, mas não enviara. Tive o pressentimento de que isso se deveria à minha saída com NOB. Anette estava tão empenhada em juntar-nos a mim e a Ben, que provavelmente a vira como uma traição. Pelo menos o incidente da casa de banho servira de alguma coisa. Havia uma mensagem de Anette juntamente com as fotografias desta manhã. «Lamento que o NOB lhe tenha dado um bolo que parecia cocó.» O que era embaraçoso, dado que Ben lhe devia ter contado o que acontecera, mas, no todo, valia a pena se isso significava que ela me perdoara.

Monty sentou-se de volta, a barriga sobressaindo por cima do cinto. O suor perlava-lhe a testa quando agarrou nas flutes de champanhe e me pôs uma na mão.

— Queixo para cima — disse Monty. — Estamos a celebrar.

— A celebrar o quê? — perguntei, desesperada por ouvi-lo dizê-lo.

— O seu guião, evidentemente — disse Monty, e eu interroguei-me se toda a pressão à conta da agência se fizera finalmente sentir nele.

— O guião do Ezra, quer o Monty dizer — disse eu.

Monty enxugou o lábio superior e chegou-se à frente no assento, piscando-me o olho. — Confesso que não o vi a princípio. — Bebi uma golada do meu champanhe. — Foram ambos muito astutos, submetendo tudo através do Ezra. Você realmente excede-se no seu trabalho, Evelyn.

Foi quando ele enviou a parte da despedida de solteira que finalmente se fez luz em mim. Lembro-me de você dizer algo quanto a estar incontactável durante o fim de semana, e então, quando dou por mim, estou a ler sobre uma rapariga numa despedida de solteira que é claramente você. O Ezra é um génio, mas a caracterização nunca foi o seu ponto forte. — O borbulhar do champanhe explodiu-me na garganta qual rajada de chumbinhos. — De modo que fui ao meu arquivo pescar aquele velho guião que a Evie tinha escrito, e os estilos coincidiam. — Monty bateu na mesa com a base da palma da mão. — Foi aí que percebi.

— Não compreendo.

— Você tem-lhe dado as cenas — disse Monty, como que feliz da vida por ter descoberto. — Você sabe. A despedida de solteira. A bebida entornada. O grupo literário indecente. — A que se referia ele? *Aos meet-cutes?*

Não, não, não. Isto não era verdade. NOB usara-me como fonte de *inspiração*. Não usara as minhas palavras. Porque havia de o fazer? Era um vencedor de um Óscar. Era...

Era um homem que fingira apaixonar-se por mim para me levar a escrever-lhe o seu *final feliz*. A respiração saía-me em explosões entrecortadas, como se não conseguisse inspirar ar suficiente.

Monty prosseguiu, alheado.

— Se não tivesse adivinhado já, o final tê-lo-ia denunciado. O que ele me deu para os produtores é miserável. Claramente, tentou escrevê-lo ele próprio. Falta-lhe um toque feminino, se é que percebe o que quero dizer. Ele precisa que você lhe polvilhe a sua magia antes da nossa reunião na Intrepid na segunda-feira.

Levou a mão à pasta e tirou o guião para fora, colocando-o diante de mim. Ali estava. A coisa que eu praticamente suplicara a NOB que me mostrasse.

O guião que eu aparentemente já lera.

Peguei nele, mal sentindo o papel contra os dedos ao virar a primeira página. *A Bebida Entornada*. Era a abertura do meu *meet-cute*, rematada

com as (altamente insultuosas) beliscadelas de NOB.

FADE IN

INT: CAFÉ, EAST DULWICH — DOMINGO, 2 DE DEZEMBRO, HORA
DESNATURADA (10H00)

CHERYL — 20 e tal anos, cabelo louro caindo-lhe sobre os ombros, vestido comprido, saltos altos — posta-se diante do balcão, batendo o pé, a transbordar de energia nervosa.

Ali estavam eles — todos os meus *meet-cutes*. A bebida entornada no Gil's. A livraria. A viagem de carro. Cada excruciante momento dos últimos meses. Tudo. Fora reformatado num guião, algumas liberdades haviam sido tomadas com a aparência da narradora, mas o diálogo, a descrição, era quase tudo meu. «As páginas serão enviadas quando estiverem bem e prontas», dissera-me NOB, ganhando tempo para fazer as necessárias alterações. Depois dos primeiros relatórios, NOB encorajara-me bastante a descrever cada *meet-cute* como se fosse um guião. De cada vez clamando por mais diálogo. A segunda metade do guião era quase palavra por palavra o que eu enviara a NOB, mas com uma nova personagem metida à força: *ele*.

— Como é que acaba? — ouvi-me perguntar, mas uma parte de mim já o sabia.

— Terrivelmente — disse Monty. — O guionista diz à assistente que se apaixonou por ela. Arrebata-a do chão com um beijo numa passadeira vermelha e ela parte-lhe o coração. É como se ele nunca tivesse sequer visto uma comédia romântica. Dadas as fotografias da estreia de Monica Reed, desconfio que ele deve ter escrito por experiência própria. — Lançou-me um olhar sagaz e eu crispei-me, esperando a censura. Só que descobrir que a sua assistente se envolvera com o seu cliente e fizera uma cena em público não era coisa que ralasse Monty. — Os produtores odiaram. Querem um final feliz. Não desejaríamos que uma briga de amantes nos

fizesse descarrilar agora, pois não?

A sala rodopiou, a minha visão afunilou. Algumas páginas deslizaram para o chão. NOB apresentara-se como o herói romântico e a mim como a mulher que lhe partia o coração. E fora por *isto* que Monty assumira que eu não escrevera o final?

— Os produtores pediram uma conclusão mais satisfatória antes de o aceitarem, e no geral precisa de um tudo-nada de polimento — disse Monty. Observava-me, constatando, talvez, que a sua assistente não estava propriamente a reagir como ele esperara. — Você trouxe o guião até aqui, Evelyn, está na altura de encerrar tudo. O Ezra aprecia mesmo tudo o que você fez. Se ao menos se pudessem atribuir créditos de escrita aos agentes, hein?

Tudo readquiriu perfeita nitidez.

— Mas eu não sei escrever — disse eu. — Fez questão de mo dizer.

Sete anos se haviam passado e a memória daquela reunião ainda era dolorosa. Recém-chegada a Londres aos 22 anos, sentara-me diante de William Jonathan Montgomery Terceiro, sentindo-me como que vacilar à beira de uma grande mudança, e sabendo quão orgulhoso o meu pai ficaria. Ali estava eu, na velha agência de Dorothy Taylor. Um póster de *Parque de Tijoleira* estava pendurado na parede.

Monty quisera encontrar-se comigo para discutir o guião que eu lhe enviara. O guião em que eu derramara a minha alma e coração e em que queimara todas as minhas poupanças para terminar. Era um filme para todas as raparigas que, como eu, haviam feito a sua educação emocional na escola de Nora Ephron; era sobre um pai que soubera o momento em que ia morrer, e vivera a sua vida como se não soubesse. Era sentimental e precisava de mais trabalho, e talvez aquele guião não fosse o que vendia, mas era um primeiro passo. Um passo que eu teria dado, não tivesse Monty proferido as palavras que me destroçaram. Cinco palavrinhas que haviam penetrado na fissura que aparecera quando o meu pai morrera, abrindo-a de par em par.

Simplesmente não tens aquilo que é preciso.

Conforme se verificara, ele apenas me chamara para me oferecer o cargo de sua assistente porque a última se pusera a andar. Disse-me que admirava o entusiasmo que eu mostrara na minha carta de apresentação à agência. Eu estava desesperada e ainda zozza quando aceitara.

Pensara nas palavras de Monty tantas vezes ao longo dos anos que se tornara um mantra. Agora sentada em frente de Monty, perguntei-me quanto poder ainda teriam elas sobre mim.

Pousou a flute e serviu-me de mais.

— Talvez tenha sido um pouco precipitado na altura. — As suas palavras soaram petulantes, sem pressa, como se nada significassem para ele.

Desejei poder dobrar o tempo. Unir de volta este momento àquele em que ele me destituíra da minha confiança, de forma que se tocassem. *Não desistas*, desejei dizer ao meu jovem eu. *Não ponhas o teu mérito nas mãos de outra pessoa qualquer quando estás mais vulnerável do que nunca. Escuta as pessoas que te amam.*

— Deveria estar orgulhosa de si própria — disse Monty, fazendo menção de me servir mais champanhe e vendo que eu mal tocara no meu copo. — Os produtores gostam tanto do seu guião que só querem o seu final, não o de Ezra. Não que saibam que é seu, evidentemente. Você disse se certificou. Sempre profissional, não obstante os percalços na passadeira vermelha. Levando bem a água ao seu moinho!

A enormidade do que NOB fizera atingiu-me plenamente. Ele manipulara-me desde o início. Roubara-me as minhas palavras e passara-as como suas. À medida que a minha raiva crescia, estava sempre a voltar à pergunta «porquê?». Ele não poderia ter sabido, ao fazermos o acordo, que eu lhe iria enviar material que ele pudesse usar para o guião.

— Não julgue que não haverá recompensas — disse Monty. Eu conhecia aquele tom. Ele julgava que o meu silêncio significava que eu estava a opor-lhe resistência, como se aquilo fosse uma negociação. — Evidentemente, assim que a agência estiver de volta em pé... — Bateu com o seu copo contra o meu. — Evelyn Summers: Agente Júnior. Que tal lhe soa?

As suas palavras mal foram registadas.

— É o meu guião — disse eu baixinho.

— Sim, bem, você é minha assistente. Prestes a dar o próximo passo, se continuar a jogar bem as cartas. Ajudar escritores é o que você faz.

— Não, este é de facto o meu guião, Monty — disse eu, a minha voz ganhando força. — O Ezra roubou-o.

A mão dele tremeu quando verteu o resto do champanhe para o seu copo, e fez-se luz em mim — Monty sabia exactamente o que NOB fizera.

— Evelyn Summers: Agente, então. Que tal? E o que os produtores não sabem não lhes fará mal.

Ele acredita realmente que eu vou fazer exactamente o que ele diz. E porque não acreditaria ele? Eu sempre fizera.

Pensei em tudo aquilo por que passara, toda a dedicação que investira na minha carreira ao longo dos últimos sete anos, constantemente a tentar provar o meu valor a um homem que dissera que eu não era suficientemente boa. E agora, após três meses a negligenciar todas as pessoas que eu amava, das humilhações, das constantes tentativas de «dar a cara», acreditando que tudo valia a pena porque NOB estava finalmente a ir a algum lado, só para ele passar as minhas palavras, a minha *vida*, a terceiros como suas...

Agora estava na altura de Ser Mais Evie.

— Estou farta — disse. Assim que me ouvi dizer as palavras, soube que eram verdade. Estava finalmente farta de levar com a merda de Monty.

— Mas ainda nem sequer bebeu o seu champanhe! — disse Monty, olhando para o meu copo.

— Não, quero dizer, estou farta — disse eu calmamente. — Diga a Same-Max a verdade, ou demito-me. Arranjarei emprego noutro lado qualquer.

Seguiu-se uma pesada pausa. Quando Monty voltou a falar, toda a jovialidade desaparecera da sua voz.

— Isso não resultou bem para si antes. É tão difícil singrar sem uma boa referência.

Fitei-o. Todos aqueles empregos a que eu concorrera, e ninguém me quisera contratar. Pensei que fosse por não estar pronta. Mas fora por causa

de Monty.

— O que foi? — Monty encolheu os ombros. — Você era uma boa assistente, Evelyn. Sabe como isso é difícil de conseguir? Não estava pelos ajustes e deixá-la simplesmente ir. Deveria sentir-se lisonjeada.

Soube então que jamais iria ser promovida a agente, independentemente do que fizesse. Monty não queria trabalhar com um igual.

— Eu mereço crédito pelo meu guião — disse enfaticamente. — Dê-me e eu terminá-lo-ei.

— Isso não é simplesmente possível — disse Monty. — Estou certo de que podemos pedir que lhe deem um crédito por edição de guião. O seu nome poderia aparecer, ainda assim, no grande ecrã.

Levantei-me, puxando para cima a pega da minha mala.

— Monty — disse calmamente. — Sabe o que eu quero. Tenho um comboio para apanhar.

— Está a ser infantil, Evelyn.

John estava atrás da cortina. Ouvira tudo.

— Espere — ouvi Monty dizer. Voltei-me. Ele endireitou a gravata e passou os dedos pelo cabelo encanecido, puxando pelo casaco como se ele lhe pudesse esconder a barriga saliente. — Se sair agora, acabou-se. Sabe que me poderei certificar de que ninguém a contratará. Você não é nad...

— Não, Monty — cortei. — *Você é que não é nada sem mim.* — Virei-me de novo para John, que olhava para mim com novos olhos.

— Menina Summers — disse ele solenemente, passando-me a canadiana pelos ombros como se eu fosse uma das celebridades da clientela do clube. Inclinou-se para diante, piscou-me o olho e disse: — Bravo.

E Vão Dois

INT: SOLAR DE ROSEHILL, SHEFFIELD — SÁBADO, 16 DE
FEVEREIRO, 13H15

EVIE e MARIA estão diante de um amplo espelho até ao chão num quarto com largas janelas em arco. Envergam os seus vestidos de damas de honor e estudam os seus reflexos com ar resignado.

Exasperámo-nos com os folhos uma da outra, tentando achatá-los, em vão.

— O meu vestido parece-te bem? — perguntei a Maria, virando-me muito ligeiramente para ela arrastando os pés para um lado e depois para o outro. Para vestidos com tal quantidade de tecido, eram horrivelmente constritivos.

Maria inclinou a cabeça de lado, examinando-me.

— Acho — disse finalmente — que depende do que entendes por «bem».

Bufei. A minha mãe passara o vestido a Maria para que ela mo desse esta manhã, e operara claramente a sua magia. Parecia exatamente o que devia parecer, só que dava a sensação de estar mais pesado do que antes, e o fecho estava seguramente mais fácil de correr.

Os olhos cinzentos de Maria olharam-me aguçados.

— *Tu* estás bem, Evie?

— Claro.

Além de confirmar que NOB entregara o seu final, não soprara uma palavra nem a ela nem a nenhum dos meus amigos acerca de tudo o que se passara. Nem da saída com NOB ou da sua traição, do guião roubado, da minha demissão, ou do facto de que iria ter de mudar-me de volta para o meu antigo quarto em casa da minha mãe no fim do mês... *Mas fá-lo-ei*, disse a mim mesma. Aquele fim de semana pertencia a Sarah. Haveria tempo de sobra depois para falarmos de como eu mandara a minha vida

pelos ares.

— É o NOB? — insistiu ela. Ele fora ao meu apartamento nessa manhã depois de eu ter ignorado as suas repetidas exigências do final, recusando-se a sair até Jane lhe dizer que eu estava fora da cidade num casamento.

— É este vestido, na verdade. Tenho medo de cair de cara a caminho do altar.

Os meus olhos deslizaram para os dela, lembrando-me do artigo da *Cobras & Lagartos* que ela me enviara.

— Estou aqui se precisares de falar sobre alguma coisa — disse ela, enfiando uma madeixa de cabelo escuro atrás da orelha. — Sem julgamentos.

— Ele cumpriu o prazo final. — Forcei um sorriso. — Não há honestamente mais nada a dizer.

Fui salva de mais perguntas por dois miúdos aos gritos correndo pelo corredor fora.

— Se há alguém capaz de lidar com aqueles dois terrores, é a Sarah — disse Maria. Eram as coisas mais amorosas, com os seus grandes olhos castanhos e redemoinhos de cabelo escuro como o pai, mas não davam um minuto de descanso. Ambas recuámos em pensamento à despedida de solteira.

— E tem-nos a nós para providenciar o vinho se as coisas ficarem difíceis — acrescentei eu.

Maria agarrou-se aos meus ombros, os nossos folhos encaixando-se uns nos outros como peças de *Lego*.

— Evie Summers — disse ela, com os seus olhos cinzentos presos nos meus —, vais sair-te perfeitamente bem.

Assenti, pestanejando para suster as lágrimas.

Demos ambas um salto quando uma mulher que reconheci do lado da família de Jim irrompeu pelo quarto.

— É a Sarah! — disse ela, e eu conhecia demasiado bem aquela expressão de medo. — Precisa de vocês. — A mulher agarrou as suas pérolas e retirou-se, presumivelmente em busca de uma bebida forte.

— Estás pronta para um último Mathers Macaréu™ antes de ela mudar de apelido? — disse eu.

— Vamos lá ajudar a nossa menina.

Arregaçámos os nossos folhos e apressámo-nos tão depressa quanto os vestidos permitiam.

— Força, força, força — instruiu-me Maria. — Rápido!

Reprimi uma gargalhada, enquanto me sentia alagar em suor dentro do asfíxiante tecido.

— Mexe-te como se a tua vida dependesse disso! — disse-me Maria, dando-me uma cotovelada para me calar.

Irrompemos através da porta dupla no quarto em que Sarah se estava a vestir.

— O que se passa? — arquejou Maria. Perscrutámos ambas freneticamente o espaço luminoso e arejado à procura de sinais de catástrofe.

Apenas lá estava Sarah, diante de um espelho alto, parecendo absolutamente estonteante. O cabelo brilhava como ouro no seu coque. O vestido roçava o chão, a linda extensão de marfim acentuada apenas pela fina faixa de brilhantes à cintura. Toda ela era elegância e bom gosto, à parte, só talvez, da coroa de diamantes.

— Só me estou a divertir um bocadinho. — Sarah rasgou-se num sorriso. Abriu os braços de par em par. Maria e eu entreolhámo-nos antes de nos deixarmos acolher no seu abraço. — Obrigada por me aguentarem ao longo disto tudo — disse ela, sustendo a cabeça atrás para proteger o cabelo. — Eu sei que posso ser um tudo-nada neurótica.

— Tu? Nunca — disse Maria. Enterrei o meu sorriso num folho.

Os miúdos passaram a correr outra vez, gritando a plenos pulmões.

— Oliver, Adam, o que foi que eu vos disse? — vociferou Sarah. O barulho cessou imediatamente.

— Desculpa, madrastra malvada — disseram em coro.

Maria e eu estávamos ambas preparadas para a reação dela.

— Não fiquem tão assustadas! — disse. — Fui eu que lhes disse para me

chamarem isso. E ameacei levá-los connosco na nossa lua de mel se não se portarem bem. — O seu sorriso ainda se rasgou mais. — O Jim surpreendeu-me com uma *muito* romântica semana de luxo nas Maldivas. Não vamos para Centre Parcs! Bem, não até ao verão, seja como for.

— Truz, truz. — Jeremy enfiou a cabeça pela abertura da porta.

— Jeremy — disse Maria, horrorizada. — Mas que raio é isso na tua cabeça?

Jeremy ajustou o seu chapéu cor de pêssego sem qualquer comentário. Parecia — e de que maneira! — ter sido feito de um dos folhos dos nossos vestidos.

O sorriso de Sarah era beatífico.

— Eu queria que ele parecesse tão adorável como vocês as duas!

— O que foi? — disse Jeremy. Arranjou o chapéu sobre os caracóis, e, contra todas as probabilidades, ficava-lhe bem. — Considera a minha falta de queixas como a minha prenda de casamento.

— Ele já chegou? — perguntou-lhe Sarah, subitamente toda ela muito séria. Ele assentiu e ela voltou-se para mim, com os olhos brilhando de excitação. — Evie, lembras-te de como eu te prometi um par?

— Vividamente — disse eu, com um baque no coração.

Sarah assentiu na direção da porta.

— Bem, vai lá, então. Ele está lá fora à tua espera.

Olhei para os meus amigos à procura de ajuda, mas Maria e Jeremy diligentemente evitaram contacto ocular. Então eles já sabiam disto. Esforçando-me por ocultar a minha falta de entusiasmo, ergui o vestido e arrastei-me lentamente até ao átrio.

Postado diante da entrada, parecendo um pouco nervoso e vestindo camisa cinzenta com gravata a condizer, estava Ben.

Tinha a sua velha máquina fotográfica numa mão; agarrada à sua outra mão, toda sorridente, estava Anette. Usava um lindo vestido vermelho e branco com uma grande fita vermelha em torno da cintura a condizer com os óculos. Não pude deixar de reparar que usava também as suas asas da Union Jack da peça da escola.

Ben era o meu par? Poderia ter protestado. Dado todas as desculpas do costume. *Ele não quereria fazer par comigo*. Todavia, ao vê-los aos dois, as palavras ficaram-me entaladas na garganta. Estava tudo virado de pernas para o ar nesse preciso momento, mas Ben e Anette estarem ali de algum modo fazia sentido. Quando Ben elevou o canto da boca num sorriso, o meu coração elevou-se também.

— Ele entrou em contacto comigo esta manhã — disse Sarah baixinho atrás de mim. Os meus amigos tinham-se reunido todos à porta para poderem ver. — O Marc deu-lhe o meu número.

— Está bem, mas quem era o verdadeiro par? — murmurou Jeremy.

— Cala-te — replicou Sarah. E sussurrou: — O primo mais novo do Jim, Roger. Mudei-o para a mesa da miudagem.

— Ele não é casado?

— Duas vezes divorciado. Bem, praticamente.

— Chiu — silenciou-os Maria suavemente.

Fui ao encontro de Ben e Anette, esforçando-me ao máximo para não bambolear.

— Então, sempre veio — disse.

— Tive uma pequena ajuda para mudar de ideias.

Anette ofereceu-me um sorriso gigante e piscou-me o olho.

Maria, Jeremy e eu esperávamos ao fundo da nave enquanto o quarteto de cordas tocava o Cânone em Ré de Pachebel. Anette seguia em primeiro lugar, a menina das flores honorária, lançando pétalas de rosa dourada e pavoneando-se ante o arrulhar deleitado dos convidados.

— Aqui vamos nós — soprou Maria. Estampámos os sorrisos. Os olhos de cada convidado viraram-se para nós e os seus *ooohs* arrastaram-se quando os nossos vestidos apareceram claramente à vista. Captei um sorrisinho de autossatisfação na multidão: Beth, de longo vestido branco (pelo que Sarah iria sem dúvida matá-la).

— Vamos lá, belezas trágicas. — Jeremy seguia entre nós e dava-nos os braços de forma a podermos apoiar-nos uns nos outros. — Vamos despachar

isto. — Tive uma súbita imagem de todos nós a fazermos isto aos 80 anos, e, a despeito de tudo o que se passava, a minha vida pareceu menos terrível.

Um clarão iluminou a nave. Ben. Os nossos olhares cruzaram-se fugazmente. Mesmo dali, podia ver a tensão nos seus ombros. Reparei que Anette o mantinha sob atenta vigilância enquanto espalhava pétalas de rosa. «OK?», perguntou ela. O rosto dele desanuviou-se. «OK», fez sinal de volta, e prosseguiu. Fotografia a fotografia, vi a tensão começar a dissipar-se. *OK*, pensei.

Quando finalmente alcançámos o topo da nave, Sarah estava pronta. Ao contrário do nosso constrangido arrastar, a nossa amiga deslizou pela nave fora como se fosse um palco edificado especialmente para si. Irradiava luz banhando-se deleitada na atenção geral, como que movida por ela. Então chegou junto de Jim, e era como se ninguém estivesse a olhar de todo.

— Sarah Mathers — disse Jim, olhando para baixo para a sua delicada noiva —, Quando os meus amigos me disseram para começar a namorar de novo — uns quantos apupos, principalmente vindos de homens com bebés ao colo —, nunca na minha vida pensei vir a encontrar alguém tão incrível como tu.

As faces pálidas de Sarah adquiriram uma tonalidade rosa-ouro muito apropriada para um casamento.

— Tens sido a pessoa em que me apoiei quando mais precisei, e trouxeste mais amor à vida dos meus rapazes do que julguei possível.

Maria passou-nos lenços de papel. Jeremy tentou dispensá-la com um aceno e depois acabou por tirar um, levando-o ao olho.

— Poeira — sussurrou.

— E prometo passar o resto da minha a vida a amar-te — continuou Jim —, no melhor e no pior, e em cada apresentação de PowerPoint. — Seguiu-se uma risada cúmplice de pelo menos metade dos convidados. Os meus amigos e eu sorrimos uns para os outros.

Sarah exalou lentamente.

— Jim — disse. — Tu e os teus rapazes são a coisa melhor que jamais me aconteceu. Nunca julguei poder amar tanto alguém... com um gosto

horrível para escolher roupa.

Jim riu, enxugando os olhos e apertando as mãos de Sarah. Discretamente, Ben captou o momento.

— Quando imaginava a minha família perfeita, não era assim — continuou ela. Foi a vez de Jeremy me apertar o braço ao interrogarmo-nos todos quanto ao que ela iria dizer. — Porque — continuou ela —, nunca imaginei que viesse a ter tanta sorte.

— Meu grande amor — articulou Jim em silêncio. E os meus olhos foram, sem pensar de todo, para Ben.

Ben estava a tirar fotografias de avós a dançar na pista de dança. O seu rosto usualmente sério estava bem vivo enquanto se movimentava à roda deles, com um sorriso franco ante o espetáculo que eles estavam a dar para a sua câmara. Beberiquei a minha bebida, não me apercebendo de que o meu copo ficara preso num folho até o tecido estar na minha boca. Houve risos nas proximidades.

Jeremy e Maria estavam ambos de queixos apoiados nas mãos com expressões sonhadoras. Anette estava de sorriso arreganhado para mim. Estávamos sentados na mesa de honra, preparando-nos para tentar dançar naqueles vestidos — e, no caso de Jeremy, naquele chapéu —, a toalha de mesa cheia de migalhas do nosso jantar, e de minúsculos cristais que refletiam a luz das velas.

— O que foi? — perguntei.

Jeremy fez um gesto com as mãos e Anette passou-lhe o vinho.

— Jeremy — ralhou Maria. Amoleceu ao ver que Anette estava claramente a adorar. Jeremy fez o gesto de «obrigado» e bateu com o seu copo reabastecido contra o sumo dela.

— Mostra-lhe, miúda — disse Jeremy. Anette pulou da cadeira e encostou-se a mim para me poder mostrar a fotografia que tirara.

Era eu, a olhar para algo do outro lado da sala, com um ar encantado, faces afogueadas e olhos a cintilar.

— *O que foi?* — perguntei de novo, perplexa.

— Não posso crer que estou a dizer isto — disse Jeremy. — Mas a Sarah estava certa. Ela arranjou-te um par do caracas.

Olhei suplicante para Anette.

— O Jeremy não quer dizer bem isto. — Sarah confessara que Ben não fazia ideia de que era o meu «par». Se ele achasse que isto era um arranjinho, não iria acabar bem.

— Eu sei — disse Anette. — Somos os dois o teu *par a dobrar*.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, os primeiros acordes de *Love Machine* das Girls Aloud explodiram através da pista de dança.

— Oh, Deus — disse Jeremy, quando Sarah se materializou em frente de nós, de sorriso determinadamente feliz, de algum modo parecendo elegante ainda que usando a sua coroa de diamantes.

— Vá lá, sua cambada de chatos. Está na altura de dançar.

Resolutamente, e não pouco entornados, deixámos que Sarah nos arrastasse para a movimentada pista de dança.

Maria e eu rodopiámos em mútuo desafio, espalhando o tecido dos nossos vestidos à nossa volta, dado não sermos capazes de dar às pernas. Sarah postou-se no meio de nós, arregaçando as saias e balançando-se. Jeremy deu uma pirueta com Anette, que usava agora o seu chapéu, e acabou chocando com Sarah, fazendo a sua tiara cair e rolar pelo chão fora.

Jeremy correu atrás dela, devolvendo-a com uma expressão encabulada. Sarah tirou-lha e colocou-a na cabeça, propositadamente à banda.

— O que foi? — perguntou, vendo as nossas expressões de surpresa. — Casámo-nos, não casámos? Esta é a parte do casamento dedicada à pândega. *Algum* de vocês leu a minha apresentação?

Um lampejo branco passou no meio da multidão e Sarah deu-lhe com o rasto qual falcão com a presa.

— Beth! — chamou, indo atrás da colega de trabalho. — Quero apresentar-te a uma pessoa. Ele chama-se Roger...

A canção foi substituída por algo mais suave.

— Vamos lá. — Maria pegou-me na mão e rodopiámos nos nossos vestidos até David lhe bater no ombro, elevando-se altaneiro acima de toda

a gente na pista de dança.

— Posso roubar-ta? — perguntou-me.

— É toda tua — disse eu. Ele puxou-a gentilmente. Eu olhei para Jeremy, mas ele e Anette bamboleavam-se direitos ao bar, onde um barman todo giraço estava a servir.

Fiquei sozinha. Desviei-me para o limite da pista de dança, apreciando a forma como David e Maria só tinham olhos um para o outro enquanto dançavam.

E então Ben estava ao meu lado, fotografando-os.

— Parecem tão felizes, não parecem? — disse eu. Se eu conseguisse encontrar alguém que olhasse para mim como eles olhavam um para o outro depois de doze anos juntos... Não me esquecera do que Maria dissera na despedida de solteira de Sarah, mas aquele olhar significava que estavam a fazer alguma coisa certa.

Ben pendurou a máquina fotográfica ao pescoço, virou-se para mim, e estendeu a mão. Levei um segundo a registar o que ele queria.

— Oh — disse. — Sim.

Quando pisámos a pista de LED, a música mudou para *The Way You Look Tonight* de Frank Sinatra. Ben atrapalhou-se com os folhos nas minhas costas, tentando encontrar um lugar onde pôr a mão. Eu ri-me um bocadinho.

— Não me parece que fosse exatamente este vestido que o Frank tinha em mente ao cantar isto.

Ele chegou-se um pouco mais e tropeçou.

— Desculpe!

— Tudo bem. — Puxei o tecido de debaixo dos nossos pés.

David e Maria vieram dançando até nós; Maria estava assente sobre os pés de David para evitar tropeçar nos seus próprios folhos. — Não me liguem. Só preciso de fazer uma pequena alteração ao vestido da Evie — disse ela, enquanto David a inclinava na nossa direção. — A tua mãe disse-me que isto deveria funcionar. — Os seus dedos tocaram num ponto no meu pescoço, na minha cintura, e algures nas costas. Depois levou-me as mãos

às axilas. — Maria! — arquejei, quando ela arrancou com força e David a puxou para trás, levando consigo toda a camada superior do meu vestido.

Olhei para baixo. Usava agora um vestido evasê ouro pálido que me acentuava a cintura na perfeição, a saia oscilando-me contra as pernas. — Assim está melhor. — Maria sorriu. — Para o bar! — ordenou a David, que a levou dançando para longe de nós.

A música mudou para *Can't Help Falling in Love* de Elvis Presley. Semicerrei os olhos, desconfiada. Certo e sabido, Jeremy e Anette estavam na cabina do DJ, de sorrisos arreganhados para nós. Abanei a cabeça para ambos.

Quando me virei para Ben outra vez, ele estendia a mão de novo. Puxou-me para ele, pousando a outra mão na base das minhas costas. Todos os meus nervos estavam concentrados no peso daquela mão e daqueles dedos contra a minha pele, como se não houvesse qualquer tecido de permeio.

— Estavas certa, Evie — disse Ben. — Quanto a hoje. A estar aqui. A tirar fotografias. Obrigado. Eu... Eu acho que não o teria feito se não fosses tu.

— Não tens de quê — disse eu. — Embora suspeite que a Anette tenha tido um papel importante.

Ele sorriu.

— Ela argumentou de forma muito persuasiva.

— E que argumentos usou ela?

Os dedos de Ben apertaram-se sobre os meus. Muito gentilmente, puxou-me mais para si, a distância entre nós reduzida a dois centímetros, um centímetro, um sopro. A sua boca começou a formar uma palavra. Mas eu não cheguei a ouvi-la.

— *Ruiva*. — O grito ressoou através da pista de dança. Ouviram-se arquejos incomodados e a multidão apartou-se para abrir espaço para alguém que a atravessava.

O coração subiu-me à garganta.

— Ruiva, pequenina — chamou NOB, aproximando-se de nós. Usava calças de ganga e um blusão de cabedal, o cabelo todo despenteado. — O

teu *meet-cute* está aqui. Mais vale tarde que nunca, certo? DJ! A minha canção.

Começou a soar *Lady in Red* de Chris de Burgh. Toda e cada pessoa na pista de dança estava a olhar quando NOB abriu os braços de par em par, aguardando o meu abraço.

Ben soltou-me, deixando-me siderada.

— Ben... — Desejei que ele visse que eu não planeara isto, mas a sua atenção estava em NOB, de maxilar crispado. Não disse nada, apenas assentiu como se não devesse ter esperado algo diferente, e afastou-se.

— Adeus, Ben — disse-lhe NOB nas costas que batiam em retirada.

— O que estás aqui a fazer? — clamei.

— Estou a fazer tudo certo desta vez. Não consegui ficar longe de ti, Ruiva.

— Achas que podes simplesmente aparecer no casamento da minha amiga depois do que fizeste?

Ele chegou-se mais a mim, baixando a voz.

— Eu sei que te devo um enorme pedido de desculpas.

O que poderia ele dizer para se justificar quanto ao guião?

— Tens de saber — disse NOB. — Tudo o que eu te disse... foi tudo real. Lamento não ter feito bem as coisas na estreia. Devia ter-te contado então, mas simplesmente não consegui lidar com o que estava a sentir relativamente a nós. — Fez uma pausa, buscando-me o rosto. — A verdade é que... — Ergueu a voz de novo. — Amo-te, Ruiva.

E foi então que vi que os meus amigos tinham ocorrido alvoroçados para a frente da multidão, os seus rostos a transbordar de horrorizada incredulidade.

Plof

INT: BAR, SOLAR DE ROSEHILL — SÁBADO, 16 DE FEVEREIRO, 21H03

EVIE arrasta NOB por uma porta dupla ao fundo da sala. Um pesado conjunto de reposteiros divide o espaço. Ela atravessa-os, para uma zona de bar vazia. Há uma mesa empilhada com taças de champanhe e garrafas de espumante, e um enorme bolo num pedestal junto à mesa. O bolo eleva-se quase a dois metros de altura. De cada um dos seus oito andares, intrincadas e profusas camadas de flores de *glacé* caem em cascata. O bolo culmina num castelo de *glacé* e respetivas estatuetas — um príncipe e uma princesa, beijando-se. Tanto EVIE como NOB se deixam momentaneamente distrair por ele.

Estava mais sossegado ali, longe da música, embora pelo som as coisas parecessem ter-se reavivado na nossa ausência. *Graças a Deus*. Eu lidaria com NOB, e depois iria pedir desculpa aos meus amigos.

E a Ben.

— Que diabo estás a fazer aqui? A sério?

— Eu amo...

Levantei a mão.

— Deixa-te de tretas, Ezra. Apesar do pouco que conseguiste escrever, *não* és o meu protagonista romântico.

Um músculo tremulou no maxilar de NOB enquanto ele registava o que as minhas palavras significavam e considerava a melhor maneira de jogar com isso.

— Então, já sabes — disse ele, finalmente deixando-se de fingimentos.

— Estou aqui pelo final. Foi o Monty que me enviou. Ele julga que tivemos

alguma espécie de arrufo de amantes e sugeriu que eu te surpreendesse.

— Porque da última vez correu tão bem?

— Eu não queria que fosses despedida, Ruiva — insistiu ele, quase convincentemente.

— Eu já me demiti. — Rangi os dentes. — Não finjas que estás a fazer isto por amabilidade. Roubaste o meu trabalho e simulaste que te apaixonaste por mim para me levar a acabá-lo. És um cretino. Não posso crer que cheguei a pensar que pudesse ser diferente.

NOB fez cara amuada e pegou numa garrafa de espumante para encher um copo.

— Eu quero o final, Ruiva.

— É *Evie* — cuspi. NOB encolheu-se. — Vieste de Londres só para me dizer isto? Fizeste uma viagem em vão. Não to vou dar.

— Não te ponhas com bazófias, Ruiva... *Evie*. — Levantou a garrafa e a flute de champanhe em simulada submissão. — Primeiro fui a casa da Monica, mas ela não me recebeu, por isso vim aqui. — Esvaziou o copo, depois pô-lo de lado e bebeu diretamente da garrafa. Os seus olhos viajaram para o bolo de oito andares. — Casamentos pirosos não são mesmo a minha cena.

Cerrei os punhos. Havia nele algo diferente. O cabelo desgrenhado, os ténis.

— Estás bêbedo?

NOB encolheu os ombros.

— É bar aberto. Qual é o teu problema, seja como for? — Algo feio passou pelas suas belas feições. — A tua escrita é a razão de os produtores gostarem tanto do guião. É uma coisa boa, não é?

— Eles nem sequer sabem que é minha! — Exalei lentamente, procurando manter a voz baixa. — Porque é que o roubaste, Ezra?

NOB sorveu o espumante, enxugando a boca.

— Queres mesmo saber?

— *Sim*.

— Quando vieste ter comigo com a adenda naquele dia, eu estava a

trabalhar noutro guião. Tenho vindo a escrevê-lo este tempo todo.

Passou-se um momento até que isto assentasse plenamente.

— Noutro *guião*? Mas... mas tinhas bloqueio criativo — disse eu. — Eu pensei que te estaria a ajudar com os *meet-cutes*. A dar-te inspiração.

— Pensaste que eu tinha *bloqueio* criativo? — O tom de NOB era de incredulidade. — *Eu*? — Bebeu outro trago de espumante. — Pronto, está bem... E tive, um bocadinho. Mas não por muito tempo.

— Foram três anos — disse eu.

— O que fosse. Foi a razão de eu ter assinado contrato para esta comédia romântica. Precisava de *alguma coisa*. Admito-o, estava desesperado. Depois foi como se relaxasse ou algo assim. No momento em que assinei o contrato com a Intrepid, veio-me uma ideia para um filme tão boa, tão mais a ver comigo, que soube que tinha de escrevê-lo em vez disso. Assim que vendesse o seu guião, poderia pagar de volta à Intrepid pela comédia romântica. Todos ficariam felizes. Só que... — suspirou pesadamente — o Monty estava demasiado agarrado ao contrato da comédia romântica para ver claramente a minha visão.

Gesticulou amplamente com a garrafa.

— Então apareceste tu e ofereceste-te para me assegurar os três meses de que eu precisava para acabar de trabalhar no meu guião. Quando os produtores começaram a atazanar-me quanto à minha ideia para a comédia romântica, eu dei-lhes a tua — uma comédia romântica não só com um *meet-cute*, mas com vários. Todos! — Riu-se. — Nunca pensei que eles realmente embarcassem nisso. Dar-lhes o que ias escrevendo sobre os *meet-cutes* apenas se destinou a tirá-los de cima de mim. Quando eles adoraram as páginas, simplesmente continuei a dar-lhes mais. Ganhei tempo para ter o meu guião pronto para levar para L.A.

— O tal retiro de escritor — disse eu secamente, quando as peças se encaixaram.

— Se te serve de consolo... — NOB virou a garrafa, descobrindo-a vazia. Pegou noutra. — Ninguém quis o meu guião. A culpa é do Monty. Tive de lançar o guião sob um pseudónimo para que ele não soubesse que

eu estava a tentar vendê-lo nas suas costas. Ninguém me levou a sério. A mim. Ezra Chester.

Enquanto eu esfregava a testa cansada, veio-me à memória uma coisa.

— Aquela noite no Ash — constatei. — A reles réplica de um guião de Ezra Chester de que a Jodi estava a falar... é *tua*. — Então lembrei-me do críptico comentário de Monica no Dia de Ano Novo. *Está mesmo a leste, não está?* Ela sabia de tudo. Do plágio. Do seu outro guião. Perguntei-me se teria sido por isso que ela rompera com ele. Soltei uma gargalhada. — Honestamente não pensei que viria a achar isto engraçado.

Ele escarneceu.

— Essa *réplica* ter sido rejeitada foi a razão de eu ter de fingir estar caído por ti.

Recuperei a sobriedade.

— Como assim?

— Quando regresssei de L.A., a comédia romântica era tudo o que me restava. Então disseste-me que saltavas fora do nosso acordo. Eu sabia que era *bluff*, mas precisava do final ainda assim. Tive de te fazer crer que já tinha ganhado, de modo que simulei estar caído por ti. Estavas tão desesperada por conhecer alguém, que julguei que o engolisses bem mais depressa do que engoliste. — Chegou-se mais para mim. — Divertimo-nos, não divertimos? Nem *tudo* foram mentiras. — Lancei-lhe um olhar cortante. — Olha, Evie. Tu precisas deste guião tanto como eu. Escreva o final de uma vez!

— Só se me deres crédito — disse eu.

— Claro. Se escreveres o final, nomear-te-ei como coautora — disse ele.

— Crédito total, Ezra.

— Não posso — lamuriou-se ele, os olhos implorando. — Preciso demasiado disto. Vá lá. A tua carreira foi pelo cano. Levar-te-á um *dia* no máximo. Escreve o maldito guião!

As palavras ressoaram por toda a sala e tudo aquilo subitamente me pareceu espetacularmente ridículo. Desatei a rir, baixinho a princípio, até dar comigo incapaz de parar.

— Qual é a graça?

— Tu — arquejei, agarrada aos flancos. — A gritares *comigo* para eu escrever o guião. Agora sabes qual é a sensação, finalmente.

NOB estava a olhar para mim de uma forma que sugeria que achava que finalmente me vergara.

Compus-me, ajeitando o vestido.

— Vá lá, Ezra. Está na hora de te ires embora.

— Nem pensar.

— Você ouviu-a. — Virei-me e dei com Ben junto ao reposteiro.

— Isto não tem nada que ver consigo, Papá Sensaborão. Vá para casa.

Os olhos de Ben ensombraram-se.

— Saia. Já.

— Porque se rala ele sequer? — perguntou-me NOB. — Ele não a rejeitou? No *meet-cute* — explicou a Ben.

— Ezra, para — disse eu, desesperada por o calar.

— Sabe, aquele com a peça da escola. — As suas palavras encheram a sala vedada pelo reposteiro, fazendo-a parecer sufocantemente pequena.

Ben virou-se para mim, com as sobrancelhas erguidas, perguntando silenciosamente se aquilo era verdade.

— Eu estava danada contigo — disse eu baixinho. — Escrevi-o antes...

— Antes da casa de campo, antes de me teres socorrido no Dia de São Valentim, antes de dançarmos.

— E agora faz parte do meu filme — disse NOB.

— Do *seu* filme? — disse Ben baixinho.

— Ele submeteu o que eu escrevi sobre os *meet-cutes* para o guião, mas *juro* que não fazia ideia de que era isso que ele ia fazer.

— Isso já eu ouvi. — A expressão de Ben era impenetrável quando os seus olhos se desviaram para NOB. — Então não é parte do «seu filme», é parte do filme da Evie. Você roubou-o!

Fitei-o. Ele não me censurava?

NOB limitou-se a revirar os olhos.

— Ela é uma assistente, não é? Ela *assistiu-me*. É isso que ela faz. —

Voltou ao seu espumante. — E ela realmente faz das tripas coração, se entende o que eu...

— És um autêntico *beto*. — Avancei direita a ele, mas Ben interpôs-se-me no caminho.

— Ele não vale isso, Evie.

— Tudo bem, Ben — disse eu, fulminando NOB com o olhar. — Eu dou conta dele.

NOB arreganhou um sorriso, deliciado.

— Se dá — espicçou, atirando a garrafa ao chão. Agora foi a vez de Ben avançar direito a ele.

— Vá lá, Papá Sensaborão, mostre-nos que não passa de um estupor chato!

Meti-me à força entre os dois.

— Parem!

Mas NOB dançou à minha volta e deu um empurrão a Ben no ombro.

— Não vou fazer isto consigo — disse Ben calmamente. — Saia. Já.

NOB deu-lhe outro encontrão, desta vez com mais força. Gritei um aviso quando Ben resvalou para trás na direção do monumental bolo. Ouviu-se um *baque* quando ele embateu no pedestal.

Todos os oito andares baloiçaram.

As estatuetas a beijarem-se no topo penderam ligeiramente para um lado... e imobilizaram-se.

Suspirei de alívio.

— OK, foi por pouco. Ezra, tens *mesmo* de sair.

NOB estava a lançar a Ben um olhar avaliador.

— Sabe, é verdade o que dizem das ruivas — disse, casualmente. — Só fogo. Só tenho pena de não ter chegado a descobrir se ela come alguma coisa de jeito como beija... *uuf*.

Ben fez-lhe uma placagem pelo flanco.

Oh, Deus, oh, não. NOB voou para trás, esbracejando. Estendeu uma mão para se amparar, mas a única coisa atrás dele era o bolo.

Nada pude fazer senão olhar quando o braço e ombro direitos de NOB

atravessaram em cheio o andar de baixo.

Seguiu-se um momento de perfeita imobilidade, todos nós demasiado aturdidos para reagir.

Então o bolo começou a abanar enquanto NOB tentava equilibrar-se.

— Para de te mexer! Ainda tem salvação — disse eu, desesperada. Se rodássemos o bolo, talvez conseguíssemos esconder o gigantesco rombo...

Ben estendeu a mão para ajudar NOB a levantar-se.

— Vá lá — disse.

NOB fez menção de que ia aceitar a mão — e arremessou um enorme pedaço de pão de ló para a cara de Ben.

— Certo — disse Ben calmamente, limpando creme dos olhos. Depois lançou-se para cima de NOB e ambos caíram contra o bolo, derrubando-o completamente para o chão com um audível *plof*.

Ohmeudeuscomoestáistoaacontecerohnãonãonãonão.

Levantaram-se ambos de um salto, deslizando e resvalando agarrados aos ombros um do outro, e lutaram nos escombros do que haviam sido oito andares de pão de ló.

— Por amor de Deus, parem os dois!

NOB pegou num torreão de uns trinta centímetros que antes fizera parte do castelo de *glacé* e agrediu Ben nas costas. Ben retaliou erguendo o segundo andar inteiro e deixando-o cair sobre a cabeça de NOB.

— Vocês são homens feitos!

NOB baixou-se, remexendo no bolo enquanto Ben pegava nalgumas flores de *glacé* e começava a alvejá-lo com elas. Com ambas as mãos, NOB agarrou no maior torreão de todos e virou-o contra Ben como um dardo. Ben agarrou a outra extremidade, e puxou-o para cima. Grunhindo do esforço, os homens puxaram um de cada lado até que a coisa se partiu em dois, fazendo-os a ambos cair estatelados de volta no chão todo sujo de bolo.

Algo se esmagou com força contra o meu peito.

— *Oh!*

Creme frio deslizou-me por dentro do vestido.

Isto é um total e absoluto desastre.

— Venham daí, há espaço de sobra para todos. — Uma voz de homem soou do outro lado do reposteiro. Era o DJ. *O que está ele a fazer aqui?*

— Está na altura de presenciar os novos Sr. e Sra. Johnson a cortar o bolo. E que bolo que é, gente! Rufar de tambores, por favor!

Por favor, não.

Quedámo-nos os três petrificados. Ben e NOB no chão no meio do bolo destruído, eu a olhar em pânico para eles — um quadro vivo de desespero.

Ao ouvir o reposteiro ser corrido, fechei os olhos.

Três. Dois. Um.

— Alguém me vai explicar porque é que estão dois homens no meio do meu bolo de casamento?

— Oh, não — ouvi Jeremy dizer. — Era suposto eles saltarem do topo.

— Não é altura, Jeremy — replicou Maria debilmente.

Ganhei coragem para olhar. A festa de casamento em peso olhou de volta. Não consegui olhar os meus amigos nos olhos.

Sarah segurava as estatuetas do príncipe e da princesa. Estavam partidas, separadas.

— Você — disse Sarah, toda ela gelada de fúria, brandindo a princesa contra NOB. — Saia do meu bolo e do meu casamento. — NOB parecia fazer menção de tentar exercer o seu charme sobre ela, mas pensou duas vezes. Pôs-se em pé, rapinou uma garrafa de espumante da mesa e desapareceu em passo de passeio através do reposteiro. Jeremy tirou-lhe à força a garrafa das mãos e deu-lhe uma cotovelada.

— E *você*. — Sarah apontou o príncipe para Ben. Abanou a cabeça. — Você era supostamente o bom.

— Sinto muito, Sarah — disse Ben, levantando-se de um pulo e deslizando ligeiramente, com os olhos em todo o lado menos em mim. Tentou limpar o *glacé* que o cobria da cabeça aos pés, antes de constatar que era inútil. — Eu pagarei por isto tudo. Não cobro nada pelas fotografias. Lamento.

Anette irrompeu de junto de Maria e dirigiu-se ao pai, evitando pisar os

pedaços de bolo que tinham caído dele. Estendeu a mão.

— Vamos — disse enfaticamente, revirando os olhos para a multidão como se ele fosse uma criança travessa. — É exatamente por isto que temos a regra nada-de-açúcar-antes-de-deitar.

Uma ténue risada ouviu-se na sala.

De ombros caídos, e com um último olhar apoloético para Sarah, Ben coxeou com a filha para lá do reposteiro.

Sozinha agora, encarei finalmente os meus amigos.

— Evie — disse Maria. — Como foste capaz?

— Peço desculpa — comecei. Arruinara o casamento de Sarah. *Outra vez*. Os meus amigos mereciam uma explicação. Ainda assim, não pude evitar olhar para onde Ben e Anette tinham ido.

— Rasteja mais tarde — disse-me Jeremy. — Vai ter com ele agora.

Olhei Sarah nos olhos, depois Maria. Jeremy afastou o reposteiro para trás, e, esperando que Sarah e Maria me perdoassem, brindei-o com um sorriso de gratidão e saí disparada antes que alguém pudesse dizer mais uma palavra.

Ben e Anette iam a meio do salão, direitos ao átrio.

— Ben, espera.

Ele não abrandou. Corri para os alcançar.

— Isto foi um erro — disse ele, sem se virar. — Não devíamos ter vindo. — Senti um aperto no estômago. Anette puxou-o pela mão.

— Foi tudo um erro, hoje? — perguntei.

Ben deteve-se na porta dupla, com a cabeça curvada. Anette levantou os olhos para ele.

— Eu não devia ter concordado em ser o fotógrafo de Sarah — disse ele.

— Porque não?

— Porque não. A vida fazia sentido antes de te conhecermos, Evie. Estávamos a ir mais que bem até apareceres.

— *Papá* — disse Anette.

Ele empurrou a porta. E *pronto*. Irrompi atrás deles para o átrio.

— Ainda deverias ser fotógrafo, Ben — gritei-lhe nas costas. Um

membro do pessoal atrás do balcão da receção levou um dedo aos lábios e eu baixei a voz. — Achei que fotografar este casamento te podia ajudar a voltar a fazer o que adoras. Só quis ajudar.

Ben gesticulou qualquer coisa para Anette. Ela gesticulou furiosamente de volta, mas o pai simplesmente apontou para as portas pelas quais acabáramos de sair. Ela espetou o queixo antes de voltar a entrar portas dentro, a música batucando fugazmente para o átrio antes de elas se fecharem atrás dela.

— Não se pode interferir na vida das pessoas assim, Evie.

Ele ainda se recusava a olhar para mim, pelo que me postei diante dele, de braços cruzados.

— Queres falar de interferências? Daquela luta há pouco? De tentar fazer NOB pedir desculpa? E então os balões? A despedida de solteira da Sarah? Eu não preciso que estejas sempre a salvar-me, Ben.

— Podias ter feito de mim parvo. Acaso não estivesses tão ocupada a tentar encontrar um homem com quem não tens de facto qualquer interesse em sair, talvez tivesses tempo para te focares em coisas mais importantes.

Corei furiosamente, elevando a voz.

— O que é que te incomoda assim tanto nestes *meet-cutes*, Ben? Pelo menos eu estou a fazer alguma coisa da minha vida. Tu não sais da cepa torta. Indo ao Gil's religiosamente aos domingos. Dizendo a ti próprio que já não és fotógrafo quando tão claramente és. E sabes que mais? És um cobarde, Ben. Não estás disposto a correr um risco em algo que amas, mesmo quando está à frente do teu nariz.

Vi o rápido subir e descer do peito de Ben e ele deu um passo direito a mim.

— Algo que eu amo? — perguntou baixinho.

— Sim — repliquei eu, atrapalhada.

— Evie? — Era Maria, a raiva suavizando-se-lhe no rosto ao ver-nos ali juntos.

Anette vinha atrás dela, arrastando um saco.

— Trouxe o teu equipamento, papá. — Como Ben não respondesse, ela

fez o sinal de «OK». Ele recompôs-se e foi ter com ela, pegando no saco e dando-lhe a mão.

Chegaram à porta principal e, só por um momento, Ben hesitou, como se fosse dizer alguma coisa, antes de a empurrar e sair noite dentro.

Senti uma mão cálida no meu braço.

Maria. Mas não conseguia encará-la nesse momento.

— Volta lá para dentro — disse ela.

— Não posso. Lamento ter-te mentido. Lamento ter arruinado tudo. — Enxuguei os olhos e recuei. — Aproveita o resto da noite. Adoro-te. Por favor, diz a todos... Se eles perguntarem, diz a todos que lamento.

JEMS

INT: QUARTO DE INFÂNCIA DE EVIE — DOMINGO, 17 DE FEVEREIRO, 19H23

EVIE está afundada no edredão numa pequena cama de solteiro, a trabalhar no portátil. Está rodeada de lenços de papel. Sempre a controlar o telemóvel, e pousando-o de volta. Ouve-se bater à porta e a mãe de EVIE entra, segurando um tabuleiro com um bule de chá e umas torradas com compota.

Lancei à minha mãe um sorriso lacrimoso quando ela entrou, mas mantive os olhos inchados no ecrã de modo a poder acabar o pedido da carrinha de mudanças. Já participara a Jane que me ia mudar no fim do mês. Ela oferecera-se para me deixar pagar a renda do próximo mês assim que arranjasse um novo emprego, mas eu já não estava certa do que queria. *Bem-vinda ao fundo do poço, Evie.*

A minha mãe pousou o tabuleiro sobre a minha velha mesa de cabeceira.

— Trouxe-te qualquer coisa para comer — disse. — E chá. — Serviu-nos às duas, depois pousou-me o prato no colo e estendeu-me a chávena, forçando-me a sentar-me direita. — Acho que devias tentar falar com os teus amigos — disse ela.

Suspirei, trincando a torrada. O meu estômago roncou e constatei que era a primeira coisa que comia em todo o dia. Devorei a torrada inteira.

— Eles não falam comigo. Mamã, arruinei o casamento da Sarah, e menti-lhes a respeito do NOB. — Contara tudo à minha mãe, e tive praticamente de lhe confiscar o passe de autocarro para a impedir de ir à procura dele. — A Sarah mal me perdoou pela despedida de solteira. Jamais me perdoarão por isto. Eu não o mereço.

— Tens mesmo a certeza? — perguntou a minha mãe, eterna otimista.

Afadigou-se a tirar as minhas calças de ganga e camisola de malha da mala e a dispô-las em cima da cama. Como se isso de alguma forma me encorajasse a despir o pijama.

Fora o primeiro dia desde que me mudara para Londres que o grupo de mensagens JEMS se mantivera em silêncio.

— Tenho — disse eu, partindo a segunda torrada ao meio. A minha mãe pôs um soutien e a minha escova no pequeno monte em cima da cama, olhou de relance para mim, e acrescentou desodorizante e uma escova de dentes.

— Acho mesmo que devias pelo menos tentar falar com eles. Afinal de contas, seria má educação deixá-los à espera.

Levei uns segundos a registar o que ela acabara de dizer.

— O quê? — perguntei.

— Especialmente quando todos eles fizeram um esforço e tanto para aqui virem — disse a minha mãe.

Levantei-me atabalhoadamente, pegando nas roupas.

— Mamã!

Entrei na sala e dei com os meus amigos todos espremidos no confortável sofá de dois lugares da minha mãe, com chávenas de chá nas mãos.

— Olá — disse eu, esboçando um sorriso. Sarah estava ao meio, de alguma forma retendo o brilho de noiva numa camisa elegante e calças de ganga coçadas. Jeremy assentiu para mim. Não consegui decifrar a expressão de Maria.

— Evie — disse Jeremy formalmente. — Entra. Temos todos algo a dizer-te. Não levará muito tempo.

— Porque eu amanhã tenho um voo cedo — disse Sarah.

Arrastei-me lá para dentro, o pavor revolvendo-me o estômago. Podia ouvir a minha mãe na cozinha, fazendo uma barulheira para indicar que nos estava a dar privacidade, mas não tanta que não conseguisse escutar. Perscrutei o rosto de Maria à procura de pistas de como a conversa iria correr. Como ninguém falasse, apressei-me a preencher o silêncio.

— Eu sei que tenho sido horrível — disse. — Deveria ter-vos contado do NOB. Nunca deveria ter deixado as coisas irem tão longe ontem. Sarah, Maria, Jeremy, sinto muito.

— Tens sido uma amiga terrível — disse Sarah sem rodeios. — Destruíste o meu bolo. Tivemos de mandar vir uma dúzia de bolos Victoria do Tesco. A irmã do Jim tirou o resto das fotografias do meu casamento. Mas o que é pior — disse ela, a voz suavizando-se — é que eu queria a minha *melhor amiga* no meu casamento, Evie. Foste-te *embora*.

— Sinto muito, Sarah — disse eu, chocada comigo mesma. — Tenho sido horrível. Totalmente negligente. Não estive lá para ti.

— Há meses que não estás lá — disse Maria.

— Completamente absorvida em ti — acrescentou Jeremy.

— E *mentiste*-nos — terminou Maria.

— Eu sei — disse eu, desolada com a dor nas expressões deles. — Não voltarei a fazê-lo. E juro que não aconteceu mesmo nada com o NOB. Maria, tu viste aquela fotografia minha na passadeira vermelha. Isso basicamente dizia tudo.

— Todos vimos a fotografia — assegurou-me Jeremy.

— Eu deveria ter-vos contado a verdade. Mas já sabia o que iriam dizer. E teriam tido razão. Estava tudo acabado antes do casamento da Sarah, juro. Não fazia ideia de que ele fosse aparecer ontem. Nunca deveria ter falado com ele. Deveria tê-lo obrigado a sair imediatamente. — Olhei para cada um dos meus amigos à vez. — Bem sei que não mereço, mas... acham que alguma vez me irão perdoar?

Abracei-me com força a mim própria, preparando-me para o que eles diriam. Eles eram a minha família. Não sabia o que faria sem eles.

— É claro que não — disse Sarah, e eu lutei contra as lágrimas, com a garganta a arder. Arruinara tudo; sem volta a dar.

Jeremy deu-lhe uma cotovelada.

— Estávamos todos prontos para estipular termos. O tratamento do silêncio. Bebidas por tua conta durante um ano. Tudo e mais alguma coisa — disse ele. Esboçou um minúsculo sorriso. — Fizemos uma lista.

— Até que a tua mãe nos contactou — disse Maria.

— Ela explicou-nos tudo. Sabemos o que aquele pito te fez com o guião — disse Jeremy. Olhou para Sarah. — A propósito, é o que eu chamo àquela coisa que me fizeste usar durante o casamento.

— Sabemos igualmente que deixaste o teu emprego — disse Sarah, ignorando-o. — E que vens viver com a tua mãe. — Franziu o nariz. — Dificultaste-nos as coisas... é-nos difícil guardar-te rancor.

Fitei-os a todos, mal ousando acreditar naquilo.

— Isso significa...

— Chega aqui — ordenou Jeremy. Ele e Maria levantaram-se. Ela estendeu os braços, com os olhos brilhantes.

Fez-se uma pausa.

— Muito bem — disse Sarah, levantando-se também. — Mas vais pagar por aquele bolo.

Dei comigo no centro de um abraço de que estava a precisar há muito tempo.

— Oh, pá... — disse, com a boca enterrada no cabelo de alguém. — Deixaram-me mesmo aterrorizada por um minuto.

— Nós sabemos — disse Jeremy.

Puxaram-me para o pequeno sofá para o meio deles.

— Obrigada por estarem aqui para mim. *Outra vez* — disse. — Bem sei que é culpa minha por vos esconder coisas, mas mesmo estando sempre a ver-vos, senti realmente a vossa falta.

— Evie Doris Summers — disse Maria num tom que não admitia qualquer argumento. — É claro que estamos aqui. Tu paras o mundo quando os teus amigos precisam de ti.

As lágrimas que eu viera reprimindo começaram a correr. Estivera tão focada no que queria, que não estivera lá para eles. E ali estavam eles, quando eu mais precisava.

— As coisas que eu diria àquele homem se alguma vez tornasse a vê-lo — espumou Maria, o seu olhar distanciando-se. — Achar que pode simplesmente roubar o teu guião e passá-lo como seu. Um arrogante! E um

perfeito *cretino*.

— Ele é pior do que isso — disse Sarah. — É só mais um homem a quem é permitido tomar o crédito pelo trabalho de uma mulher como se nada fosse. E não é de todo *nada*. — Olhou para mim. — Portanto, o que vamos nós fazer em relação a isso?

— Não sei ainda — confessei. — Disse-lhe e ao Monty que mereço o crédito, e ambos recusaram.

— Talvez — disse Sarah, com uma voz incarateristicamente gentil — a decisão não devesse ser deles.

— Seja o que for que decidires fazer — disse-me Maria, pegando-me na mão —, estamos muito orgulhosos de ti. Estás a escrever de novo, e isso não podem aqueles sacristas tirar-te.

Ri, passando a manga pelos olhos.

— Não tenciono deixá-los fazê-lo.

Jeremy levou a mão a um saco de lona junto ao sofá.

— Tínhamos ainda outra razão para estar aqui. — Pôs qualquer coisa em cima da mesa.

A máquina fotográfica de Anette.

— Temos de te mostrar uma coisa — disse Maria.

Sarah ligou a máquina e abriu um vídeo. Anette ganhou nitidez. Usava o vestido vermelho e branco do casamento e olhava por cima do ombro. Podia ouvir a minha voz e a de Ben elevadas de raiva através das portas atrás dela.

— Olá, Evie, espero que dês com isto — disse ela, aproximando-se da lente; a voz, abafada. — Tenho de ser rápida, mas queria dizer-te uma coisa. É sobre o meu pai, Benjamin Michael Williams. — Ela enunciou o seu nome completo. Jeremy sacou do seu telemóvel. — E é isto. O que se passa é que dantes éramos três, e o mundo inteiro era nosso. Depois aconteceu uma coisa má e passámos a ser só nós dois. A coisa má assustou-o. Ele não quis que voltasse a acontecer, por isso deixámos de ter aventuras. Isto mantinha a sua fantástica filha a salvo, mas, ao fim de algum tempo, ele esqueceu-se de que viver é uma aventura terrivelmente grande. — Apontou

um pequeno dedo para a câmara. — Que és tu, Evie. Tu és a aventura. — Olhou rapidamente à sua volta. Ouvia-se claramente a minha voz a gritar «És um covarde, Ben». — Enrubesci. Jeremy ergueu uma sobrancelha. — Oh-oh... Tenho de ir. Lembra-te: Benjamin Michael Williams. — O ecrã ficou escuro.

Fiquei sentada a fitá-lo por um momento. Maria rodeou-me com o braço, dando-me um instante para processar tudo.

— Queres procurá-lo? — disse Jeremy. — A Maria fez-nos esperar que tu decidisses.

Queria? Se calhar nunca mais veria Ben outra vez. *Então porque é que eu ainda quero saber?* Assenti. Jeremy mostrou-me o seu telemóvel, e agrupámo-nos todos à volta.

Ele já encontrara um site para *Benjamin Michael Williams Fotografia*. Havia mais daquelas brilhantes imagens de fazer parar o coração que eu vira antes.

— Ele é um artista exposto em galerias de todo o mundo. Olha para os preços destas coisas! — disse Jeremy. As minhas amigas tiraram-me do caminho para poderem olhar, curiosas. — Evie. — O tom dele era reverencial. — O teu rapaz é rico.

Olharam todos para mim.

— Ele não é o meu rapaz — disse eu. — Estou a falar a sério!

— Oh, céus! Não posso crer! — exclamou Sarah. Olhámos todos para ela. — *O Benjamin Michael Williams tirou as fotografias do meu casamento!*

— Tu não sabias quem ele era até há um minuto — disse Jeremy.

— Mesmo assim. — Sarah empertigou-se. Pousou uma mão na minha perna. — Evie, um dia, talvez te perdoe até por teres destruído o meu bolo — disse generosamente.

— Obrigada, Sarah.

Jeremy ainda remexia no telemóvel quando se ficou muito quieto.

— Há aqui alguns artigos — disse, num tom sério.

— O que é?

— São sobre a mulher dele.

— Quero ver — disse-lhe. De alguma forma, tinha a sensação de que Anette o queria também.

Ele passou-me o telemóvel. «Tragédia nos Alpes.» O artigo datava de há pouco mais de três anos. À medida que lia, as peças finais do quebra-cabeças de Ben encaixaram-se no lugar. Chloe e Anette tinham viajado com ele para uma sessão de trabalho. Ben estivera lá em cima nas montanhas no dia em que aconteceu, e Chloe e Anette tinham ficado para trás na aldeia em que a equipa estava alojada. Ele tardara em regressar, e Chloe e Anette tinham ido jantar qualquer coisa. Não fora culpa de ninguém. Estavam a atravessar uma rua e um *Jeep* deslizou direito a elas, os travões inúteis no gelo. Testemunhas disseram que Chloe lograra pôr Anette a salvo antes de o carro a atingir. Morreu ali mesmo na rua. Ben apenas ficou a saber da tragédia horas mais tarde.

O meu pai morrera a caminho de ir ver uma das minhas curtas-metragens. Não fora culpa minha, sabia-o agora, no entanto, fora uma das razões por que parara de escrever. Chloe morrera enquanto Ben tirava fotografias. Fora por isso que ele parara de fotografar. Até eu o ter impellido a recomeçar.

— Eu chamei-lhe cobarde — disse, entorpecida. Jeremy capturou gentilmente o telemóvel dos meus dedos trémulos. — Eu disse-lhe coisas mesmo horríveis. Coisas imperdoáveis. — Os meus amigos apertaram-me todos com força.

— Disseste. Mas tinhas boa intenção — disse Sarah.

— Obrigada, Sarah. — Eu sabia que ela também tinha boa intenção.

— O que vais fazer? — perguntou Maria.

— Como posso eu esperar que ele me perdoe?

— Sabes o que eu sinto relativamente ao amor. — Jeremy desembaraçou-se da teia. — Podes guardar todas as flores e as caixas de chocolates em forma de coração. Quando um homem aparece para te desentupir a retrete, *isso é romance*.

— O que queres dizer? — funguei.

— Pode ser que ele te surpreenda.

Depois de os meus amigos terem saído, enrosquei-me no sofá da minha mãe com a máquina fotográfica de Anette. Liguei-a de novo, curiosa quanto às fotografias que ela tirara no casamento, interrogando-me se haveria alguma de mim e Ben antes de tudo ter corrido tão horivelmente mal.

Devo ter clicado de volta para o início do cartão de memória porque a fotografia que apareceu já tinha alguns anos. Era de Anette, Chloe e Ben, todos a sorrirem para a câmara. O cabelo de Chloe era mais claro do que o de Anette, mas o sorriso era igual. Pareciam tão felizes, tão inconscientes de que a sua pequena família estava na iminência de mudar.

Estavam sentados no Gil's.

Senti as mãos demasiado borrachudas para continuar a segurar a máquina.

A minha mãe espreitou para dentro da sala.

— É demasiado cedo para bolo?

— Sim — disse eu.

Ela deu-me um prato com um pequeno *brownie* e afundou-se no sofá ao meu lado. Levantou o braço para eu me poder aninhar nela.

Olhámos ambas para a fotografia.

— Que linda família — disse ela.

— Eu fui tão horrível para ele — disse eu. — Disse-lhe que não saía da cepa torta. Nem sequer era isso que queria dizer, não realmente. Adoro os nossos pequenos-almoços no Gil's. Porque disse eu aquilo?

Ela pegou no meu *brownie* e deu-lhe uma dentada.

— Às vezes, quando se teve um trauma, tenta-se controlar tudo o que se pode para evitar que se repita.

— A mãe não o fez — disse eu. O sofá estava coberto com uma manta que ela fizera. Havia um teclado ao longo da parede de trás para ela poder praticar para as suas aulas. O *brownie* era da sua última aula de culinária. Desde que eu me lembrava, a minha mãe estava sempre a experimentar coisas novas, sempre em movimento, jamais ficando parada.

— Fiz, de certo modo — disse ela. — Fiz tudo o que pude para me assegurar de que qualquer mudança que acontecesse na minha vida depois de o teu pai morrer se devesse a mim, e só a mim. Isso ajudou, mas levei igualmente muito tempo a aceitar o facto de que haverá sempre coisas que estão fora do meu controlo. Temos de aprender a acolher isso de braços abertos.

Pensei na minha vida antes do meu acordo com NOB; em quanto tempo dedicara ao trabalho, a um emprego que adorava e do qual me ressentia em igual medida. Em como ainda tinha os mesmos amigos, que adorava, mas que não tentara fazer novos em Londres. Em como correria menos riscos no amor depois de Ricky. Em como parara de escrever depois de Monty me ter dito que eu não tinha aquilo que é preciso.

— Depois do pai, eu escolhi a via do Ben, não escolhi?

— Oh, meu amor. Todos fazemos o que temos de fazer para superar as coisas. Mas eu tinha esperança de que um dia te tornasses mais aberta à vida de novo. Eu só quero que sejas feliz, e sinto que nestes últimos meses tens sido mais feliz do que não te via ser há muito tempo. A mudança pode ser uma coisa muito boa.

Ofereceu-me o resto do *brownie* e eu aceitei-o.

— Mesmo assim, quem me dera poder mudar o que disse ao Ben ontem — confessei. — Mas não posso deixar de acreditar que ele precisa mesmo de começar a correr riscos de novo. Acha que ele alguma vez conseguirá aprender a fazê-lo?

— Quem sabe? — disse a minha mãe. — Se calhar já o fez.

Maria: já decidiste o que vais fazer quanto ao teu guião?

Evie: já. Acabou por ser uma decisão fácil

Jeremy: e ao Viúvo Jeitoso?

Evie: também

Maria: tu consegues

Evie: eu sei. Mas saber que estão aí todos para mim ajuda. Vocês fazem-me sentir muito afortunada

Sarah: que querida, mas ainda vais pagar pelo meu bolo

O Final

INT: SALA DA ADMINISTRAÇÃO, INTREPID PRODUCTIONS —
SEGUNDA-FEIRA, 18 DE FEVEREIRO, 12H00

MONTY, NOB e SAM-E-MAX estão sentados na extremidade de uma longa mesa. As paredes são todas de vidro e pode ver-se a sala contígua, onde há cadeiras redondas coloridas, pessoas a jogar matraquilhos e uma máquina de margaritas. Todos têm uma cópia do guião. MONTY parece confiante. NOB usa óculos escuros. A porta abre-se, e EVIE entra.

— ... só um pequeno polimento, é tudo, mas acho que podemos todos concordar que esta versão é mais que aceitável... — Ao ver-me, Monty calou-se. Esforçou-se por voltar ao seu sorriso descontraído do costume, embora os seus olhos parecessem disparar pregos, trespassando-me através da mesa. Pude ver que estava a tentar desesperadamente perceber o que fazia eu ali.

NOB inclinou o queixo para baixo, baixando os óculos para olhar para mim como se não pudesse crer na minha lata. Sustive-lhe o olhar, desafiando-o a dizer alguma coisa. Em vez disso, ele pôs os óculos de volta no lugar e recostou-se na cadeira, fitando o teto. Não fazia a barba há alguns dias e usava boné — de marca, mas ainda assim muito impróprio de NOB.

Sam-e-Max, por outro lado, eram todos sorrisos ao darem-me as boas-vindas e acenarem-me para que me sentasse.

— Queria alguma coisa, Evelyn? — perguntou Monty, como que ligeiramente embaraçado por mim.

— Ela está aqui para discutir o final — disse um dos produtores, recostando-se na cadeira, com os dedos entrelaçados sobre o peito. — Ela enviou-nos um email ontem a dizer que tinha uma solução, que já discutiu

consigo. Somos todos ouvidos.

A expressão no rosto de Monty era de puro alívio. *Recuperou o juízo*, dizia.

— Na verdade — disse eu, o coração martelando-me, mas determinado —, estou aqui para discutir o guião inteiro.

O alívio tremulou entre pânico e incerteza antes que a calma profissional prevalecesse. — Receio que isto seja culpa minha — disse Monty melifluamente. — Eu atribuí-lhe algumas responsabilidades extra e isso subiu-lhe à cabeça. Evelyn, isto já não é da sua conta. Este tipo de comportamento é exatamente a razão pela qual tive de a dispensar.

— Já não trabalha na agência? — perguntou um dos produtores, focando-se em mim.

— Eu...

— Ela foi despedida — disse Monty, cortando-me a palavra.

Sam-e-Max entreolharam-se. Um deles uniu as pontas dos dedos sobre a mesa.

— Então acho que estamos todos a perguntar-nos porque está aqui.

Monty pareceu sombriamente satisfeito ao fitar-me através da mesa. — Porque perdemos tempo? Chamemos a segurança já.

Levantei-me. Era agora ou nunca.

— Eu estou aqui porque este guião é meu — disse, pegando numa cópia. A calma na minha voz surpreendeu-me. — Fui eu que o escrevi. E deveria ter o meu nome nele.

O meu antigo patrão ficou ligeiramente arroxeadado.

— Chamem a segurança! Faço-o eu, sim? — Foi a passos largos até à porta e abriu-a de rompante.

— Espere.

Monty olhou freneticamente à volta para ver quem falara. Fora NOB. Estava de pé, com os óculos escuros nas mãos.

— Ela está a dizer a verdade.

O quê? NOB parecia prestes a vomitar, mas permaneceu de pé.

— Não seja tão modesto, Ezra — disse Monty, num tom meio

esganiçado. — Talvez esteja na altura de fazer uma pausa. Todos os grandes nomes as fazem, não é nada de que ter vergonha. A começar desde já.

— Esse guião é da Evie. Quando muito, eu prestei assistência. — Logrou esboçar um sorriso; pareceu dolorosamente cru. — E não particularmente bem.

Sam-e-Max estavam de cenho franzido. Entreolharam-se, comunicando em silêncio.

— Ele está cansado. O prazo final foi uma carga e tanto. Não sabe o que diz — disse Monty, meio apoiado à porta. — Isso — disse, apontando para as páginas nas minhas mãos — tem o nome de um vencedor de um Óscar, tal como vocês queriam, não o de uma mera *assistente*. — Mirou os produtores. — Não é isso que importa aqui?

— Se precisam de provas — disse eu —, posso dizer-vos como deveria ter acabado.

— Segurança! — gritou Monty para o fundo do corredor.

— Sente-se, seu velho tolo — atirou NOB bruscamente. — O guião é da Evie, e você sabe disso. Foi ela que o escreveu. — Dirigiu-se aos produtores. — Todo o calor que adoraram? As personagens? A *frescura de voz* de que queriam mais e mais? É tudo da Evie. Podiam ter-me dado mais três anos que eu não conseguiria ter feito nada com metade da qualidade do que ela fez em três meses. Está-lhe na massa do sangue. Só que um cretino qualquer roubou-lhe as palavras e ela deixou de acreditar nela própria.

— Ela fez claramente o seu trabalho demasiado bem — tentou Monty, recusando-se a ceder. — Quer fazer-vos crer que ela é que fez o trabalho a sério. Pergunto-vos, pode alguém realmente quantificar a ajuda que os escritores recebem?

— Eu tenho todos os emails dela, Monts — disse-lhe NOB. Voltou-se para os produtores. — Enviar-vos-ei tudo o que ela me enviou. Descobrirão que eu basicamente plagiei o que ela escreveu palavra por palavra. E devolverei o dinheiro, também. Estava na altura de reduzir despesas de qualquer maneira. — Por fim, olhou para mim. — Valha o que valer, Evie, peço desculpa.

A sua honestidade não compensava totalmente o que ele fizera, mas assenti para ele.

NOB simulou o gesto de largar um microfone, deslizou os óculos para o lugar e saiu.

Os olhos de Monty estavam pregados nas costas do seu cliente que batia em retirada, de rosto cabisbaixo. Sam olhou Max nos olhos e tamborilou com os dedos na mesa, e, após uma pesada pausa, Max assentiu.

— O final — disse Sam para mim. — No que estava a pensar?

— Evie — disse Max, dando-me as boas-vindas de volta à sala. Depois de eu ter enunciado uma versão do guião em que a assistente tinha o seu final feliz, tinham-me dispensado para poderem discutir as suas opções. A expressão animada no rosto de Monty era desconcertante.

— Nós não escolhemos os nossos parceiros de ânimo leve — começou Sam. — Queríamos o nome de Ezra Chester no próximo projeto da Intrepid Productions.

Assenti. Era o que eu esperava.

— Mas estamos sempre a voltar ao facto de que adoramos este guião.

A esperança desfraldou-se no meu peito, quase dolorosa de tão intensa.

— E de que iniciámos este negócio correndo riscos — disse Max. — Escolhemos o nome Intrepid por alguma razão.

Sorriram para mim.

Sam estendeu a mão para que eu a apertasse.

— Bem-vinda à Intrepid, Evie. Temos a certeza de que a notícia que vamos lançar um brilhante e novo talento feminino para a nossa comédia romântica será acolhida com alívio.

Eu mal conseguia respirar. Num instante, aquele monte de papéis na mesa tornou-se um futuro que eu não ousara imaginar. E havia uma pessoa com quem eu queria partilhar a novidade acima de tudo. Infelizmente, ao contrário da assistente do guião, eu apercebera-me dos meus sentimentos demasiado tarde.

Monty assentia furiosamente.

— Que melhor publicidade poderíamos pedir do que «a assistente escreveu o filme»? É uma verdadeira história de Cinderela.

— Vamos ter de falar com o seu agente.

— Eu sempre soube que ela tinha aquilo que é preciso. Fui eu que a descobri, sabem? Não precisam pedir-me segunda vez. — Monty riu-se, acenando com a mão. — Sim, Evelyn, eu representá-la-ei. E, na William Jonathan Montgomery e Filhos, será a nossa cliente número um. Tratamento de estrela.

— Obrigada — disse eu aos produtores, a palavra detendo tanto peso que quase me curvei. — Mas eu represento-me a mim própria.

— Seguramente não fala a sério, Evelyn — afobou-se Monty. — Isto é o que você sempre quis. Lembro-me do que disse há tantos anos. Que eu sou o seu agente de sonho. Não pode dizer que não a isso.

Olhei para ele.

— Talvez tenha sido um pouco precipitada na altura — disse.

Ao ouvir isto, Monty finalmente deixou-se cair na cadeira, derrotado.

Evie: malta... adivinhem quem vai ser finalmente agente. Embora só tenha um cliente

Sarah: perdi-me. Pensei que já podíamos todos deixar de fingir que não queres ser guionista?

Maria: diz-me que conseguiste!! Aljsdkajdklajs!!

Jeremy: vá lá, Evie, o suspense está a matar a Maria

Evie: consegui! O meu nome vai aparecer no guião. Sou uma escritora!

Maria: aí está a nossa menina

Jeremy: 🍷

Sarah: FINALMENTE

Evie: há só mais uma coisa que tenho de fazer

Gil's, Cena ~~Um~~ Dois Três

INT: GIL'S — DOMINGO, 10 DE MARÇO, 10H00

EVIE entra no café, os olhos indo direitinhos à mesa do costume. Estão lá sentados estranhos. Ela morde o lábio e dirige-se ao balcão. XAN está a servir.

Pus-me na fila, ocasionalmente olhando à volta por reflexo à procura de duas caras familiares. Há três domingos seguidos que não havia sinal deles. Eles costumavam aparecer durante a semana uma vez ou outra, contou-me Xan, mas recentemente não os vira de todo. Todavia, eu estivera ali todos os fins de semana, com chocolates quentes, à espera. À cautela.

Tu não sais da cepa torta. Indo ao Gil's religiosamente aos domingos.

Ben não respondera a nenhuma das minhas mensagens, pelo que tentara ligar, só para ouvir uma mensagem automática «Este número está de momento indisponível». O que provavelmente significava que todas as minhas mensagens tinham ido parar ao vazio.

Estava na altura de aceitar que Ben e Anette já ali não iam.

— Três chocolates quentes? — perguntou-me Xan.

— Por acaso — disse eu —, hoje é só um cappuccino para levar.

Fui esperar para o fim do balcão, tentando dissipar a tristeza que me cobrira como um manto de neve. Tinha tanto com que me alegrar. As últimas semanas tinham sido um redemoinho completo. Assinara contrato com a Intrepid Productions (após umas sólidas rondas de negociações, claro). Eles tinham dado ao guião ordem de avançar. Polira-o até brilhar, tal como vinha fazendo há anos na agência, e depois de acabar, finalmente admiti a mim própria porque fora a edição a melhor parte do meu antigo emprego. Tinha sido o mais perto de escrever a que eu alguma vez pensara chegar. Teria saudades dos escritores, mas sair da agência fora como expirar ar que não me dera conta de suster.

O dinheiro que eu negociara pelo guião era suficientemente bom para, se quisesse, comprar um lugar qualquer para viver. Pagara a Jane até ao fim do mês, mas agora tinha opções. O meu futuro estava aberto de par em par; tudo o que precisava de fazer era dar o primeiro passo. Afinal de contas, os escritores podem estar sediados em qualquer lado. Até em Sheffield. Podia ir para casa.

E, no entanto, até à data, não fora. A única coisa que fizera fora comprar à minha mãe um cão, a que, em honra de *Ziggy* (isto é, a melhor parte de NOB), ela dera o nome de *David*.

— O seu cappuccino, Evie — chamou Xan. Fez deslizar o copo de viagem ao longo do balcão.

— Xan, isto está vazio.

— Está? — disse Xan, arregalando os olhos.

Frustrada, tirei a tampa para lhe mostrar. Havia uma coisa enroscada lá dentro. Puxei-a para fora.

Era um bilhete para uma projeção de *Parque de Tijoleira* no Cinema Príncipe Carlos no Soho ao meio-dia.

O Meet-Cute

EXT: CINEMA PRÍNCIPE CARLOS, SOHO — DOMINGO, 10 DE MARÇO, 12H00

EVIE levanta os olhos para o grande letreiro branco acima das portas de vidro. Diz «Parque de tijoleira — esgotado». Ela franze o sobrolho, depois entra no átrio e dirige-se ao balcão. Quando mostra o seu bilhete, os empregados dão-se mútuas cotoveladas e sorriem, alguns pondo-se em bicos de pés para a ver. Um deles pede-lhe que o siga.

Desci as escadas atrás do rapaz, perguntando-me se teria imaginado as reações à minha chegada. Talvez a equipa dali, como eu, estivesse curiosa quanto a outros fãs de Dorothy Taylor. Éramos criminosamente poucos. Eu ficara perplexa mas tocada quando Xan me dera o bilhete, tentando lembrar-me de quando fora que lhe mencionara o filme.

— Eu sei que vocês adoram os clássicos de culto — disse, estendendo o meu bilhete. — Mas ninguém nunca ouviu falar deste filme. *Nin-guém*.

— Ficaria surpreendida. — O rapaz abriu-me as portas para a sala. — Venha por aqui.

Todos os lugares estavam vazios.

— Não está esgotado? — perguntei.

— Sim — disse o rapaz, fechando as portas atrás de mim.

Tomei o meu lugar, escolhendo mesmo o meio da sala, isto é, o melhor ponto para ver e ouvir. Embora fosse a primeira a chegar, as luzes apagaram-se imediatamente. Desejei ter tido a presença de espírito de comprar pipocas.

Levei uns quantos segundos a registar a imagem que apareceu no ecrã.

Era eu.

Mas. Que. Diabo?

Olhei à minha volta, mas continuava sozinha.

A fotografia fora tirada no Gil's. Eu estava no meu portátil, perdida em fosse o que fosse que estava a escrever.

Alguém se interpôs diante do ecrã.

— Olá — disse Ben.

— Olá — respondi eu, o coração doendo-me docemente ao vê-lo.

O seu cabelo denso e escuro estava ondulado e solto. Usava t-shirt por baixo do blusão. Sem camisa.

— O que é isto, Ben?

— Eu precisava de te dizer uma coisa.

— Tenho ido ao Gil's. Podias ter falado comigo lá. Só que não te tenho visto por lá — disse eu.

— Tenho estado a trabalhar — disse Ben. — Requer que viaje um pouco mais do que o meu antigo emprego.

— Enviei-te mensagens.

— Eu sei. Acontece que o Marc ainda prefere sessões onde a rede é quase nula.

— Tu... — Fiz uma pausa, constatando exatamente o que aquilo significava. — Tu arriscaste.

Ele sorriu.

— Alguém me disse que eu não saía da cepa torta. Pelos vistos ser atacado aos gritos por uma dama de honor depois de arruinar o casamento da sua amiga era exatamente o que eu precisava.

— Porque estamos aqui, Ben? — perguntei, levantando-me e começando a avançar ao longo das cadeiras.

— Achei que seria melhor ao vivo.

— O quê?

— Dizer-te o que realmente sinto por ti.

Parei junto aos degraus.

— Mas eu sei o que sentes — disse eu. — Deixaste-o perfeitamente claro quando julgaste que eu te tinha obrigado a fazer parte de um *meet-cute*.

— Eu fui um idiota — disse ele. — Quando me disseste que os fazias para um trabalho, que não tinha de ser a sério... tive medo de que, se eu fosse simplesmente mais um *meet-cute*, talvez não fosse tão real para ti como para mim.

Fora *por isso* que Ben não quisera estar envolvido nos meus *meet-cutes*?

— É real para ti?

— Arrasadoramente — disse ele.

O coração pulsava-me na garganta quando subi os degraus, um de cada vez.

— E tudo o que disseste no casamento? — insisti.

— Agi como um palerma. Acabara de destruir o bolo de casamento da tua amiga e dissera umas coisas estúpidas. Tais como... como a vida fazia sentido antes de te conhecer. A verdade é que as coisas não eram tão claras para mim desde há muito tempo. Desculpa, Evie. — De todas aquelas vezes em que desejara poder alterar o que lhe dissera, nunca pensara que ele tivesse querido dizer-me algo diferente também. — Depois do meu comportamento, a Anette ficou com a impressão de que se calhar tu precisavas de ser convencida. Ela sugeriu um discurso. Eu sempre fui melhor com imagens. — Apontou para o ecrã.

Outra fotografia surgiu no ecrã, e fiquei imóvel. Era de Anette e Ben, deitando as línguas de fora nas minhas costas enquanto eu escrevia no meu portátil, alheia a tudo. A seguinte era de mim e Ben. Eu a olhar para algo no café, e Ben... Ben a olhar em cheio para mim. Na seguinte eu estou a levantar as asas da Union Jack dizendo que sei como as arranjar — e o rosto de Ben transborda de maravilhamento.

Estas eram todas as fotografias que Anette nos tirara ao longo dos últimos três meses. Todas, exceto aquela em que eu estava sob o candeeiro de rua, com o meu guarda-chuva vermelho aberto à chuva. A que Ben tirara. Não estava a fazer pose. O meu cabelo estava a encaracolar todo. E eu estava linda.

A última fotografia era do casamento. Ben e eu, a dançar. O meu rosto estava inclinado para olhar para ele. Ele cingia-me contra si. O canto da sua

boca erguia-se num sorriso contrafeito ante fosse o que fosse que eu dizia, como se estivéssemos só ele e eu na sala.

A expressão nos olhos de Ben era quase como...

— De acordo com uma certa metediça de 7 anos — disse Ben —, eu não podia simplesmente dizer-te que te amo.

Tirei os olhos da fotografia.

— Tu... o quê?

— Eu amo-te — disse ele simplesmente. Ben *amava-me*? — A forma como te dás com a Anette. A tua doçura. A tua teimosia. A tua amabilidade. A tua paixão. O teu cabelo... *Especialmente* o teu cabelo. A tua disposição para fazer de ti própria um espetáculo público. — O mesmo sorriso outra vez. Aquele que parecia que ele estava apenas presente pela metade, mas que para um conhecedor dos sorrisos de Ben, era tudo. — Pela tua coragem. Amo-te, Evie Summers.

Ben *amava-me*.

Havia algo em vê-lo ali exposto no grande ecrã que o tornava mais difícil de negar.

— Achei, depois de tudo, que merecias o teu próprio *meet-cute*.

Ele lembrara-se. Há quanto tempo fora que eu lhe descrevera este momento? O cinema. O filme. Só nunca imaginara que a outra única pessoa no cinema fosse ele.

— Reservaste o cinema inteiro.

— Ouvi dizer que as comédias românticas requerem gestos grandiosos — disse ele.

O meu pé pisou o último degrau.

— Deixa-me esclarecer bem isto, Ben. Depois de meses a evitar ser um dos meus *meet-cutes*, tu criaste um só teu?

— Criei.

Comecei a atravessar a tapete, direita a ele.

— E embora ainda não saibas se é real para mim, aí estás tu, disposto a dizeres-me que me amas?

— Decidi correr outro risco.

Transpus a distância que nos separava.

— Então deverias saber — disse, levantando os olhos para ele. Vi-o sustar a respiração. — Que realmente compensou.

— Evie — disse Ben gravemente. — Gostava de te beijar agora.

— Já alguma vez te disseram — ri — que falas demais?

Ele levou-me a mão à face, colocando-me a outra na base das costas, e puxou-me para si.

— Melhor?

Olhei aqueles olhos castanhos velados, plenos de luz, e calor, e *amor*. Tão seguros de mim quanto eu estava dele. Depois entreguei-me à absoluta maravilha da sua boca sobre a minha.

Epílogo

A Bebida Entornada

FADE IN

INT: CAFÉ GIL'S, EAST DULWICH — DOMINGO, HORA DESNATURADA
(10H00)

EVIE SUMMERS — 20 e muitos anos, sardenta, caracóis ruivos caindo-lhe pelos ombros, um vestido de verão amarelo-vivo, Doc Martens — posta-se diante do balcão batendo o pé, a transbordar de energia nervosa. ANETTE WILLIAMS corre pelo café e puxa a parte de trás do casaco de malha de EVIE. EVIE vira-se e ANETTE dá um pulo, sobressaltada.

— Cortar! — gritou Greta, a realizadora.

— Desculpe, desculpe — disse-lhe eu. Avancei disparada e acenei de forma a Anette poder ver-me. Ela fez-se escarlate e desatou-se a rir, e a atriz — uma deslumbrante estrela em ascensão — riu também, dando-lhe um rápido abraço antes de regressar ao seu lugar. Anette deslizou por entre as luzes e câmaras para voltar para junto de nós. Ben despenteou-lhe o cabelo.

— Se vais trazer pessoas para as filmagens, tens de mantê-las sob controlo — gritou Greta.

— Fá-lo-ei, desculpa! Ela está tão excitada.

— Eu não me referia só à miúda — disse Greta, os seus olhos vagueando para um ponto algures atrás de nós.

Virei-me para as três pessoas que nesse momento se empanturravam na mesa de petiscos.

— Evie, Evie, Evie. Os petiscos são à borla! — gritou Jeremy.

— Tenho orgulho em ti — gritou Maria, passando o seu olhar crítico pelas iguarias.

— A atriz tem mesmo de usar *Doc Martens* também? — perguntou

Sarah, bebericando uma *Cola Zero*.

— Adoro-vos, malta — disse eu, virando-me para trás. — Estou tão feliz por vos ter trazido.

Ben plantou-me um beijo na testa.

— É engraçado pensar que estamos a assistir ao momento em que comecei a apaixonar-me por ti. — Apontou para o ator que o representava a ele, cujas sobrancelhas não eram nem de longe suficientemente escuras, na minha opinião.

— Quando fiz uma criança vomitar — cisme! — Que romântico.

— Por acaso, foi quando te vieste sentar ao pé de nós. Foi então que soube: esta mulher dar-me-á coragem. — Dei-lhe um toque com o cotovelo e ele soltou uma gargalhada meiga. — É verdade. Olha para o que tu conseguiste. Tira um momento para apreciar plenamente isto. — Acenou para o cenário. — Feito teu, Evie.

Olhei para os atores que estavam absorvidos nos seus guiões, a decorar as minhas palavras.

— O meu pai costumava dizer-me que, escrevesse eu o que escrevesse, deveria fazer com que significasse alguma coisa.

Ele esboçou aquele seu sorriso pelo qual eu me apaixonara.

— Imagina quão orgulhoso ele estaria de ti agora.

— Silêncio no cenário! *Três*. — Greta articulou em silêncio *dois* e depois *um*, levando o dedo aos lábios. Ben rodeou-me com o braço enquanto víamos os atores começarem de novo.

OK?, fez-me Ben sinal. *OK?*, fez-me sinal Anette também, e agarrou-se às nossas pernas num abraço feroz.

OK, fiz eu sinal, e não poderia ter sido mais verdadeira.

Agradecimentos

Primeiro que tudo, olá, meus caros leitores de agradecimentos! Obrigada por lerem até aqui (obrigada por lerem, ponto final). Eu adoro sempre ler os agradecimentos, por me dar essa breve ideia do que o autor realmente é, o que torna duas vezes mais estranho estar agora a escrever os meus. Graças sejam dadas, não me dizem respeito a mim, mas às pessoas brilhantes que eu tenho a sorte de conhecer.

Um enorme obrigada à equipa da Orion. Ao inimitável Sam Eades, que adquiriu isto. Os meus agradecimentos por arriscar em mim, Sam. O meu eu de 16 anos ainda está em estado de choque e o meu eu presente assombrado com a sua energia, olho editorial e entusiasmo, e grato pelo seu inabalável apoio da cena da retrete.

Os meus agradecimentos também a Katie Brown, que correu com este romance e me ajudou a fazê-lo passar a meta. Não poderia pedir uma melhor campeã. Agradecimentos especiais à restante Equipa Trapeze: Phoebe Morgan, Anna Valentine e especialmente Shyam Kumar por todo o seu árduo trabalho. Obrigada por zelarem tão bem por este livro.

Alex Layt, Tom Noble e Jessica Tackie — muito obrigada pelo vosso incrível trabalho. Este livro não teria chegado a lado nenhum sem vocês. Obrigada igualmente a Paul Stark, cuja aptidão especial de super-herói é encontrar o leitor perfeito para trazer um romance à vida. Claire Keep, és a minha heroína de produção. E devo os meus agradecimentos a Charlotte Abrams-Simpson que aperaltou as minhas palavras em tão deslumbrante capa, e me inspirou a elevar a fasquia para merecê-la. Krystyna Kujawinska, Susan Howe, Richard King, Hannah Stokes e Jess Purdue. Vocês são a absoluta equipa de sonho de Direitos e não vos posso agradecer o bastante. Depois há a Equipa Austrália e a Equipa Nova Zelândia — desde Rachel Hum e Ellie Kyrke-Smith a Victoria Marin e Alison Shucksmith e toda a gente de permeio — de quem eu não poderia esperar mais entusiasmo e dedicação. A todas as fabulosas pessoas na Orion e Hachette dedicadas a pôr este e muitos outros livros nas mãos dos leitores

— obrigada!

À minha espetacular, extraordinária mesmo, editora nos Estados Unidos, Margo Lipschultz da Penguin, pela capacidade de aturar telefonemas assolados de pânico, pelos bons conselhos, obrigada. Desculpa a cena da retrete. Obrigada igualmente a toda a gente na Penguin que apoiou e tão arduamente trabalhou nesta obra.

E a tantas outras pessoas! Um enorme, enorme agradecimento a:

Gillian Redfearn, por estar presente desde o início. A tua generosidade deixa-me sempre siderada. Quem quer que te tenha a lutar ao seu lado tem muita sorte.

Diana, por me dizeres para «Ser mais Evie».

Cat Web, pela lasanha. És uma alma gentil e brilhante.

Richard Roper, por seres uma muito necessária caixa de ressonância quando deitava prazos a cumprir pelos ouvidos.

Aos meus companheiros de casa, Nat e Chris, e *Luna* (também conhecida como Agarra!, Cão-Cão, Pató, etc.). Pelo vinho e tranquilizações e abraços felpudos (os últimos exclusivamente de *Luna*). Desculpem por eu nunca limpar a casa de banho. Tenho andado a escrever este livro.

Anna Boatman — e as *Crónicas Vampíricas*, por nos reunires. Peço desculpa por não te ter mostrado o livro até estar acabado. A tua opinião conta e de que maneira para mim.

Charlotte Cray. Tal como acontece com Maria, o teu amor duro é um soco e tanto, e eu não seria a mesma sem ele. És um bálsamo para a alma. Muito, muito obrigada.

Claire Fraser, assombroso ser humano e amiga. Obrigada por acreditares em mim, por me dizeres que podia fazer isto, e por dizeres que sou «100 % perfeita» tal como sou. Por ti, incluo a palavra «tetas» nos meus agradecimentos. Obrigada, meu amor.

Todos os meus amigos em «casa», em Manchester, por estarem presentes ao longe: Ellie Devlin, Liz e Alex Holt, Rebecca Mortimer, Paul Hughes, Rob Byron, Michael Monks, Amanda Browning. O vosso apoio significa tudo.

Rápido aparte: o Gil's tem por base o Ezra & Gil, no Northern Quarter, em Manchester, que deverão mesmo visitar se alguma vez passarem por lá. Não posso garantir um *meet-cute*, mas posso dizer com segurança que comerão comida incrível (tentem as torradas com feijão — confiem em mim, são uma delícia e a perfeita cura para uma ressaca).

Igualmente, um viva às meninas do meu Supper Club — reconhecerão o meu *karaoke*. Os meus agradecimentos por assegurarem que não fui «Rapariga Só» por muito tempo.

E, finalmente, obrigada à minha família:

A minha avó, Dorothy Parkinson, que é escritora também. Dorothy Taylor a ela deve o nome. Obrigada, avó querida.

A minha tia e tio, Julie e Damian. Pediram-me que vos pusesse aqui, mas tê-lo-ia feito de qualquer maneira. E às minhas primas, Abi e Holly, pois sei que jamais mo deixarão esquecer, de contrário. Vocês são as minhas favoritas.

Mandy e Josie — obrigada por serem tão orgulhosas.

As minhas irmãs, Louise e Victoria. Ao longo dos bons e maus momentos, tenho tanta sorte por vos ter a ambas na minha vida.

Grace. Um dia, serás mais Anette do que a Anette.

E aos meus pais, Dawn e Barry. Por terem sempre fé em mim. Obrigada! São os meus heróis. Eu literal e figuradamente não estaria aqui sem vocês.

E, por último, ao professor que me disse que eu não era suficientemente boa — obrigada pela inspiração.

Créditos

A autora quer agradecer a todos os que trabalharam para que fosse possível publicar este livro em Portugal

Agente

Jessica Purdue

Editorial

Luís Corte Real

Célia Nogueira

Marta Batista

Produção

Inês Pereira

Idalina Morgado

Design

Maria do Mar Rodrigues

Ana Filipa Nascimento

Luís Morcela

Financeiro

João Gonçalves

Comercial

Paulo Batista

Miguel Nunes

Comunicação

Margarida Damião

Redes Sociais

Marta Lima

Tradutora

Teresa Martins de Carvalho

Revisora

Teresa Antunes

Biografia



RACHEL WINTERS vive em Londres. Depois de se formar em Escrita Criativa, passou vários anos a trabalhar como jornalista *freelance* para diversos jornais locais e revistas *online*. Gosta de dar grandes passeios pelo campo e acredita que são poucos os problemas que não se podem resolver com bons amigos e um copo de vinho. Trabalha atualmente na área da edição.

Mais informações em

WWW.SDE.PT

Publicidade

Derrubar o Duque

EVIE DUNMORE



Uma estudante rebelde de Oxford enfrenta um duque poderoso numa história de amor que ameaça abalar a ordem social britânica

Inglaterra, 1879. Annabelle Archer, uma jovem inteligente mas sem posses, é das primeiras estudantes femininas da conceituada Universidade de Oxford. A bolsa de estudos que lhe foi atribuída exige que ela recrute homens de influência para defender a causa do movimento sufragista. O seu alvo: o frio e calculista duque de Montgomery, responsável pela política da Grã-Bretanha.

O duque fica horrorizado ao descobrir que um esquadrão sufragista se infiltrou na sua casa, mas a real ameaça são os seus sentimentos impossíveis pela bela Annabelle. No entanto, Montgomery não seria o maior estratega do reino se não conseguisse virar a situação a seu favor e confrontar Annabelle com uma proposta muito diferente...

Presas numa batalha entre desejo crescente e atração impossível, Annabelle terá de aprender exatamente o que é necessário para... derrubar um duque.

Mais informações em

WWW.SDE.PT